BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

JULIE CLARK





DUAS MULHERES.

DOIS VOOS.

UMA ÚLTIMA OPORTUNIDADE DE FUGA.

O ÚLTIMO VOO

FARO EDITORIAL

JULIE CLARK

TRADUÇÃO ROBERTA SARTORI

O ÚLTIMO VOO

FARO EDITORIAL



Dedicado a todas as mulheres que vieram a público com suas histórias. Seja diante de uma sessão do Congresso ao vivo na televisão ou sozinhas em uma sala de recursos humanos sem janelas — nós ouvimos vocês. Nós acreditamos em vocês.



Fale-me de desespero, do seu desespero, e eu lhe falarei do meu.
Enquanto isso, o mundo segue adiante.

Mary Oliver, *Gansos Selvagens*

PRÓLOGO

Aeroporto John F. Kennedy, Nova York
Terça-feira, 22 de fevereiro
Dia do Acidente

O Terminal 4 está lotado; o cheiro de lã molhada e combustível de avião ao meu redor é forte. Espero por ela, logo depois das portas de correr de vidro, com o vento frio do inverno batendo em mim sempre que elas se abrem e, em vez de focar nisso, eu me forço a imaginar a brisa amena de Porto Rico, misturada com o aroma de hibisco e sal marinho. O espanhol suave e carregado de sotaque me envolve como um banho morno, apagando a pessoa que eu era antes.

Do lado de fora, o ar ruge com a decolagem dos aviões, enquanto, aqui dentro do terminal, anúncios confusos ecoam pelos alto-falantes. Em algum lugar atrás de mim, uma idosa fala em um italiano ríspido e entrecortado. Mas não desvio meu olhar, mantenho os olhos fixos na calçada lotada do lado de fora do terminal, procuro por ela, ancorando minha crença — e todo meu futuro — no fato de que ela virá.

Eu sei apenas três coisas sobre ela: seu nome, sua aparência e que seu voo parte esta manhã. Minha vantagem: ela não sabe nada a meu respeito. Luto contra o pavor de que eu possa tê-la perdido de alguma forma. De que ela já possa ter ido embora e, com ela, a oportunidade de eu deixar esta vida e começar uma nova.

Pessoas desaparecem todos os dias. O homem na fila da Starbucks, comprando seu último café antes de entrar no carro e partir para uma nova vida, deixando para trás uma família que sempre irá se perguntar o que aconteceu. Ou a mulher sentada na última fileira de um ônibus da companhia Greyhound, olhando pela janela enquanto o vento sopra fios de cabelo em seu rosto, apagando uma história pesada demais para

suportar. Você pode estar ao lado de alguém que está vivendo seus últimos momentos e nunca saber disso.

Mas pouquíssimas pessoas de fato param para pensar o quão difícil é realmente desaparecer. O nível de detalhe necessário para eliminar até o menor vestígio. Porque sempre há alguma coisa. Um pequeno fio, uma semente de verdade, um erro. Basta um pequeno detalhe para que tudo desmorone. Um telefonema no momento em que estamos saindo. Um pequeno acidente de carro a três quarteirões da entrada da rodovia. Um voo cancelado.

Uma mudança de itinerário de última hora.

Através da porta de vidro, embaçada pelo ar condensado, vejo um carro preto luxuoso deslizar até à calçada, e eu sei que é ela, antes mesmo de a porta se abrir e ela sair. Quando o faz, não se despede da pessoa com quem está sentada no banco traseiro. Em vez disso, ela se apressa rapidamente pela calçada e passa pelas portas de correr, tão perto que seu suéter de cashmere cor-de-rosa roça em meu braço, macio e convidativo. Seus ombros estão curvados, como se esperassem o próximo golpe, o próximo ataque. Essa é uma mulher que sabe com que facilidade um tapete de cinquenta mil dólares pode arrancar a pele de sua bochecha. Eu a deixo passar e respiro fundo, liberando a tensão. Ela está aqui. Posso começar.

Coloco a alça da bolsa sobre o ombro e sigo, entrando na fila de segurança bem na frente dela, sabendo que quem está fugindo só olha para trás, nunca para a frente. Eu escuto e espero a minha deixa.

Ela ainda não sabe, mas em breve se tornará uma das pessoas desaparecidas. E eu vou evaporar, como uma nuvem de fumaça no céu, e desaparecer.

CLAIRE

Segunda-feira, 21 de fevereiro
Dia anterior ao Acidente

— Danielle — digo, entrando no pequeno escritório ao lado da nossa sala de estar. — Por favor, avise ao sr. Cook que vou à academia.

Ela levanta os olhos do computador e vejo seu olhar se fixar no hematoma que está na base do meu pescoço, escondido por uma fina camada de maquiagem. Automaticamente ajeito o cachecol para cobri-lo, sabendo que ela não irá fazer nenhum comentário. Ela nunca o faz.

— Temos uma reunião na Center Street Literacy às quatro — diz ela. — Você vai se atrasar de novo.

Danielle mantém o controle da minha agenda e dos meus passos em falso, e eu a considero a pessoa mais propensa a me denunciar quando não chego na hora às reuniões ou quando cancelo compromissos que Rory, meu marido, considera importantes. "Se vou concorrer ao Senado, não podemos nos dar ao luxo de cometer erros, Claire."

— Obrigada, Danielle. Eu consigo ler a agenda tão bem quanto você. Por favor, envie minhas anotações da última reunião e as tenha em mãos. Encontro você lá. — Ao sair da sala, ouço-a atender ao telefone, e meus passos vacilam, sabendo que isso pode chamar a atenção em um momento no qual não posso me dar ao luxo de que isso aconteça.

As pessoas sempre perguntam como é ser casada com um membro da família Cook, uma dinastia política superada apenas pelos Kennedy. Desvio a conversa com informações sobre a nossa fundação, treinada para manter o foco no trabalho em vez dos boatos. Sobre nossas iniciativas de alfabetização e abastecimento de

água para países do Terceiro Mundo, os programas de mentoria em áreas urbanas e a pesquisa sobre o câncer.

O que não posso dizer a eles é que é uma luta constante para conseguir alguma privacidade. Há pessoas ao redor o tempo todo, mesmo dentro de casa. Assistentes. Funcionários que cozinham e limpam para nós. Tenho que lutar por cada minuto livre e cada centímetro quadrado para chamar de meu. Não há nenhum lugar a salvo dos olhos da equipe de Rory, todos eles dedicados empregados dos Cook. Mesmo depois de dez anos de casamento, ainda sou a intrusa. A forasteira que precisa ser vigiada.

Aprendi a me assegurar de que não há nada para ver.

A academia é um dos poucos lugares nos quais Danielle não me persegue com suas listas e agendas. É onde encontro Petra, a única amiga que me resta da minha vida antes de Rory, e a única que Rory não me forçou a abandonar.

Porque, até onde Rory sabe, Petra não existe.

* * *

Quando chego à academia, Petra já está lá. Troco de roupa no vestiário e, quando subo as escadas para onde ficam as esteiras, ela está no patamar, pegando uma toalha limpa da pilha. Nossos olhares se encontram por um momento, e então ela olha para outro lugar enquanto pego uma toalha.

— Você está nervosa? — ela sussurra.

— Apavorada — respondo, virando-me e indo embora.

Corro por uma hora, com os olhos fixos no relógio, e quando entro na sauna exatamente às duas e meia, com uma toalha enrolada no corpo, meus músculos doem de exaustão. O ar está denso com o vapor, e sorrio para Petra, que está sentada sozinha na fileira de cima, com o rosto vermelho devido ao calor.

— Você se lembra da sra. Morris? — ela pergunta quando me sento ao seu lado.

Sorrio, grata por me lembrar de algo de uma época mais simples. A sra. Morris foi nossa professora de ciências políticas no ensino médio, e Petra quase foi

reprovada na disciplina.

— Você estudou comigo todas as tardes durante um mês — ela continua. — Quando nenhuma das outras crianças se aproximava de mim ou de Nico por causa de quem era o nosso pai, você veio e garantiu que eu me formaria.

Eu me viro no banco de madeira para olhar diretamente para ela.

— Falando desse jeito parece até que você e Nico eram párias. Vocês tinham amigos.

Petra balança a cabeça.

— Pessoas que são legais com você porque seu pai é a versão russa do Al Capone não as torna suas amigas. — Nós estudávamos em uma escola de elite na Pensilvânia, onde os filhos e netos de famílias ricas tradicionais viam Petra e seu irmão, Nico, como uma novidade, aproximando-se deles como se estivessem em um desafio, para ver o quão perto conseguiam chegar, mas nunca deixando que nenhum deles se sentissem parte de fato.

E assim formamos um trio de excluídos. Petra e Nico se certificavam de que ninguém zombasse do meu uniforme de segunda mão ou do Honda velho que minha mãe dirigia para me buscar, que vinha chacoalhando até chegar à calçada e soltava fumaça pelo escapamento. Eles se certificavam de que eu não comesse sozinha e me arrastavam para eventos da escola aos quais, se não fosse por eles, eu teria faltado. Eles se colocavam entre mim e as outras crianças, aquelas que faziam comentários cruéis e ofensivos sobre como eu era apenas uma bolsista, pobre demais, comum demais para realmente fazer parte daquele mundo. Petra e Nico se tornaram meus amigos em uma época em que eu não tinha nenhum.

* * *

Pareceu coisa do destino o dia em que entrei na academia, dois anos atrás, e vi Petra, uma aparição do meu passado. Mas eu não era a mesma pessoa de quem Petra se lembrava do ensino médio. Muita coisa havia mudado. Muitas coisas que eu precisaria explicar sobre a minha vida e o que eu havia perdido ao longo do

caminho. Então, me mantive olhando para o outro lado enquanto o olhar de Petra me penetrava, querendo que eu olhasse para ela. Que a reconhecesse.

Assim que meu treino terminou, fui para o vestiário, na esperança de me esconder na sauna até Petra ir embora. Mas, quando entrei, lá estava ela. Como se esse tivesse sido o nosso plano o tempo todo.

— Claire Taylor — disse ela.

Ouvi-la dizer meu antigo nome me fez sorrir, apesar de tudo. As lembranças rapidamente vieram à tona, presentes no tom e na cadência da voz de Petra, que ainda carregava um traço do russo que ela falava em casa. Em um instante, me senti como antes, não a persona que cultivei ao longo dos anos como esposa de Rory, elegante e misteriosa, enterrando segredos sob uma superfície dura.

Começamos devagar, uma conversa fiada que rapidamente se tornou pessoal à medida que colocávamos em dia os anos desde que nos vimos pela última vez. Petra nunca se casou. Em vez disso, deixou a vida a levar, sendo sustentada pelo irmão, que agora comandava a organização da família.

— E você? — perguntou ela, apontando para minha mão esquerda. — É casada?

Eu a analisei através do vapor, surpresa por ela não saber.

— Eu me casei com Rory Cook.

— Impressionante — disse Petra.

Desviei o olhar, esperando que ela fizesse as perguntas que todos sempre faziam: o que realmente aconteceu com Maggie Moretti, o nome que estará para sempre ligado ao do meu marido; a jovem que havia saltado do anonimato para a infâmia simplesmente porque, há muito tempo, amou Rory.

Mas Petra apenas se recostou no banco e disse:

— Eu vi a entrevista que ele deu para Kate Lane na CNN. O trabalho que ele tem feito com a fundação é extraordinário.

— Rory é muito apaixonado. — Uma resposta que transmitia a verdade, caso alguém se desse ao trabalho de investigar mais a fundo.

— Como estão sua mãe e sua irmã? Violet já deve ter terminado a faculdade a esta altura.

Eu temia essa pergunta. Mesmo depois de tantos anos, a perda delas ainda era dolorosa.

— Elas morreram em um acidente de carro há quatorze anos. — Violet tinha acabado de completar onze anos. Mantive minha explicação breve. Uma noite chuvosa de sexta-feira. Um motorista bêbado que avançou um sinal de pare. Uma colisão na qual ambas morreram instantaneamente.

— Oh, Claire — disse Petra. Ela não ofereceu clichês nem me forçou a reviver os acontecimentos. Em vez disso, sentou-se comigo, deixando o silêncio acolher minha dor, sabendo que não havia nada que pudesse ser dito para amenizá-la.

* * *

Virou parte da rotina nos encontrarmos na sauna todos os dias após os treinos. Petra entendia que, devido à sua família, não podíamos ser vistas conversando em público. Mesmo antes de sabermos o que eu acabaria fazendo, já éramos cautelosas, raramente nos comunicávamos por telefone e jamais por e-mail. Porém, na sauna, ressuscitamos nossa amizade, reconstruindo a confiança que compartilhávamos, relembrando a aliança que nos ajudou a superar o ensino médio.

Não demorou muito para que Petra também percebesse o que eu estava escondendo.

— Você sabe que precisa deixá-lo, né? — disse ela certa tarde, vários meses depois de termos nos reencontrado. Ela estava olhando para um hematoma no meu braço esquerdo, resquício de uma discussão que Rory e eu havíamos tido duas noites antes. Apesar dos meus esforços para esconder a evidência — uma toalha puxada mais para cima em volta do meu peito, pendurada no meu pescoço ou jogada sobre os ombros —, Petra observou silenciosamente a progressão da raiva de Rory na minha pele. — Essa não é a primeira vez que vejo um desses em você.

Cobri o hematoma com a toalha, sem querer a piedade dela.

— Eu tentei, uma vez. Há cerca de cinco anos. — Eu acreditava que era possível sair do meu casamento. Eu me preparei para uma briga, sabendo que seria complicada e que custaria caro, mas usaria o abuso dele como vantagem. *Me dê o que eu quero e eu ficarei em silêncio sobre o tipo de homem que você é.*

Mas não foi nada disso o que acabou acontecendo.

— Acontece que a mulher em quem eu havia confiado, que tentou me ajudar, era casada com um antigo colega de fraternidade do Rory. E quando Rory apareceu, o marido dela abriu a porta e o deixou entrar, cumprimentando-o como se fossem velhos amigos, com aperto de mão secreto e tudo. Rory disse a eles que eu estava lutando contra uma depressão, fazendo tratamento com um psiquiatra, e que talvez tivesse chegado a hora de me internar.

— Ele ia internar você?

— Ele estava me avisando que as coisas poderiam ficar muito piores. — Não contei o resto para Petra. Como, por exemplo, quando chegamos em casa e ele me empurrou com tanta força contra a bancada de mármore da nossa cozinha que eu quebrei duas costelas. *Seu egoísmo me surpreende. Que você esteja disposta a destruir tudo o que trabalhei para construir — o legado da minha mãe — porque discutimos. Todos os casais discutem, Claire.* Ele apontou para os eletrodomésticos de última geração e para as bancadas caras, e disse: *Olhe ao seu redor. O que mais você poderia querer? Ninguém vai sentir pena de você. Ninguém vai nem sequer acreditar em você.*

O que era verdade. As pessoas queriam que Rory fosse quem elas pensavam que ele era: o carismático filho da progressista e amada senadora Marjorie Cook. Eu jamais poderia contar a ninguém o que ele fazia comigo, porque não importava o que eu dissesse ou o quão alto eu dissesse, as minhas palavras seriam enterradas sob o amor que todos sentiam pelo único filho de Marjorie Cook.

— As pessoas jamais verão o que eu vejo — eu disse finalmente.

— Você realmente acredita nisso?

— Você acha que, se Carolyn Bessette aparecesse acusando JFK Jr. de agredi-la, o país correria para apoiá-la?

Petra arregalou os olhos.

— Você está brincando? Estamos na era do #MeToo. Acho que as pessoas se desdobrariam para acreditar nela. Provavelmente criariam novos programas na Fox e na CNN só para discutir o assunto.

Dei uma risada sem vida.

— Em um mundo ideal, eu responsabilizaria Rory. Mas não tenho coragem de encarar uma briga dessas. Uma briga que duraria anos, que se infiltraria em todos os cantos da minha vida e mancharia qualquer coisa boa que pudesse vir depois. Eu só quero me livrar disso. Dele.

Depor contra Rory seria como entrar em um abismo e confiar que eu seria salva pela generosidade e bondade dos outros. E eu vivi muitos anos com pessoas que ficavam felizes em me ver cair, se isso significasse que poderiam ficar perto de Rory. Neste mundo, dinheiro e poder eram equivalentes à imunidade.

Respirei fundo e senti o vapor chegar até os cantos mais profundos dos meus pulmões.

— Se eu o deixasse, teria que fazer isso de uma forma que ele nunca pudesse me encontrar. Veja o que aconteceu com Maggie Moretti.

Os contornos do rosto de Petra estavam borrados pelo vapor que se espalhava entre nós, mas eu podia ver seu olhar se aguçar.

— Você acha que ele teve algo a ver com aquilo?

— Não sei mais em que acreditar — respondi.

* * *

Ao longo do ano seguinte, Petra e eu elaboramos um plano, coreografando meu desaparecimento com mais precisão do que um balé. Uma sequência de eventos tão perfeitamente sincronizada que não poderia haver espaço para erros. E agora estou aqui, a poucas horas de executá-la. O chiado do vapor embaça o ar ao nosso redor. Petra é apenas uma sombra tênue no banco de cedro ao meu lado.

— Você enviou tudo pelo correio esta manhã? — pergunto a ela.

— FedEx, endereçado a você, com a etiqueta "Pessoal". Deve chegar ao hotel amanhã de manhã bem cedo.

Eu não podia arriscar esconder tudo o que tinha reunido em minha casa, onde qualquer pessoa — as empregadas, ou pior, Danielle — poderia encontrar. Então, Petra guardou tudo: quarenta mil dólares do dinheiro de Rory e uma nova identidade, graças a Nico.

— A nova tecnologia do governo está tornando mais difícil produzir uma dessas — disse ele na tarde em que fui visitá-lo. Estávamos sentados à mesa de jantar em sua enorme residência em Long Island. Ele havia se tornado um homem atraente, com esposa e três filhos. Além dos guarda-costas, dois posicionados na entrada da garagem e outros dois na porta da frente. Ocorreu-me que Rory e Nico não eram tão diferentes. Cada um deles era o filho escolhido, pressionado a levar a família para o século XXI, com novas regras e regulamentos. Ambos esperavam fazer mais do que a geração anterior; ou, no mínimo, não perder tudo.

Nico deslizou um envelope volumoso em minha direção, e eu o abri, tirando uma carteira de motorista de Michigan em perfeitas condições e um passaporte com meu rosto e o nome *Amanda Burns*. Folheei o restante… um cartão de seguro social, uma certidão de nascimento e um cartão de crédito.

— Você poderá fazer qualquer coisa com isso — falou Nico, pegando a carteira de motorista e inclinando-a sob a luz para que eu pudesse ver o holograma gravado em relevo na superfície. — Votar. Pagar impostos. Preencher um formulário W-2. Isso é coisa de alto nível, e meu contato é o melhor. Só tem uma pessoa que consegue fazer um pacote completo tão bom, e ele mora em Miami. — Nico me entregou o cartão de crédito; uma conta no Citibank com meu novo nome. — Petra abriu essa conta na semana passada, e os extratos serão enviados para o endereço dela. Quando você tiver se estabelecido, pode alterá-lo, ou descartar este cartão e obter um novo. Só tenha cuidado. Você não vai querer que alguém roube sua identidade.

Ele riu da própria piada, e eu pude ver o garoto que ele costumava ser passar rapidamente pelo seu rosto, sentado ao lado de Petra e ao meu no almoço,

comendo seu sanduíche enquanto fazia a lição de matemática, o fardo de quem esperavam que ele se tornasse já pesava sobre ele.

— Obrigada, Nico. — Entreguei a ele o envelope contendo dez mil dólares, uma pequena parte do dinheiro que eu havia conseguido desviar e guardar nos últimos seis meses. Cem dólares aqui. Outros duzentos ali. Algum reembolso sempre que possível, colocando o dinheiro todos os dias no armário da academia de Petra para que ela o guardasse até que eu estivesse pronta.

Sua expressão ficou séria.

— Preciso que você saiba que, se algo der errado, eu não poderei ajudá-la. Petra também não. Seu marido tem recursos que colocariam a mim, meu sustento, e o de Petra, em risco.

— Eu entendo — respondi. — Você já fez mais do que o suficiente, e eu sou muito grata.

— Estou falando sério. Basta um pequeno fio conectando sua nova vida à antiga para que tudo desmorone. — Seus olhos escuros fixaram-se nos meus e permaneceram assim. — Você nunca poderá voltar atrás. Nem uma vez. De modo algum. Jamais.

* * *

— Rory agendou o voo para partir por volta das dez — informo a Petra agora. — Você se lembrou de incluir minha carta? Não quero ter que reescrevê-la em papel timbrado do hotel dez minutos antes de partir.

Ela acena com a cabeça.

— Está junto com o resto. Endereçada e selada, pronta para ser enviada de Detroit. O que você disse?

Penso nas horas que passei, nas muitas versões que rasguei, rascunhando uma carta que fecharia a porta para qualquer possibilidade de Rory tentar me seguir.

— Eu disse a ele que estava indo embora e que, desta vez, ele jamais me encontraria. Que ele deveria anunciar nossa separação publicamente, dizer a todos

que foi amigável e que eu não daria nenhuma declaração pública ou entrevista à mídia sobre o assunto.

— Uma semana antes de ele anunciar sua candidatura ao Senado.

Dou um sorriso irônico.

— Eu deveria ter esperado até depois?

Assim que economizei dinheiro suficiente para iniciar uma nova vida, comecei a procurar a oportunidade perfeita para ir embora. Estudei nosso calendário do Google com os próximos eventos, procurando uma viagem que eu faria sozinha, concentrando-me em cidades próximas à fronteira com o Canadá ou o México. Encontrei o que precisava na viagem para Detroit. Estou programada para visitar a Citizens of the World, uma escola voltada para justiça social financiada pela Cook Family Foundation. Uma visita à escola pela tarde, seguida de um jantar à noite com doadores.

Recosto-me no banco e olho para o teto, obscurecido por uma camada de vapor, e repasso o resto do plano.

— Aterrissamos por volta do meio-dia. O evento da escola começa às duas, então vou garantir que vamos primeiro ao hotel para que eu possa pegar o pacote e colocá-lo em um lugar seguro.

— Liguei para a locadora de veículos. Eles estão esperando uma sra. Amanda Burns para retirar um carro compacto por volta da meia-noite de hoje. Você vai conseguir pegar um táxi?

— Há um Hilton bem perto de onde estou hospedada. Vou pegar um táxi lá.

— Fico preocupada que alguém veja você saindo com uma mala no meio da noite. Que sigam você. Que liguem para o Rory.

— Não vou levá-la. Comprei uma mochila grande o suficiente para algumas mudas de roupa e meu dinheiro. Vou deixar todo o resto para trás, incluindo minha bolsa e carteira.

Petra assente.

— Caso você precise, reservei um quarto com cartão de crédito no W em Toronto. Estão esperando por você.

Fecho os olhos, o calor vai me deixando tonta. Ou talvez seja a pressão de ter que acertar cada detalhe. Não há espaço para o menor erro.

Sinto os minutos passando. Empurrando-me para o momento em que darei o primeiro de uma série de passos que serão irrevogáveis. Uma parte de mim quer esquecer tudo. Ir para Detroit, visitar a escola e voltar para casa. Passar mais dias na sauna conversando com Petra. Mas esta é minha chance de finalmente sair. Quaisquer opções que eu tenha agora se reduzirão a nada assim que Rory anunciar sua candidatura ao Senado.

— Hora de ir. — A voz de Petra é suave, e meus olhos se abrem novamente.

— Não sei como te agradecer — digo a ela.

— Você foi minha única amiga durante todos aqueles anos. Não precisa me agradecer. Agora sou eu quem está agradecendo — diz ela. — É a sua vez de ser feliz. — Ela aperta a toalha em volta do corpo e consigo ver o brilho do seu sorriso através do vapor.

Não consigo acreditar que esta é a última vez que nos sentaremos aqui. A última vez que conversaremos. Este local tem sido como um santuário, escuro e silencioso, com apenas nossas vozes sussurradas ao planejar minha fuga. Quem se sentará aqui amanhã com ela? Ou depois?

Sinto o caráter definitivo da minha partida aproximando-se, o quão absoluto será esse fim, e me pergunto se valerá a pena. Se será melhor. Em breve, Claire Cook deixará de existir, os pedaços brilhantes de sua fachada racharão e serão descartados. Não tenho ideia do que encontrarei por baixo de tudo isso.

Trinta e três horas até eu partir.

CLAIRE

Segunda-feira, 21 de fevereiro
Dia anterior ao Acidente

Encontro Danielle do lado de fora dos escritórios da Center Street Literacy, quinze minutos atrasada.

— Nem uma palavra — alerto-a, embora saiba que ela provavelmente já tenha enviado umas três mensagens para Rory.

Ela me segue através das portas até a grande área comum que eles utilizam para palestras sobre livros e oficinas de escrita. A essa hora, a sala está movimentada, cheia de alunos e tutores. Imagino como seria diferente se fosse Rory quem estivesse passando por ali, a onda de murmúrios animados começando na frente e espalhando-se para trás à medida que ele avança espaço adentro. Mas ninguém me olha uma segunda vez. Sem Rory, sou apenas mais um rosto, que aparece e desaparece. Comum. O que será minha vantagem muito em breve.

Passo e subo um lance de escadas até o segundo andar, onde ficam os escritórios administrativos da Center Street, e entro na pequena sala de conferências, onde todos já estão reunidos.

— Que bom vê-la, sra. Cook — diz a diretora com um sorriso caloroso.

— Igualmente, Anita. Vamos começar? — Eu me sento, com Danielle logo atrás de mim. A reunião começa com uma discussão sobre a campanha anual de arrecadação de fundos que acontecerá em oito meses. Mal consigo fingir entusiasmo por um evento que ocorrerá muito depois do meu desaparecimento. Divirto-me imaginando como será a próxima reunião. Conversas discretas sobre como deixei Rory, como nunca transpareci que havia algum problema, que sorri

durante toda a reunião e depois sumi. *Para onde ela foi? Uma pessoa não sai simplesmente da vida de alguém e desaparece do nada. Por que ninguém consegue encontrá-la?* Qual deles será o primeiro a mencionar Maggie Moretti? A sussurrar a questão que todos irão se perguntar, mesmo que por um instante: *Você acha que ela realmente o deixou ou algo aconteceu com ela?*

* * *

Rory havia me contado sobre Maggie Moretti no nosso terceiro encontro.

— Todos sempre me perguntam o que aconteceu — ele disse, recostando-se na cadeira e cruzando as pernas. — Foi uma tragédia, do início ao fim, e ainda acho que não superei tudo completamente. — Ele pegou sua taça de vinho e girou-a antes de tomar um gole. — Vínhamos brigando sem parar, e Maggie queria que passássemos um fim de semana tranquilo fora, para nos reconectarmos e conversarmos de verdade, sem as distrações da cidade. Mas nada mudou lá; estávamos apenas repetindo as mesmas coisas de sempre, só que em um novo local. — A voz dele ficou mais baixa, os sons do restaurante foram diminuindo. A maneira como ele falava… a emoção em sua voz… parecia muito natural e real. Naquele momento, não me ocorreu que ele pudesse estar mentindo. — Finalmente, cansei e fui embora. Entrei no carro e dirigi de volta para Manhattan. Algumas horas depois, nossos vizinhos do interior ligaram para o 911 e informaram que a casa estava pegando fogo. Eles a encontraram caída na base de uma escada. Eu não tinha ideia de que algo havia acontecido até a polícia entrar em contato comigo na manhã seguinte. Não saiu nos jornais na época, mas o legista encontrou fumaça nos pulmões dela, o que significa que ela estava viva quando o incêndio começou. Nunca vou me perdoar por ter ido embora naquela momento. Eu poderia tê-la salvado.

— Por que acharam que você estava envolvido?

Ele deu de ombros.

— Isso torna a história mais interessante. Eu entendo e não me ressinto da mídia, embora meu pai nunca tenha perdoado o *New York Times*. Foi uma bênção

minha mãe não ter vivido para ver isso, para não se preocupar com o impacto que teria em sua popularidade nas pesquisas. — Sua amargura me surpreendeu, mas ele rapidamente a disfarçou. — A verdadeira pena é o que isso fez à memória de Maggie. Por minha causa, o mundo inteiro conhece o nome dela pelos motivos errados. Pela forma como ela morreu, não por quem ela era. — Ele olhou pela janela ao nosso lado, perdido em remorso. Para além dela, as ruas de Nova York brilhavam sob uma garoa suave, as luzes cintilavam como joias no escuro. Então, ele se recompôs e esvaziou o copo. — Não culpo a polícia por fazer seu trabalho. Entendo que eles fizeram o que achavam que deveriam fazer. Tive sorte que a justiça prevaleceu, porque nem sempre é assim. Mas a experiência me abalou.

O garçom se aproximou, claramente aguardando uma pausa na conversa para deslizar a capa preta contendo a conta na frente de Rory, que abriu aquele sorriso caloroso e encantador capaz de me desmontar por dentro, desejando mais do que tudo que ele sentisse por mim o que um dia ele havia sentido por Maggie Moretti.

* * *

— Sra. Cook, a senhora estaria disposta a novamente presidir o leilão silencioso este ano? — Anita Reynolds, diretora da Center Street Literacy, olha para mim do outro lado da longa mesa.

— Com certeza — respondo. — Vamos nos reunir na sexta-feira e ver quem podemos começar a contatar para doações. Tenho uma viagem rápida para Detroit, mas estarei de volta até lá. Às duas horas?

Ela acena com a cabeça e eu anoto o compromisso no calendário compartilhado do Google, sabendo que ele aparecerá no iPad de Danielle, que está logo atrás de mim, e no computador de Rory, em casa. Esses são os detalhes dos quais preciso me lembrar — agendar compromissos, encomendar flores, fazer planos para um futuro que não vou viver. Detalhes que irão cobrir meus rastros e fazer com que todos acreditem que sou uma esposa dedicada, comprometida com as muitas causas importantes defendidas pela Cook Family Foundation.

Trinta e uma horas.

* * *

Quando chego em casa, subo para trocar de roupa e vejo que Danielle refez minha mala enquanto eu estava na academia. As roupas da moda que eu prefiro foram retiradas e substituídas por ternos mais conservadores e saltos de 7,5 centímetros que Rory gosta que eu use.

Tranco a porta do quarto e entro no meu closet, pego um par de botas de cano alto e retiro a mochila de náilon que comprei em dinheiro em uma loja de artigos esportivos na semana passada. Achatando-a, coloco-a sob o forro com zíper da minha mala. Peça por peça, vou tirando as roupas que pretendo levar comigo dos locais onde as escondi e as coloco na bolsa. Uma jaqueta de plumas justa, várias camisetas de manga comprida e um boné de beisebol da NYU que comprei outro dia para esconder meu rosto das câmeras de segurança do saguão do hotel. Pego meu jeans favorito da prateleira e acomodo tudo embaixo das coisas que Danielle colocou na mala para o evento. Apenas o suficiente para passar os próximos dois dias. Não o bastante para que alguém perceba a falta de itens nas minhas gavetas ou no meu armário. Fecho o zíper da bolsa, coloco-a perto da porta e me sento na cama, saboreando a solidão de um quarto trancado.

Ainda me surpreende como acabei aqui. Tão longe de casa, da pessoa que um dia pensei que me tornaria. Eu me formei com honras em história da arte pela Vassar. Consegui um emprego cobiçado na Christie's.

Mas aqueles anos foram difíceis e solitários. Eu estava entorpecida, lutando para sobreviver desde que minha mãe e Violet morreram, e me apaixonar por Rory foi como despertar. Ele compreendia o que eu havia perdido, porque carregava o próprio luto. Ele era alguém que entendia como as memórias podem de repente se aproximar e te esmagar até você não conseguir respirar. Sem palavras. Quando a única coisa que você podia fazer era esperar a dor baixar, como uma maré, permitindo que você se mova novamente.

* * *

Do lado de fora da porta trancada do meu quarto, ouço pessoas no corredor, suas vozes são um murmúrio baixo que não consigo distinguir. Fico tensa, esperando para ver se eles vão tentar entrar, preparando-me para mais um sermão sobre portas trancadas. *Eles não podem fazer o trabalho deles, Claire, se você insiste em se trancar em todos os cômodos.* No andar de baixo, a porta da frente se fecha, e a voz de Rory chega até mim. Arrumo meu cabelo e conto até dez, tentando afastar a ansiedade e o nervosismo do rosto. Tenho mais uma noite e preciso desempenhar perfeitamente meu papel.

— Claire! — ele chama do corredor. — Você está em casa?

Respiro fundo e abro a porta do quarto.

— Sim — respondo.

Vinte e oito horas.

* * *

— Como está o Joshua neste semestre? — Rory pergunta à nossa chef, Norma, enquanto ela serve o vinho no jantar.

Norma sorri e coloca a garrafa na mesa ao lado de Rory.

— Muito bem, embora eu não tenha notícias dele tanto quanto gostaria.

Rory ri e toma um pequeno gole, acenando com a cabeça em aprovação.

— Infelizmente é assim que deve ser. Diga a ele que estou esperando por mais um semestre na lista de honra.

— Digo, sim, senhor. Obrigada. Somos muito gratos.

Rory ignora as palavras com um gesto.

— Fico feliz em fazer isso.

Há muitos anos, Rory decidiu pagar a faculdade de todos os filhos e netos dos funcionários da casa. Como resultado, eles são extremamente leais a ele. Dispostos a ignorar quando nossas discussões ficam mais acaloradas ou quando me ouvem chorando no banheiro.

— Claire, prove este vinho. É incrível.

Sei muito bem que não devo discordar dele. Certa vez, no início do nosso casamento, eu disse:

— Para mim, tem gosto de uva fermentada.

A expressão de Rory permaneceu impassível, como se minhas palavras não tivessem sido registradas. Mas ele levantou minha taça da mesa, segurou-a com a mão estendida e a deixou cair no chão, onde se estilhaçou, o vinho tinto primeiro se acumulou no piso de madeira e depois escorreu em direção ao tapete caro embaixo da mesa. Norma veio correndo da cozinha ao ouvir o som de vidro quebrando.

— Claire é muito desastrada — comentou ele, estendendo a mão sobre a mesa para apertar a minha. — É uma das coisas que amo nela.

Norma, que estava agachada limpando a bagunça, olhou para mim, confusa sobre como meu copo tinha ido parar no chão a um metro da mesa. Eu permaneci em silêncio, incapaz de dizer qualquer coisa enquanto Rory calmamente começava a comer seu jantar.

Norma levou as toalhas encharcadas para a cozinha e depois voltou com outra taça de vinho e me serviu novamente. Quando ela saiu, Rory largou o garfo e disse:

— Esta garrafa de vinho vale quatrocentos dólares. Você precisa se esforçar mais.

Agora, enquanto Rory me encara, esperando, tomo um pequeno gole do copo, tentando, sem sucesso, encontrar notas de carvalho ou o toque de baunilha que ele afirma haver ali.

— Delicioso — digo.

Depois de amanhã, só vou beber cerveja.

* * *

Quando terminamos de comer, fomos ao escritório do Rory para revisar alguns pontos do discurso que vou fazer no jantar de amanhã à noite. Estamos sentados um de frente para o outro na mesa dele, eu com o laptop apoiado nos joelhos e

com meu discurso aberto em um documento compartilhado do Google. Essa é a plataforma preferida do Rory. Ele a utiliza para tudo, pois permite que ele acesse qualquer coisa em que qualquer um de nós esteja trabalhando, a qualquer momento. Estou trabalhando em algo e, de repente, vejo o ícone dele aparecer na minha tela e sei que ele está lá, me observando.

É também o modo como ele e seu assistente pessoal de longa data, Bruce, se comunicam sem deixar registro algum. Em um documento compartilhado, eles podem dizer um ao outro coisas que talvez não queiram colocar em um e-mail ou mensagem de texto, ou dizer por telefone. Ao longo dos anos, só vi e ouvi pequenos trechos. *Deixei uma nota sobre isso no documento.* Ou *Confira o documento, coloquei uma atualização lá que você vai querer ler.* O Google Docs é onde eles irão discutir sobre meu desaparecimento, levantar hipóteses sobre para onde fui e talvez delinear um plano para me localizar. É como uma sala privada à qual só Rory e Bruce têm acesso, onde podem falar livremente sobre coisas que ninguém mais pode saber.

Volto minha atenção para o que estamos fazendo, perguntando várias coisas a respeito do grupo para o qual falarei, concentrando minha energia no sucesso do evento. Bruce se recolhe ao seu canto do escritório, tomando notas em seu laptop, adicionando nossos comentários ao discurso enquanto falamos, e eu o observo em minha própria tela, um cursor com seu nome anexado, as palavras aparecendo como por mágica. Enquanto ele digita, eu me pergunto o quanto ele sabe sobre o que Rory faz comigo. Bruce é o guardião de todos os segredos de Rory. Não consigo imaginar que ele não saiba desse também.

Quando terminamos, Rory me diz:

— Eles vão perguntar sobre a coletiva de imprensa da semana que vem. Não responda a nenhuma pergunta. Apenas sorria e redirecione a conversa para a fundação.

A preparação para o anúncio da candidatura de Rory tem sido excruciante. Boatos vazam a cada poucos dias, e há muita especulação na mídia sobre Rory dar continuidade ao trabalho de sua mãe.

Marjorie Cook era famosa por suas habilidades de negociação bipartidária, sua capacidade de influenciar os senadores mais difíceis e conservadores a adotarem políticas mais moderadas. Havia rumores discretos sobre uma candidatura à presidência, muito antes de Hillary ou mesmo de Geraldine Ferraro. Mas Marjorie morreu de câncer de cólon no primeiro ano de faculdade de Rory, deixando para sempre um vazio materno, preenchido por uma forte combinação de insegurança e ressentimento que frequentemente transbordava, queimando aqueles que ousavam manter sua mãe em primeiro plano ao discutir seu futuro político.

— Vocês não me deram nenhum detalhe sobre a coletiva de imprensa para compartilhar — digo a eles, observando Bruce arrumar sua mesa para ir embora, acompanho seus movimentos com o canto do olho. Canetas na gaveta de cima. Laptop dentro da pasta, depois dentro da mochila para levar para casa.

Após Bruce sair, Rory se recosta e cruza as pernas.

— Como foi seu dia?

— Bom. — Meu pé esquerdo balança, a única indicação do meu nervosismo. O olhar de Rory pousa nele, com as sobrancelhas erguidas, e eu pressiono o calcanhar no carpete, tentando me manter imóvel.

— Foi na Center Street Literacy, certo? — Ele junta as pontas dos dedos, sua gravata está frouxa em volta do pescoço. Eu o observo, como se estivesse a uma grande distância, esse homem que um dia amei. As linhas ao redor dos seus olhos são evidências das risadas, da felicidade que compartilhamos. Mas essas mesmas linhas também foram aprofundadas pela raiva. Uma violência sombria que apagou tudo de bom que um dia vi nele.

— Sim. A campanha anual de arrecadação de fundos deles será em oito meses. Danielle deve estar transcrevendo as anotações e irá enviá-las para você amanhã. Eu vou ficar responsável pelo leilão silencioso novamente.

— Mais alguma coisa? — ele pergunta. Sua voz é neutra, mas algo na postura de seus ombros chama minha atenção. Meus instintos — afinados depois de anos lendo as entrelinhas do tom e das expressões de Rory — me alertam para eu tomar cuidado.

— Não que eu me lembre.

— Entendo — ele responde, e então respira fundo, pensativo, como se estivesse tentando se concentrar. — Pode fechar a porta, por favor?

Eu me levanto, minhas pernas fraquejam enquanto caminho lentamente até a porta, apavorada de que ele tenha, de alguma forma, descoberto o que estou prestes a fazer. Vou devagar, medindo meus passos, tentando não entrar em pânico ainda. Quando me sento novamente, já apaguei o medo do rosto, substituindo-o por uma curiosidade neutra. Como ele não falou nada imediatamente, eu o provoco.

— Está tudo bem?

Seu olhar é frio.

— Você deve achar que eu sou um idiota.

Não consigo falar, sequer piscar. Perdi antes mesmo de começar. Meus pensamentos disparam, tentando encontrar um ponto de apoio, eu tento me recompor, para explicar o que quer que ele tenha descoberto — as roupas, o dinheiro que tenho desviado, meus encontros com Petra. Luto contra o impulso de escancarar a porta e de sair correndo, desistindo de tudo o que conquistei. Olho para as janelas escuras, que refletem o cômodo, e consigo dizer:

— Do que você está falando?

— Ouvi dizer que você se atrasou de novo hoje. Posso saber por quê?

Respiro lentamente, relaxando todos os meus nervos.

— Eu estava na academia.

— A academia fica a menos de oitocentos metros dos escritórios da Center Street. — Rory tirou os óculos e se recostou na cadeira. Seu rosto saiu do círculo de luz projetado pela luminária da mesa e mergulha na escuridão. — O que você não está me contando?

Encho minha voz com um calor que não sinto, desesperada para acalmar os temores dele antes que tomem conta.

— Nada — insisto. — Decidi ficar para uma aula de spinning que começou às duas e meia.

— Com quem?

— Como assim? Você quer saber quem era o instrutor?

— Não seja obtusa — retrucou ele de modo ríspido. — Você está sistematicamente indo e voltando da academia sem parar. É todo dia agora. É o seu personal trainer? Isso seria um clichê patético.

— Eu não tenho personal trainer — respondo, com a boca subitamente seca e pegajosa. — Levanto pesos. Corro na esteira ou faço aulas de spinning. Fiquei dolorida depois do treino, então fiquei um pouco na sauna e perdi a noção do tempo. Só isso. — Luto para manter o rosto impassível, mas minhas mãos me traem, agarrando os braços da cadeira como se estivessem se preparando para um golpe. O olhar de Rory as encontra e me forço a relaxar. Ele se levanta, contorna a mesa e se senta na cadeira ao lado da minha.

— Temos muito trabalho duro pela frente, Claire — diz ele, tomando outro gole de uísque. — A partir da próxima semana, todos os olhares estarão voltados para nós. Não pode haver o menor sinal de escândalo.

Tenho que me esforçar para conseguir dizer minha fala de forma convincente, uma última vez.

— Não precisa se preocupar.

Rory se inclina, dá um beijo suave em meus lábios e sussurra:

— Fico feliz em ouvir isso.

* * *

Quando Rory finalmente se deita, por volta das onze, finjo estar dormindo e fico ouvindo o som de sua respiração se acalmar e desacelerar, aguardando. Quando o relógio marca uma hora, saio da cama com cuidado, ansiosa para pegar a última peça de que preciso antes de partir, e retiro o celular de Rory do carregador, em sua mesinha de cabeceira, antes de entrar no corredor escuro. Não posso arriscar que seu telefone toque com alguma ligação ou mensagem, acordando-o.

Nosso sobrado cheira a dinheiro antigo. Madeira escura, tapetes grossos e macios sob meus pés descalços. Não sou estranha à prática de perambular no

meio da noite. É o único momento em que nossa casa parece minha. Ando pelos cômodos sem ser observada e, ao dar minha última volta noturna, sinto uma sensação de tristeza. Não pela casa, que não passou de uma prisão luxuosa, mas por mim mesma.

É um luto complicado, não apenas pela perda do meu nome e identidade, mas também da vida que um dia eu esperava ter. A morte de qualquer sonho merece ser lamentada, e todas as suas facetas complexas devem ser tocadas uma última vez.

Passo pela sala de estar com suas grandes janelas que dão para a Quinta Avenida, olho para a porta que leva ao escritório de Danielle e me pergunto o que ela vai pensar quando eu tiver ido embora. Se ela vai ser culpada de alguma forma por não ter conseguido me controlar. Ou se ela vai se sentir mal por não ter feito mais para me ajudar quando teve a chance.

Sigo pelo corredor estreito que leva ao meu escritório, uma pequena sala dominada por uma pesada mesa de mogno e um tapete turco que provavelmente custa mais do que a casa da minha mãe na Pensilvânia. Estou ansiosa por construir um lar com móveis que não custem seis dígitos. Quero cores nas paredes e plantas que precise me lembrar de regar. Quero pratos descombinados e copos que não exijam um processo complicado de reposição se quebrarem.

Olho por cima do ombro, como se esperasse que alguém me flagrasse no meu próprio escritório no meio da noite e lesse meus pensamentos, sabendo o que estou prestes a fazer. Escuto com atenção, o silêncio ecoa alto em meus ouvidos, e me esforço para ouvir o ruído de passos dois andares acima. Mas não há ninguém à porta, e o único som é do martelar do meu coração.

Da gaveta superior da minha mesa, retiro o pequeno pen drive que eu utilizava antes de Rory insistir que todos trabalhassem em documentos compartilhados. Meu olhar se detém em uma fotografia da minha mãe e da minha irmã, Violet, pendurada na parede. Ela foi tirada antes de eu ir para a faculdade, antes de conhecer Rory e de mudar a trajetória da minha vida.

— Vamos fazer um piquenique — minha mãe anunciou da porta da cozinha em uma tarde de sábado. Violet e eu estávamos no sofá, assistindo à TV. Nenhuma de nós queria ir. Estávamos no meio de uma maratona de *Além da Imaginação*. Mas minha mãe insistiu. — Não temos muitos fins de semana antes da Claire ir embora — disse ela. Violet me encarou, ainda brava por eu ter escolhido ir para Vassar em vez da faculdade estadual local. — Quero passar o dia ao ar livre com minhas meninas.

Três anos depois, elas se foram.

Eu havia falado com minha mãe menos de uma hora antes de acontecer. Conversamos brevemente, mas ainda consigo ouvir a sua voz do outro lado da linha, dizendo que não poderia falar, que ela e Violet estavam saindo para comer pizza e que ela me ligaria quando chegassem em casa. Nos anos que se seguiram desde que tudo aconteceu, muitas vezes me perguntei se elas ainda estariam vivas se eu a tivesse segurado ao telefone por mais tempo. Ou talvez, se eu não tivesse ligado, assim elas já teriam passado pelo cruzamento quando aquele motorista bêbado passou voando.

Nos meus sonhos, eu me vejo lá com elas, o bater seco dos limpadores de para-brisa, as duas rindo juntas no carro, minha mãe cantando com o rádio, e Violet implorando para ela parar. E então, de repente, um derrapar de pneus, o som de vidro estilhaçado, o estrondo de metal contra metal, o chiado do vapor. Depois, silêncio.

* * *

Meus olhos se demoram agora na imagem de Violet, capturada no meio de uma risada, minha mãe é apenas uma figura borrada ao fundo; tenho uma enorme vontade de retirar a fotografia da parede, colocá-la entre as camadas de roupas na minha mala e levá-la comigo, como um talismã. Mas não posso. E ter que deixá-la para trás quase destrói minha determinação.

Desvio o olhar do rosto sorridente da minha irmã, para sempre congelado aos oito anos, com apenas mais alguns anos pela frente, e dirijo-me ao espaçoso

escritório de Rory. Revestido com painéis de madeira e estantes, sua enorme mesa domina a sala. O seu computador está em cima dela, escuro e silencioso, e passo por ele até uma seção das estantes atrás. Retiro o livro vermelho do lugar e o coloco sobre a mesa, estendendo a mão para o espaço vazio, tateando em busca do pequeno botão escondido ali e o pressiono. O painel que reveste a parede abaixo das prateleiras se abre com um pequeno clique.

Danielle não é a única que tem tomado notas.

Abro o painel e retiro do esconderijo o segundo laptop de Rory. Ele não guarda cópias impressas de nada. Nem recibos. Nem anotações pessoais. Nem mesmo fotografias. *Cópias impressas são muito fáceis de perder. Difíceis demais de controlar*, ele me explicou certa vez. Esta máquina é onde tudo está escondido. Não sei exatamente o que tem nela, mas não preciso. Ninguém mantém um laptop secreto, a menos que esteja escondendo algo importante. Talvez haja registros financeiros que revelem contas não manipuladas da fundação ou dinheiro que ele desviou e redirecionou para o exterior. Se eu conseguir uma cópia do disco rígido, poderei usá-la caso Rory, em algum momento, chegue perto demais.

Porque, apesar do que eu o instruí a fazer na minha carta, não tenho dúvidas de que Rory fará de tudo para me encontrar. Petra e eu discutimos a possibilidade de forjar minha morte. Um acidente em que o corpo não pudesse ser recuperado. Mas Nico nos desaconselhou esse plano.

— Seria notícia em todos os jornais nacionais, o que dificultaria seu trabalho. É melhor fazer parecer que você o abandonou. Você receberá um pouco de atenção nos tabloides, mas tudo irá desaparecer rapidamente.

Como esperado, ao abrir o laptop, a senha é solicitada. E embora Rory tenha todas as minhas, eu não sei nenhuma das dele. O que eu sei, no entanto, é que Rory não se preocupa com detalhes como guardar senhas. Essa é uma tarefa para Bruce, que as guarda em um pequeno caderno em sua mesa.

Há semanas que venho observando Bruce, com meus olhos fixos no caderno verde enquanto ele o folheia, digitando senhas sempre que Rory precisa delas. Eu o observei enquanto arrumava as flores na mesa do lado de fora do escritório de

Rory ou vasculhava minha bolsa na porta, observei onde Bruce guardava o caderno durante o dia, enquanto trabalhava, e para onde o levava à noite.

Atravesso a sala até a mesa de Bruce e passo a mão pela lateral oposta, acionando uma alavanca que libera uma pequena gaveta, onde o caderno fica guardado. Folheio-o rapidamente, passando por números de contas e senhas de vários serviços — Netflix, HBO, Amazon —, meus dedos tremem, pois sei que cada minuto, cada segundo conta.

Finalmente, encontro o que procuro perto do final. *MacBook*. Digito a série de números e letras no computador e consigo logar. O relógio no topo da tela marca uma e meia quando insiro o pen drive na porta USB e começo a arrastar arquivos para ele, o ícone mostrando um número na casa dos milhares, em contagem regressiva lenta. Olho novamente para a porta, imaginando todos os meus planos indo por água abaixo no escritório de Rory, copiando, de pijama, seu disco rígido secreto, e tento não imaginar o que ele faria se me pegasse. A raiva que eu veria em seus olhos, os quatro passos rápidos que ele daria até me agarrar, me empurrando ou me arrastando para fora de seu escritório, e subindo as escadas até a privacidade do nosso quarto. Engulo em seco.

Um rangido vindo de algum lugar acima de mim — um passo ou uma tábua do assoalho se assentando — faz meu coração disparar contra o peito e uma fina camada de suor brotar na minha testa. Eu me esgueiro para o corredor e escuto, prendendo a respiração, tentando ouvir além da onda de pavor que me invade. Mas tudo está em silêncio. Depois de alguns minutos, volto para o computador, olhando para a tela, implorando para que ele ande mais rápido.

Mas então meus olhos recaem novamente sobre o caderno de Bruce, cheio de senhas que me permitiriam examinar cada detalhe da vida de Rory. Seus calendários. Seu e-mail. *O Doc*. Se eu tivesse acesso a ele, conseguiria monitorá-los. Saber o que estão dizendo sobre meu desaparecimento, saber se estão me procurando e onde. Conseguiria ficar um passo à frente deles.

Com outro olhar para o corredor vazio, folheio o caderno, voltando algumas páginas até encontrar a senha do e-mail de Rory e pegar um post-it amarelo da

mesa de Bruce, copiando-a assim que o computador termina de transferir os arquivos. O relógio na entrada do andar de baixo bate duas horas e eu tiro o pen drive da entrada e deslizo o computador dele de volta para o esconderijo. Fecho a gaveta com um pequeno clique e recoloco o livro vermelho na prateleira, devolvo o caderno de Bruce ao seu lugar e verifico o cômodo em busca de sinais de que estive lá.

Quando estou satisfeita, volto para o meu escritório. Ainda resta uma coisa a fazer.

Sento-me na cadeira, sentindo o couro frio contra as minhas pernas, e abro meu laptop, com meu discurso de Detroit ainda na tela. Fecho a janela, sabendo que meu ícone desaparecerá do topo da versão de todos os outros, e saio do meu e-mail. Quando volto para a página inicial do Gmail, fico sentada por um minuto, deixando o silêncio da casa e o tique-taque fraco do relógio do corredor me envolverem. Respiro fundo e solto o ar, e depois de novo, tentando acalmar os nervos. Tento pensar em cada contingência, em cada pequena coisa que pode dar errado. Olho para o relógio mais uma vez, lembrando a mim mesma que às duas da manhã ninguém estará acordado. Nem Bruce. Nem Danielle. Definitivamente, nem Rory. Pela milionésima vez, desejo uma casa menor. Uma onde as paredes não fossem tão sólidas. Onde os tapetes não absorvessem tão bem os passos das pessoas, onde eu pudesse me tranquilizar com o som do ronco suave de Rory. Mas ele está dois andares acima de mim, e eu preciso fazer isso.

Digito o endereço de e-mail dele e olho atentamente para o post-it, digitando a senha com cuidado. Depois, pressiono *Enter*. Imediatamente, o telefone de Rory vibra na mesa ao meu lado, e um alerta acende na tela. *Sua conta foi acessada por um novo dispositivo.* Deslizo o dedo para a esquerda sobre a mensagem para fechá-la e, em seguida, viro-me para meu computador, com a caixa de entrada de Rory à minha frente. No topo de uma longa lista de mensagens não lidas está o alerta. Eu o apago, indo rapidamente para a lixeira e o apago de lá também.

Meus olhos percorrem a página inicial dele, examinando as várias pastas, antes de clicar no *Doc*. Eles o nomearam como *Notas de Reunião*. Abro-o, prendendo a

respiração, imaginando o que poderia encontrar, mas está vazio. Esperando pelo amanhã. Imagino-me escondida tarde da noite em algum lugar do Canadá, uma observadora silenciosa enquanto Rory e Bruce vão desconstruindo meu desaparecimento, tentando descobrir o que aconteceu. Mas, mais do que isso, terei acesso a tudo o que Rory e Bruce disserem um ao outro, a todas as conversas que eles consideram privadas.

Na parte superior, está escrito *Última edição feita por Bruce Corcoran há cinco horas*. Clico na linha, curiosa para saber o que o histórico de edições poderia mostrar, e uma longa lista aparece no lado direito da tela. *3:53 Rory Cook adicionou um comentário*. *3:55 Bruce Corcoran adicionou um comentário*. Mas não há detalhes. Meus olhos percorrem a longa lista até o final da janela, onde uma caixa com a mensagem *Mostrar Alterações* está desmarcada. Passo o cursor sobre ela, tentada, mas a deixo desmarcada. Estou logada, e isso é tudo o que importa.

Clico nas configurações do meu computador, onde altero minha própria senha, certificando-me de que sou a única com acesso.

Quando termino, fecho o computador e subo as escadas, voltando para o nosso quarto, onde Rory ainda dorme. Depois de colocar o celular dele de volta no carregador, pego o pen drive e o post-it com a senha dele e vou para o banheiro principal. Retiro o longo tubo plástico da minha escova de dentes de viagem que está na minha nécessaire, abro-o, jogo a escova de dentes barata no lixo e enrolo o post-it no pen drive. Em seguida, coloco os dois dentro do tubo e o fecho novamente, enterrando-o sob minha loção facial e outros cosméticos. Depois de fechar a bolsa, olho-me no espelho, cercada pelo luxo que o dinheiro de Rory me proporcionou. As bancadas de mármore, a banheira funda e o chuveiro do tamanho de um carro compacto. Tão diferente do banheiro minúsculo que eu usava enquanto crescia. Violet e eu costumávamos discutir sobre quem o usaria primeiro de manhã, até que minha mãe desativou a fechadura. "Não temos tempo para privacidade", ela dizia. Eu sonhava com o dia em que poderia trancar a porta do banheiro e passar o tempo que quisesse lá dentro. Eu daria tudo para que as coisas voltassem a ser o que eram antes, nós três entrando e saindo, nos

espremendo naquele espaço apertado, escovando os dentes, passando maquiagem, secando o cabelo.

Não sentirei falta de nada disso.

Apago a luz e volto para o quarto, onde me deito na cama ao lado do meu marido pela última vez.

Vinte e duas horas.

CLAIRE

Terça-feira, 22 de fevereiro
Dia do Acidente

Devo ter adormecido, pois, quando dei por mim, meu despertador me acordou com um sobressalto. Pisco para afastar o sono, observando o quarto ao meu redor. O sol nasceu e o lado da cama de Rory está vazio. O relógio marca sete e meia.

Sento-me, deixando meus nervos se acalmarem e minha agitação tomar conta antes de ir para o banheiro, onde ligo o chuveiro, deixando o vapor embaçar meu rosto no reflexo do espelho. Na bancada, verifico novamente o pen drive, aliviada por parecer que não foi mexido.

Então, entro no chuveiro, deixando a água quente bater em minhas costas, e uma sensação de euforia começa a me inundar. Após mais de um ano de planejamento cuidadoso, com o medo constante de que o menor erro pudesse levar à descoberta do que estou prestes a fazer, o momento finalmente chegou. Estou de malas prontas. Tenho tudo de que preciso. Rory saiu; foi para o escritório, para uma reunião, pouco importa. Tudo o que preciso fazer é me vestir e sair pela porta uma última vez.

Termino rapidamente e me envolvo no meu roupão favorito, com a mente já horas à frente. Um voo tranquilo para Detroit, uma excursão escolar e um banquete para me manter ocupada até que todos estejam dormindo. Uma série de itens que posso riscar da lista, um de cada vez, até eu estar livre.

Mas paro, de repente, ao entrar no meu quarto e encontrar Constance, a empregada do andar de cima, colocando minha mala na cama e abrindo o zíper. Ela começa a tirar as pesadas roupas de inverno que estão por cima das minhas roupas íntimas.

Aperto o roupão com força em volta do pescoço.

— O que você está fazendo? — Digo isso com meus olhos grudados na mala, acompanhando suas mãos enquanto ela tira as coisas de lá, preparando-me para o que ela irá encontrar no fundo: uma mochila de náilon escondida sob o forro. Calças jeans azuis que não combinam em nada com o evento em Detroit. Várias camisas de manga comprida e uma jaqueta de plumas que ninguém nunca viu.

Mas ela apenas leva as peças de frio de volta para o armário, retornando com outras mais leves: vestidos e calças de linho, colocando meu suéter de cashmere rosa-choque na cama, um toque de cor que parece fora de lugar e fino demais para esta fria manhã de fevereiro. Ela sorri para mim por cima do ombro enquanto devolve tudo e diz:

— O sr. Corcoran gostaria de falar com a senhora.

Ele devia estar à espreita no corredor, porque, ao ouvir seu nome, Bruce entra pela porta e para, claramente desconfortável por me encontrar recém-saída do banho.

— Mudança de planos — diz ele. — O sr. Cook vai pessoalmente cuidar do evento em Detroit. Ele quer que você vá a Porto Rico. Há uma organização lá, um grupo humanitário que está trabalhando nos esforços de ajuda às vítimas do furacão, e ele acha que é uma causa que a fundação deveria abraçar.

Sinto como se o meu mundo inteiro tivesse girado em seu eixo, e a gravidade estivesse me puxando com força em direção ao centro da Terra.

— O que você disse?

— O sr. Cook está indo para Detroit. Ele e Danielle saíram cedo esta manhã — ele repete. — Ele não quis acordá-la.

Constance fecha o zíper da minha bolsa novamente e passa por Bruce, desaparecendo no corredor.

— Seu voo sai do JFK às onze.

— JFK? — sussurro, sem conseguir acompanhar.

— O sr. Cook já embarcou, então tivemos que reservar a sua passagem pela Vista Air.

— Há algum tipo de tempestade se formando no Caribe, e esse é o último voo antes de fecharem tudo. Tivemos sorte de conseguir colocá-la nele. — Ele olha para o relógio. — Vou esperar aqui enquanto você se veste. Precisamos levá-la ao aeroporto às nove.

Ele fecha a porta e eu me sento com força na cama, meus pensamentos desgovernados. Todos os meus planos desapareceram nas poucas horas que dormi. Tudo o que eu havia reunido, os quarenta mil dólares, a identidade falsa que consegui com Nico, minha carta e toda a ajuda da Petra. Tudo esperando em Detroit, onde Rory abrirá o pacote e descobrirá.

* * *

De alguma forma, consigo me vestir e logo estamos no banco de trás de um carro alugado, indo em direção ao aeroporto. Bruce repassa o itinerário, seu tom é um pouco menos respeitoso do que quando Rory está por perto, mas eu mal presto atenção, estou tentando me agarrar a algo que, de alguma maneira, possa mudar tudo.

Meu celular vibra com uma mensagem de Rory.

> Desculpe pela mudança de planos de última hora. Estamos a uns cinco minutos do hotel. Ligue-me quando chegar e aproveite o clima quente. Por aqui está menos de 2 graus.

Então ele ainda não sabe. Talvez ainda haja tempo para resolver isso. Aperto o celular com força e torço para que o carro ande mais rápido, para que eu chegue logo ao aeroporto, onde posso decidir o que fazer em seguida.

— Você ficará hospedada em San Juan — diz Bruce, lendo um documento em seu celular. — Tem duas noites reservadas no Caribe, mas Danielle disse que podem ser três, então ela vai cancelar a reunião que você tem na sexta-feira.

Ele olha para mim, então concordo com a cabeça, sem confiar na minha voz para responder. Estou ansiosamente desesperada para ligar para Petra, para

descobrir como resolver isso, mas terei que esperar até chegar ao aeroporto, até que as únicas pessoas que possam ouvir minha conversa sejam estranhos.

* * *

Eles me deixam na calçada e Bruce me dá as últimas instruções.

— Vista Air, Voo 477 — ele me diz enquanto saio do carro. — O cartão de embarque está no seu celular e haverá alguém lá para recebê-la. Ligue para a Danielle se tiver alguma dúvida.

Sigo em direção às portas de vidro que dão acesso ao amplo terminal de embarque da Vista Airlines, ciente do carro ainda parado na calçada. *Continue andando*, digo a mim mesma. *Aja normalmente*. Entro na fila de segurança que serpenteia por várias fileiras de viajantes, desbloqueio o celular e procuro o e-mail que Danielle me enviou no outro dia com o itinerário de Detroit, e ligo para o hotel de lá.

— Hotel Excelsior — responde a mulher do outro lado da linha.

— Bom dia — digo, tentando manter a voz calma e calorosa. — Eu tinha uma reserva no seu hotel para esta noite, mas tive uma mudança de planos. Infelizmente, eu estava esperando que um pacote chegasse para mim esta manhã e adoraria se você pudesse encaminhá-lo para mim.

— Claro — diz a mulher. — Qual é o seu nome?

Sinto um alívio em meu peito e respiro fundo. Posso resolver isso. Vou pedir para que ela o envie para o Caribe e então partir de lá.

— Claire Cook.

— Ah, certo, sra. Cook! Sim, o pacote foi entregue esta manhã. Entreguei-o ao seu marido há menos de dez minutos — fala ela animadamente, sem dúvida ainda emocionada com o encontro.

Seguro o celular com força, minha visão fica embaçada, e eu me esforço para me manter em pé. Imagino Rory chegando em meio a uma correria, indo direto para o quarto do hotel, onde irá verificar seus e-mails, dar telefonemas e revisar seu discurso. Em algum momento, ele vai se lembrar do pacote da FedEx. Não vai

importar para ele que esteja endereçado a mim. Posso vê-lo abrindo-o, olhando para os maços de dinheiro firmemente amarrados. Retirando o envelope simples que contém minha nova carteira de motorista, passaporte, cartões de crédito e outros documentos falsificados. Seus olhos examinando o nome — *Amanda Burns* — e então pousando na minha foto. E uma carta, selada e endereçada a ele em Nova York, explicando tudo.

— Sra. Cook? — A voz da mulher me traz de volta ao presente. — Posso ajudá-la com mais alguma coisa?

— Não — respondo, com a voz não passando de um sussurro. — Seria só isso. — Desligo, deixando minha mente analisar as outras possibilidades. Eu poderia ir para outro lugar. Basta ir até o balcão e comprar uma passagem para Miami ou Nashville. Mas isso deixaria um rastro eletrônico. Todo o dinheiro que eu planejava usar para apagar meus rastros está em Detroit. Com Rory.

Percorro meus contatos até encontrar. O Nina's Nail Salon na Park Avenue, com o número de Petra vinculado a ele.

Ela atende ao terceiro toque.

— Sou eu, Claire. — De repente, consciente das pessoas ao meu redor, abaixo a voz e explico o que aconteceu. — Rory mudou os planos. Ele está me mandando para Porto Rico. E, Petra… — mal consigo colocar em palavras —, ele está em Detroit. — Tento desesperadamente, sem sucesso, controlar minha crescente histeria.

— Meu Deus — suspira Petra.

— Liguei para o hotel de lá. Eles já entregaram o pacote para Rory. — Engulo em seco. — O que eu vou fazer?

A fila de segurança avança lentamente e eu a acompanho. Ao telefone, Petra está quieta enquanto pensa.

— Volte para fora e pegue um táxi até aqui. Você pode ficar comigo até pensarmos em outra solução.

Há apenas algumas pessoas na minha frente na fila, e minhas opções diminuem a cada minuto que passa. Assim que Rory descobrir o que eu estava

planejando, ele irá bloquear todas as nossas contas até que eu volte para casa. Meus pensamentos voltam rapidamente no tempo, para a última vez que tentei ir embora. Imagino nós dois em casa, com as evidências do que eu estava prestes a fazer espalhadas diante de mim, e o que certamente aconteceria em seguida. Talvez ele até siga as instruções que dei na minha carta, divulgando um comunicado anunciando nossa separação e pedindo que o mundo respeite minha privacidade, virando meu próprio plano contra mim. É possível que eu tenha escrito minha própria carta de suicídio.

— É arriscado demais — digo a ela. — Alguém vai me ver e contar a ele.

— Eu moro na porra do Dakota. Ninguém sobe se eu não quiser.

— Pelo menos três amigos do Rory também moram lá — lembro a ela. — Ele vai destruir toda a minha vida e estudar cada detalhe. Meus cartões bancários. Cartões de crédito. E registros de celular, que agora irão levá-lo direto a você. Ao Nico. E até mim, se eu tentar me esconder lá. — Meu olhar passa pelos agentes uniformizados da TSA, direcionando as pessoas para a esquerda e para a direita para os aparelhos de raio-X. Há apenas três pessoas à minha frente na fila. — Acho que minhas chances de desaparecer são maiores em Porto Rico — digo. — Ainda há muitas coisas sem sistema. As pessoas serão mais receptivas a dinheiro, e não farão muitas perguntas. — Mas o que não digo é como isso será difícil com quase nenhum dinheiro, em uma ilha com pontos de saída limitados. Não vou conseguir sem algum tipo de ajuda. Sei que prometi que não faria isso, mas preciso perguntar. — O Nico conhece alguém por lá?

Petra respira fundo, pensando.

— Acho que sim — ela finalmente diz. — Não sei muito. O Nico me mantém bem distante das pessoas com quem ele faz negócios. Mas eles não são gente boa, Claire. E uma vez que estiverem contigo, Nico pode não conseguir te tirar de lá imediatamente. Você tem certeza de que quer fazer isso?

Uma sensação fria de pavor se insinua sob minhas costelas ao imaginar um carro escuro. Um rosto anônimo. Talvez uma sala fria cheia de mulheres amarradas e acorrentadas. Colchões espalhados, manchados e irregulares, sobre

um piso de concreto. Então penso em como é a raiva quando se manifesta no rosto de Rory, no que ele fará comigo quando me encontrar sozinha novamente. O nível de humilhação e indignação que ele sentirá pelo que quase aconteceu.

— Ligue para ele — respondo.

— Onde você está hospedada?

Dou a ela os detalhes e posso ouvi-la procurando uma caneta em alguma gaveta.

— Certo. Alguém entrará em contato com você lá. Esteja pronta para partir assim que receber notícias nossas.

Um tremor de medo me percorre enquanto me pergunto se Nico poderá me ajudar. E se eu quero que ele me ajude.

Mas Petra ainda está dando instruções.

— Encontre um caixa eletrônico e saque o máximo de dinheiro possível... só por precaução.

Cheguei ao início da fila, e as pessoas estão esperando que eu termine a ligação e coloque as coisas na esteira rolante.

— Tenho que desligar — digo a ela.

— Tente manter a calma — diz ela. — Entrarei em contato assim que puder.

Então, encerro a ligação, com a dúvida se revirando dentro de mim, sentindo como se eu tivesse acabado de entrar em um pesadelo — girando, virando, trezentos e sessenta graus de perigo.

EVA

Aeroporto John F. Kennedy, Nova York
Terça-feira, 22 de fevereiro
Dia do Acidente

O desespero na voz da mulher era inconfundível. *Sou eu. Claire*. A maneira como as palavras falhavam quando ela as proferia, era como se estivesse lutando contra as lágrimas. Eva ficou parada, paralisada, enquanto ouvia o desabafo histérico de uma mulher em perigo. Uma mulher em fuga. Uma mulher como ela.

Eva olhou em volta para os viajantes que as cercavam, pressionando-as por todos os lados enquanto serpenteavam pela segurança. A família com várias malas grandes que certamente teriam que ser despachadas no portão de embarque. O casal atrás dela, discutindo aos sussurros sobre não ter saído para o aeroporto a tempo. Eva olhou para ver se mais alguém estava prestando atenção. Se alguém se lembrava da mulher aflita ao telefone e da estranha silenciosa à sua frente, ouvindo.

Claire. Seu nome, uma única sílaba, parecia ecoar na mente de Eva. Eva se aproximou um tanto furtivamente, fingindo estar absorta no celular, o pré-pago que comprara menos de vinte e quatro horas antes em outro aeroporto, e observou os detalhes da mulher. A bolsa Birkin cara. Tênis da moda combinando com calças de alfaiataria e um suéter de cashmere rosa-choque elegantemente drapeado sobre seu corpo esguio. Cabelos escuros caindo perfeitamente sobre os ombros.

— Acho que minhas chances de desaparecer são maiores em Porto Rico — disse Claire. Eva se inclinou para mais perto, para não perder nada. — Ainda há

muitas coisas sem sistema. As pessoas serão mais receptivas a dinheiro e não farão muitas perguntas.

Eva sentiu o pulso acelerar ao ouvir a expressão *sem sistema*, porque era exatamente disso que Eva precisava. Porto Rico era a resposta, e Claire seria o modo como ela chegaria lá.

Quando chegaram ao início da fila, um agente da TSA direcionou Eva para uma máquina de raio-X à esquerda, enquanto apontava para Claire várias fileiras à direita. Eva tentou segui-la, mas o agente da TSA a impediu de pular as filas. Ela manteve os olhos em Claire, acompanhando o suéter rosa brilhante enquanto ela passava pela máquina de raio-X, pegava suas coisas do outro lado e desaparecia na multidão.

Eva resistiu à vontade de forçar a passagem. Ela não havia esperado a manhã inteira só para perder Claire agora. No entanto, ela se encontrava presa atrás de um senhor que precisava passar várias vezes pelo scanner. Cada vez que a luz vermelha piscava, Eva sentia a pressão aumentar dentro de si, ansiosa para chegar ao outro lado.

Por fim, o homem retirou um punhado de moedas do bolso, contou-as cuidadosamente antes de colocá-las na bandeja e conseguiu passar com sucesso.

Eva colocou o casaco e os sapatos em uma bandeja e jogou a bolsa na esteira, prendendo a respiração enquanto esperava sua vez. Já do outro lado, apressou-se para reunir as coisas, pegou o celular e a mochila e voltou a procurar o suéter cor-de-rosa no saguão. Mas Claire havia desaparecido.

Eva sentiu a perda como um chute na boca do estômago. Qualquer outra coisa que ela pudesse tentar — comprar outra passagem de avião, uma passagem de ônibus, alugar um carro — poderia ser rastreado. Isso levaria as pessoas que a estavam seguindo diretamente para onde quer que ela fosse.

Eva examinou a multidão, diminuindo o passo em frente a cada restaurante, olhando em todos os cantos de cada banca de jornal. À frente, havia uma fileira de monitores. Ela encontraria o voo para San Juan e localizaria Claire no respectivo portão de embarque. Ela não poderia ter ido longe.

Mas, ao passar por um bar, Eva viu o suéter rosa contrastando com a janela cinza atrás dela. Claire, sentada sozinha, tomava uma bebida, enquanto seus olhos vasculhavam atentamente o terminal lotado, alertas, como um animal que examina o horizonte em busca de predadores.

Eva fez que não viu nada e continuou andando. Claire não iria se abrir com uma desconhecida perguntando se ela poderia ajudar. Eva planejava abordar a situação de forma indireta. Entrou em uma livraria, pegou uma revista e começou a folheá-la até que Claire tivesse tempo de se acomodar.

Do outro lado, ela viu Claire levar o copo aos lábios.

Eva recolocou a revista no lugar, saiu da loja e caminhou em direção às grandes janelas de vidro com vista para a pista antes de virar à esquerda e seguir na direção de Claire. Quando chegou perto o suficiente, levou o celular silencioso ao ouvido e imprimiu um toque de pânico e medo à sua voz, certificando-se de deixar sua mochila bater no banco de Claire ao se sentar.

— Por que eles querem falar comigo? — perguntou Eva, sentando-se ao lado de Claire, que se afastou, visivelmente irritada.

— Mas eu apenas fiz o que ele me pediu — continuou Eva. — Assim que soubemos que era terminal, conversamos a respeito. — Eva cobriu os olhos com a mão e deixou que os últimos seis meses voltassem à sua mente. O quanto ela havia arriscado. O quanto ela havia perdido. Ela precisava de toda aquela emoção agora, para construir sua história e fazê-la parecer verdadeira. — Ele era meu marido e eu o amava — disse ela, pegando um guardanapo do outro lado do balcão e pressionando-o contra os olhos antes que Claire percebesse que não havia lágrimas. — Ele estava sofrendo, e eu fiz o que qualquer um teria feito. — Eva fez uma pausa, como se alguém do outro lado estivesse falando, antes de finalmente dizer: — Diga a eles que não tenho nada a dizer. — Ela arrancou o telefone do ouvido e o desligou, encerrando a falsa ligação e respirando fundo, trêmula.

Eva acenou para o barman e disse:

— Vodca com tônica. — Então, mais para si mesma do que para Claire, ela disse: — Eu sabia que isso iria me afetar. Só não fazia ideia que seria tão rápido. —

Ela tomou um gole da bebida que o barman colocou à sua frente, enquanto, ao lado dela, Claire se mexeu no banco, afastando-se de Eva, com os ombros rígidos o suficiente para silenciar a maioria das pessoas. Mas Eva fechou os olhos com força e tornou sua histeria ainda mais evidente, deixando a respiração ofegante e irregular. Ela tentou pegar outro guardanapo de uma pilha um pouco além do seu alcance, esbarrando com o ombro em Claire novamente, forçando-a a lhe entregar um.

— Obrigada — disse Eva. — Desculpe-me por estar tão perturbada, invadindo sua tranquilidade. É que... — Ela parou, como se estivesse reunindo coragem para dizer as palavras. — Meu marido faleceu recentemente. Câncer.

Claire hesitou, ainda sem olhar para Eva, antes de finalmente dizer:

— Sinto muito.

— Estávamos juntos há dezoito anos. Desde o ensino médio. — Eva assoou o nariz e ficou olhando para a bebida. — O nome dele era David. — Ela tomou outro gole, deixando um pedaço de gelo escorregar para dentro da boca, pressionando-o contra a parte interna da bochecha, tentando desacelerar os batimentos, para que a história que estava contando também saísse mais devagar. Se fosse rápido demais, soaria vazia e falsa. Mentiras precisavam ser contadas com cuidado. Plantadas e cuidadas antes que a próxima pudesse ser entregue. — Ele estava definhando, com dores excruciantes. Eu não aguentava mais ver aquilo. — Ela deixou a imagem de um homem moribundo brilhar na imaginação de Claire antes de continuar. — Então, eu disse à enfermeira para ir para casa, que eu ficaria no turno da noite. Não foi muito inteligente da minha parte, mas é impossível pensar com clareza quando o homem que você passou a vida inteira amando está sofrendo. — Eva olhou fixamente para o terminal. — Agora parece que eles têm perguntas. Pode haver consequências.

O que Eva precisava era de um motivo convincente para que ela também quisesse desaparecer e nunca mais voltar para casa. Algo além da verdade.

Ela percebeu a mudança na linguagem corporal de Claire, um leve movimento em sua direção, não mais do que alguns centímetros, mas foi o suficiente.

— Quem são "eles"? — perguntou Claire.

Eva deu de ombros.

— O legista. A polícia. — Ela apontou para o celular. — Era o oncologista do meu marido. Ele me disse que estão solicitando que todos compareçam ao centro da cidade em uma semana para responder a algumas perguntas. — Ela olhou pela janela em direção à pista. — Nunca ocorre nada de bom no centro da cidade.

— Você é de Nova York?

Eva olhou para ela e balançou a cabeça.

— Califórnia. — *Pausa. Respire.* — Ele se foi há apenas vinte e um dias, e todos os dias eu acordo e revivo tudo. Achei que uma viagem para Nova York ajudaria. Uma mudança de ares, o oposto de casa.

— E ajudou?

— Sim e não. — Ela olhou para Claire com um sorriso irônico. — Podem ambos ser verdade?

— Acho que sim.

— Já perdi tudo o que importava para mim. Meu marido se foi. Larguei meu emprego para cuidar dele. Éramos apenas nós dois, nenhum de nós tinha família. — Eva respirou fundo e disse a coisa mais verdadeira que já havia dito até então. — Estou sozinha no mundo e não quero voltar. Meu voo sai em uma hora e não quero embarcar.

Eva remexeu a bolsa e tirou seu cartão de embarque para Oakland, colocando-o no balcão à frente delas. Uma tábua de salvação. Uma tentação. Uma sugestão silenciosa.

— Talvez eu vá para outro lugar. Tenho economias. Vou comprar uma nova passagem para algum lugar onde nunca estive e recomeçar. — Eva sentou-se mais ereta no banco, como se a decisão que havia acabado de tomar tivesse aliviado algum peso dentro dela. — Para onde você acha que eu deveria ir?

A voz de Claire saiu baixa ao lado dela.

— Não vai demorar muito para te encontrarem. Você seria rastreável, não importa para onde fosse.

Eva pensou um pouco antes de dizer:

— Você acha possível alguém desaparecer? Desaparecer sem deixar vestígios?

Claire não respondeu. As duas permaneceram sentadas em silêncio, observando as pessoas se dirigirem para seus portões de embarque ou para a área de retirada de bagagens. Viajantes apressados, mantendo distância uns dos outros enquanto evitavam contato visual com todos ao redor, absortos demais em seus caminhos para notarem duas mulheres sentadas lado a lado no bar.

Ao longe, o choro de uma criança ficava mais alto enquanto uma mãe frustrada passava por elas, puxando a filha chorosa atrás de si, dizendo: "Não vou deixar você assistir *Operação Cupido* pela centésima vez até você não fazer a leitura que a sra. Hutchins pediu."

Eva observou os olhos de Claire seguirem as duas pelo saguão até que desaparecessem. Então, ela disse:

— É bom saber que uma nova geração ainda aprecia o trabalho de Lindsay Lohan. — E tomou um gole da bebida. — Qual foi aquele outro filme que ela fez? Aquele no qual mãe e filha trocam de corpo e cada uma vive um dia como se fosse a outra. Você conhece?

— *Sexta-feira Muito Louca*. Minha irmã adorava esse filme — disse Claire, olhando para sua bebida.

Eva contou, mentalmente, até dez. Ela havia chegado ao exato limite no qual precisava que a conversa chegasse. Então, disse:

— Com quem você trocaria? Quem você gostaria de ser?

Claire lentamente virou a cabeça para Eva e seus olhares se encontraram, mas Claire não respondeu.

— Uma *Sexta-Feira Muito Louca* com certeza me ajudaria agora — continuou Eva, com a voz cada vez mais distante. — Entrar na pele de outra pessoa, poder viver uma vida totalmente diferente. Eu continuaria sendo eu, mas ninguém saberia.

Ao lado dela, Claire levantou o copo para beber, e Eva percebeu um leve tremor.

— Eu deveria estar indo para Porto Rico — disse ela.

Eva sentiu o álcool finalmente atingir sua corrente sanguínea, quente e suave em seu estômago, aliviando o nó que vinha crescendo constantemente nas últimas quarenta e oito horas.

— É uma boa época do ano para isso.

Claire balançou a cabeça.

— Eu faria qualquer coisa para não estar naquele avião — disse.

Eva deixou as palavras pairando no ar, esperando para ver se Claire daria mais detalhes. Porque o que Eva tinha em mente era arriscado, e ela precisava ter certeza de que Claire estava desesperada o suficiente. Ela girou o gelo no copo, a vodca e a tônica se misturando em um líquido transparente, o limão espremido e murcho nas bordas.

— Parece que nós duas precisamos de uma *Sexta-Feira Muito Louca*.

Eva sabia de duas coisas. Primeiro, Claire precisava acreditar que aquela ideia era dela. E segundo, Eva não queria mais ser uma pessoa que mentia e enganava. Esta seria a última vez.

Claire pegou o cartão de embarque de Eva que estava no balcão e o examinou.

— Como é Oakland? — perguntou.

Eva deu de ombros.

— Nada de especial — disse ela. — Mas eu moro em Berkeley. As pessoas lá são meio malucas. Se você andasse pela Telegraph Avenue em um monociclo tocando trompete, ninguém olharia duas vezes para você. É exatamente esse tipo de lugar. Fácil de se misturar porque todo mundo é um pouco mais estranho do que você.

Nesse momento, o barman se aproximou e perguntou:

— As senhoras desejam mais alguma coisa?

Pela primeira vez, Claire sorriu.

— Acho que estamos bem, obrigada. — Para Eva, ela disse: — Venha comigo.

* * *

Elas saíram do bar, caminhando lado a lado, o que forçava as pessoas a se afastarem delas conforme iam passando, e então entraram em uma fila de viajantes cansadas no banheiro feminino sem dizerem mais nada. Várias cabines se abriram, e Claire deixava as pessoas atrás delas passarem na frente, até que a cabine para deficientes ficou disponível. Ela puxou Eva para dentro e trancou a porta.

Claire manteve a voz baixa.

— O que você disse lá atrás, sobre se eu achava possível desaparecer. Acho que há uma maneira de fazer isso.

As descargas dos vasos sanitários eram acionadas, a água corria, os voos eram anunciados pelos alto-falantes, enquanto Claire vasculhava a bolsa e pegava o celular, acessava seu bilhete eletrônico e o entregava para Eva.

— Se trocarmos os bilhetes, os registros de voo mostrarão cada uma de nós embarcando em seus respectivos aviões — disse Claire. — Mas em Porto Rico não haverá nenhum vestígio meu. E, em Oakland, não haverá nenhum vestígio seu.

Eva tentou parecer cética. Não funcionaria se ela concordasse rápido demais.

— Você está louca? Por que você faria algo assim por mim?

— Você estaria fazendo isso por mim — disse Claire. — Não posso voltar para casa. E eu seria uma tola se achasse que tenho habilidades para desaparecer em Porto Rico.

Os olhos de Eva fixaram-se no rosto de Claire.

— O que você quer dizer?

Claire disse:

— Não precisa se preocupar.

Eva balançou a cabeça.

— Se eu vou fazer isso, o mínimo que você pode fazer é me dizer no que estou me metendo.

Claire olhou para a porta da cabine e disse:

— Eu tinha um plano de deixar meu marido. Deu errado, e ele descobriu. Preciso desaparecer antes que...

— Antes do quê? Ele é perigoso?

— Apenas para mim.

Eva estudou o bilhete eletrônico no celular de Claire, como se estivesse pensando.

— Como podemos trocar os bilhetes se nem somos parecidas?

— Não vai fazer diferença. Já passamos pela segurança. Você terá meu celular, junto com meu cartão de embarque. Ninguém irá questioná-la. — Claire encarou Eva, com os olhos brilhantes e desesperados. — Por favor — sussurrou. — Esta é minha única chance.

Eva sabia como era estar prestes a conseguir algo, apenas para ter essa coisa arrancada de suas mãos. Isso deixa você desesperado, com uma fome tão intensa que te cega para todas as possibilidades pelas quais algo poderia dar errado.

* * *

O plano acabou se mostrando simples. Elas rapidamente transferiram o conteúdo de suas bolsas de viagem, Claire pegou um boné da NYU da sua e prendeu o cabelo por baixo. Em seguida, tirou o suéter e o entregou a Eva.

— Meu marido não vai deixar nenhuma pista para trás. Cada minuto deste dia será destrinchado e estudado. Incluindo as imagens de segurança do aeroporto. Precisaremos trocar mais do que apenas bilhetes.

Eva tirou o casaco e o entregou a Claire, hesitando por um momento. Era o seu favorito, um casaco verde-militar com capuz, zíperes e bolsos internos que lhe serviram bem por muitos anos.

Claire o vestiu enquanto ainda falava.

— Quando você pousar, use meu cartão de crédito para sacar dinheiro ou comprar um bilhete para outro lugar. Faça o que você quiser. Apenas deixe um rastro que meu marido possa seguir. — Claire colocou um gabinete de computador na mochila de Eva, agora aos pés de Claire. Ela, então, abriu sua nécessaire e tirou uma escova de dentes de viagem, guardando-a em um dos bolsos do casaco velho de Eva, o que Eva achou estranho. Higiene bucal parecia

uma prioridade estranha naquele momento. Da carteira, Claire tirou um maço de dinheiro, enfiou-o em outro bolso e, em seguida, colocou a carteira de volta na própria bolsa, estendendo-a para Eva. — Mas faça isso rápido, antes que ele bloqueie tudo — disse ela. — Minha senha é 3710.

Eva, embora não precisasse, pegou o dinheiro de Claire. Então, entregou sua própria bolsa a Claire, sem nem se dar ao trabalho de olhar dentro dela, feliz por se livrar de tudo. O único dinheiro de que precisava naquele momento estava guardado em uma pochete colada ao seu corpo, o restante bem longe, esperando por ela.

Eva enfiou os braços no suéter de cashmere rosa, sentindo sua fuga se aproximando, esperando que Claire não perdesse a coragem. Em noventa minutos, ela estaria no ar, a caminho de Porto Rico. Uma vez em terra firme, Eva conhecia centenas de maneiras de desaparecer. Alterar sua aparência e sair da ilha o mais rápido possível. Alugar um barco. Alugar um avião. Ela tinha dinheiro suficiente para fazer o que fosse necessário. E não se importava com o que Claire acabaria fazendo.

Uma conversa que ela teve com Dex uma semana antes voltou à mente, que ocorreu de improviso em um jogo de basquete. *A única maneira de conseguir uma identidade falsa é encontrar alguém que esteja disposto a lhe dar a sua*. Eva quase riu alto, as palavras de Dex estavam se manifestando diante de seus olhos na cabine do banheiro para deficientes do Terminal 4 do aeroporto JFK.

Claire estava brincando com um dos zíperes do casaco que agora usava, enquanto Eva pensava em quem poderia estar esperando por ela em Oakland. Eles até poderiam parar por um momento ao ver Claire saindo do aeroporto usando o casaco familiar de Eva. Mas as semelhanças terminavam aí.

— Espero que você não se importe — disse Eva, pressionando o celular pré-pago contra o peito —, mas este tem todas as minhas fotos. Algumas mensagens de voz salvas do meu marido... — Ela não podia arriscar que Claire descobrisse que não havia contatos, nem fotos, apenas um número em seu histórico de chamadas. Ela, então, mostrou o celular de Claire. — Mas preciso que você

desative sua senha para que eu possa digitalizar o bilhete eletrônico. A menos que você queira imprimir um bilhete e ficar com seu telefone?

— E permitir que desse modo ele me rastreie? Não, obrigada — disse Claire, navegando pelas configurações e desativando a sua senha. — Mas preciso anotar um número primeiro.

Eva observou Claire tirar uma caneta da bolsa e anotar algo no verso de um recibo antigo.

Nesse momento, o voo para Oakland foi anunciado. O embarque havia começado. Elas se entreolharam, com medo e emoção misturados em seus rostos.

— Acho que é isso — disse Claire.

Eva imaginou Claire embarcando no voo para a Califórnia e desembarcando do outro lado. Saindo para o sol brilhante sem a mínima ideia do que poderia encontrar lá, e tentou não se sentir culpada. Mas Claire parecia determinada. Inteligente. Ela daria um jeito.

— Obrigada por me ajudar a recomeçar — disse Eva.

Claire a abraçou e sussurrou:

— Você me salvou. E eu não vou esquecer.

E então ela se foi. Saiu da cabine e desapareceu no aeroporto movimentado, com as câmeras de segurança gravando uma mulher de casaco verde e boné de beisebol da NYU puxado até os olhos, caminhando em direção a uma vida diferente.

Eva trancou a porta novamente, encostando-se na fria parede de azulejos, e deixou toda a adrenalina da manhã sair do seu corpo, fazendo seus membros ficarem fracos e sua cabeça confusa. Ela ainda não estava livre, mas estava mais perto do que nunca.

* * *

Eva esperou o máximo que pôde dentro da cabine do banheiro trancada, imaginando Claire voando para o oeste, correndo contra o sol em direção à liberdade.

— O embarque para o Voo 477 com destino a Porto Rico foi iniciado — disse uma voz pelo alto-falante, ela, então, saiu e passou pela longa fila de mulheres que aguardavam. Pelo canto do olho, observou seu reflexo no espelho e se surpreendeu com a calma que demonstrava, quando por dentro sentia vontade de dançar. Ela arregaçou as mangas do suéter de cashmere rosa de Claire, lavou as mãos rapidamente e colocou no ombro a bolsa nova antes de retornar ao saguão.

No portão, ela ficou aguardando ao lado, por hábito. Seus olhos ficaram examinando a multidão, e ela se perguntou se algum dia aprenderia a estar em um espaço sem ter que avaliá-lo em busca de riscos e perigos. Mas todos ao seu redor pareciam absortos em seus próprios pensamentos, ansiosos para escaparem das temperaturas gélidas de Nova York em busca de um clima mais quente.

Uma agente de portão atarefada aproximou um alto-falante da boca e disse:

— Nosso voo desta manhã não está lotado, portanto os passageiros que desejarem voar na lista de espera devem fazer o check-in no balcão.

Pessoas em trajes de férias disputavam lugares na fila, querendo ser as primeiras do grupo de embarque, mas, com apenas uma agente de portão de serviço, a situação estava caótica e lenta para ter início. Eva se certificou de se posicionar ao lado de uma família barulhenta de seis pessoas. Dentro da bolsa, o celular de Claire vibrou. Curiosa, ela o pegou.

Que porra você fez?

Não foram as palavras que a fizeram parar, mas o tom agressivo por trás delas, venenoso e familiar. Então, o telefone tocou, assustando-a a ponto de quase deixar o aparelho cair. Ela deixou tocar até ir para a caixa postal. Ele tocou novamente. E depois outra vez. Ela olhou para a passarela de embarque, contando as pessoas à sua frente, pedindo para a fila andar mais rápido. Para embarcar e decolar, para seguir seu caminho.

— Por que a demora? — perguntou uma mulher atrás dela.

— Ouvi dizer que a porta não estava abrindo direito.

— Ótimo — disse a mulher.

Quando chegou a vez de Eva, ela entregou o telefone à comissária de bordo, que escaneou sua passagem eletrônica sem nem sequer olhar para o nome. Ela o devolveu para Eva, que prontamente o desligou e o guardou de volta na bolsa de Claire. A fila avançou lentamente. Eva, na entrada da passarela, estava enterrada em uma longa fila de viajantes impacientes. A bolsa de alguém bateu nela por trás, derrubando a sua no chão, espalhando as coisas de Claire em direções diferentes.

Ao se abaixar para recolher tudo, ela olhou para trás, em direção ao saguão. Acima dela, a fila havia se fechado ao seu redor, impedindo-a de ser vista pelo agente de portão, e ela percebeu como seria fácil escapar. O voo não estava lotado. Eles poderiam não notar seu assento vazio. Ela foi registrada no voo, e Claire já estava a caminho de Oakland.

Eva teve apenas uma fração de segundo para tomar a decisão. Ela sabia exatamente como faria. Podia dar um passo para o lado, encostar-se na parede e fingir outra ligação. Ela seria apenas mais uma viajante tratando da sua própria vida, a caminho de um novo destino. Ela poderia até sair do aeroporto, ir para o Brooklyn e encontrar um salão de beleza disposto a atender uma cliente sem hora marcada que quisesse pintar o cabelo de castanho. Em seguida, pagaria em dinheiro por um voo posterior usando o documento de identidade de Claire. Poderia facilmente haver duas Claire Cook viajando para dois destinos completamente diferentes. E assim ela que pousasse e desaparecesse, os dados se tornariam irrelevantes.

E ela também.

CLAIRE

Terça-feira, 22 de fevereiro

Somente após uma hora de voo é que meu coração deixa de bater forte e eu respiro fundo pela primeira vez em anos. Olho para o relógio. O avião no qual eu deveria estar está, neste momento, em algum lugar sobre o Atlântico, a milhares de quilômetros de distância. Imagino-o pousando em Porto Rico, taxiando até o terminal e desembarcando turistas. Eva passando por todos, invisível. Rory já deve ter descoberto o que havia no pacote da FedEx e, quando começar a me procurar, estará procurando por Claire Cook ou Amanda Burns. Ele não tem a mínima ideia de quem seja Eva James. Foi quase fácil demais.

Uma lembrança me vem à mente, de uma noite quando eu tinha treze anos, sentada na varanda com minha mãe. Eu havia sido alvo de um grupo de garotas populares por várias semanas. Elas me seguiam, sussurrando coisas cruéis, esperando até que eu estivesse sozinha no corredor ou no banheiro para fazer seus comentários ofensivos. Minha mãe queria intervir, mas eu não deixei, acreditando que isso só pioraria a situação.

— Eu gostaria de simplesmente poder desaparecer — eu sussurrava. Juntas, observávamos Violet, de três anos, correr pelo pequeno quintal, com as rosas balançando na leve brisa do final da tarde.

— Se você prestar atenção, Claire, as soluções sempre aparecem. Mas você precisa ser corajosa o suficiente para vê-las — disse ela, tirando minha mão do meu colo e apertando-a na sua.

As suas palavras me confundiram na época. Mas agora percebo que ela estava me dando conselhos para guardar para mais tarde. Eu estava presa entre duas

escolhas aterrorizantes — a raiva de Rory ou o tipo de pessoas que Nico poderia ter enviado para me ajudar — e então Eva apareceu e me tirou dessa situação.

Penso em Eva, no que ela perdeu, e espero que, onde quer que ela vá parar, consiga encontrar uma maneira de ficar em paz consigo mesma. Imagino-a fugindo para uma vila remota em algum lugar, encontrando uma pequena casa à beira-mar, seus cabelos loiros contrastando com a pele bronzeada por um sol que cai como perdão sobre seus ombros. Longe de tudo. Um novo começo, como o que espero criar para mim mesma.

Que extraordinário termos nos encontrado.

Uma bolha de alegria se forma dentro de mim, e eu rio alto, assustando o homem sentado ao meu lado.

— Desculpe — digo, e me viro para a janela, observando a terra abaixo de nós se transformar de cidade em grandes extensões de terras agrícolas, a distância entre mim e Rory vai aumentando a cada segundo.

* * *

Seis horas depois, o avião pousa em Oakland. Voamos em círculos sobre São Francisco e, embora o piloto tenha apontado pontos de referência, como a Bay Bridge e o edifício Transamerica, mal consegui percebê-los em meio à minha empolgação. Aguardo minha vez de desembarcar, com a multidão me pressionando, e fecho os olhos, pensando em um jogo que Violet e eu costumávamos jogar chamado "Você Prefere". Passávamos horas criando escolhas impossíveis e hilárias: *Você prefere comer dez baratas ou fígado no jantar todas as noites durante um ano?* Sorrio para mim mesma, imaginando o que Violet e eu poderíamos inventar agora. *Você prefere se casar com um homem abusivo, mas rico, ou recomeçar em algum lugar novo, sem dinheiro e sem identidade?* A decisão me parece fácil.

Finalmente, a porta se abre e as pessoas começam a sair do avião. Eu me coloco entre elas, puxando o boné para baixo, sobre os olhos, pelo menos até sair do aeroporto e ficar longe das câmeras de segurança. A primeira coisa que preciso

fazer é ligar para Petra e dizer que estou em Oakland. E, em seguida, encontrar um hotel de beira de estrada barato que não faça muitas perguntas. Com apenas quatrocentos dólares na carteira, preciso ser sensata.

Ao desembarcar, eu me esgueiro entre as pessoas e vou em busca de um telefone público. Mas, quando passo pelos portões, percebo que algo está diferente. Vários grupos de pessoas estão reunidos em torno de monitores de televisão nos vários bares e restaurantes, em silêncio.

Algo deve ter acontecido.

Aproximo-me de um grupo que está do lado de fora do Chili's e espio por cima dos ombros das pessoas. A televisão está sintonizada em um canal de notícias a cabo, mas o volume está baixo. Uma mulher de aparência sombria está falando, e a tela mostra seu nome — Hillary Stanton, Oficial Sênior de Comunicações do NTSB. Leio as legendas na parte inferior da tela.

Ainda não sabemos o que causou o acidente, e é muito cedo para dizer.

A tela corta para um âncora de notícias, e eu rapidamente vejo a manchete que antes estava coberta pelo texto preto da legenda.

A Queda do Voo 477.

Leio novamente, tentando reorganizar as palavras para que tenham um significado diferente. O Voo 477 era o meu voo para Porto Rico.

Chego mais perto. Mais texto aparece, desta vez da fala do âncora.

As autoridades não especulam sobre a causa do acidente, embora tenham indicado que é improvável que haja sobreviventes. O Voo 477 seguia para Porto Rico, com 96 passageiros a bordo.

A imagem muda para uma transmissão ao vivo do oceano, mostrando pedaços de destroços flutuando na superfície.

O chão parece se mover sob mim, e cambaleio em direção ao homem parado ao meu lado. Ele segura meu cotovelo e me mantém firme por tempo suficiente para garantir que eu não caia.

— Você está bem? — ele pergunta.

Eu me desvencilho dele e abro caminho pela multidão, incapaz de conciliar o que estou vendo na tela da televisão com a lembrança de Eva ainda nítida em minha mente; cuja voz ainda consigo ouvir, cujo sorriso ainda posso ver quando a porta do banheiro se fechou atrás de mim.

Com a cabeça baixa, atravesso o saguão, subitamente consciente de quantas telas de televisão existem, todas transmitindo o que aconteceu. Engulo o gosto amargo que sobe pela minha garganta e localizo um telefone público ao lado dos banheiros.

Com os dedos trêmulos, tiro o recibo onde anotei o número de Petra e começo a discar. Uma voz me instrui a inserir um dólar e vinte e cinco centavos. Procuro na carteira de Eva até contar cinco moedas de vinte e cinco centavos e as insiro, uma de cada vez, com o coração disparado.

Mas, em vez de tocar, ouço três tons e uma voz automática dizendo: *Lamentamos, este número está fora de serviço.*

Na pressa para falar com ela, devo ter discado errado, digitado um dígito duas vezes por acidente, então respiro fundo, tentando fazer minhas mãos pararem de tremer. Recolho as moedas na bandeja de troco e disco novamente, mais devagar desta vez.

Mais uma vez, sou informada de que o número está fora de serviço.

Coloco o fone no gancho, sentindo como se tivesse me separado da realidade, saindo do meu corpo. Vou caminhando até um banco de cadeiras deserto, onde desabo, olhando para o saguão. Pessoas entram e saem do meu campo de visão, puxando malas, reunindo crianças, falando ao celular.

Devo ter copiado o número errado. Lembro-me da cabine do banheiro, quando anotava o número de Petra, com a adrenalina fazendo minha atenção se dispersar.

E, agora, estou completamente isolada.

Do outro lado, as telas da televisão mudam novamente, atraindo minha atenção de volta.

Os nomes dos passageiros ainda não foram divulgados, mas autoridades do NTSB disseram que irão realizar uma coletiva de imprensa ainda esta noite.

Percebo o quão vulnerável estou prestes a me tornar, como coisas como essas se apoderam das pessoas, tocando o coração da nação. Primeiro, são os detalhes macabros, as especulações sobre o que deu errado. Depois, o interesse humano. As vítimas. Suas vidas, suas esperanças. Seus rostos alegres, sorridentes, sem saberem como tudo vai acabar. Por causa de quem é Rory, minha história será amplificada, meus minutos de anonimato irão desaparecer em uma velocidade alarmante. Minha imagem logo estará estampada na mídia, reconhecível por qualquer olhar. Estou prestes a me tornar tão infame quanto Maggie Moretti. Mais uma tragédia que Rory terá que enfrentar com coragem. E eu ficarei presa, com muito pouco dinheiro, sem identificação e sem lugar para me esconder.

Meus olhos pousam na bolsa de Eva, e eu a abro e retiro um molho de chaves e sua carteira. Coloco as chaves no bolso e abro a carteira, memorizando o endereço em sua carteira de motorista. *543 Le Roy*. Não hesito. Saio do aeroporto, entro no sol brilhante da Califórnia e chamo um táxi.

* * *

Avançamos rapidamente pela rodovia, com o horizonte de São Francisco espreitando entre prédios industriais no lado leste da baía, mas tudo isso mal chama minha atenção. Em vez disso, fico me lembrando dos últimos momentos de Eva no banheiro comigo, determinada a encontrar uma segunda chance para si

mesma, sem imaginar que jamais conseguiria. Apoio a cabeça na janela e tento me concentrar no vidro frio pressionando minha pele. *Só mais um pouco*. Não posso me permitir desmoronar até estar atrás de portas fechadas.

Logo entramos em ruas lotadas de universitários, coloridas e animadas. Tento imaginar o que Rory pode estar fazendo agora. Provavelmente, está voltando para Nova York, depois de ter cancelado o evento em Detroit. Discretamente depositando de volta os quarenta mil dólares no banco e escondendo todo o resto em sua gaveta secreta.

Olho pela janela enquanto passamos pela universidade, estudantes atravessam a rua de forma desordenada, alheios a tudo como só universitários conseguem ser. Contornamos a extremidade leste do campus e entramos em um bairro residencial na parte norte, com colinas e ruas sinuosas. Sobrados, casas geminadas e apartamentos ficam lado a lado entre altas sequoias, e fico pensando no que irei encontrar quando abrir a porta da frente da casa de Eva. Um intruso entrando na casa que ela dividia com o marido, para sempre congelada exatamente como ela a deixou. Olhando as fotos deles. Usando o banheiro deles. Dormindo na cama deles. Estremeço e tento não pensar tão à frente.

O motorista me deixa em frente a uma casa geminada branca de dois andares com uma longa varanda frontal e duas portas idênticas em cada extremidade. O lado direito está coberto com cortinas, protegido de olhares curiosos. Um grande pinheiro lança sombra em parte da varanda, e o solo abaixo dele parece escuro e fresco. O lado esquerdo está vazio, as janelas nuas, revelando cômodos vazios com sancas, uma parede com detalhes em vermelho e piso de madeira. Estou aliviada por não ter que responder às perguntas de um vizinho, querendo saber quem eu sou ou para onde Eva foi.

Procuro as chaves e finalmente encontro a correta, e empurro a porta para abri-la. Dou-me conta, tarde demais, de que pode haver um alarme, e congelo. Mas tudo está em silêncio. O ar cheira a cômodos fechados e um leve traço de algo que oscila entre floral e químico — aparece e desaparece.

Fecho e tranco a porta, passando com cuidado por um par de sapatos que pareciam ter sido tirados há alguns minutos, prestando atenção a qualquer tipo de barulho, qualquer som de outra pessoa. No entanto, apesar da desordem, a casa parece completamente silenciosa.

Deixo minha bolsa perto da porta da frente, caso precise sair rapidamente, e me aproximo para dar uma espiada na cozinha. Está vazia, embora haja uma lata de Coca-Cola Zero aberta na bancada e alguns pratos na pia. Uma porta leva para o quintal, mas está trancada com uma corrente.

Subo lentamente as escadas, atenta. Apenas três cômodos — um banheiro, um escritório e um quarto, com roupas jogadas na cama e no chão como se alguém tivesse saído às pressas. Mas estou sozinha na casa e solto o ar que estava prendendo.

De volta ao andar de baixo, desabo no sofá e inclino a cabeça para a frente, apoiando-a nas mãos, e finalmente permito que os acontecimentos do dia me alcancem. O pânico que senti, seguido pela emoção de ter passado despercebida por todos.

E então penso em Eva em algum lugar no fundo do Oceano Atlântico. Se doeu quando o avião atingiu a água, se os momentos que antecederam o impacto foram longos, cheios de gritos e choro de terror, ou se foram interrompidos pela falta de oxigênio. Respiro fundo várias vezes, tentando me acalmar. *Estou em segurança. Estou bem.* Lá fora, um carro passa pelo bairro silencioso. Ao longe, alguns sinos tocam.

Levanto a cabeça e observo as gravuras abstratas emolduradas na parede e as poltronas macias ao lado do sofá. O cômodo é pequeno, mas aconchegante, os móveis de alta qualidade, mas sem extravagâncias. Exatamente o oposto da casa que acabei de deixar para trás.

Há um sulco bem desgastado na poltrona virada para a televisão, mas o resto dos móveis parece impecável, como se ninguém jamais tivesse se sentado ali. Algo na sala me incomoda, e tento descobrir o que é. Talvez seja o jeito como foi deixada, como se alguém tivesse saído por alguns minutos. Examino o espaço,

tentando descobrir onde poderia ter ficado a cama de hospital do marido dela. Onde os funcionários da clínica poderiam ter contado comprimidos, medido os medicamentos, lavado as mãos. Mas todas as evidências desapareceram. Não há sequer uma marca no carpete.

Contra a parede do fundo, há uma estante repleta de livros, eu me aproximo e vejo títulos sobre biologia e química, com alguns livros didáticos na prateleira mais baixa. *Larguei meu emprego para cuidar dele.* Talvez ela fosse professora em Berkeley. Ou, quem sabe, fosse ele.

Da cozinha vem um zumbido, alto e estridente na casa silenciosa. Quando chego à porta, noto um celular preto na bancada, enfiado entre dois recipientes. Pego-o, confusa, lembrando-me do que Eva usou no aeroporto de Nova York. A notificação de envio é de um daqueles aplicativos de mensagens de texto que desaparecem depois de um determinado tempo, de um contato chamado D.

Por que você não apareceu? Aconteceu alguma coisa?

O telefone vibra na minha mão com outra mensagem, quase me fazendo pular.

Me ligue imediatamente.

Jogo-o de volta na bancada e fico olhando para ele, esperando outra mensagem, mas ele permanece silencioso, e espero que quem quer que seja D tenha terminado de fazer perguntas por hoje.

Aproximo-me da pia e olho pela pequena janela com vista para um minúsculo quintal. Ele é cercado por arbustos e dividido ao meio por um caminho de tijolos que leva a um portão na cerca dos fundos. Imagino Eva parada ali, observando o crepúsculo cair como agora, colorindo as sombras com tons profundos de roxo e azul à medida que o céu vai escurecendo, enquanto seu marido agoniza.

O telefone vibra novamente, o som reverbera pela cozinha vazia, e uma sensação ruim me invade. A casa vazia se oferece a mim, mas não revela nada.

EVA

Berkeley, Califórnia
Agosto
Seis meses antes do Acidente

Eva aguardava por ele do lado de fora do dormitório. Não era o mesmo no qual ela havia morado, há tantos anos, mas um mais novo, com contornos mais suaves e detalhes em madeira escura, como se desejassem que os estudantes se sentissem morando em uma vila italiana em vez de em um alojamento estudantil. Seu olhar percorreu as janelas abertas para captar o ar fresco da manhã, pôsteres de bandas das quais ela nunca tinha ouvido falar estavam colados com a imagem voltada para fora. Do centro do campus, o Campanário bateu a hora, e os estudantes com aulas matinais passavam por ela enquanto permanecia na calçada, encostada em um carro que não lhe pertencia. Ninguém olhava para Eva. Nunca olhavam.

Finalmente, ele apareceu, com a mochila pendurada no ombro e o nariz enfiado no celular. Ele não notou Eva até que ela se aproximou e começou a andar ao lado dele.

— Oi, Brett — disse ela.

Ele olhou para cima, surpreso, e um lampejo de preocupação cruzou seu rosto ao ver quem era. Mas então ele forçou um sorriso e disse:

— Eva. E aí.

Do outro lado da rua, dois homens saíram de um carro estacionado e começaram a caminhar na mesma direção, devagar e em silêncio. Seguindo-os.

Eva começou.

— Tenho certeza de que você sabe por que estou aqui.

Eles atravessaram a rua, passaram por cafeterias e livrarias e contornaram a extremidade sul do campus. Ela se colocou na frente de Brett a fim de impedi-lo assim que chegaram à entrada de um estreito caminho de tijolos que levava à entrada de uma pequena galeria de arte que só abriria às onze horas. Os homens atrás deles também pararam, esperando.

— Olha, Eva — disse Brett. — Sinto muito, mas ainda não tenho seu dinheiro. — Enquanto falava, ele examinava os rostos das poucas pessoas na rua àquela hora da manhã, procurando por um amigo. Alguém que pudesse intervir e ajudá-lo. Mas Eva não estava preocupada. Para qualquer um que olhasse, Brett era apenas um estudante conversando com uma mulher na calçada.

— Foi o que você disse da última vez — falou Eva. — E da vez anterior.

— São meus pais — explicou Brett. — Eles estão se divorciando. Cortaram minha mesada pela metade. Mal consigo comprar uma cerveja.

Eva inclinou a cabeça em sinal de solidariedade, como se pudesse compreender um problema como aquele. Como se não tivesse sido forçada a viver com um valor mínimo em seus três curtos anos em Berkeley, tendo que guardar comida extra do refeitório para sobreviver aos finais de semana prolongados. Ninguém lhe dava mesada. Comprar cerveja jamais esteve na longa lista de preocupações de Eva.

Ela pressionou.

— Que história triste. Infelizmente, não é problema meu. Você me deve seiscentos dólares e estou cansada de esperar.

Brett ajeitou a mochila mais para cima no ombro e observou um ônibus descer ruidosamente a rua, seguindo-o com o olhar.

— Eu vou conseguir. Juro. Só... vai demorar um pouco.

Eva enfiou a mão no bolso e tirou um chiclete, desembrulhou-o com cuidado e o colocou na boca, mastigando lentamente, como se estivesse pensando sobre o que ele havia dito. Os homens que os seguiam perceberam o sinal de Eva e começaram a se aproximar.

Brett reparou neles quase que imediatamente. Percebeu o propósito em seus passos, percebeu que ele e Eva eram o destino. Ele deu um passo para trás, como se fosse correr, mas os homens rapidamente diminuíram a distância e o cercaram.

— Ai, meu Deus — ele sussurrou, com os olhos arregalados de medo e pânico. — Eva. Por favor. Juro que vou te pagar. Eu *juro*. — Ele, então, começou a recuar, mas Saul, o maior dos dois homens, colocou a mão no ombro de Brett a fim de detê-lo. Eva podia ver seus dedos grandes apertando-o, e Brett começou a chorar.

Ela recuou lentamente em direção à rua, sua parte estava terminada. Mas os olhos de Brett a detiveram, silenciosamente implorando para que ela mudasse de ideia, e Eva hesitou. Talvez fosse o modo como a luz da manhã incidia sobre eles, o toque do outono insinuando-se no ar, lembrando-a de um novo semestre, com novas aulas e novas coisas para aprender. Lembrando-a de uma vida que ela um dia amou e que ainda não havia sido arrancada dela.

Ou talvez fosse a aparência jovem de Brett. O jeito como ele choramingava, a espinha vermelha brilhante na testa, os pelos do rosto ainda finos e ralos. Ele era apenas uma criança. E ela se lembrou de que também já tinha sido uma. Que também cometera erros. Que implorou por outra chance.

Ninguém lhe deu essa chance.

Ela deu um passo para trás, permitindo que os homens conduzissem Brett pela passarela, para longe da calçada.

Uma voz a assustou por trás.

— Tinha que ser feito.

Dex.

Ele saiu da porta escura de uma loja fechada e acendeu um cigarro, fazendo um gesto para que ela caminhasse com ele. Atrás deles, ouviu-se o som de punhos batendo em carne, os gritos de Brett, implorando por socorro. Então, um golpe particularmente forte — talvez um chute no estômago, ou sua cabeça sendo batida contra a parede — e mais nenhum outro som veio de Brett.

Eva manteve o olhar firme, sabendo que Dex a estava observando.

— O que você está fazendo aqui?

Ele deu de ombros, tragando o cigarro.

— Sei que você não gosta desta parte. Pensei em passar por aqui para ver como você está.

Uma mentira? A verdade? Com Dex era difícil saber, mas Eva havia aprendido ao longo dos anos que Dex não saía da cama tão cedo, a menos que seu chefe, Fish, lhe dissesse para fazer isso.

— Estou bem — respondeu ela.

Juntos, eles subiram a colina em direção ao estádio, passando por outra cafeteria, cujo toldo branco cobria um pátio com mesas vazias e cadeiras ainda empilhadas em um canto. O interior estava lotado de professores e funcionários da universidade tomando seu café da manhã antes de irem para o trabalho. Do lado de fora, um pedinte estava sentado em uma cadeira de rodas tocando gaita. Eva jogou uma nota de cinco dólares para ele.

— Deus a abençoe — agradeceu o homem.

Dex revirou os olhos.

— Coração mole.

— Karma — corrigiu Eva.

Eles pararam no topo da colina, do lado de fora da International House, e Dex olhou para além dela em direção à baía, como se estivesse admirando a vista, e ela seguiu o olhar dele. Os dois homens haviam saído da passarela e seguiam para oeste, em direção à Telegraph Avenue. Não havia sinal de Brett, a quem eles provavelmente haviam deixado em uma poça de sangue. O dono da galeria o encontraria em algumas horas e chamaria a polícia. Ou talvez Brett conseguisse se levantar e voltar cambaleando para o dormitório. Nada de aulas para ele hoje.

Quando os homens desapareceram de vista, Dex se virou para ela e lhe entregou um pequeno pedaço de papel.

— Cliente nova — disse ele.

Brittany. 16h30, Tilden.

Eva revirou os olhos.

— Nada diz “filha dos anos noventa” como o nome Brittany. Como você a encontrou?

— Indicação de um cara que conheço em Los Angeles. O marido dela acabou de ser transferido para cá.

Eva parou de repente.

— Ela não é estudante?

— Não. Mas você não precisa se preocupar — ele garantiu. — Ela é legítima. — Ele jogou o cigarro no chão e o esmagou com o sapato. — Vejo você hoje à tarde, às três.

Ele desceu a colina de volta, sem esperar pela confirmação dela. Não era necessário. Nos doze anos em que trabalhara com Dex, ela jamais faltou a uma reunião. Ela o observou até que ele atravessasse a passarela, ainda sem sinal de Brett, então virou para o norte, na direção de casa.

Ao atravessar o centro do campus, lembranças antigas começaram a emergir. O fim do verão em Berkeley. O próprio ritmo da vida de Eva, tão profundamente ligado ao vai e vem da universidade, agora parecia em desequilíbrio, puxado para o lado por Dex, enquanto ela se perguntava qual seria o verdadeiro propósito dele em se juntar a ela naquela manhã.

Atrás dela, Eva ouviu alguém dizer:

— Com licença.

Ela ignorou e atravessou uma pequena ponte sobre um riacho que serpenteava pelo centro do campus.

— Com licença — repetiu a voz, mais alto.

Uma jovem, caloura pela aparência, usando calça jeans skinny, botas e o que parecia ser uma mochila nova, parou na frente de Eva, ofegante.

— Você pode me dizer onde fica o Campbell Hall? Estou atrasada. É o meu primeiro dia e perdi a hora... — Ela parou de falar enquanto Eva olhava fixamente para a garota, de olhos tão brilhantes, com tudo ainda pela frente.

Outro Brett, que ainda não aconteceu. Quantos meses levaria para que a pressão de Berkeley começasse a quebrar essa garota ao meio? Quanto tempo até

sua primeira reprovação na prova, ou sua primeira nota C em um trabalho? Eva imaginou alguém deslizando um pedaço de papel com o nome e o número de Dex por uma mesa de madeira na biblioteca. Quanto tempo até Eva encontrá-la do lado de fora do Campbell Hall?

— Você sabe onde fica? — perguntou a garota novamente.

Eva estava de saco cheio de tudo aquilo.

— *No hablo inglés* — respondeu, fingindo não saber falar seu idioma, querendo apenas se livrar daquela garota e de suas perguntas.

A garota se afastou, surpresa. Eva, então, passou por ela e seguiu pelo caminho. Que outra pessoa a ajudasse. Eva não estava pronta para isso naquele momento.

* * *

O aparecimento inesperado de Dex naquela manhã ainda a incomodava, mesmo várias horas depois, enquanto ela estava na pia da cozinha, lavando a louça. Ao girar um copo sob a água quente, ele escorregou de seus dedos e se estilhaçou, espalhando cacos por toda a pia de porcelana.

— Merda — resmungou ela, fechando a torneira e secando as mãos em um pano de prato antes de cuidadosamente recolher os pedaços maiores e jogá-los no lixo. Ela podia sentir as coisas se reorganizando e mudando, do mesmo modo que os animais podem sentir um terremoto, pequenos tremores nas profundezas da crosta terrestre, alertando-a para ficar atenta. Buscar segurança.

Ela pegou algumas toalhas de papel e varreu o resto antes de verificar o temporizador que havia trazido do porão. Faltavam cinco minutos.

Jogou sua lata vazia de Coca-Cola Zero na reciclagem e olhou pela janela da cozinha que tinha vista para o quintal. Os arbustos verdes e as rosas estavam crescidos demais e precisavam de poda. No canto mais distante, ela avistou um gato, agachado e imóvel, debaixo de um arbusto baixo, com os olhos fixos em um pequeno pássaro chapinhando água de uma poça à sombra que havia sido deixada pelos irrigadores matinais. Eva prendeu a respiração e observou, silenciosamente desejando que o pássaro olhasse ao redor e deixasse o perigo do quintal para trás.

De repente, o gato deu o bote. Numa agitação silenciosa de asas e penas, ele agarrou o pássaro, derrubando-o no chão e atordoando-o com alguns golpes rápidos. Eva observou o gato se afastar de fininho, carregando o pássaro na boca e sentiu como se o universo estivesse lhe enviando algum tipo de mensagem. O único problema era que ela não sabia se era o gato ou o pássaro.

O temporizador tocou, tirando Eva de seu devaneio. Ela olhou para o relógio no fogão e, em seguida, olhou mais uma vez pela janela, para o quintal agora vazio, exceto por algumas penas espalhadas na calçada de tijolos.

Ela se afastou da bancada com um leve empurrão, passou pela estante de rodinhas cheia de coisas que ela nunca usava, um recurso para ocultar a porta que ficava escondida atrás dela, e desceu até o porão para terminar o que estava fazendo.

CLAIRE

Terça-feira, 22 de fevereiro

A casa de Eva está tão silenciosa que sinto como se estivesse me observando, esperando para ver se vou revelar quem sou e por que estou aqui. Quando abro a geladeira, a prateleira de cima está repleta de latas de Coca-Cola Zero e não muito mais, apenas uma embalagem de comida para viagem enfiada de qualquer jeito lá no fundo.

— Alguém quer Coca Zero? — murmuro antes de fechá-la novamente e meu olhar deslizar pelas prateleiras que revestem uma parede, cheias de livros de receitas e tigelas, até os armários à esquerda da pia. Começo a abri-los, e eles vão revelando copos, pratos e tigelas, até que finalmente encontro onde Eva guardava seus alimentos secos. Biscoitos Ritz e uma Coca-Cola Zero terão que ser suficientes para esta noite.

Após comer o suficiente para acalmar meu estômago, volto para a sala de estar. O relógio na parede marca seis horas. Pego o controle remoto, tentando não pensar em Eva e em seu marido, aconchegados sob um cobertor assistindo a um filme ou sentados em um silêncio amigável, navegando em seus celulares, e examino o ambiente em busca de evidências de um casamento feliz. Fotografias. Lembranças de férias. Mas nada disso está visível.

Encontro o botão liga/desliga e passo pelos canais, parando finalmente na CNN.

A tela mostra um plano fechado do aeroporto de Nova York, com a inserção de uma imagem da equipe de busca e resgate, um barco da Guarda Costeira balançando, cercado por águas escuras iluminadas por holofotes. Aumento o volume. Kate Lane, comentarista política e apresentadora do programa *Politics*

Today, está falando, com a voz baixa e sombria, quando a tela se enche com uma imagem minha e de Rory em um evento de gala no ano passado. Meu cabelo está preso em um coque francês elaborado, e eu estou sorrindo para a câmera, com o rosto coberto por uma pesada maquiagem. A voz de Kate Lane diz:

— As autoridades confirmaram que a esposa do filantropo Rory Cook, filho da senadora Marjorie Cook e diretor executivo da Cook Family Foundation, estava viajando para Porto Rico em uma missão humanitária e era uma passageira confirmada do Voo 477.

Em seguida, minha foto é substituída por uma imagem ao vivo do exterior do aeroporto, com o foco da câmera no que parece ser uma área restrita atrás de grandes janelas de vidro.

— Representantes da Vista Airlines irão se reunir com familiares esta noite, enquanto na costa da Flórida, equipes de busca e resgate trabalham até tarde da noite. Autoridades do NTSB foram rápidas em descartar terrorismo como causa do acidente, citando o clima instável e o fato de que essa aeronave em particular havia sido retirada de serviço há apenas quatro meses.

A câmera aproxima a imagem para mostrar pessoas se abraçando e chorando, consolando umas às outras. Aproximo-me da televisão, forçando os olhos para ver se Rory está lá. Mas eu não precisava ter me dado ao trabalho. Como se tivesse sido combinado, a cena corta para uma fileira de microfones, e Rory emerge da sala, posicionando-se atrás deles.

— Fui informada de que ouviremos uma breve declaração do sr. Cook em nome das famílias.

Pauso a TV e o observo. Ele está vestindo uma calça jeans cara e uma de suas camisas sociais num tom de azul que fica bem nas câmeras. Seu rosto, no entanto, está marcado pela tristeza, seus olhos estão vazios e vermelhos. Sento-me sobre os calcanhares, perguntando-me se ele está realmente arrasado ou se tudo isso é uma encenação elaborada, se, por abaixo da superfície, ele está furioso, certamente já tendo descoberto a verdade a esta altura.

Deixando a TV pausada, pego meu computador da bolsa e subo as escadas de dois em dois degraus até o escritório de Eva. O roteador de internet pisca suas luzes verdes em um canto da mesa e eu o viro, encontrando a senha na parte de trás, rezando para que ela nunca tenha se dado ao trabalho de alterá-la. Tento três vezes até acertar a senha com um nome de rede, mas consigo acesso.

Clico na janela que abri ontem à noite e dou uma olhada rápida na caixa de entrada de Rory enquanto ele está na TV ao vivo. Há várias mensagens de Danielle, com cópias dos e-mails que ela enviou esta manhã, informando ao hotel de Detroit que Rory usará minha reserva e à escola que Rory seria o responsável pelo evento.

Há também uma troca de mensagens entre Bruce e Rory, logo após a notícia do acidente.

> Acho que precisamos adiar o anúncio.

A resposta de Rory foi breve.

> De jeito nenhum.

Mas Bruce não se deixou dissuadir.

> Considere a imagem pública. Sua esposa acabou de falecer. Não há como você fazer o anúncio na próxima semana. Isso é loucura. Deixe que o NTSB recupere o corpo. Realize o funeral. Só então faça o anúncio. Diga a eles que é o que Claire teria desejado.

Mesmo que não me surpreenda, o fato de eles estarem preocupados com o anúncio do Senado em um momento como este ainda dói. Apesar dos nossos problemas, apesar do seu temperamento, sei que Rory me amava, à sua maneira imperfeita. Mas, no fundo, há uma pequena satisfação, a de que eu estava certa em decidir me afastar agora. Pois, se tivesse que escolher, Rory jamais teria me escolhido em detrimento da sua própria ambição.

Abro uma nova guia e pesquiso no Google "Petra Federotov". Aparece uma longa lista do que parecem ser catálogos de arte, com gráficos coloridos e nomes que não consigo pronunciar. Página após página deles. Altero minha busca para "número de telefone de Petra Federotov", e a lista fica um pouco mais longa — uma pizzaria em Boston, links para sites que oferecem softwares de localização de pessoas por uma taxa de trinta dólares. Mas tenho certeza de que Nico se certificou de que as informações deles fossem apagadas desses bancos de dados e, provavelmente, também da internet.

Deixo meu computador aberto e volto para o andar de baixo, onde Rory ainda está congelado na tela, com o braço prestes a afastar uma mecha de cabelo que caiu sobre sua testa. Em outra vida, eu teria estendido a mão para retirá-la, com um toque gentil e amoroso. Olho para o rosto dele, lembrando-me de como era amá-lo. Dos primeiros dias, quando ele me buscava na casa de leilões e me surpreendia com um jantar no Le Bernardin ou um piquenique no parque em um dia de verão. Seu sorriso maroto ao conseguir nos fazer entrar em uma boate pela porta dos fundos, a maneira terna como ele acariciava o canto do meu lábio com o polegar, logo antes de me beijar.

Aquelas memórias não estão perdidas, apenas enterradas. Talvez um dia eu consiga resgatá-las. Segurá-las na mão e examiná-las objetivamente, guardando as boas e descartando as demais.

Aperto o botão de *Play*. Rory limpa a garganta e diz:

— Esta manhã, como muitas das famílias que estão atrás de mim, dei um último beijo de despedida na minha esposa, Claire. — Ele faz uma pausa, respira fundo e com dificuldade antes de continuar, com a voz embargada e trêmula pelo que acabou de dizer. — O que deveria ser uma viagem humanitária a Porto Rico se transformou em um pesadelo para mim e para as famílias dos outros 95 passageiros do Voo 477. Tenham certeza de que não descansaremos até obtermos respostas, até entendermos completamente o que aconteceu de errado. — Ele engole em seco e cerra o maxilar. Quando olha novamente para a câmera, seus olhos brilham mais intensamente, cheios de lágrimas que correm pelas bordas dos

olhos e escorrem pelo rosto. — Não sei o que dizer, além de que estou devastado. Em nome das famílias, agradecemos suas mensagens e orações.

Repórteres dirigem perguntas para Rory, mas ele se afasta das câmeras, ignorando-os. Penso em como ele consegue mentir sem fazer esforço. Ele não me deu um beijo de despedida. Ele nem sequer se despediu. E percebo que, agora que estou morta, Rory pode contar a história que quiser sobre mim e sobre nosso casamento. Não há mais ninguém para refutá-la.

A cena diminui para um quadro, e vemos Kate Lane novamente, com seu familiar cabelo curto grisalho e óculos de armação preta preenchendo a tela. Eu a conheci há vários anos, quando ela estava entrevistando Rory para a matéria que estava fazendo a respeito do legado de Marjorie Cook, e eu me lembro de ter ficado impressionada com a frieza com que ela tratou Rory. Ela sorria e ria nos momentos certos, mas eu senti que uma parte dela o observava, como se estivesse distante. Examinava todas as suas facetas brilhantes e extravagantes e concluiu que não eram reais.

Sua expressão agora está sombria e firme.

— O sr. Cook é um convidado frequente deste programa, e eu, juntamente com todos os demais do *Politics Today*, expressamos nossas mais profundas condolências à família Cook e a todas as famílias atingidas pela tragédia de hoje. Tive a sorte de me encontrar com a sra. Cook em diversas ocasiões e sempre soube que ela era uma mulher inteligente e generosa, uma defensora incansável da Cook Family Foundation. Ela fará muita falta. — Na imagem inserida acima do ombro dela, um homem aparece na fileira de microfones que Rory acabou de deixar, e Kate diz: — Parece que o diretor do NTSB vai responder a algumas perguntas. Vamos ouvir.

A multidão de repórteres começa a gritar as suas perguntas, mas eu silencio o barulho desligando a televisão e, olhando para o contorno fraco do meu reflexo na tela escura, me pergunto o que acontecerá em seguida.

* * *

Levo minha bolsa para cima e entro no quarto principal, empurro para o lado uma pilha de roupas abandonadas sobre a cama — uma calça de moletom e uma camiseta — e me sento. Uma cômoda de madeira escura, com gavetas bem fechadas e uma porta de armário entreaberta, revela um amontoado de roupas lá dentro. E é aí que me dou conta: Eva nunca mais vai rir, chorar ou se surpreender. Ela não vai envelhecer, com dores nos quadris ou nas costas. Nunca mais vai perder as chaves ou ouvir o som dos pássaros pela manhã.

Ontem ela estava aqui, um coração que batia, ainda que aos pedaços, uma mente com segredos e desejos que ela guardava para si mesma. Mas, hoje, todas as memórias que ela acumulou ao longo da vida haviam desaparecido. Simplesmente não existem mais.

E quanto a mim? Claire Cook também se foi, elevada nas memórias daqueles que me conheceram, não mais caminhando entre os vivos. No entanto, eu ainda posso carregar tudo o que me pertencia. Minhas alegrias, dores, lembranças de pessoas que amei. Tenho uma sensação de privilégio que não mereço. O privilégio de poder manter tudo isso comigo, e Eva não.

Pressiono os punhos contra os olhos, tentando conter meus pensamentos dispersos, que saltam de um momento para outro: a empregada desfazendo minha mala; o telefonema para o hotel em Detroit; a voz de Petra ao telefone no JFK. E Eva na cabine do banheiro, entregando-me sua bolsa, acreditando que eu era a solução para seus problemas, assim como eu acreditava que ela era a solução para os meus.

Preciso dormir, mas acho que não consigo me forçar a levantar as cobertas e me deitar na cama. Pelo menos não esta noite. Em vez disso, pego o cobertor e um travesseiro e os levo até o sofá no andar de baixo. Tiro os sapatos e me acomodo, novamente ligando a TV para me fazer companhia. Pulo os canais de notícias até encontrar um canal que esteja exibindo reprises de *I Love Lucy* e deixo as risadas gravadas me conduzirem ao sono.

* * *

Sou arrancada do sono pelo som da voz de Rory, falando baixinho no meu ouvido. Pulo do sofá, com a sala escura tremeluzindo sob a luz azul da tela da televisão, confusa e desorientada, esquecendo-me por um instante de onde estou e do que aconteceu.

Então, eu o vejo na tela da TV, menor do que na vida real, mas não menos aterrorizante. Na verdade, é uma reprise da coletiva de imprensa. Desabo no sofá novamente, tateando em busca do controle remoto para desligar o aparelho, deixando os sons da casa de Eva — o zumbido baixo da geladeira, um gotejamento suave da torneira da cozinha — desacelerarem meu coração. Lembrando a mim mesma que não há como Rory saber onde estou.

Olho fixamente para o teto, observando as sombras da luz da rua dançarem sobre ele, e percebo como será difícil desaparecer. Não importa onde eu me esconda ou que nome eu use. Toda vez que eu ligar a televisão, abrir um jornal ou folhear uma revista, Rory ainda estará lá, à espreita, esperando para saltar sobre mim. Ele jamais irá embora.

EVA

Berkeley, Califórnia
Agosto
Seis meses antes do Acidente

As mãos de Eva se moviam automaticamente sob as luzes brilhantes, enquanto, no alto, o ventilador zumbia, um ruído branco que entorpecia seus sentidos, expelindo para o quintal o ar do seu laboratório que fica no porão. Ela não conseguia esquecer a imagem daquele gato, do quão silenciosamente ele ficou esperando, do quão rapidamente as coisas haviam terminado para o pássaro.

Ela balançou a cabeça e se obrigou a se concentrar. Precisava terminar aquele lote antes do meio-dia. Encontraria Dex às três para entregar a parte de Fish e, logo depois disso, encontraria a nova cliente.

Ela mediu os ingredientes, pesando e ajustando tudo cuidadosamente, e sentiu-se relaxar. Mesmo depois de todos esses anos, depois de tudo o que havia acontecido, ainda era mágico o fato de poder combinar substâncias, adicionar calor e criar algo totalmente novo.

Ela levou a mistura ao fogão de acampamento até obter uma consistência espessa e pastosa, agora sem mais o cheiro acre e químico que queimava o interior do seu nariz e grudava em seus cabelos e roupas, mesmo muito tempo depois de ter terminado. Por causa disso, investiu em loções e xampus caros, os únicos que conseguiam disfarçar o cheiro do que ela preparava.

Quando estava pronto, despejou o líquido nos moldes para comprimidos e ajustou o temporizador de novo. Usando vários remédios para tosse e resfriado misturados com alguns itens domésticos comuns, o que ela preparou era algo semelhante ao Adderall. Contudo, seu preparo era muito mais seguro, pois evitava

a natureza explosiva da maioria das metanfetaminas. O resultado era um comprimido minúsculo, simples de produzir, com um efeito poderoso que mantinha alunos medíocres como Brett acordados e com a mente afiada por horas a fio.

Quando terminou, lavou o equipamento na pia que fica no canto, colocando-o na máquina de lavar louça portátil que ela havia comprado vários anos antes. A voz de seu professor de química ecoava através dos anos: *Um laboratório limpo é a marca de um verdadeiro profissional*. Ela era uma profissional por definição, mas ninguém viria até ali para verificar se ela estava seguindo o protocolo padrão de laboratório. Ela limpou as bancadas, certificando-se de que nenhum vestígio de seu trabalho — ou dos ingredientes que ela havia comprado por toda a área da baía — fosse deixado à vista de olhares curiosos.

Não que alguém fosse até ali. Há muito tempo, ela descobriu que a melhor maneira de esconder a porta daquela velha lavanderia era colocando uma prateleira na frente dela. Do lado de fora, você jamais saberia que ela estava lá. Com pelo menos um metro e oitenta de altura e um fundo sólido, as prateleiras estavam cheias de utensílios de um chef amador — livros de receitas, tigelas, recipientes para farinha e açúcar, e vários porta-utensílios grandes abarrotados de espátulas e colheres enormes que Eva nunca usava. Ela se movia pelo mundo de modo semelhante — aparentando ser uma garçonete sem graça, de trinta e poucos anos, que trabalhava duro para sobreviver, morava em um duplex em North Berkeley e dirigia um Honda de quinze anos. Quando, na realidade, ela era o oposto. Era a única responsável por manter os alunos de Berkeley acordados e no caminho certo para se formarem em quatro anos. E lidando rapidamente com aqueles que causavam problemas.

Pegando o temporizador da bancada, ela subiu as escadas do porão e apagou a luz e o ventilador. O silêncio a envolveu, e ela parou na cozinha, esperando que os sons da vizinhança se instalassem no espaço entre seus ouvidos.

Na casa ao lado, ela ouviu sua nova vizinha, uma mulher mais velha com cabelos brancos e curtos, destrancando a porta da frente. Quando ela se mudou,

algumas semanas antes, Eva percebeu que ela queria ser amigável. Seus olhos ficavam fixos em Eva e, embora Eva fosse educada, com cumprimentos de uma ou duas palavras, ela podia sentir o olhar da mulher, pesado e à espera de uma interação mais profunda.

O sr. Cosatino, um idoso que morava ali desde sempre, tinha sido muito mais fácil. Eles só se falaram uma vez, no ano passado, quando ela pagou-lhe em dinheiro para comprar sua metade do duplex. Ela se perguntou o que teria acontecido com ele, se havia ficado doente ou morrido. Um dia ele estava lá e, no dia seguinte, havia sumido. E agora havia essa mulher, com seus sorrisos amigáveis e contato visual.

Eva deixou a estante de livros de lado e subiu os degraus dois a dois, até seu escritório em casa. Era um cômodo minúsculo com vista para o jardim da frente, o qual ela não usava muito, exceto para pagar contas e guardar seus casacos de inverno. Mas ela o decorou como o resto da casa — tons quentes de amarelo e vermelho, bem diferentes das paredes cinza institucionais do orfanato onde havia crescido. Eva escolheu cada peça — a escrivaninha de pinho, o tapete vermelho-escuro, a mesinha e o abajur que ficavam sob a janela — como um antídoto para a frieza que havia se instalado dentro dela quando criança.

Ela se acomodou em frente ao laptop, abriu a página de login do Banco de Singapura e inseriu as informações da sua conta. Ela era diligente na verificação de seus saldos, observando o número aumentar consistentemente nos últimos doze anos, passando de cinco para seis dígitos e, por fim, para confortáveis sete. O distrito financeiro de São Francisco estava cheio de homens atraentes que sabiam como contornar a lei para atender a seus propósitos, e foi fácil encontrar um advogado tributário que estivesse disposto a abrir uma LLC[1] falsa, que soubesse quais bancos no exterior fariam vista grossa sem fazer muitas perguntas, e que pudesse ajudá-la a direcionar sua renda ilegal para algum lugar seguro.

Em algum momento, ela teria que parar. Ninguém poderia fazer isso para sempre. E quando esse momento chegasse, ela compraria uma passagem de avião para algum lugar distante e simplesmente desapareceria. Deixaria tudo para trás. A

casa. Suas coisas. Suas roupas. Dex e Fish. Abandonaria essa vida como uma pele velha, emergindo renovada. Melhor. Ela já havia feito isso antes e faria de novo.

* * *

Quando os comprimidos ficaram prontos, ela os retirou dos moldes e os colocou em sacos separados. Embrulhou os que eram para Dex em papel azul, amarrou uma fita em volta deles e dirigiu até o parque, em North Berkeley, onde eles deveriam se encontrar. Ao longo dos anos, ela havia aprendido a ser invisível, a passar despercebida pelas camadas do mundo exterior, como se fosse apenas uma mulher passeando ou encontrando uma amiga no parque com um presente lindamente embrulhado. Não era um trabalho difícil, se você fosse inteligente. E Eva sempre foi mais inteligente do que a maioria.

Ela o encontrou sentado a uma mesa de piquenique com vista para um parquinho pequeno e sujo. Crianças pequenas estavam espalhadas pelos brinquedos, cada uma sob o olhar de um dos pais ou de uma babá. Eva parou, ainda fora do campo de visão de Dex, e observou as crianças. Poderia ter sido ela, se sua mãe tivesse sido uma pessoa diferente. Talvez ela tivesse levado Eva a um parque como aquele para extravasar depois da escola ou para passar algumas horas no fim de semana. Ao longo dos anos, Eva tentou buscar na memória uma imagem, qualquer lembrança do curto período em que viveu com sua família biológica, mas seus dois primeiros anos estavam em branco.

Quando criança, imaginou-os tantas vezes e de tantas maneiras que as imagens quase pareciam memórias reais. Sua mãe, com longos cabelos loiros, olhando para Eva por cima do ombro, rindo. Seus avós, velhos e frágeis, preocupados com a filha rebelde, juntando cada centavo a fim de pagarem mais uma internação na clínica de reabilitação. Uma família tranquila com um enorme problema. Ela tentava sentir algo por eles, mas se sentia distante, como uma lâmpada desconectada. Não havia energia por trás. Nenhuma conexão. Nenhuma luz.

Mães e filhas, no entanto, sempre chamavam a atenção de Eva, prendendo-a como uma unha afiada, arranhando-a em lugares que deveriam ter cicatrizado há

muito tempo.

Ela sabia apenas duas coisas sobre sua mãe: que seu nome era Rachel Ann James e que ela havia sido viciada em drogas. A informação havia chegado de modo inesperado em uma carta da irmã Bernadette, no segundo ano de faculdade de Eva. A página estava preenchida com sua precisa caligrafia cursiva, tão familiar que a tomou e a levou de volta no tempo para a garota que ela um dia havia sido.

Parecia uma intrusão, respostas a perguntas que ela havia desistido de fazer há muito tempo, chegando de repente à sua caixa de correio. Justamente quando ela começava a sentir que conseguiria superar quem sempre fora.

Eva não tinha ideia de onde aquela carta estava agora. Jogada em uma caixa ou enterrada em uma gaveta. Era mais fácil fingir que parte de sua vida jamais existiu, a apenas alguns quilômetros de distância, em São Francisco, e que ela havia surgido, totalmente formada, no dia em que começou a estudar em Berkeley.

* * *

Ela se forçou a retirar o olhar das crianças e caminhou os últimos metros até onde Dex estava sentado.

— Feliz aniversário — disse ela, entregando-lhe o pacote de comprimidos.

Ele sorriu e o guardou dentro do casaco.

— Não precisava se incomodar.

Ela se sentou ao lado dele no banco, e, juntos, ficaram observando as crianças brincarem — pulando do escorregador, correndo atrás umas das outras nos balanços —, demoraram-se ali um pouco, apenas dois amigos aproveitando o sol. O mantra de Dex há tantos anos tinha agora se tornado a rotina deles: *Você só parece um traficante se você se comportar como um*.

— Realizei minha primeira transação sozinha neste parque — disse Eva, apontando para o estacionamento. — Quando cheguei aqui, havia dois carros de polícia estacionados na calçada, e os policiais estavam parados ao lado deles, como se estivessem me esperando.

Dex se virou para ela.

— O que você fez?

Eva relembrou aquele dia, como havia ficado assustada, como seu pulso acelerou e sua respiração ficou ofegante ao vê-los, uniformizados, com suas armas, cassetetes e distintivos brilhantes.

— Me lembrei do que você me disse, sobre como eu precisava andar com confiança, como precisava manter o olhar fixo à frente e não hesitar.

Eva se lembrou de passar pelos policiais, cruzar o olhar com eles por um breve segundo e sorrir apesar do medo, antes de seguir em direção ao parquinho, onde uma estudante do terceiro ano de direito iria encontrá-la.

— Imaginei que eu era alguém que trabalhava em um escritório sem janelas, vindo aqui para tomar um pouco de sol e ar fresco na minha hora de almoço.

— As vantagens de ser mulher.

Eva não achava que fosse uma grande vantagem, mas sabia o que ele queria dizer. Pessoas com a aparência dela não produziam nem vendiam drogas. Eram professoras ou caixas de banco. Eram babás ou mães de alguém. Ela se lembrou do momento em que entregou as drogas e embolsou seus primeiros duzentos dólares, como tudo foi estranho. Ela não tinha nenhum jeito para aquilo, toda a transação foi silenciosa e forçada. Ela se recorda de estar indo embora e pensar: *Acabou. Sou uma traficante*. E de sentir que a pessoa que ela estava começando a se tornar havia morrido.

Mas ela havia superado tudo aquilo. Havia abraçado o que sua vida havia se tornado. Uma parte dela estava livre; livre de todos aqueles anos conformando-se às expectativas dos outros. Disseram-lhe que a vida era uma trilha de linha reta. Se trabalhássemos duro, coisas boas aconteceriam. Mas ela sempre soube que era mais como um fliperama, descontrolado e acelerado. A emoção estava no inesperado. Na liberdade de criar seu próprio destino. Sua vida tinha virado uma merda, e ainda assim ela tinha feito algo com aquilo. E aquilo foi algo realmente extraordinário.

Dex interrompeu seus pensamentos.

— Às vezes me arrependo de ter envolvido você nisso. Achei que estava ajudando, mas... — E não disse mais nada.

Eva pegou uma lasca da mesa e a segurou entre os dedos, estudando a madeira antes de jogá-la no chão.

— Estou feliz — disse ela. — Não tenho do que reclamar.

E, em grande parte, isso era verdade. Ela olhou para Dex, aquele que havia entrado nos destroços de sua vida e a tirado de lá. Tinha sido ideia de Wade Roberts fabricar drogas no laboratório de química, em seu primeiro ano de faculdade. Mas Eva era quem tinha habilidade para isso. Foi ela quem disse "sim" quando deveria ter dito "não".

Ela se esforça ao máximo para não pensar naquele dia na sala do reitor, em como Wade havia escapado de tudo e voltado para sua vida encantada, marcando touchdowns e seduzindo garotas burras demais para saberem o que era melhor para elas.

Depois que a acompanharam para fora do prédio, após ter arrumado suas malas e entregado a chave do dormitório, o pânico tomou conta dela, de modo profundo e paralisante. Ela não tinha ninguém a quem recorrer, nenhum lugar para ir. E então Dex apareceu, aproximando-se dela enquanto ela estava parada na calçada do lado de fora do dormitório, da mesma forma que havia se aproximado de Brett naquela manhã.

Na época, ela conhecia Dex apenas como alguém que andava com Wade e seus amigos, alguém de cabelos escuros e impressionantes olhos cinzentos. Ele não era aluno, e Eva jamais conseguiu entender como ele se encaixava ali. Assim como ela, ele raramente falava, mas observava tudo.

— Fiquei sabendo do que aconteceu — disse ele. — Sinto muito.

Ela desviou o olhar, envergonhada por ter sido tão ingênua. Por ter sido tão facilmente manipulada por Wade. E por ele ter se safado, e ela ter sido expulsa.

Dex olhou por cima do ombro para algum objeto invisível e falou:

— Olha, você está numa merda. Mas acho que posso te ajudar.

Ela enfiou as mãos nos bolsos para se proteger da noite fria de outono.

— Duvido.

— Você tem uma habilidade que eu acho que pode beneficiar a nós dois.

Ela balançou a cabeça.

— Do que você está falando?

— As drogas que você produzia eram ótimas. Conheço um cara que pode te arranjar o equipamento e os suprimentos para você continuar fabricando. O químico dele está saindo do negócio e ele precisa de alguém imediatamente. É uma ótima oportunidade, se você quiser. Totalmente segura. Você produz as drogas, e ele te deixa ficar com metade para vender por conta própria. Você pode ganhar mais de cinco mil dólares por semana. — Dex riu, e um som amargo ecoou no ar ao redor deles. — Uma escola como esta sempre precisa de estimulantes. Pequenos comprimidos que vão ajudar esses jovens a passarem na próxima prova, na próxima disciplina, seja lá o que for. — Ele apontou para um grupo de estudantes que passavam por eles a caminho do próximo bar ou festa, já bêbados, rindo e se achando o máximo. — Eles não são como você ou eu. Pegam o dinheiro do papai, ou o dinheiro do doador, e acham que nada pode tocá-los.

Ele olhou nos olhos de Eva, e ela sentiu uma centelha de esperança. Dex estava lhe oferecendo uma tábua de salvação, e ela seria estúpida se não a aceitasse.

— Como? — perguntou ela.

— Tenho um lugar aqui perto — disse ele —, com um quarto extra onde você pode ficar por um tempo. Eu ajudo você, você me ajuda.

— Como eu estaria te ajudando?

— Você é exatamente o tipo de pessoa que meu chefe está procurando. Inteligente e fora do radar de todos.

Eva queria dizer não, mas estava quebrada. Não tinha onde morar. Não possuía qualquer habilidade para conseguir um emprego. Ela se imaginou jogando a mochila no ombro e indo para a Telegraph Avenue, colocando-se entre os outros mendigos, implorando por dinheiro. Ou voltando a St. Joseph, com o peso da decepção da irmã Bernadette e com o aceno seco da irmã Catherine, como se sempre soubessem que Eva se tornaria como a mãe.

Eva sempre foi uma sobrevivente. Mas era fácil não ter medo quando já se havia perdido tudo.

— Me diz o que tenho que fazer.

* * *

A voz de Dex a trouxe de volta ao presente.

— Alguns de nós vamos à cidade hoje à noite para ouvir uma banda nova, a Arena, tocar. Vem conosco.

Eva lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Eu passo.

— Vamos lá, vai ser divertido. Eu pago todas as suas Coca-Cola Zero da noite. Você precisa sair mais.

Ela o estudou e observou o modo como a sua barba por fazer estava começando a ficar grisalha perto da linha do queixo. O modo como as pontas do cabelo dele se enrolavam próximo ao colarinho. Às vezes, ela precisava se lembrar de que Dex era seu operador, não seu amigo. Essa era a maneira dele de ficar de olho nela, não de lhe proporcionar uma noite divertida.

— Eu saio bastante — disse ela.

— Sério? — ele pressionou. — Quando? *Cuquem*?

— Com quem — ela corrigiu.

Dex deu uma risadinha suave.

— Não me distraia com uma aula de gramática, professora. — Ele cutucou o braço dela. — Você precisa de uma vida social. Você já faz isso há tempo suficiente para saber que não precisa se esconder do mundo. Tem permissão para ter amigos.

Eva observou uma mãe sentada sob uma árvore com seu filho, lendo um livro.

— Eu iria passar o tempo todo tentando esconder coisas deles. Acredite em mim. Assim é mais fácil.

Mas também era o que ela preferia. Ela jamais precisava dar qualquer explicação, nem responder às perguntas de que as pessoas fazem sempre que querem conhecer alguém. *Onde você cresceu? Onde estudou? O que faz agora?*

— Ainda assim, não é mais fácil? — Dex não pareceu convencido. — Como é mesmo aquele ditado sobre trabalho?

— "Dinheiro nunca é demais"?

Dex sorriu.

— Não, aquele sobre só trabalho e nenhuma diversão.

— "Trabalhe para viver, não viva para trabalhar" — ela concluiu. Quando ele não riu, ela disse: — Obrigada por se preocupar comigo. Mas, sério, estou bem. — Ela apertou o casaco com mais força. — Agora, se me der licença, vou me encontrar com aquela cliente nova em meia hora, e depois trabalhar um turno no restaurante.

Durante anos, Eva trabalhou dois turnos por semana no DuPree's, um restaurante sofisticado de carnes e frutos do mar no centro de Berkeley. As gorjetas eram ótimas e lhe permitiam pagar impostos, o que a mantinha fora do radar da Receita Federal.

— Não sei por que você se importa com essa encenação — falou Dex. — Você não precisa do dinheiro.

— É nos detalhes que mora o perigo. — Eva se levantou do banco. — Divirta-se esta noite. Fique longe das drogas.

Enquanto se afastava, Eva olhou mais uma vez para o parquinho. Uma garotinha estava parada no topo do escorregador, paralisada, com o medo estampado no rosto. À medida que as lágrimas começavam a cair, seu choro se transformou em um lamento alto que fez sua mãe correr para ajudá-la. Eva observou a mulher tirar a garotinha do escorregador e carregá-la de volta para o banco onde ela estava sentada, beijando a cabeça da filha enquanto caminhava.

Os gritos da menina faziam eco na mente de Eva muito depois de ela ter fechado a porta do carro e ido embora.

---

1 **LLC (Limited Liability Company):** tipo de empresa de responsabilidade limitada, equivalente à **"Ltda."** no Brasil. É uma forma jurídica comum nos Estados Unidos, na qual

os sócios não respondem com seus bens pessoais por dívidas da empresa. [N.E.]

CLAIRE

Quarta-feira, 23 de fevereiro

Acordo cedo e deixo meu corpo e a minha mente se adaptarem ao novo ambiente. Meu primeiro dia inteiro de liberdade. Minha cabeça está confusa, desesperada por cafeína. Mas quando remexo na cozinha de Eva, não consigo encontrar uma cafeteira nem qualquer tipo de café, e Coca-Cola Zero não é uma opção. Meu estômago está roncando, lembrando-me de que também preciso de mais para comer do que apenas biscoitos, então subo para usar o banheiro e pego a bolsa de Eva, novamente colocando meu cabelo sob o boné de beisebol da NYU.

De volta ao andar de baixo, paro em frente ao espelho pendurado na parede da sala, meu reflexo me encara, manchado por uma noite de sono agitada. Ainda sou muito eu mesma, reconhecível por qualquer um que possa estar me procurando. *Mas ninguém está procurando*. O pensamento me atravessa, um lampejo brilhante de oportunidade, impossível de ignorar.

A rua está escura e silenciosa, o som dos meus passos ecoa nas casas escuras e volta para mim, até que chego perto do campus. Na esquina, há uma cafeteria, com as luzes acesas e uma jovem se movimentando atrás do balcão, preparando café e colocando os doces e salgados na vitrine. Observo-a da segurança da calçada, à sombra, ponderando minha necessidade de cafeína e comida contra o risco de alguém reconhecer meu rosto do noticiário.

Mas meu estômago ronca de novo, empurrando-me para dentro da cafeteria. Uma música eclética ressoa pelo ambiente, algo oriental e meditativo. O cheiro de café torrado me invade e eu o inspiro, saboreando-o.

— Bom dia — diz a barista. Seus longos dreadlocks estão presos com um lenço colorido, e seu sorriso é radiante. — O que posso lhe servir?

— Um café coado grande, com creme, e um croissant de presunto e queijo, se tiver. Para viagem, por favor.

— É pra já.

Enquanto ela começa a preparar minha bebida, olho ao redor. Há inúmeras tomadas pelas paredes, e fico imaginando o lugar mais tarde, lotado de alunos estudando e de professores corrigindo provas e trabalhos. Enquanto a barista termina meu pedido, meus olhos são atraídos para uma pilha de jornais. *San Francisco Chronicle* e *Oakland Tribune*. É difícil evitar as manchetes.

"O Destino do Voo 477", diz o *Tribune*.

"A Queda do Voo 477 não Deixa Sobreviventes e Causa Muita Dor", escreve o *Chronicle*. Felizmente, os editores decidiram usar fotos com cenas dos destroços, e não histórias de interesse humano que certamente colocariam meu rosto na primeira página. Hesito por um instante antes de colocar os dois exemplares no balcão, junto com uma nota de vinte dólares.

A barista coloca minha bebida e uma embalagem de papel com meu croissant ao lado dos jornais e me entrega o troco.

— Triste, não é?

Concordo com a cabeça, incapaz de olhá-la nos olhos por baixo da aba do boné, e enfio o troco no bolso. Colocando os jornais debaixo do braço, volto para a rua escura.

Atravesso a rua vazia e sigo por uma calçada que me leva ao centro do campus. Lindas sequoias se erguem acima de mim, a calçada está pontilhada de lâmpadas ainda acesas, lançando círculos de luz sob elas. Sigo por um caminho que passa por um denso bosque de árvores e chego a uma vasta extensão de grama que desce na direção de um enorme edifício de pedra. Eu me acomodo em um banco e bebo meu café, deixando-o me aquecer de dentro para fora. O lugar está deserto, contudo, em poucas horas provavelmente estará lotado de estudantes, atravessando o campus para as aulas da manhã ou para as salas de estudo. Abro o saco e dou uma mordida no meu croissant, com a boca latejando devido aos sabores intensos. Faz quase vinte e quatro horas que não como nada de verdade, e

faz anos que não como algo tão pesado quanto um croissant de presunto e queijo. Termino rapidamente e amasso a embalagem.

Os pássaros nas árvores ao meu redor começam a acordar, suavemente no início, e vão ficando cada vez mais barulhentos à medida que a luz avança sobre as colinas ao leste. Atrás de mim, um limpador de rua sobe a rua vazia, enquanto, acima de mim, um avião voa, com as luzes piscando. Penso nas pessoas a bordo, não diferentes daquelas do Voo 477, que entraram no avião pensando que desembarcariam no destino, um pouco cansadas, um pouco amarrotadas, mas não diferentes das que pegam o metrô do ponto A ao ponto B, confiando que chegarão aonde deveriam chegar.

O avião passa por trás das árvores, e eu observo os prédios ao meu redor e penso nos meus próprios anos em Vassar. Minha mãe estava muito orgulhosa de mim, a primeira da nossa família a ir para a faculdade. Violet chorou muito quando fui embora, segurando-me com tanta força que minha mãe teve que puxar os braços dela da minha cintura.

Eu tinha dez anos quando Violet nasceu, fruto de um relacionamento breve e instável com um homem que deixou a cidade logo depois que minha mãe lhe contou que estava grávida. Fiquei aliviada, e acho que minha mãe também. Ela tinha um talento especial para encontrar homens inadequados cuja única habilidade era a falta de confiabilidade, como meu próprio pai, que desapareceu quando eu tinha quatro anos. *Eu saí ganhando*, ela sempre dizia. Minha mãe nunca pareceu achar que precisávamos de mais ninguém além de nós três. Mas eu sempre desejei que ela tivesse encontrado alguém para dividir o fardo, para nos fazer sentir mais como as famílias sobre as quais eu lia nos livros e via na TV. Eu sabia que ela se sentia solitária e frequentemente estava preocupada com dinheiro, exausta por trabalhar em dois empregos e fazer tudo sozinha.

Então, procurei facilitar as coisas para ela. Fui uma irmã muito presente desde o primeiro dia, alimentando Violet, trocando suas fraldas, carregando-a por horas quando ela ficava agitada e chorosa. Cuidei dela enquanto nossa mãe trabalhava, ensinei-a a jogar Banco Imobiliário e a amarrar os sapatos. Sair de casa foi a coisa

mais difícil que já fiz, mas eu precisava ver quem eu poderia ser, além de uma filha obediente e uma irmã dedicada. Meus anos no ensino médio foram difíceis, e eu estava ansiosa para me reinventar como pessoa, para construir a vida com a qual sempre sonhei. Agora, sinto o peso, o custo de ter me afastado demais de casa. De ter desejado demais.

Eu poderia ter frequentado uma faculdade local. Trabalhado meio período. Passado as noites com minha mãe e minha irmã em torno da nossa mesa de cozinha instável, onde poderíamos ter nos sentado sob a luz amarela e aconchegante, com minha mãe fazendo palavras cruzadas enquanto Violet e eu jogávamos infinitas partidas de Gin Rummy.

Em vez disso, fui embora e nunca mais voltei para casa. Não de uma forma que fosse significativa.

* * *

O céu está manchado de nuvens cor-de-rosa, e as luzes da calçada ficam apagadas ao longo do dia. Seria fácil ficar aqui sentada, lamentando tudo o que aconteceu comigo, mas não posso me dar a esse luxo. Preciso manter o foco e tomar algumas decisões. O que eu preciso?

De dinheiro e de um lugar para me esconder. Se conseguir um, já ajuda.

Não vou poder ficar na casa da Eva por muito tempo. Assim que ela não aparecer para as suas atividades na semana que vem, as pessoas irão procurá-la, e eu já quero estar longe quando isso acontecer. Mas, por enquanto, é minha melhor opção. É grátis e seguro.

Levanto-me e jogo meu copo de café vazio e a embalagem amassada em uma lata de lixo próxima, voltando para a entrada do campus, com os jornais guardados na bolsa de Eva. Atrás de mim, sinos marcam a hora e eu paro para ouvir. Os sinos parecem vibrar através de mim, e penso em como seria viver aqui. Andar por estas ruas a caminho de um emprego que ainda não tenho, vivendo a vida tranquila que sempre imaginei para mim quando sonhava em deixar Rory. De todos os cenários que imaginei, os imprevistos para os quais me preparei, os erros que eu sabia

serem inevitáveis. Jamais imaginei uma ruptura tão completa quanto esta. Ninguém sabe o que aconteceu comigo, e tenho que aproveitar esta oportunidade — pois é isso que ela é, uma oportunidade incrível e dolorosa — com toda astúcia de que sou capaz.

* * *

Encontro uma farmácia vinte e quatro horas a alguns quarteirões a oeste do campus. As luzes brilhantes ofuscam meus olhos quando entro. Inclino a cabeça para baixo, mantendo o boné abaixado, e encontro o corredor de produtos para cabelos. Tantas tonalidades diferentes, de ruivos vibrantes a pretos intensos, e muito mais. Penso no corte curto loiro da Eva e escolho algo chamado Ultimate Platinum. Em uma prateleira mais baixa, há um kit completo para corte de cabelo — *Máquinas de cortar cabelo fáceis de usar! Pentes com códigos de cores! Um guia passo a passo para os penteados mais populares!* — em promoção por vinte dólares, e eu o pego também.

Na frente da loja há apenas uma pessoa trabalhando nos caixas, um universitário cheio de espinhas que parece meio sonolento no final do turno, com os olhos vidrados e fones de ouvido enfiados nas orelhas. Coloco tudo no balcão e calculo mentalmente quanto das minhas parcas economias isso vai consumir.

Hesito antes de retirar o cartão de débito de Eva da carteira, passando o dedo pelas bordas, questionando-me se posso usá-lo como cartão de crédito. Dou uma olhada rápida ao redor da loja vazia antes de inseri-lo na máquina. Não é como se Eva fosse voltar e me acusar de roubá-la.

Ignoro a solicitação da senha e seleciono crédito, com o coração batendo em um ritmo frenético que tenho certeza de que esse garoto consegue ouvir seja lá qual for a música alta que esteja martelando em seus ouvidos.

Mas então a máquina do caixa faz algo que não consigo ver, chamando a atenção do garoto de volta.

— Crédito? Preciso ver sua identidade — diz ele.

Congelo como se tivesse sido pega por um farol brilhante, cada centímetro vulnerável de mim exposto. Trinta segundos. Um minuto. Uma eternidade.

— Você está bem, moça? — ele pergunta.

Então, eu volto a mim.

— Claro — respondo, e finjo procurar na minha carteira, e finalmente digo: — Devo ter deixado em casa. Desculpe. — Guardo o cartão de volta na carteira e rapidamente pego dinheiro para pagar a despesa. Quando ele me entrega o recibo, saio da loja o mais rápido que posso, com o corpo inteiro vibrando de tensão e medo.

* * *

A caminhada rápida de volta à casa de Eva me acalma e, ao chegar, levo tudo para o banheiro de cima e tiro a roupa, apoiando no espelho as instruções da máquina de cortar cabelo, e percebo, pela primeira vez, os cremes caros para as mãos que estão alinhados na bancada. Abro a tampa de um deles e sinto o aroma — rosas, com um toque de lavanda. Em seguida, dou uma espiada no armário de remédios, esperando ver inúmeros medicamentos que sobraram da doença do marido dela. Analgésicos. Comprimidos para dormir. Mas está vazio. Há apenas uma caixa de absorventes internos e uma lâmina de barbear velha. Fecho-o com um clique suave, com uma sensação de desconforto me incomodando, como uma minúscula farpa na minha meia, um flash de alerta que logo desaparece, impossível de localizar.

Eu me olho uma última vez no espelho, observo como meu cabelo cai e se encaracola em volta do rosto, e respiro fundo antes de colocar o pente médio na máquina de cortar cabelo e ligá-la. Recordo a mim mesma que, mesmo que eu estrague tudo, não vai fazer diferença. As palavras de Eva sobre Berkeley me voltam à mente. — *É fácil se misturar porque todo mundo é um pouco mais estranho do que você*. Ninguém vai olhar duas vezes para um corte de cabelo ruim.

Fico surpresa com a facilidade com que corta, deixando cerca de quatro centímetros de cabelo no meu couro cabeludo. Meus olhos parecem maiores.

Minhas maçãs do rosto mais salientes. Meu pescoço mais longo. Viro para um lado, depois para o outro, admirando meu perfil, antes de me virar para a caixa de tintura de cabelo. Ainda não está terminado.

* * *

A tinta precisa ficar por quarenta e cinco minutos, então, enquanto espero, abro os jornais que estão em cima da mesa de centro e os leio, com o couro cabeludo formigando e queimando, sem contar o cheiro forte dos produtos químicos que me deixa tonta. As matérias estão repletas de detalhes sobre o acidente, embora estejam incompletas, uma vez que foram obtidos apenas por meio da comunicação por rádio com os controladores de tráfego aéreo. Mas é o suficiente para me deixar apreensiva, para me forçar a refletir sobre o que fiz. Aproximadamente duas horas após a decolagem, depois de cruzar a Flórida e sobrevoar o Atlântico, um dos motores do avião parou. Os pilotos tentaram dar meia-volta e entraram em contato com Miami, solicitando um pouso de emergência. O avião, no entanto, não conseguiu realizar a manobra, e acabou caindo na água a cinquenta quilômetros da costa. O artigo está repleto de declarações de funcionários do NTSB e, claro, do representante de Rory em nome das famílias. Ainda não há detalhes sobre o resgate, exceto que está em andamento.

Tento imaginar minha bolsa, meu celular, meu suéter rosa, arrancados do corpo de Eva e flutuando na água, esperando que alguém os recolha e identifique. Ou depositados no fundo arenoso do oceano, onde em breve estarão perdidos para sempre. Pergunto-me se tentarão recuperar os restos mortais, ou se isso é sequer possível. E o que poderia acontecer se encontrassem alguém cujos registros dentários não coincidissem com os de ninguém na lista de passageiros do voo.

Respiro profundamente várias vezes, concentrando-me na biologia do ato. O oxigênio entra na minha corrente sanguínea, alimenta minhas células e, em seguida, libera dióxido de carbono no espaço silencioso que me rodeia. Inspiro e expiro, repetidamente, cada respiração é um lembrete: *Eu consegui. Eu sobrevivi.*

* * *

Quarenta e cinco minutos depois, olho para mim mesma no espelho do banheiro de Eva, surpresa. Considerando cada parte minha isoladamente — meus olhos, meu nariz, meu sorriso —, ainda consigo ver meu antigo eu, olhando-me de volta. Mas como um todo? Sou alguém completamente nova. Se eu parecer familiar para alguém, essa pessoa vai procurar em diferentes cantos da sua cabeça, em diferentes partes da vida — alguém do trabalho ou da faculdade. Talvez a filha de um antigo vizinho. Não verá a esposa de Rory Cook, que morreu em um acidente de avião.

O visual combina comigo, e eu amo a liberdade que ele me proporciona. Rory sempre insistiu que eu mantivesse o cabelo comprido, para que pudesse usá-lo preso em eventos formais e solto em eventos casuais, argumentando que era mais feminino. Sorrio e me surpreendo ao ver flashes da minha mãe, de Violet, sorrindo de volta para mim.

* * *

Na mesinha de cabeceira de Eva, o relógio marca sete horas, e não consigo parar de pensar no que eu estaria fazendo agora se ainda vivesse minha antiga vida em Nova York. Eu estaria sentada em frente a Danielle, no meu escritório, delineando nossa agenda para o dia. Reunião Matinal, como ela chamava. Discutiríamos o calendário — reuniões, almoços, eventos noturnos — e eu daria a ela as tarefas que eu precisava que ela realizasse naquele dia. Mas, se meu plano tivesse dado certo, eu estaria em algum lugar no Canadá. Talvez em um trem, rumo ao oeste. Eu estaria vasculhando os noticiários em busca de qualquer indício do meu desaparecimento, o acidente de avião seria apenas uma história triste que poderia ter chamado minha atenção por um instante. Em vez disso, é o ponto de virada para toda a minha vida.

Retorno ao meu computador e abro a página inicial da CNN, clicando em uma pequena matéria de interesse humano intitulado "A Segunda Desilusão de Rory Cook", com minha foto ao lado da de Maggie Moretti. Eles relembram a morte dela há mais de vinte e cinco anos, bem como a investigação que se seguiu sobre o

envolvimento de Rory, e, pela primeira vez, percebo o quanto Maggie e eu somos parecidas. Algumas informações eu já sabia sobre ela — ela tinha sido uma estrela do atletismo em Yale, onde conheceu Rory, e também vinha de uma cidade pequena. Mas eu não sabia que os pais dela também tinham morrido quando ela era ainda mais jovem do que eu. Olhando para nós duas lado a lado, eu me pergunto se Rory tinha um tipo, voltando sua atenção para mulheres sozinhas no mundo que poderiam estar ansiosas para se juntarem a uma família estabelecida como os Cook. Eu sei que no começo eu estava.

* * *

Nós nos conhecemos em uma peça off-Broadway dois anos depois de eu me formar na faculdade. Ele se sentou na poltrona ao meu lado e começou a conversar comigo antes do início do espetáculo. Eu o reconheci imediatamente, mas nada me preparou para o quão carismático e engraçado ele era pessoalmente. Treze anos mais velho do que eu e com bem mais de um metro e oitenta, Rory tinha cabelos castanho-claros com mechas douradas e olhos azuis que pareciam perfurar profundamente. E quando eu estava sob seu olhar, o mundo inteiro desaparecia.

No intervalo, ele me convidou para um drinque e me falou sobre um programa de arte que a Cook Family Foundation estava levando para escolas de crianças e jovens de comunidades carentes. Essas eram as coisas que o tornavam tridimensional e mais do que apenas um rosto que eu reconhecia das páginas de revistas: sua paixão pela educação. A paixão que ele tinha para tornar o mundo um lugar melhor. No final do espetáculo, ele pediu meu número.

No início, eu me mantive distante. Homens mais velhos como Rory — com seu dinheiro, privilégios e conexões — não eram meu tipo. Eu não tinha o conhecimento cultural nem o guarda-roupa adequados. Mas ele foi sutilmente persistente, ligando para pedir meu conselho quando a fundação enfrentou dificuldades com uma organização que eles queriam para sua iniciativa de educação artística, ou me convidando para uma exposição em uma de suas

escolas-projeto. Fui atraída por sua visão de filantropia, pelo modo como ele desejava usar o dinheiro da sua família para melhorar a vida de outras pessoas. Tudo aquilo me impressionou, mas eu me apaixonei pela vulnerabilidade dele, pela maneira como se esforçava e não conseguia chamar a atenção da mãe.

— Quando criança, era difícil não me ressentir das longas ausências dela, dos meses que ela passava em Washington — ele me disse certa vez. — Sempre em campanha, por ela mesma ou por outros, e com causas que a consumiam. Mas agora consigo entender por que era tão importante. Tinha a ver com o impacto que ela exercia sobre a vida das pessoas. Ainda sou abordado na rua por pessoas que querem me dizer o quanto a amavam. Como algo que ela fez anos atrás ainda as afeta agora.

Esse tipo de legado, no entanto, sempre tem um preço. Gostasse ou não, Rory era definido pela mãe. Quando você pesquisava Rory Cook no Google, ela sempre aparecia também. Imagens dela com um Rory jovem, em férias ou em campanha eleitoral. Rory aos treze anos, carrancudo ao fundo em um dos comícios políticos da mãe, magricelo, cheio de espinhas e um olho semicerrado.

E centenas de imagens de Rory cumprindo as ordens da Cook Family Foundation, o último presente que sua mãe deixou para o mundo. As pessoas amavam Rory por quem ele quase foi. E ele passou toda a sua vida adulta tentando sair de trás da enorme sombra dela.

* * *

Saio da página inicial da CNN e vou até a caixa de entrada de Rory, tomando cuidado para não abrir nada que ainda não tivesse sido lido. Ele tem pelo menos cinquenta pastas no lado esquerdo, uma para cada uma das organizações para as quais a fundação contribui. Enterrada naquela longa lista está uma pasta chamada *Claire*. Clico nela e leio os e-mails de condolências. Centenas deles, página após página, de amigos da família, colegas de Senado da sua mãe. Pessoas que trabalharam com a fundação, prontas para oferecerem seus pêsames. *Avise-nos se precisar de alguma coisa*.

Abro um e-mail que Bruce enviou para Danielle várias horas depois dos primeiros relatos sobre o acidente, mas antes de eu ser publicamente identificada como uma das vítimas. Ele havia colocado Rory em cópia. O assunto do e-mail é *Detalhes*.

> Já estou redigindo a declaração e devo tê-la pronta bem antes de qualquer coletiva de imprensa agendada. Danielle, por favor, cuide da equipe em Nova York. Eles não devem falar com ninguém. Lembre-os de que todos têm acordos de confidencialidade em vigor.

Outra pasta, *Alertas do Google,* está abarrotada de notificações, em sua maioria não lidas. Sempre que o nome de Rory aparece online, ele recebe um e-mail informando-o a respeito. Danielle também os recebe em sua caixa de entrada, porque é seu trabalho selecioná-los e informar Rory sobre qualquer coisa importante que ele possa ter perdido. Minha mente volta para a semana passada, Danielle e eu voltando para casa após um evento dos Amigos da Biblioteca, eu olhando pela janela, para as ruas lamacentas de Manhattan enquanto Danielle folheava os alertas daquele dia.

— Uma matéria superficial no *HuffPo* — disse ela, praticamente para si mesma. — Lixo. — Virei-me e a vi excluindo os alertas, um após o outro, abrindo apenas os dos principais veículos de comunicação. Ela me viu olhando e disse: — Vamos precisar contratar um estagiário para isso quando a campanha começar. Centenas por dia vão se transformar em milhares.

Agora, examino a longa lista de notificações não lidas após o acidente e dou um sorriso irônico. Ficou ruim, Danielle.

Clico no *Doc*. Em branco. No topo, agora está escrito *Última edição feita por Bruce Corcoran há 36 horas*.

Tomo um gole de Coca-Cola Zero e o gás faz cócegas no meu nariz. Ninguém jamais imaginaria que eu não estava naquele avião.

O sol já está alto e eu observo o cômodo. O piso de madeira está coberto por um tapete vermelho-escuro, que contrasta lindamente com as paredes pintadas de um amarelo quente que me lembra a cor da sala de estar da minha mãe. Neste momento, sinto-me protegida, como um urso em hibernação. Enquanto o mundo corre sem mim, estou aqui, aninhada e acomodada, invisível, esperando até que seja seguro emergir de novo.

Curiosa, abro cuidadosamente a gaveta de cima da escrivaninha de Eva. Estou morando na casa dela. Usando as roupas dela. Vou ter que usar o nome dela, pelo menos por um tempo. Ajudaria saber quem ela era.

Começo com cautela, como se tivesse medo de que, se eu mudasse muito as coisas de lugar, alguém perceberia que eu estive aqui. A maior parte do que encontro é comum: recibos desbotados que não consigo ler. Algumas canetas secas, alguns blocos de papel de corretores imobiliários locais. À medida que começo a me sentir mais à vontade, estendo a mão mais para trás, deslizando por entre a confusão de tachinhas, clipes de papel e uma pequena lanterna azul, e trazendo tudo para a frente, tentando espiar por baixo da bagunça a pessoa que jogou esses itens na gaveta, acreditando que ela teria tempo para organizá-los.

* * *

Duas horas depois, estou sentada no chão do escritório, com papéis espalhados ao meu redor. Esvaziei a mesa e examinei tudo o que havia nela. Extratos bancários. Contas de serviços públicos e TV a cabo pagas. Todas em nome de Eva. Encontrei uma caixa no armário contendo arquivos com documentos mais importantes. O documento do carro dela. O cartão do seguro social. Mas o que me impressiona é o que está faltando. Nenhuma certidão de casamento. Nenhum documento de seguro que se esperaria depois de uma longa doença seguida de morte. O que me incomodou na casa de Eva ontem retorna, agora com nitidez. Não há nenhum toque pessoal. Nenhuma fotografia ou objeto sentimental em lugar algum. Não há absolutamente nenhuma evidência de que alguém além de Eva tenha morado aqui. Para alguém que não suportava encarar todos os pertences de um marido

falecido e amado, não há nenhuma lembrança dele que tenha sido deixada para trás.

Eu me desdobro para encontrar explicações para o que está faltando. Talvez o marido dela tivesse crédito ruim e todas as contas tivessem que estar em nome dela. Talvez tudo relacionado a ele esteja guardado na garagem, doloroso demais até para ter dentro de casa. Mas essas explicações parecem frágeis, invenções sem fundamento que simplesmente não são verdadeiras.

Pego o último arquivo da caixa e o abro. Trata-se dos documentos referentes à compra à vista deste lado do duplex, datada de dois anos atrás. No topo, apenas o nome dela: *Eva Marie James*. E abaixo, a caixa ao lado de *Solteira* está marcada.

Ainda consigo ouvir a voz dela na minha cabeça, a maneira como falava do marido. Namorados desde o ensino médio. Juntos por dezoito anos. A emoção em sua voz quando descreveu sua decisão de ajudá-lo a morrer, a maneira como tudo se desfez, as lágrimas em seus olhos.

Ela mentiu. Ela *mentiu* pra cacete. Sobre tudo.

EVA

Berkeley, Califórnia
Agosto
Seis meses antes do Acidente

Dez minutos antes do encontro que havia marcado com Brittany, Eva estacionou o carro em um local nos arredores do Tilden Park, em vez de dirigir até o interior do parque. Ela preferia entrar e sair a pé, chegar e sair em silêncio. Guardando o pacote no bolso do casaco, ela se virou na direção de uma trilha que a levaria a uma pequena clareira onde, há uma eternidade, costumava ir para estudar.

As árvores frondosas lançavam sombras pontilhadas sobre o caminho, mas, apesar de ser o último mês de verão, uma brisa fresca soprava da baía. Mesmo com o céu limpo, Eva avistou a Baía de São Francisco ao longe, e a camada de neblina formando-se sobre o Pacífico, e ela sabia que em poucas horas tudo mudaria. Enfiou, então, as mãos nos bolsos do seu casaco favorito — verde-militar, com vários bolsos com zíper — e sentiu o contorno dos comprimidos através do papel de embrulho.

As árvores que cercavam Eva eram velhas amigas. Ela as reconhecia individualmente, o formato de seus troncos e o alcance de seus galhos. Ela tentou se transportar no tempo, quando vinha ali após o final das aulas e espalhava seus livros sobre a mesa de piquenique ou na grama, se o tempo estivesse quente. Às vezes, Eva via flashes daquela garota, como imagens de um trem passando. Vislumbres de uma vida diferente, com um emprego normal e amigos, e isso a inquietava por dias.

Quando chegou à clareira, ficou aliviada ao ver que estava sozinha. A mesa de piquenique de madeira marcada ainda estava debaixo de um carvalho gigante,

com uma lata de lixo de concreto acorrentada a ela. Eva caminhou até a mesa e sentou-se nela, verificando a hora novamente, o local familiar levava sua mente de volta no tempo.

* * *

Fish comandava o submundo das drogas em Berkeley e Oakland, e Dex trabalhava para ele.

— A maioria dos traficantes é presa rapidamente — Dex a alertou logo no início. Ele a havia levado para almoçar em um restaurante à beira-mar em Sausalito, a fim de poder explicar a Eva o que ela faria. Do outro lado da baía, São Francisco estava envolta em uma névoa espessa, apenas os topos dos prédios mais altos eram visíveis. Ela pensou em St. Joseph's e nas freiras que a criaram, enterradas sob a névoa e sob a suposição de que Eva ainda estava matriculada na faculdade, ainda a caminho de se formar com honras em química, em vez de estar onde estava — três dias após a expulsão, dormindo no quarto de hóspedes de Dex e fazendo um curso intensivo sobre venda e distribuição de drogas. Eva desviou o olhar e voltou a se concentrar em Dex.

— O que você produz tem um mercado muito específico — continuou Dex. — Você só irá vender para pessoas que eu indicar. É assim que você permanecerá segura.

— Estou confusa — disse Eva. — Eu vou produzir ou vender?

Dex cruzou as mãos sobre a mesa. Eles haviam terminado de comer, e o garçom colocou a conta ao lado do copo de água de Dex e desapareceu.

— Historicamente, Fish tem enfrentado dificuldades para manter bons químicos por muito tempo. Eles sempre acham que podem se sair melhor sozinhos e, então, as coisas complicam. Assim, vamos tentar algo diferente com você — falou ele. — Você irá produzir trezentas pílulas por semana. Como compensação por esse trabalho, vai ficar com metade e Fish vai permitir que você mesma as venda, ficando com cem por cento desses lucros.

— Para quem eu vou vendê-las? — ela perguntou, subitamente desconfortável, imaginando-se cara a cara com viciados em drogas. Pessoas que poderiam se tornar violentas. Pessoas como sua mãe.

Dex sorriu.

— Você irá prestar um serviço importante a uma clientela muito específica: estudantes, professores e atletas. Cinco pílulas devem custar cerca de duzentos dólares — disse Dex. — Você consegue ganhar 300 mil dólares por ano, fácil. — Ele sorriu ao ver a expressão atônita dela. — Isso só funciona se você seguir as regras — advertiu ele. — Se soubermos que você está se expandindo ou vendendo para viciados, vai estar colocando tudo e todos em risco. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça e lançou um olhar ansioso para a entrada.

— E Fish? Achei que ele estaria aqui hoje.

Dex riu e balançou a cabeça.

— Meu Deus, você é inexperiente. Esqueço que você não sabe como isso funciona. Se fizer bem o seu trabalho, nunca vai conhecer Fish. — Ela deve ter parecido confusa, porque ele esclareceu. — Fish divide bem as coisas. É como ele se protege. Qualquer pessoa que saiba demais, se tornaria alvo, seja de um concorrente ou da polícia. Eu serei seu operador e vou garantir que você fique em segurança. — Dex jogou várias notas de vinte dólares na mesa e se levantou. A refeição deles havia terminado. — Se fizer o que eu digo, você terá uma vida boa. É seguro, desde que siga as regras.

— Você não tem medo de ser pego?

— Apesar do que se possa ver na TV, a polícia só conhece aqueles que prende, e só prende os idiotas. Mas Fish não é idiota. Ele não está nisso por poder. Ele é um empresário que pensa em ganhos a longo prazo. E isso significa crescer lentamente, ser seletivo com seus clientes e com as pessoas que trabalham para ele.

Ela estava ansiosa para começar. Parecia muito simples. E o sistema funcionava. A única parte difícil era estar no campus entre seus colegas, tendo que conviver com a vida que havia acabado de perder. Passar pelo seu dormitório, onde as mesmas pessoas ainda moravam. O prédio de química, onde suas aulas

continuavam sem ela. O estádio onde Wade continuava a brilhar e, um ano depois, a cerimônia de formatura que deveria ter sido dela. Era como se ela tivesse atravessado algum tipo de barreira, onde podia assistir à sua antiga vida se desenrolar, sem ser vista. Mas, com o passar dos anos, os alunos ficaram mais jovens, e logo o campus ficou cheio de pessoas novas. A perda havia desaparecido e, como todas as perdas, substituída por algo mais difícil. Mais forte. Ela conseguia ver agora o que não conseguia ver antes. Todas as escolhas tinham consequências. E o que importava era o que você fazia com essas consequências.

* * *

O olhar de Eva percorreu a pequena estrada secundária que serpenteava pelas centenas de hectares que compunham o Tilden Park. Algo naquela reunião parecia estranho, e seus instintos, apurados depois de tantos anos, estavam em alerta. Ela daria mais dez minutos a Brittany e depois iria embora. Voltaria para o carro e dirigiria para casa, fecharia a porta e se esqueceria daquela mulher. Eva fazia um esforço para se manter atenta. Para não se tornar complacente e descuidada. Apesar do quão mundano o trabalho às vezes pudesse parecer — as horas intermináveis no laboratório, as rápidas entregas para Dex ou algum cliente —, esse era um trabalho perigoso.

Logo no começo — deve ter sido em algum momento do seu primeiro ano — Dex a acordou, pouco antes do amanhecer, com uma batida discreta à porta.

— Venha comigo — ele disse. Ela pegou o casaco do cabide e o seguiu pelo campus deserto, com os caminhos ainda iluminados por lâmpadas.

Eles caminharam para oeste sem falar, passando pelo estádio de atletismo, restaurantes e bares ainda fechados naquela hora que antecede o amanhecer. Ela viu luzes de emergência piscando a um quarteirão de distância. Polícia, ambulância, fita amarela de cena de crime isolando a calçada em frente a um motel barato forçaram-nos a atravessarem a rua.

Dex colocou o braço ao redor dela e a puxou para perto, como se fossem um casal voltando para casa depois de uma noite fora. Eles diminuíram o passo ao se

aproximarem, e Eva conseguiu distinguir um corpo, uma poça de sangue escorrendo por baixo dele, um pé descalço, a meia branca praticamente brilhando.

— Por que estamos aqui? Você conhece aquele cara?

— Sim — ele disse, com a voz rouca. — Danny. Ele fornecia as drogas mais pesadas para Fish. Cocaína. Heroína.

Dex a puxou, e eles dobraram a esquina, as luzes vermelhas e azuis piscantes ainda criavam manchas em seus olhos quando ela fechava as pálpebras.

— O que aconteceu com ele?

— Não sei — disse-lhe Dex. — Assim como você, eu só vejo o que me é permitido ver. Mas se eu tivesse que adivinhar, ou ele estava fazendo jogo duplo, trabalhando para um dos concorrentes de Fish, ou fez alguma merda e foi pego pela polícia. — Ele, então, fez uma pausa. — É assim que as coisas são com Fish. Ele não vai perder muito tempo fazendo perguntas. Ele só vai resolver o problema.

Eva não conseguia apagar a imagem da cabeça, o formato retorcido do corpo, o enorme volume de sangue, mais do que ela jamais havia imaginado, um tom vermelho-escuro que só aparecia em pesadelos.

Dex tirou o braço ao redor dela, e o ar frio da manhã gelou o lugar onde ele repousava.

— Fish é um aliado forte, mas um inimigo implacável. Ele não irá hesitar em eliminar qualquer um que o traia. Talvez tenha sido um erro trazê-la aqui, mas eu precisava que você visse com seus próprios olhos o que irá acontecer se você o contrariar.

Eva engoliu em seco. Até aquele momento, ela havia se iludido acreditando que aquele trabalho não era diferente de nenhum outro — basicamente rotineiro, talvez um pouco perigoso de alguma forma abstrata. Mas Dex a tinha protegido do pior. Até aquela manhã.

— Transparência total — Dex a avisou, enquanto voltavam pela rua dela, e o céu noturno ia finalmente mudando para um cinza-claro. Ele a deixou na varanda e desapareceu, fazendo-a se perguntar se havia sonhado com tudo aquilo.

* * *

Eva estava prestes a descer da mesa de piquenique e voltar para o carro quando um SUV da Mercedes-Benz parou na calçada, com uma mulher elegante ao volante. No banco de trás, Eva conseguiu distinguir uma cadeirinha de criança, felizmente vazia. A placa do carro era FUNMOM1. Seu desconforto persistente se intensificou e ela respirou fundo, lembrando-se de que estava no controle da situação e poderia ir embora a qualquer momento.

Eva observou a mulher sair do carro.

— Obrigada por me encontrar! — ela exclamou. Suas roupas eram casuais e caras. Óculos de sol Chanel estavam levantados na cabeça. Botas UGG de cano alto, usadas sobre jeans de grife. Esta não era a típica estudante que se alimenta de miojo que ela atendia.

De perto, Eva pôde ver os olhos vermelhos da mulher, como sua pele parecia cansada e esticada, embora a maquiagem estivesse impecável, e então outra pontada de apreensão a percorreu.

— Desculpe o atraso. Tive que esperar a babá chegar. — Ela estendeu a mão para cumprimentar Eva. — Sou Brittany.

Eva não correspondeu, mantendo as mãos nos bolsos, e Brittany finalmente a deixou cair ao lado do corpo enquanto começava a vasculhar a bolsa como se tivesse acabado de se lembrar do motivo de sua vinda.

— Eu esperava poder comprar mais do que conversamos. Sei que pedi cinco comprimidos, mas preciso mesmo de dez. — Ela tirou um maço de dinheiro da bolsa e o estendeu para Eva. — São quatrocentos em vez de duzentos.

— Eu só trouxe cinco comigo — disse Eva, sem pegar o dinheiro.

Brittany balançou a cabeça, como se fosse um detalhe sem importância.

— Eu ficaria feliz em encontrá-la amanhã. No mesmo lugar, se estiver de acordo.

A névoa marinha da baía finalmente chegou, avançando parcialmente sobre o sol, lançando sombras cinzentas e diminuindo a luz. O vento se intensificou, fazendo Eva apertar mais o casaco. Brittany olhou por cima do ombro e então baixou a voz, embora fossem as únicas por perto.

— Vamos viajar no sábado — ela continuou. — Só voltamos no mês que vem. Só quero ter certeza de que não ficarei sem estoque.

O corpo de Eva ficou tenso. Aquela mulher dirigia um carro luxuoso, usava roupas caras e tinha um grande diamante no dedo. Uma coisa era precisar dos comprimidos para realizar uma tarefa difícil. Aquela mulher parecia precisar de ajuda médica para lidar com sua rotina. Mas a resistência de Eva parecia mais pessoal, brotando de seus cantos mais sombrios, surpreendendo-a com sua intensidade. Aquela mulher era como sua mãe.

— Acho que não posso ajudá-la — disse Eva.

— Pelo menos me deixe comprar o que você trouxe — disse Brittany, agora em voz alta, as palavras ecoando pela clareira vazia. — Por favor.

O olhar de Eva se fixou em várias cascas de feridas que pontilhavam as costas das mãos de Brittany, arrancadas por dedos nervosos a ponto de expor a carne viva. Brittany vibrava com uma energia temerária, e Eva só queria ir embora.

— Nossa conversa termina aqui — disse Eva.

— Espere — disse Brittany, estendendo a mão e agarrando o braço de Eva. — Diga-me o que posso fazer para mudar sua opinião.

Eva puxou o braço para trás e se virou para ir embora.

— Por favor — Brittany implorou por trás dela. — É por isso que estamos aqui. Você faz a venda e recebe o seu dinheiro. Eu consigo o que preciso, e nós duas saímos ganhando.

— Não sei do que você está falando — disse Eva por cima do ombro. — Você deve ter me confundido com outra pessoa. — Em seguida, caminhou em direção à trilha que serpenteava por entre as árvores e descia a colina até o local onde havia estacionado o carro.

Ao passar pelo SUV, ela olhou pela janela. O banco de trás estava coberto de Cheerios, tinha um copo vazio com canudinho e uma fita cor-de-rosa para o cabelo. Eva diminuiu o passo por um instante, imaginando como seria a vida daquela criança, vivendo com uma mãe que implorava por comprimidos suficientes para ficar chapada por semanas. Ela se perguntou se sua própria mãe

teria sido como Brittany, comprando drogas em um parque deserto enquanto Eva ficava presa em casa com uma babá. No fundo, ela se odiava por sentir uma pontada de inveja daquela garotinha por ela poder conhecer a mãe, enquanto Eva nem teve essa chance.

Ao entrar na floresta, ouviu Brittany gritar obscenidades atrás dela. Então, ouviu o bater da porta de um carro e o motor acelerar, antes que os pneus cantassem ao se afastarem da calçada. Ela olhou por cima do ombro e viu o carro desviar, derrapando contra a calçada ao fazer uma curva na estrada. Eva prendeu a respiração, preparando-se para o som do impacto que não veio, então ela correu de volta para o próprio carro.

* * *

Eva a viu novamente, agora no posto de gasolina em frente à saída do parque, enquanto esperava no sinal vermelho. Aquele mesmo SUV, e Brittany debruçada na janela aberta, conversando com um homem parado ao lado de um sedã baixo com vidros escuros e placas do governo. Brittany entregou ao homem um pedaço de papel, que ele enfiou no casaco esportivo.

O sinal ficou verde e Eva continuou a observá-la, com o desconforto de antes voltando a se apoderar dela, rapidamente se transformando em um pânico sombrio. Atrás dela, alguém buzinou, chamando sua atenção de volta para a estrada, forçando-a a seguir em frente. À medida que se aproximava, tentava capturar o máximo de detalhes possível. O cabelo castanho curto e os óculos escuros espelhados do homem. O contorno de um coldre sob a jaqueta esportiva. E enquanto dirigia, ela se perguntava o que Brittany havia acabado de colocar em ação.

* * *

Em casa, Eva estacionou o carro na pequena garagem lateral e fechou a porta, trancando-a com o cadeado. Ela estava desesperada para entrar e ligar para Dex, mas sua nova vizinha estava sentada no degrau da frente, como se estivesse esperando por ela.

— Merda — murmurou.

Um alívio tomou conta do rosto da mulher ao ver Eva.

— Eu caí — ela disse. — Pisei em falso no último degrau e me desequilibrei. Acho que torci o tornozelo. Você poderia me ajudar a entrar?

Eva olhou para a rua, pensando novamente no homem do posto de gasolina, no pedaço de papel que ele enfiou no casaco. Ela não tinha tempo para isso. Mas não podia deixar a mulher na varanda.

— Claro — disse.

Eva ajudou a mulher a se levantar e ficou surpresa com o quão pequena ela era. Com pouco mais de um metro e meio de altura e facilmente na casa dos sessenta anos, era magra, mas forte. Ela se agarrou no corrimão e subiu os degraus com a ajuda de Eva, pulando em um pé só até chegar ao topo. Eva lhe deu um momento para recuperar o fôlego e, juntas, chegaram à porta e entraram no apartamento.

Tapetes de cores quentes cobriam o chão, contrastando com um sofá creme. Uma parede da sala de jantar havia sido pintada de um vermelho-escuro, e caixas de mudança meio vazias se acumulavam nos cantos. Eva a ajudou até uma cadeira, e a mulher se sentou.

— Quer um pouco de gelo? — Eva perguntou, impaciente para apressar as coisas. Ela precisava entrar em contato com Dex para descobrir o que estava acontecendo e o que deveria fazer, e não bancar a babá da vizinha.

— Vamos começar com os nomes — disse ela. — Eu me chamo Liz.

Eva lutou contra um pânico crescente, sentindo os minutos se passarem, presa em algum tipo de conversa fiada com sua vizinha tagarela. Mas, mesmo assim, ela sorriu e disse:

— Meu nome é Eva.

— Prazer em finalmente conhecê-la, Eva. Sim, eu adoraria um pouco de gelo. É por ali, se você não se importar.

Ao ser autorizada, Eva entrou na cozinha, que estava vazia, exceto por alguns pratos e copos na bancada ao lado da pia. No freezer, Liz tinha uma bandeja de cubos de gelo que Eva quebrou e empilhou em um pano de prato, enrolando-o na

parte de cima para fechá-lo. Ela pegou um copo no escorredor de pratos ao lado da pia e o encheu com água, notando como suas mãos tremiam enquanto trazia tudo de volta para a sala e os entregava a Liz. Ela estava prestes a se desculpar e ir embora quando Liz disse:

— Sente-se. Me faça companhia.

Com outro olhar rápido para a janela e para a rua vazia à sua frente, ela se sentou em uma cadeira que lhe permitia ficar de olho no que acontecia lá fora.

O sorriso de Liz se alargou.

— Ainda não conheço muita gente por aqui — comentou ela. — Sou professora visitante de Princeton e estou ministrando dois cursos neste semestre.

Eva sorriu educadamente, ouvindo apenas por alto o que Liz falava sobre o quanto ansiava pelo inverno da Califórnia, enquanto repassava o encontro com Brittany. O que ela havia dito. O modo como suas mãos tremiam. O quão desesperada ela estava para fechar o negócio. Qualquer negócio. Aos poucos, a mente de Eva começou a desacelerar, e o pânico foi diminuindo. Ela já havia passado por situações difíceis antes e se lembrou de que não havia feito nada ilegal. Estava segura, por enquanto, na sala de estar de Liz, com uma vista desimpedida da rua, ouvindo a senhora explicar por que preferia alugar um local para ficar a se submeter à política de moradia para professores. Ela praticamente já podia sentir sua pressão arterial baixando.

— Agora me diga — disse Liz. — O que você faz? De onde você é?

Eva desviou o olhar da janela e deu sua resposta padrão.

— Cresci em São Francisco. Sou garçonete no DuPree's, no centro de Berkeley. — Em seguida, voltou a conversa para Liz. — Então, você é professora? Dá aulas de quê?

Liz pegou sua água e tomou um gole.

— Economia política — disse ela. — Teoria econômica e os sistemas econômicos políticos que a acompanham. — Ela riu. — Eu juro que é um assunto fascinante.

Ela tirou o gelo e Eva observou enquanto ela examinava o tornozelo, girando-o com cautela. Liz olhou para cima e sorriu.

— Não foi uma torção. O que é um alívio, porque começar um novo semestre de muletas teria sido um desafio.

Havia algo na voz de Liz, profundo e ressonante, apesar de seu pequeno tamanho, que a acalmava. Aquilo vibrava dentro dela, fazendo-a respirar mais fundo. Ouvir com mais atenção. Eva a imaginou na frente de um grande auditório, sua voz ecoando até os cantos mais distantes. O barulho de canetas no papel ou o som da digitação rápida nos laptops, os alunos registrando ansiosamente tudo o que ela dizia.

De sua posição no sofá de Liz, Eva viu um sedã do governo deslizar pela rua e parar lentamente na calçada. O mesmo homem que estava conversando com Brittany no posto de gasolina saiu do carro e caminhou até a entrada da casa.

Sua mente começou a conectar pontos que ela nem sabia que existiam, passando da questão de como ele havia encontrado sua casa para a resposta inevitável: devia haver outra pessoa seguindo-a. Alguém que ela não havia visto.

Eva se levantou de repente e foi até Liz. Afastando-se, assim, da janela.

— Você tem certeza de que não precisa de um médico?

Liz colocou o gelo de volta no tornozelo e disse:

— Vou te dizer do que preciso. Preciso que você jogue fora essa água de torneira ruim e encha meu copo com vodca. Pegue uma para você também. Está na geladeira.

O som fraco de batidas na porta ao lado chamou a atenção de Liz.

— Acho que alguém está batendo na sua porta — disse ela.

Eva espiou pelas persianas e viu o homem enfiar algo em sua caixa de correio. Todos os nervos do seu corpo estavam formigando de medo, incitando-a a correr. Ela olhou pela porta e para a cozinha de Liz, imaginando-se saindo pela porta dos fundos, passando pelo portão de lá e descendo o beco, correndo até a casa de Dex, exigindo respostas.

Mas ela respirou fundo, lembrando-se de que tudo o que havia feito foi conversar com uma mulher no parque. Ela não havia vendido nada para ela, nem sequer lhe mostrado nada. *Aja normalmente*. Esse era o conselho que Dex costumava dar a ela nos primeiros dias, quando ela ficava assustada. *Só culpados fogem. É exatamente isso o que eles estão esperando que você faça. Então, não faça.*

— Já vi esse cara antes — mentiu Eva. — Ele está vendendo assinaturas para uma empresa de alarmes. Você tem que fingir que não está em casa, senão ele vai te encher o saco.

— Detesto vendedores porta a porta — disse Liz. Se ela achou estranho ele não ter vindo à sua porta em seguida, não mencionou nada.

Eva se levantou e disse:

— Acho que vou pegar aquela bebida para nós. — Uma bebida era o mínimo que ela merecia.

CLAIRE

Quarta-feira, 23 de fevereiro

Saio do escritório de Eva deixando-o coberto de papéis e atravesso o corredor, determinada a confirmar o que estou começando a suspeitar: que nada do que Eva me disse sobre si mesma ou sobre o motivo de estar fugindo era verdade. Abro a porta do armário dela, reviro os cabides, procuro por evidências do marido que ela adorava. No mínimo, deveria haver grandes espaços vazios onde as roupas dele costumavam ficar, mas tudo o que encontro são algumas blusas bonitas, alguns vestidos, botas e sapatilhas. Tudo de Eva. Abro as gavetas da cômoda e encontro camisas, jeans, roupas íntimas e meias, e vislumbres do meu desconhecido novo perfil me assustam no espelho, tão parecido com o de Eva que, por um momento, quase chego a acreditar que ela voltou. Que ela está aqui e que fui eu quem morreu. *Sexta-feira Muito Louca* pra cacete.

Sento-me na cama de Eva. Tudo em que eu acreditava — sobre Eva, sobre sua vida, sobre por que ela não queria estar ali — está em pedaços aos meus pés. Se não havia marido, não haveria investigação sobre a morte dele. E se não havia investigação, deveria haver outro motivo para Eva estar tão disposta a trocar de lugar e desaparecer.

Começo a rir — um riso histérico, o descontrole de uma mulher exausta no limite da sanidade — e penso em todas as mentiras que ela contou, com uma expressão serena e sincera. Então ouço a voz dela na minha cabeça e a imagino me dizendo para me acalmar e dar o fora da porra da casa dela, e dou um sorriso irônico ao perceber como isso é nítido, como ainda consigo me lembrar perfeitamente.

Nenhuma de nós poderia imaginar que isso aconteceria. Estávamos apenas trocando passagens. Eu não deveria dirigir até a casa dela, destrancar a porta e entrar na vida dela. Mas, seja lá no que eu tenha me metido, estou aqui porque escolhi estar.

* * *

De volta ao escritório de Eva, com o *Doc* aberto na tela à minha frente, examino mais atentamente um dos extratos bancários de Eva, analisando suas despesas mensais. Comida, gasolina, cafeterias. Pagamentos por débito automático mensais para tudo, incluindo TV a cabo e coleta de lixo, com um saldo de dois mil dólares. Há dois depósitos bancários diretos de um lugar chamado DuPree's Steakhouse, cada um de novecentos dólares. Nem de perto uma renda suficiente para justificar a compra à vista da sua casa.

E, como eu esperava, nenhuma despesa médica, nenhum plano de saúde. Nenhuma farmácia. Sinto uma pontada de admiração pela invenção ultrajante apresentada com a delicadeza de um vigarista. A maneira suave como ela colocou seu cartão de embarque na bancada entre nós, uma tentação silenciosa que eu estava preocupada demais para notar naquele momento, a maneira como ela descreveu como era fácil se misturar em Berkeley. O modo sutil como ela refletiu meus próprios desejos e medos de volta para mim, permitindo que eu acompanhasse seus passos.

De acordo com o registro do carro, ela dirige um Honda antigo, que provavelmente está escondido na garagem anexa. Uma mulher inteligente o suficiente para orquestrar algo assim não vai deixar o carro estacionado em um aeroporto ou estação de trem, identificando-o como seu ponto de partida. No entanto, eu não quero ter nada a ver com isso. Se alguém estiver procurando por ela, certamente começará pelo carro. Mas é bom saber que ele está lá, caso eu venha a precisar dele.

Organizo rapidamente o restante da mesa de Eva. Mais canetas secas e clipes de papel emaranhados, envelopes vazios, alguns carregadores sem os cabos. Mas

nenhuma das outras coisas que se esperaria encontrar. Nenhum cartão de aniversário guardado ou lembretes de compromissos. Nenhuma fotografia, anotações ou lembranças sentimentais. Não apenas seu marido era uma invenção, como estou começando a me perguntar se Eva também não era.

Olho para o lado esquerdo da mesa, onde há uma lata de lixo vazia, e meu olhar se detém em um pequeno pedaço de papel, parcialmente escondido atrás da mesa, como se alguém tivesse pensado em jogá-lo fora e não tivesse conseguido. Pego o papel e o aliso. É um pequeno cartão, com uma caligrafia caprichada, daquelas inclinadas e cheias de curvas que não se vê depois do ensino fundamental. *Tudo o que você sempre quis está do outro lado do medo.*

Tento imaginar as circunstâncias nas quais Eva escreveu isso e depois descartou. Se talvez ela não precisasse mais, ou se deixou de ser algo que ela acreditava ser verdade.

Atravesso o corredor com o cartão até o quarto de Eva, prendo-o na borda do espelho sobre a cômoda e começo a arrumar a bagunça que fiz. Enquanto dobro suas camisas, o cheiro dela — flores com um toque químico — se espalha pelo ar ao meu redor. Encontro uma camiseta do Red Hot Chili Peppers e a seguro contra o peito. Grande demais e surrada, é da turnê *Californication*. Os Chili Peppers eram uma das bandas favoritas de Violet, e eu tinha prometido a ela que, quando fizesse dezesseis anos, eu a levaria a um show. Uma das muitas coisas que ela nunca conseguiu fazer. Coloco a camisa sobre o ombro e fecho a gaveta. Isso eu quero.

Concluo a arrumação da cômoda, verificando se não há dinheiro ou joias escondidos. Nenhum diário ou cartas de amor guardados longe de olhares indiscretos. Além do marido fictício, ninguém — exceto talvez eu, morando na casa de Rory — vive uma vida tão vazia assim.

Do outro lado do quarto, sento-me na beira da cama dela e abro a gaveta de cima da mesinha de cabeceira. Outro tubo de uma loção para as mãos cara que cheira a rosas quando o passo no braço. Um frasco de Tylenol. Mas, escondida na borda interna da gaveta, há uma foto, a única que vi na casa até agora. É uma foto

original de Eva posando com uma mulher mais velha do lado de fora de um estádio em São Francisco. Enormes faixas do Giants Baseball estão penduradas atrás de recortes em tamanho real de jogadores, e as mulheres posam, com as cabeças inclinadas uma na outra, Eva rindo, com o braço sobre os ombros da mulher. Ela parece leve e feliz, como se as sombras que a perseguiam ainda não tivessem aparecido. Eu me pergunto se era uma amiga ou alguém que Eva havia enganado. Já que tudo o que Eva fazia era calculado para seu próprio benefício.

Imagino Eva, tecendo suas mentiras. Fazendo essa mulher acreditar que Eva era alguém que precisava de ajuda. Observo o rosto da mulher, imaginando onde ela está agora, se poderia vir procurar Eva e o que diria ao me encontrar, com exatamente o mesmo corte de cabelo e a mesma cor de cabelo da Eva, morando na casa dela, usando as roupas dela. Quem é a vigarista agora?

No fundo da gaveta, embaixo de uma tesoura e de uma fita adesiva, encontro um envelope. Dentro dele, há um bilhete escrito à mão, datado de treze anos atrás, preso com um clipe com algumas páginas atrás dele. Retiro o clipe e folheio as páginas, documentos de um lugar em São Francisco chamado St. Joseph's. Um convento? Uma igreja? A caligrafia é muito fina e está desbotada, e inclino-o em direção à janela para poder ler melhor.

Querida Eva,

Espero que esta carta a encontre bem, estudando bastante e aprendendo muito! Estou escrevendo para informá-la de que, após mais de oitenta anos, o lar coletivo St. Joseph está finalmente sendo incorporado ao sistema de acolhimento do condado. Provavelmente é para o melhor, já que todas nós estamos envelhecendo aqui, inclusive a irmã Catherine.

Lembro-me de que você costumava perguntar com frequência sobre sua família biológica e, embora estivéssemos proibidas de responder às suas perguntas na época, agora que você tem mais de dezoito anos, quero fornecer-lhe todas

as informações que temos. Estou anexando cópias de nossas anotações sobre sua admissão e os registros gerais de seus anos aqui. Se houver algum detalhe específico que você queira saber, terá que solicitar seus registros oficiais ao condado. Acredito que o assistente social que trabalhou no seu caso foi Craig Henderson.

É importante que você saiba que eu procurei a família de sua mãe após o fracasso de sua última colocação em um lar adotivo, na esperança de que eles pudessem ter mudado de ideia. No entanto, não mudaram. Sua mãe lutava contra a dependência química, e sua família estava sobrecarregada com o fardo de monitorá-la e cuidar dela. Esse foi um dos principais motivos pelos quais eles decidiram entregá-la.

No entanto, apesar desse começo, você se tornou uma pessoa incrível. Saiba que ainda falamos em você, e que temos muito orgulho de suas muitas realizações. A irmã Catherine procura seu nome nos jornais em associação com alguma descoberta científica magnífica, embora eu precise lembrá-la de que você ainda está na faculdade e de que isso provavelmente ainda levará alguns anos. Adoraríamos receber uma visita ou um telefonema para sabermos que tipo de vida maravilhosa você construiu para si mesma em Berkeley. Você está destinada a fazer grandes coisas.

Com muito amor em Cristo,
Irmã Bernadette

Coloquei o bilhete de lado e olhei para o restante dos papéis que estavam presos com o clipe. São fotocópias de anotações manuscritas, datadas de mais de trinta anos atrás. Elas descrevem a chegada e a adaptação de uma menina de dois anos a um orfanato católico.

A criança, Eva, chegou às 19h; a mãe, Rachel Ann James, recusou-se a ser entrevistada e assinou os documentos para a renúncia dos direitos parentais. O St. Joseph's enviou a documentação ao condado e aguarda resposta.

Outra página, datada de vinte e quatro anos atrás, era menos clínica.

Eva retornou para nós ontem à noite. Esta foi a sua terceira colocação, e receio que seja a última. Vamos mantê-la conosco enquanto o Senhor nos guiar, e lhe daremos um lugar aqui no St. Joe's. CH é o assistente social designado para o caso dela desta vez, o que significa que não o veremos com frequência.

Uma estudante de Berkeley explica os livros de ciências no andar de baixo. Talvez ela nunca tenha concluído os estudos — seja porque não tivesse dinheiro ou porque suas notas não fossem boas o suficiente para se formar, o que a levou a se tornar garçonete em uma churrascaria. E uma vigarista que inventa mentiras em um aeroporto de Nova York.

Isso também explica por que a casa é tão vazia; vazia de qualquer coisa que Eva possa ter acumulado de uma família — álbuns de fotos, cartões de aniversário, bilhetes. Eu sei como é acordar sozinha todos os dias, sem família para se preocupar com seu bem-estar. Com seu coração. Se você está feliz. Pelo menos eu tive isso durante os primeiros vinte e um anos da minha vida. É possível que Eva jamais tenha tido.

É assim que é morrer, deixando tantas coisas inacabadas. Isso ainda te prende; como um fio inquebrável, sempre levando seus pensamentos de volta para *se ao menos*. Mas *se ao menos* é uma pergunta inútil, um holofote brilhando em um palco vazio, iluminando o que nunca foi e nunca será.

Guardo a carta de volta no envelope e a recoloco na gaveta, tentando imaginar essa nova versão de Eva. Mas ela se move rapidamente, como mercúrio — um

lampejo e depois desaparece. Nunca se fixa por tempo suficiente para que se possa vê-la com clareza, uma forma em constante mudança fora da minha visão periférica.

* * *

Preciso de um banho, alguns fios de cabelo soltos estão causando coceira na minha nuca. As únicas roupas que tenho são as poucas que retirei da minha mala no banheiro do JFK. Minhas calças jeans. Uma única calcinha. Nenhum sutiã ou meia além dos que estou usando. Olho para a bolsa e depois para a cômoda de Eva, cheia de roupas que não me pertencem. Não apenas jeans e blusas, mas peças íntimas. E isso me atinge em cheio de novo. Não tenho quase nada. Hesito antes de abrir a gaveta de calcinhas dela mais uma vez, com o estômago embrulhado, preparando-me para a ideia de usar suas roupas íntimas. Fecho os olhos, pensando em outras pessoas que tiveram que recorrer a coisas muito mais horríveis para sobreviver do que usar as calcinhas de outra pessoa. *É só algodão e elástico*, digo a mim mesma. *E estão limpas*.

Retiro minhas próprias roupas da bolsa, perguntando-me se uma pessoa consegue viver indefinidamente com apenas duas calcinhas, e dirijo-me rapidamente para o corredor, onde pego uma toalha do armário de roupas de cama e banho. No banheiro, abro o chuveiro e deixo a água quente correr, embaçando o ambiente e ofuscando meu reflexo no espelho até que eu seja apenas um contorno indistinto. Uma imagem borrada de uma mulher anônima. Eu poderia ser qualquer pessoa.

* * *

Quando termino, visto-me e fico em frente ao espelho no quarto de Eva, com o aroma desconhecido de rosas do sabonete e da loção dela pairando no ar ao meu redor. Uma estranha me olha de volta, com seu cabelo loiro curto e maçãs do rosto salientes. Vou até a cômoda, onde está a carteira de Eva, pego sua carteira de motorista e comparo meu rosto com o dela, com uma onda de otimismo crescendo dentro de mim.

Reconheço esse sentimento, a empolgação de estar à beira de uma nova vida. Senti isso quando conheci Rory, quando tudo parecia brilhar com possibilidades, estando na fronteira entre quem eu era e quem eu queria me tornar.

Uma história de fachada começa a tomar forma, uma explicação que posso dar a qualquer um que pergunte. *Eva e eu crescemos juntas no orfanato*. Posso falar com autoridade sobre a irmã Bernadette e a irmã Catherine. E se perguntarem para onde Eva foi e por que estou aqui, direi que estou me divorciando e que Eva está me deixando ficar aqui enquanto viaja.

Para onde ela foi?

Olho para o meu reflexo no espelho — não exatamente Eva, não exatamente Claire — e ensaio minha resposta.

— Nova York.

* * *

De volta ao escritório de Eva, começo a arrumar as coisas, separando os papéis dela em pilhas, sem saber o que fazer depois, quando um texto aparece na tela do meu computador. Primeiro, uma única frase, digitada por Rory. *A viagem a Detroit.* Em seguida, no lado direito do computador, Rory adiciona um comentário.

> **Rory Cook:**
> O que você fez com o pacote da FedEx?

Uma resposta chega quase imediatamente.

> **Bruce Corcoran:**
> O dinheiro está na gaveta. O documento de identidade, o passaporte e o restante foram destruídos.

> **Rory Cook:**
> A carta?

> **Bruce Corcoran:**
> Digitalizada e, em seguida, destruída.

> **Rory Cook:**
> Como diabos ela conseguiu um passaporte e um documento de identidade falsos?

Três pontos mostram Bruce respondendo, e eu prendo a respiração.

> **Bruce Corcoran:**
> Não faço ideia. A Segurança Interna acabou com os falsificadores, mas o que Claire tinha parecia real. Verifiquei a atividade do celular dela nos poucos dias que antecederam a viagem. Havia um número para o qual ela ligou naquela manhã que não conseguimos associar a ninguém que ela conhecesse. Ainda estamos investigando.

Espero para ver se eles vão continuar, mas nada de novo aparece. Em seguida, os comentários desaparecem, um por um, e o texto no próprio *Doc*. também some. No canto superior direito, o ícone de Bruce desaparece, deixando apenas o de Rory. Preciso ter cuidado. Não há como diferenciar minha presença no *Doc*. da presença de Rory, e se eu começar a clicar em coisas, essa atividade aparecerá no computador dele com o nome anexado. Sendo assim, estou presa, uma observadora silenciosa, incapaz de acompanhar ou de ter minhas perguntas respondidas. Tudo o que posso fazer é assistir à cena se desenrolar na tela à minha frente.

* * *

Sem nada para fazer e com várias horas ainda pela frente até ir dormir, abro uma nova aba, navego até a página inicial da CNN e procuro notícias sobre o acidente. Há uma nota informando que planejaram meu funeral, marcado para um sábado daqui a três semanas. Tempo de sobra para Rory planejar algo grandioso, provavelmente na cidade, com uma lista de convidados repleta de dignitários.

Então clico na foto de Kate Lane. Seus programas de televisão mais recentes estão lá para eu assistir novamente. Rolo a página para baixo e clico na coletiva de imprensa da noite passada para ouvir o diretor do NTSB responder às perguntas dos repórteres.

Após repassar os detalhes do que já havia sido divulgado, ele encerra a coletiva de imprensa. *Ainda estamos na fase de busca e resgate. Mais informações serão divulgadas nos próximos dias. Peço a sua paciência quanto a este assunto. A Vista Airlines tem cooperado e está atendendo a todas as solicitações federais*.

É como eu esperava, mais perguntas do que respostas. Mas, pouco antes de a câmera voltar para Kate no estúdio, meu olhar capta algo na multidão. Volto e assisto novamente ao final da coletiva de imprensa, pausando-o ao vê-lo. No canto inferior esquerdo, há um lampejo de cor familiar entre as típicas parkas pretas e marrons e os blusões azul-marinho. A imagem borrada de uma mulher loira platinada usando um suéter rosa-choque decididamente inadequado para uma noite fria de fevereiro em Nova York.

EVA

Berkeley, Califórnia
Agosto
Seis meses antes do Acidente

O nome do homem era agente Castro e, nos dias que se seguiram, Eva começou a vê-lo em todos os lugares. Ela havia jogado fora o cartão de visita que ele havia deixado na sua caixa de correio e tentou fingir que ele não a havia seguido até sua casa, que não havia caminhado pela calçada que leva à sua casa nem que havia batido à sua porta. Mas ele continuava aparecendo. No estacionamento do supermercado. Dirigindo pela Avenida Bancroft enquanto ela saía de uma cafeteria. Ele até deu as caras no DuPree's, pegando uma mesa em uma seção diferente e fazendo Eva errar vários pedidos enquanto ele comia lentamente uma costela e bebia uma Guinness.

Uma coisa a preocupava: o quanto ele deixava claro não se importar em ser visto. E isso fazia com que ela se perguntasse por quanto tempo ele a vinha observando antes de decidir se fazer notar.

Quando Dex finalmente retornou a ligação, Eva exigiu que eles se encontrassem imediatamente.

— Como você conseguiu aquela indicação da Brittany? — ela perguntou. Eles estavam em um bar esportivo na Telegraph Avenue, sentados frente a frente em uma mesa pegajosa de cerveja no refeitório do porão, ao lado de uma mesa de sinuca, enquanto estudantes meio bêbados assistiam a um jogo de futebol americano da pré-temporada na TV de tela grande.

— Um cara com quem eu cresci se mudou para Los Angeles. Ele a conhece de lá. Quando ela se mudou para cá, ele deu meu nome a ela. Disse que ela seria uma

cliente fiel. Por quê?

Eva estudou o rosto dele, procurando por qualquer sinal de mentira, tensão ou um lampejo de culpa.

— Eu a vi conversando com um agente federal depois que ela tentou comprar de mim. Agora ele está me seguindo. Eu o vejo em todos os lugares.

Dex largou o hambúrguer, com uma expressão séria.

— Me conte exatamente o que aconteceu.

Eva descreveu como Brittany parecia estar nervosa. A maneira agitada com que falava e as feridas nas mãos.

— Acho que minha pergunta é por que você me enviou alguém que você mesmo não havia verificado. Não é assim que as coisas deveriam funcionar.

O olhar de Dex escureceu.

— O que você está sugerindo?

— Estou dizendo que, logo depois de me encontrar com um cliente que você indicou, estou sendo perseguida por um agente federal.

— Porra. — Dex jogou o guardanapo na mesa. — Quero que você pare tudo. Não produza nem venda nada até ter notícias minhas.

— E como você vai explicar isso para o Fish? — perguntou ela.

— Eu me viro com ele — disse Dex. — Meu trabalho é manter você segura.

Eva o encarou, ponderando suas palavras, sabendo como aquele jogo era jogado. No fim das contas, se a escolha era a cadeia ou entregar um amigo, as pessoas em seu ramo de negócios faziam o que tinham que fazer. Ela não se iludiu achando que Dex seria diferente, e também não tinha certeza se ela mesma seria.

No entanto, Dex havia sido quem a tinha ensinado a avaliar riscos, a identificar quem poderia ser um agente secreto ou um viciado que pudesse expô-la. Ela não conseguia imaginá-lo levando-a para um abismo que certamente o arrastaria junto.

* * *

Eles vinham se encontrando com alguém, vários meses após a expulsão dela, enquanto ela ainda morava no quarto de hóspedes de Dex e preparava as drogas

com equipamentos antigos na cozinha dele. Eles o viram, um estudante de cabelo desgrenhado, de apenas vinte anos, com fones de ouvido e calças largas.

— Fique de olho nele — disse Dex. Eles estavam escondidos atrás de um ponto de ônibus, como se estivessem verificando os horários. O homem tinha uma espécie de tique nervoso, encolhendo o ombro esquerdo e balançando a cabeça, quase imperceptivelmente, enquanto esperava. Em voz baixa, Dex disse: — Você sempre observa primeiro. Procura por anomalias, como estar usando moletom num calor de vinte e sete graus. Ou se estão usando uma regata quando está chovendo. Essas são pistas, e você *precisa* identificá-las. Dê uma olhada nos fones de ouvido dele. Eles não estão conectados a nada. Vê como o fio está enfiado no bolso da frente, mas o contorno do telefone está no bolso de trás? — Eva assentiu, arquivando essas coisas, sabendo que sua sobrevivência dependia de se lembrar delas. Dex continuou: — Quando você vê algo assim, você segue seu caminho, porque algo não está certo. Ou ele é um viciado ou um policial. — Ele a encarou com uma expressão grave, seus olhos cinzentos fixos nos dela. — Sua prioridade número um, a prioridade número um de Fish, é a sua segurança. É por isso que ele tem durado tanto tempo neste negócio. — Dex riu baixinho. — Isso e as dez pessoas que trabalham para ele nos departamentos de polícia de Berkeley e Oakland.

Eles saíram de debaixo da cobertura do quiosque e se afastaram do homem sem efetuar a venda, deixando-o na calçada, esperando pelas drogas que nunca chegariam.

* * *

— Você vendeu alguma coisa para ela? — Dex perguntou agora para Eva.

— Não. Ela estava muito estranha. Doidona. Eu disse a ela que ela tinha me confundido com outra pessoa e saí dali o mais rápido que pude.

Dex assentiu.

— Ótimo. Você vai tirar férias até descobrirmos o que está acontecendo.

— É como se esse cara quisesse que eu o visse.

— Provavelmente ele quer — disse Dex. — As pessoas cometem erros quando estão nervosas, e ele obviamente quer te deixar nervosa. O fato de ele ser tão visível significa que não tem nada contra você e está ficando desesperado.

— O que eu devo fazer?

— Deixe que ele siga você. Ele não verá nada e, por fim, vai acabar procurando em outro lugar.

Dex jogou algumas notas de cinco dólares na mesa como gorjeta. Ao redor deles, a sala explodiu em aplausos, todos os olhos voltados para a televisão, onde alguém havia acabado de marcar um touchdown. Eva começou a se levantar, mas Dex disse:

— Você deveria ficar um pouco mais.

Eva se recostou e o observou sair, lutando contra o pânico crescente, como alguém que está esperando sua vez de entrar em um bote salva-vidas e percebe que será a única a permanecer no navio que estava afundando. Dex já tentava se distanciar.

Ao redor dela, os universitários bebiam e riam, a maior preocupação deles era se a Cal iria a um jogo de pós-temporada. Ela jamais se sentiu relaxada desse modo na vida. Mesmo quando estudante, era reservada. Quieta. Crescendo em um orfanato, aprendeu desde cedo que era mais seguro observar do que se intrometer com gargalhadas ou uma piada espirituosa. As irmãs do St. Joe's as incentivavam a serem estudiosas. Respeitosas. O que Eva havia se tornado, enquanto descobria como quebrar as regras de forma mais discreta.

Mas não era um lar. As irmãs eram mais velhas. Exigentes e inflexíveis. Elas acreditavam que as crianças deveriam ficar caladas e serem obedientes. Eva se lembrava dos corredores gelados do dormitório, escondidos atrás do santuário, cheirando a cera de vela e umidade. Ela se lembrava das outras garotas. Não dos seus nomes, mas das suas vozes. Ásperas e intimidadoras, ou suaves e assustadas. Ela se lembrava do choro à noite. De como, no fim do dia, cada uma delas estava sozinha.

Eva tomou o último gole da sua cerveja e se levantou, abrindo caminho na direção das escadas que levavam ao restaurante principal. Ela viu a saída de emergência, imaginando o som do alarme, que já soava dentro da sua cabeça. Mas ela o ignorou, sabendo que não era hora para nada tão desesperado. Ainda não.

* * *

Ao entrar na garagem, ela viu Liz trancando a porta e descendo a calçada em direção ao carro. Eva olhou para os dois lados da rua, forçando-se a diminuir a velocidade e agir normalmente.

— Olá! — saudou-a Liz.

Eva estava curiosa sobre Liz desde aquela primeira tarde no apartamento dela. Ela se viu prestando atenção nela. Observando-a ir e vir. O som da voz de Liz ainda ecoava em sua mente, e Eva não podia negar que se sentia atraída pela mulher.

Eva trancou o carro e se virou para ela com um sorriso, apontando para as placas de Nova Jersey de Liz.

— Você veio dirigindo todo o caminho desde Nova Jersey? — Ela tentou relaxar os ombros e se concentrar em Liz, e não na possibilidade de o carro do agente Castro virar a esquina a qualquer momento.

Mas hoje não era dia para conversar, e ela respirou aliviada quando Liz disse apenas:

— Achei que seria uma viagem divertida, mas já estou com medo da volta. — Ela contornou o carro e se sentou no banco do motorista com um aceno, e Eva continuou pela passarela, destrancando a porta e entrando.

O silêncio foi um alívio. Ela foi até o sofá e se deitou, forçando-se a respirar fundo várias vezes, mas não conseguia relaxar. Podia sentir a presença de Castro como uma plateia, observando tudo o que ela fazia. Cada ida e vinda ao mercado, ao DuPree's. Cada interação como a que acabara de ter com Liz, registrada nas anotações de campo de alguém.

16h56min: Eva conversa com uma vizinha mais velha no gramado.

Ela olhou fixamente para a parede que separava seu apartamento do de Liz e se perguntou se Liz seria uma pessoa útil para se ter por perto. Tornar-se parte da história que ela queria que Castro acreditasse sobre ela. Que ela era apenas uma garçonete que vivia uma vida pacata, cheia de detalhes mundanos, chatos demais para serem registrados. *Eva passa a noite fora com uma amiga vizinha*. Ou *Eva e uma amiga vizinha fazem um tour guiado pelo Berkeley Rose Garden*. O que poderia entediá-los mais?

* * *

Mais tarde, naquela noite, bateram à porta. Uma rápida olhada pela janela revelou Liz na varanda, segurando uma caçarola.

— Não sei quando vou me lembrar de reduzir a receita pela metade — disse ela, embora Eva suspeitasse de que Liz preferisse ter alguém para quem cozinhar.

Liz entregou-lhe a caçarola e entrou, fazendo Eva hesitar enquanto carregava a caçarola para a cozinha. Ela tinha acabado de fechar a geladeira e se virou para ver Liz curvada, lendo os títulos dos livros em sua estante na sala de estar. Foi perturbador ter alguém em seu espaço, olhando suas coisas. Mas ela respirou fundo e sorriu, apesar do desconforto. *19h45min: Vizinha traz comida para Eva. Elas conversam por doze minutos.* Ela conseguiria fazer isso.

— Você se interessa por química? — perguntou Liz.

Eva deu de ombros. Eram, em sua maioria, livros antigos do seu último ano de faculdade, que Eva não abria há anos. Mas ela não conseguia se livrar deles, como se, ao fazê-lo, isso significasse jogar fora uma parte essencial de si mesma.

— Estudei por um tempinho. Na escola.

— São livros de faculdade — disse Liz, pegando um. Ela o abriu, olhando para o carimbo da loja estudantil de Berkeley na contracapa. — Você estudou em Berkeley? Você nunca mencionou isso.

— Por um tempo — respondeu Eva. — Eu não me formei.

— Por que não? — perguntou Liz, como Eva sabia que ela faria.

— Algumas coisas aconteceram no meio do caminho. — Eva esperava que suas respostas pela metade e desvios encerrassem a conversa ali.

Na bancada, o telefone de Eva vibrou, iluminando-se com uma mensagem de Dex.

Eva pegou o telefone, pressionando a opção "Salvar para Mais Tarde" na tela antes de enfiá-lo no bolso.

Liz a observou, esperando que ela dissesse alguma coisa, e quando não disse, apontou para a lata aberta de Coca-Cola Zero na bancada.

— Essa coisa é veneno — disse ela.

Eva olhou para o relógio, a farsa subitamente a estava esgotando. De quanto tempo ela precisaria para entreter aquela mulher?

— É melhor eu tomar um banho. Esta noite eu trabalho no restaurante.

Liz esperou um instante, como se tentasse ler a verdade por trás das palavras de Eva, antes de dizer:

— Sabe, a vida é longa. Muitas coisas podem dar errado e ainda assim acabar bem.

Eva pensou em seu laboratório escondido sob a sala onde estavam. E achou que era uma metáfora adequada. Liz via apenas o que estava à sua frente, enquanto Eva se preocupava com tudo o que estava escondido sob a superfície e que pudesse vir flutuando até o topo, onde o agente Castro esperava para pegar.

— Obrigada pela comida — agradeceu ela.

Liz recolocou o livro na prateleira e se despediu.

— Por nada.

Depois que ela saiu, Eva pegou o telefone e leu a mensagem de Dex.

> Fish está cuidando de tudo. Tire algumas semanas de folga e esse cara vai desaparecer.

Um alívio tomou conta dela. Era como se tivesse escapado de uma colisão. Castro passou por ela, deixando-a fraca e trêmula, mas inteira.

— Vai ficar tudo bem — disse ela em voz alta para o quarto vazio.

Na casa ao lado, Liz havia ligado uma música, e o som fraco do jazz se insinuava em Eva, chamando-a, oferecendo-lhe um vislumbre de uma vida que ela poderia ter por algum tempo.

* * *

Mais tarde, naquela noite, ela entrou no DuPree's vindo do beco e correu para seu armário, esperando que Gabe, seu gerente, não percebesse que ela estava atrasada. Quando voltou, encontrou-o mandando um ajudante limpar algumas mesas.

— Finalmente — disse ele. — Você vai trabalhar na seção cinco.

Eva pegou seu bloco de notas e revisou os pratos especiais com o subchefe na cozinha antes de sair para a ampla área de refeição do restaurante.

Logo ela mergulhou no trabalho. Anotando pedidos, conversando com os clientes, entregando as refeições. Por um tempo, podia ser exatamente quem todos pensavam que ela era. Apenas uma garçonete, trabalhando duro e guardando suas gorjetas para um fim de semana prolongado em Cabo ou para uma jaqueta de couro nova. Uma sensação de leveza tomou conta dela, fazendo-a se sentir cheia de entusiasmo, como uma criança saindo da escola rumo às férias de verão.

Gabe a encontrou na cozinha, dando instruções ao cozinheiro para um pedido vegetariano. Ele estava na casa dos quarenta e poucos anos, ficando careca, usava uma camisa que parecia sempre estar esticada nas bordas. Era um chefe justo que parecia rude e impaciente com seus funcionários, mas sempre lhes dava folga quando precisavam.

— Eva — disse ele —, quando você vai me deixar te escalar para mais turnos? Preciso de você mais de duas vezes por semana.

— Não, obrigada — disse ela. — Senão fica muito difícil me dedicar aos meus hobbies.

— Hobbies? — Gabe disse, perplexo. — Quais hobbies?

Eva encostou-se na parede da cozinha, grata pela breve pausa, e os contou nos dedos.

— Tricô. Cerâmica. Roller Derby.

Um dos lavadores de pratos fez um barulho pelo nariz, e ela piscou para ele.

Gabe balançou a cabeça, resmungando baixinho sobre como ninguém lhe dava valor.

Alguém chamou do outro lado da cozinha.

— Eva, a mesa quatro parece pronta para pedir.

Ela voltou para o salão, mais vazio agora que eram quase nove horas. Ao chegar à mesa quatro, parou, de repente. Lá estava um de seus melhores clientes, Jeremy, sentado no meio de duas pessoas que deviam ser seus pais.

Jeremy era um aluno do terceiro ano de Comunicação, cujo pai exigia notas máximas para continuar financiando seus estudos e seu estilo de vida luxuoso, que incluía uma BMW, um loft no centro de Berkeley e os comprimidos que Eva produzia. E, ao contrário de Brett, Jeremy sempre pagava à vista. Dinheiro na entrega. Era um prazer fazer negócios com ele.

De vez em quando, ela encontrava seus clientes no mundo real, e isso, de alguma forma, sempre os deixava constrangidos. Com Jeremy não foi diferente. Quando ele a viu, seu rosto empalideceu, seus olhos dispararam em busca da saída mais próxima. Sua mãe analisava o cardápio enquanto seu pai mexia no celular. Eva sorriu, na esperança de tranquilizá-lo.

— Olá. Permitam-me apresentar-lhes os pratos especiais do dia. — Eva começou a citar os pratos, enquanto Jeremy se recusava a olhar para ela. Ela entendia o pânico dele. Levou anos para ela se dar conta de que as pessoas não percebiam sua atuação, que não sabiam o que ela estava fazendo quando encontrava alguém no parque ou na esquina perto do supermercado. O mundo estava cheio de pessoas que guardavam segredos. Ninguém era quem parecia ser.

Jeremy a encurralou perto dos banheiros antes da sobremesa.

— O que você está fazendo aqui? — ele sussurrou.

— Eu trabalho aqui.

Ele olhou por cima do ombro dela em direção ao restaurante.

Ela seguiu o olhar dele e disse:

— Olha, Jeremy. Pode relaxar. Aceite um conselho: as pessoas vão acreditar no que você quiser, contanto que você não vacile. Você não me conhece, e eu não te conheço. — Ela se afastou, deixando-o parado entre o banheiro masculino e a saída de emergência.

Quando seu turno terminou, ela passou pelo carro do agente Castro no estacionamento, deixando seu olhar encontrar o dele por uma fração de segundo antes de se afastar. Seja qual for o jogo que ele estivesse jogando, ela também poderia jogar.

CLAIRE

Quarta-feira, 23 de fevereiro

Fico observando a imagem congelada na tela do computador até meus olhos começarem a lacrimejar, até que não vejo nada além de um acúmulo de pixels; tons de rosa, sombras escuras, cabelos loiros platinados onde deveria haver um rosto.

Foi a tia Mary de Rory quem me deu aquele suéter de cashmere cor-de-rosa de Natal.

— Algo para te manter aquecida enquanto você vive no centro gelado da família Cook. — Ela riu, alto e com entusiasmo, agitando o gelo em seu copo quase vazio, como se quisesse soltar o gim que ainda restasse no fundo.

Eu deixei o suéter, macio e luxuoso, no colo, esperando que alguém se aproximasse para explicar as palavras da tia Mary. Eles, no entanto, simplesmente ignoraram o assunto, e Rory me deu uma piscadela, como se eu agora conhecesse o segredo da família.

Mais tarde, naquele mesmo Natal, tia Mary se aproximou de mim e, embriagada, disse:

— O mundo inteiro ama Rory Cook. — Irmã mais velha do pai de Rory, Mary era solteira e considerada um fardo para a família. Ela baixou a voz e disse com o hálito forte de gim: — Mas tome cuidado para não o contrariar, ou você vai acabar como a pobre Maggie Moretti.

— Foi um acidente — respondi, com os olhos fixos em Rory, do outro lado da sala, brincando com alguns primos mais novos. Eu ainda tentava acreditar que tinha conseguido a vida que sempre quis, com três gerações da família Cook reunidas para celebrar as festas de fim de ano. Eu queria abraçar as tradições deles.

As canções natalinas no hospital infantil, a missa à luz de velas seguida de um jantar à meia-noite, a vida familiar que eu sempre desejei quando menina, um contraste tão vibrante com as festas tranquilas da minha infância.

Meus instintos, no entanto, soaram o alerta, forçando-me a ficar e a ouvir o que ela tinha a dizer, porque minha ideia de Rory havia começado a mudar, o brilho de sua atenção havia começado a incomodar. Eu estava começando a perceber o preço que havia pagado, sentindo falta das coisas simples que eu costumava considerar naturais da vida. A liberdade de escolher meus próprios amigos, de pegar as chaves do meu carro e ir a algum lugar por impulso sem ter que pedir autorização para pelo menos dois assistentes e um motorista.

Tia Mary soltou uma gargalhada.

— Ah, então você está no time do *pobre Rory*, junto com o resto do mundo. — Ela tomou um gole de sua bebida e disse: — Deixe-me lhe dizer uma coisa. É um segredo de família mal guardado que meu irmão subornou todos os envolvidos. Por que ele faria isso se não houvesse nada a esconder? — Ela me deu um sorriso malicioso, e eu pude ver seu batom rosa escorrendo pelas rugas ao redor da boca. — Os homens da família Cook são uns amores, contanto que você faça o que eles querem. Mas, se sair da linha, tome cuidado.

Do outro lado da sala, Rory jogou a cabeça para trás e riu de algo que um dos primos disse. Tia Mary seguiu meu olhar e balançou a cabeça.

— Você me lembra um pouco da Maggie… uma garota legal, de origem simples. Como você, Maggie parecia ter integridade, algo que falta muito a esta família. Mas ela e Rory brigavam como cães, por qualquer coisinha. — Ela olhou para mim, com o sorriso um pouco distorcido devido ao álcool. — Ela não conseguia controlá-lo. Imagino que você também não consegue.

— Por que você está me contando isso? — perguntei.

Os olhos lacrimejantes da tia Mary fixaram-se nos meus, com os anos gravados nas profundas linhas ao redor deles.

— Esta família é como uma planta carnívora: brilhante na superfície, mas perigosa por dentro. E uma vez que você conhece seus segredos, eles jamais vão

deixar você ir embora.

Ela estava embriagada. Amarga. Uma senhora idosa ressentida espalhando veneno. E, no entanto, o que ela disse me assombrou ao longo dos anos à medida que Rory se tornava silencioso. Depois, irritado. E, por fim, violento. Eu queria acreditar na versão que Rory meticulosamente apresentava para o mundo, mas ele foi eliminando esse desejo de mim, um hematoma e um osso quebrado por vez.

Tia Mary morreu alguns anos depois, a última a falecer daquela geração dos Cook. Mas suas palavras me perseguiam cada vez que eu usava aquele suéter, um sussurro — ou um aviso — de que o destino de Maggie Moretti também poderia ser o meu.

* * *

Em algum lugar lá fora, um cachorro late, chamando minha atenção de volta para o quarto e para o meu computador. Arrasto o cursor para trás, para reproduzir o vídeo desde o início, olhando tão intensamente para aquela figura borrada de rosa que meus olhos começam a arder. Por mais que eu tente, não consigo ver mais nada. Apenas alguns fios de cabelos loiros — longos ou curtos, não sei dizer. Apenas um lampejo de rosa — que aparece e desaparece — e tento me lembrar de que muitas pessoas usam suéteres rosa, em todos os tipos de clima, e que Eva foi escaneada no voo. Não há como falsear isso.

* * *

— Um café coado, com creme, por favor — digo à barista na manhã de quinta-feira. Mantenho o olhar desviado e ainda uso meu boné da NYU, nervosa demais para mostrar meu rosto inteiro. Será que sempre vai ser assim, viver com medo de olhar alguém nos olhos e sorrir?

Eu me revirei na cama a noite toda sem conseguir dormir, com minha mente repassando aquele flash rosa na coletiva de imprensa, mas não importava quantas vezes eu imaginasse uma alternativa para Eva, eu sempre me deparava com o fato de que minha passagem havia sido escaneada para o voo. É improvável que ela tenha tido tempo suficiente para convencer outra pessoa a trocar de lugar com ela,

e a tripulação teria percebido, ao fazer a contagem de passageiros, se ela tivesse descido do avião antes da decolagem. Acordei esta manhã convencida de que havia sido apenas uma coincidência, que era apenas culpa, desejando que as coisas tivessem sido diferentes para Eva.

Pago meu café e me acomodo em uma poltrona de couro macio de onde tenho uma visão clara da porta e da rua lá fora.

Ontem à noite, com o intuito de tentar ligar para Petra novamente, pesquisei no Google como redefinir a senha de um telefone pré-pago e consegui desbloquear o da Eva. Como eu esperava, não revelou muita coisa. Nenhuma foto, nenhum e-mail. Ela usava um aplicativo chamado *Whispr*, e as mensagens de texto que chegaram na minha primeira noite haviam desaparecido, evaporado no ar. Se outras mensagens chegaram desde então, também haviam sumido.

Assim que consegui acesso, disquei o número de Petra de novo, imaginando o alívio que sentiria ao ouvir sua voz. Vê-la parada na varanda da frente da Eva, com o carro alugado parado na calçada, pronta para me tirar daquele pesadelo e me deixar em algum lugar seguro. Um hotel chique em São Francisco, onde pediríamos serviço de quarto e esperaríamos que o conhecido de Nico fizesse uma nova documentação para mim.

Mas a ligação terminou novamente com os três tons. O número não estava mais disponível. Tentei algumas variações, trocando números, substituindo uns por outros. Acabei ligando para uma *delicatessen*, para uma senhora mais velha que falava apenas espanhol, e para uma pré-escola antes de desistir. As palavras de Nico voltaram à minha mente: *Você nunca poderá voltar atrás. Nem uma vez. De modo algum. Jamais*.

Olho pela janela da cafeteria e vejo Berkeley ganhar vida. Um pequeno fluxo de pessoas entra, faz o pedido e sai novamente, a correria da manhã alinhada com o início mais tardio de uma cidade universitária. Às seis e meia, o local está vazio de novo, meu café quase acabou.

A barista sai de trás do balcão e começa a limpar a mesa ao meu lado.

— Você é de fora da cidade? — ela pergunta.

Eu congelo, sem saber como responder, com medo de ter sido reconhecida. Mas ela continua falando sem parar, dando-me tempo para me recompor.

— Conheço quase todo mundo que entra aqui. Se não pelo nome, pelo menos pelo rosto. Mas você é nova.

— Estou só de passagem — respondo, juntando minhas coisas e me preparando para sair.

Ela dá uma última passada do pano na mesa e olha para mim.

— Não precisa ir — diz ela. — Fique à vontade. — Então, ela vai para trás do balcão e começa a preparar mais café. Recosto-me na cadeira e observo o sinal no cruzamento mudar de vermelho para verde e vice-versa.

Por volta das sete e meia, a loja fica lotada e eu vou embora. A moça atrás do balcão acena e sorri quando saio, e eu retribuo, sentindo uma pequena onda de prazer me envolver.

* * *

Decido me forçar a sair para o mundo e dar uma volta, sabendo que não posso me esconder para sempre. Então, em vez de voltar para a casa de Eva, viro para oeste na Hearst Avenue e sigo pelo perímetro mais ao norte do campus, maravilhada com as gigantescas sequoias que se erguem entre os prédios e as extensões cobertas de grama. Quando chego à extremidade oeste do campus, viro para o sul e volto novamente para o leste, desta vez pelo lado sul. Esta é a Berkeley que você vê na televisão e sobre a qual lê nos livros. Uma roda de percussionistas se posicionou do lado de fora do centro estudantil, e as pessoas passam por eles, a caminho das aulas ou de seus escritórios, com a cabeça baixa no ar fresco da manhã. Enquanto subo a colina em direção ao antigo estádio de pedra, viro-me e olho para o oeste, com um vento forte passando por minhas mangas finas. Estremeço, olhando para a vastidão branca de São Francisco, a água cinzenta contrastando com os tons verdes e dourados profundos das colinas ao norte, a Ponte Golden Gate, uma silhueta alaranjada e empoeirada. Em algum lugar lá fora

está o convento onde Eva cresceu. Uma infância inteira vivida e perdida entre os prédios que parecem brilhar ao longe.

Enquanto atravesso o campus, imagino como seria ser um estudante aqui, uma das muitas pessoas apressadas para a aula, e tento imaginar Eva entre elas. Diminuo o passo ao me aproximar de uma ponte que passa sobre um pequeno riacho e me apoio na grade, olhando para a água em movimento que desce a colina em direção ao oceano. Acima de mim, uma brisa sussurra por entre as árvores altas, um ruído silencioso que desacelera meus pensamentos. Não consigo imaginar querer deixar um lugar como este.

Eu me afasto da grade e continuo caminhando de volta para a casa de Eva, passando pela cafeteria, onde a barista ainda trabalha no turno da manhã, e por vários outros estabelecimentos fechados — um sebo, um salão de beleza — até retornar ao bairro de Eva. Minha respiração acelera enquanto subo a colina sinuosa, passando por prédios de apartamentos, casas pequenas e duplex semelhantes ao de Eva. Olho para dentro deles enquanto vou passando — uma mulher sentada à mesa de jantar, alimentando um bebê em um cadeirão. Um estudante universitário de cabelo despenteado, olhos inchados e mal acordado, olhando pela janela da cozinha.

Ao virar a esquina para a rua de Eva, esbarro em um homem que caminha na minha direção. Ele agarra meu braço para evitar que eu caia.

— Desculpe — diz ele. — Você está bem?

Ele tem cabelos escuros, com alguns fios grisalhos, mas não parece muito mais velho do que eu. Óculos escuros cobrem seus olhos, e ele usa um casaco longo, com um toque de cor por baixo. Calça escura, sapatos escuros.

— Estou bem — digo, e olho para além dele, para a rua de Eva, imaginando de onde ele veio, se é vizinho dela.

— Linda manhã para um café e uma caminhada — diz ele.

Dou-lhe um sorriso forçado e o contorno, sentindo seu olhar pressionar minhas costas até a rua fazer uma curva e eu sair do seu alcance de visão.

Só quando fechei e tranquei a porta atrás de mim é que minha ficha caiu.

Como ele poderia saber que eu tinha acabado de tomar um café e dar um passeio? Senti um forte aperto no peito, um tremor leve que me deixou ainda mais inquieta e nervosa.

* * *

De volta ao meu computador, verifico o e-mail de Rory e vejo um novo e-mail do NTSB que ele encaminhou para Danielle. Um pedido de uma amostra de DNA e meus registros dentários. As instruções dele são curtas e diretas: *Cuide disso*.

Olho para a janela e vejo a luz brilhante da manhã entrando por ela. Se eles estão recuperando corpos, é só uma questão de tempo até descobrirem que eu não estou lá. E que alguém que não deveria estar ocupou o voo.

Alterno a tela para o *Doc.* a tempo de capturar o final de uma conversa entre Rory e Bruce, e preciso rolar a página para cima para encontrar o começo. No entanto, não se trata da recuperação do corpo, como eu esperava. É sobre um e-mail que chegou tarde da noite passada enviado por alguém chamado Charlie.

Praticamente consigo ouvir o tom severo de Rory, as palavras curtas de suas instruções.

> **Rory Cook:**
> Isso já foi resolvido anos atrás, com dinheiro. Você precisa lembrar a Charlie o custo de se manifestar.

Charlie? O único Charlie que me vem à mente é Charlie Flanagan, um contador sênior da fundação que se aposentou há dois anos. Li o resto da conversa e percebi que as palavras de Rory se tornavam mais agitadas, ao passo que as de Bruce se tornavam mais apaziguadoras e conciliatórias. Mas é o comentário final de Rory que mais me intriga, porque, por trás de seu tom intimidador habitual, há um lampejo de vulnerabilidade.

> **Rory Cook:**
> Não posso permitir que isso venha a público agora. Não me importa como você vai lidar com isso. Ou quanto vai me custar. Apenas resolva.

Realizo uma busca na caixa de entrada de Rory por e-mails de Charlie. Há muitos, mas não aquele que Rory e Bruce estão discutindo, e nenhum recente. E, pelo que posso perceber, todos os e-mails de Charlie têm pelo menos dois outros funcionários da fundação em cópia.

Conecto o pen drive e procuro nele, mas tudo o que aparece é o acordo de confidencialidade padrão que todos os funcionários assinam. Então, organizo a pasta contendo os milhares de documentos que copiei do computador dele em ordem alfabética, focando nos Cs e Fs. A única coisa que deixaria Rory nessa situação seria se Charlie soubesse de algum tipo de erro financeiro ou fraude que pudesse inviabilizar a candidatura de Rory a um cargo. Informações mostrando que o filho de ouro de Marjorie Cook não é, afinal, tão dourado assim. Foi por isso que copiei o disco rígido, para começo de conversa. Como um urso na floresta, você não precisa ver um para saber que ele está lá.

Mas a maior parte do que estou lendo não tem relação com o assunto. Memorandos sobre novas leis tributárias. Relatórios trimestrais. De vez em quando, meu nome aparece em notas de estratégia. *Talvez Claire se encaixe melhor aqui*, diz alguém, referindo-se à inauguração de uma galeria de arte no centro da cidade. Clico nos documentos, um por um, mas é tudo lixo, ruído inútil, como vasculhar o lixo de alguém.

Depois de uma hora, eu desisto. Seja o que for que Charlie saiba que esteja assustando Rory, não vou encontrar as respostas tão facilmente. Por enquanto, preciso me contentar em observar. Esperar que eles falem mais.

EVA

Berkeley, Califórnia
Setembro
Cinco meses antes do Acidente

— Calce os sapatos — disse Liz em um sábado ensolarado no final de setembro. — Vou levá-la a um jogo de beisebol.

Eva e sua vizinha vão a um jogo de beisebol.

— Beisebol? — perguntou Eva.

Liz respondeu:

— Não só beisebol. São os Giants. Jogando em casa.

— Nós moramos na Baía Leste. Não deveríamos estar indo a um jogo do Atletics?

Liz deu de ombros.

— Minha chefe de departamento tem ingressos para a temporada. Ela convidou alguns de nós e eu perguntei se poderia levar uma amiga.

Nas três semanas desde que Eva tinha dado um tempo, ela estava aproveitando suas primeiras férias. Trabalhava em turnos extras no DuPree's e passava muito tempo com Liz. Ela se sentia como imaginava que um contador ou contabilista se sentia em férias há muito esperadas, como poderia esquecer as planilhas e os registros financeiros depois de algumas semanas na praia, com o calor do sol drenando o estresse do seu corpo.

A ameaça de Castro, no entanto, nunca estava muito longe dos seus pensamentos. Ela se viu atuando para uma plateia de uma pessoa só, andando mais devagar, rindo mais alto, demorando-se mais. Transformou isso em um jogo. Toda vez que Liz a convidava para fazer algo, ela tinha que dizer sim. Um passeio

pelo Jardim Botânico da UC. Um filme e compras na Solano Avenue e depois uma pizza no Zachary's. Cada convite, uma oportunidade de mostrar a quem estivesse assistindo que ela não era ninguém especial.

Elas conversavam sobre filosofia, política, história. Até química. Eva compartilhou os traços gerais do seu próprio passado, como foi crescer em St. Joe's, mantendo-se fiel à verdade sempre que possível para melhor controlar as suas mentiras. Ela inventou uma história sobre o motivo de nunca ter terminado a faculdade — o dinheiro havia acabado por causa de um problema com o seu auxílio financeiro. Mas isso permitiu que Eva falasse livremente sobre seu tempo como aluna em Berkeley, e as duas se aproximaram ao compartilharem sobre como era a vida no campus. As várias peculiaridades da comunidade, a rivalidade feroz com Stanford, tradições que não fariam sentido para quem não tivesse vivido lá.

— Você tem família na sua cidade? — Eva perguntou certa noite.

— Minha filha, Ellie — disse Liz, olhando para a chama bruxuleante de uma vela. — Eu a criei sozinha, o pai dela a abandonou quando ela tinha sete anos. — Liz suspirou e olhou para a taça de vinho. — Foi difícil para nós duas, mas agora, olhando para trás, acho que acabamos nos tornando melhores por causa disso. — Liz descreveu a natureza exigente do ex-marido, a maneira precisa como ele exigia que seu bife fosse preparado ou as expectativas irreais que ele depositava na filha pequena. — Fico feliz que ela não tenha crescido sob esse tipo de pressão implacável.

— Onde ela está agora? — Eva perguntou, curiosa sobre a mulher que tinha a sorte de ser filha de Liz.

— Ela trabalha para uma organização sem fins lucrativos. Trabalha longas horas, raramente tem um dia de folga. Ela sublocou o apartamento dela na cidade para cuidar da minha casa enquanto estou na Califórnia, mas me preocupa que ela se isole em Nova Jersey, longe dos amigos — disse Liz, dando um sorriso tímido para Eva. — O coração de uma mãe está sempre preocupado.

Eva a encarou, desejando que isso fosse verdade.

Outras vezes, Eva fazia perguntas a Liz sobre as aulas que estava dando, em seguida, recostava-se e a deixava falar. Liz era uma professora talentosa, capaz de fazer conceitos complexos parecerem simples, e era como estar de volta à faculdade. Talvez melhor. Dex, que tinha sido uma presença diária em sua vida, havia praticamente desaparecido, substituído por esta mulher falante, pequena e brilhante de Princeton.

Então, quando Liz apareceu diante dela naquele sábado ensolarado de setembro, trazendo dois ingressos para o jogo de beisebol, Eva estava pronta para dizer sim novamente. Talvez até feliz em fazê-lo.

— Claro — disse ela. — Só preciso de um minuto.

Ela deixou Liz na sala enquanto corria escada acima para se trocar. Enquanto calçava os tênis, olhou para o celular e viu uma mensagem de Dex.

> Está resolvido. F quer que você volte ao trabalho imediatamente. Planeje-se para nos encontrarmos no Tilden, na segunda-feira, com o fornecimento completo.

Ela olhou fixamente para a mensagem até que o aplicativo Whispr a fez ir se apagando até desaparecer.

Eva sentou-se pesadamente na cama, surpresa por sua primeira reação não ter sido de alívio, mas de tristeza. Era por isso que ela estava esperando. Todo o tempo que ela passou com Liz tinha sido exatamente para conseguir esse resultado. Castro estava fora, e Eva de volta ao trabalho. Mas parecia uma vitória vazia, uma que ela não queria mais, agora que a havia alcançado. Seu olhar se voltou para a porta, onde Liz aguardava lá embaixo, sem saber que não era mais necessária.

Mas Eva iria ao jogo e continuaria a representar seu papel por mais um tempo. Ela jogou o telefone sobre a cômoda, com mais força do que o necessário, surpresa pelo som agudo que ele fez ao deslizar pela madeira polida e bater na parede.

* * *

Elas pegaram o BART para atravessar a baía e caminharam com a multidão em direção ao estádio. Enquanto esperavam na fila, Liz a conduziu na direção de uma cabine de fotos, onde as pessoas podiam posar ao lado de figuras de jogadores que Eva não reconhecia.

— Vamos lá — disse ela. — Vai ser divertido. Eu pago.

Eva hesitou. Ela não era o tipo de pessoa que costumava tirar fotos, exceto as fotos escolares que ninguém nunca comprava. Ela não conseguia se lembrar de alguma vez em que alguém tivesse apontado uma câmera para ela e dito "Sorria". Mas Eva concordou, uma pequena parte dela ficou feliz por ter uma lembrança.

No interior, elas encontraram seus lugares, as colegas de Liz do departamento de ciências políticas a cumprimentaram calorosamente. Estavam presentes a melhor amiga de Liz, Emily, e sua companheira, Bess, além da chefe do departamento, Vera. Eva se sentou na ponta e deixou a conversa fluir; fofocas sobre quem estava e quem não estava recebendo bolsas, quem estava sendo publicado e quem não estava. Reclamações sobre quem sempre queimava pipoca no micro-ondas do escritório.

Para Eva, foi como vislumbrar a vida que um dia ela sonhou ter. Houve um tempo, antes de tudo dar errado, em que ela se imaginava professora em Berkeley. Dando palestras no Gilman Hall. Orientando alunos de pós-graduação. Atravessando o campus, sorrindo e cumprimentando os alunos que diziam "Oi, dra. James".

Eva sentiu uma pontada aguda de arrependimento, o que a surpreendeu depois de tantos anos acreditando que havia feito as pazes com o rumo que as coisas haviam tomado. Essa era a parte engraçada do arrependimento. Ele habita dentro de você, encolhendo-se até que você quase acredite que ele desapareceu, apenas para ressurgir, totalmente formado, provocado por pessoas que não tinham intenção nenhuma de prejudicá-lo.

Por fim, elas voltaram sua atenção para o jogo. Vera anotava o placar, comentando sobre estatísticas dos jogadores e futuras trocas, enquanto as demais discutiam se cuspir cascas de girassol era melhor do que suco de tabaco. Eva

vibrou quando os Giants marcaram, bebendo uma cerveja e comendo um cachorro-quente. Era um pedaço da vida que Eva achava que só existia em filmes, essa ideia de que tudo poderia ser tão perfeito: a grama, o sol, os jogadores em seus impecáveis uniformes brancos rebatendo bolas por cima da cerca e para dentro da Baía de São Francisco, onde um grupo de pessoas com luvas de beisebol em caiaques esperava para pegar uma delas.

Pouco antes da sexta entrada, Emily se inclinou e disse:

— Que bom que você veio hoje, Eva. Liz não para de falar de você há semanas.

Eva sentiu uma onda de prazer percorrê-la, mas ela ofereceu seu sorriso mais tímido, aquele que reservava para caixas de banco e policiais.

— Obrigada por me convidarem — disse ela.

Liz foi rápida em se inserir na conversa.

— Já vi muitas mentes brilhantes na minha vida, mas a de Eva é uma das mais perspicazes que já conheci — comentou ela. — Na outra noite, ela quase me convenceu de que a economia keynesiana poderia ser melhor do que o livre mercado.

Emily pareceu impressionada.

— Isso não é pouca coisa. Onde você fez faculdade?

Eva hesitou, imaginando as perguntas que fariam se ela mencionasse Berkeley. *Qual era o seu curso? Quem eram seus professores? Em que ano você se formou? Você conhece o dr. Fitzgerald?* E com que rapidez um deles descobriria a verdade; um comentário inocente no clube da faculdade e alguém estaria contando sua história em voz baixa. O departamento de química era pequeno, e as pessoas não saíam de Berkeley para empregos melhores em outros lugares. Provavelmente ainda havia várias pessoas lá que se lembrariam dela.

Felizmente, Liz deve ter percebido seu desconforto.

— Ela estudou química em Stanford — disse, dando um sorrisinho para Eva. — Tente não usar isso contra ela.

* * *

— Você não precisava mentir por mim — falou Eva mais tarde, depois de se despedirem e caminharem pelo Embarcadero, voltando para a estação do BART. O ar da noite era suave em sua pele, com tênues traços do sol da tarde ainda presentes.

Liz ignorou as palavras de Eva com um gesto.

— São todas um bando de tiazonas. Elas teriam lhe dado uma série de conselhos indesejados sobre voltar a estudar e concluir o curso. Não faria diferença para elas o fato de você ser inteligente o suficiente para descobrir como fazer isso se quisesse.

Eva ficou pensando sobre o que a aguardava do outro lado da baía. Certamente não era a possibilidade de voltar para a faculdade. Isso jamais seria uma opção para ela. Até Liz aparecer, Eva tinha sido feliz. Mas agora havia uma fome roncando dentro dela, um desejo por mais tempo com Liz e suas amigas. Mas não como uma visitante de passagem. Ela queria fazer parte daquilo, viver dentro daquilo. Eva queria reclamar sobre por que as mulheres não tinham o mesmo tipo de oportunidades de bolsas que os homens. Ela queria sentir a emoção de anunciar mais um artigo publicado em uma revista científica. Ela queria ser aquela que queimava pipoca no micro-ondas do escritório.

A ideia de retomar o trabalho — o esconder-se, as mentiras, o estado de alerta que a acompanhava sempre que saía de casa — desceu sobre ela, pressionando-a em um nó apertado, e uma tristeza que não sentia desde sua expulsão de Berkeley revirou-se dentro dela, enquanto uma parte de seu cérebro começava a mapear o que precisava ser feito. Comprar mais ingredientes. Limpar os equipamentos. Começar a preparar o terreno para se afastar de Liz. Ela teria que começar a falar sobre pegar mais turnos no restaurante, ou talvez inventar um namorado que logo consumiria seu tempo livre.

Mas ali, no crepúsculo que se aproximava, com a água da baía batendo contra os pilares do píer, as luzes da Bay Bridge brilhando em um arco gracioso acima delas, disparando como uma flecha na escuridão, Eva sentiu o desejo de revelar algo mais de si mesma. De dizer a Liz algo completamente verdadeiro.

— Meu último lar adotivo ficava do outro lado daquela colina — Eva disse a Liz, apontando para o oeste, em direção a Nob Hill.

Liz olhou para ela.

— O que aconteceu?

Carmen e Mark foram o mais perto que Eva chegou de ter uma família. Quando ela tinha oito anos, o casal veio para St. Joe's, interessado em adotar uma menina. Eles estavam acompanhados pelo assistente social dela, o sr. Henderson, um homem pálido de cabelo ralo e uma pasta cheia de arquivos. A mulher, Carmen, era alegre e vibrante. Quando Eva a conheceu, ela parecia irradiar energia. O marido de Carmen, Mark, era mais reservado e submetido à esposa, mantendo os olhos baixos. Eva se perguntou se ele também sabia que era melhor sempre manter uma parte de si separada dos outros.

— Carmen e Mark — ela começou a contar para Liz. — No início, foi ótimo. Eles fizeram todo o possível para me colocar no programa de superdotados da escola. Compraram muitos livros, roupas, me levaram a museus e ao centro de ciências.

— Eles parecem maravilhosos. O que aconteceu?

— Comecei a roubar. Primeiro dinheiro, depois uma pulseira com pingentes.

Liz lançou um olhar severo a ela.

— O que a levou a fazer isso?

Essa era a parte complicada. Eva queria explicar a Liz, para ajudá-la a entender uma parte essencial de quem ela era. Que, desde muito pequena, ela dependia da capacidade de se esconder atrás de uma cortina de mentiras, jamais confiando em ninguém o suficiente para deixá-los ver quem ela realmente era.

— Ser indesejada é um fardo pesado — ela disse calmamente. — Você nunca aprende completamente como se relacionar com o mundo. Como permitir que os outros vejam você.

Um grande grupo de pessoas veio caminhando em direção a elas, rindo e conversando animadamente uns com os outros, e Eva esperou que passassem. Como ela poderia explicar o que sentia ao ouvir Carmen e Mark se gabando

de como ela era inteligente, de como tinham sorte de tê-la? Era como se estivessem envolvendo-a em uma película de plástico. As pessoas ainda podiam vê-la, mas a essência de quem ela era ficava presa sob as expectativas delas, e ela se preocupava com o que aconteceria quando a verdade viesse à tona.

— Era mais fácil afastá-los — disse Eva finalmente. — Quando eles olhavam para mim, viam a filha de uma viciada. Tudo o que eu fazia, fosse bom ou ruim, era visto por essa lente, e enquanto eu estivesse com eles, essa seria sempre a minha história sussurrada. *É incrível o quanto Eva superou em tão pouco tempo,* ou... *Você mal pode culpá-la, considerando tudo o que ela passou*. Eu precisava mostrar a eles que não podiam me consertar. Que eu não queria ser consertada.

— Você queria ser a única a definir quem você era — disse Liz. Ela entrelaçou o braço no de Eva, e Eva se inclinou para ela, amando a sensação sólida do ombro de Liz contra o seu, querendo prolongar aquele momento até o infinito, nunca descer à estação do BART, nunca mais atravessar a baía e voltar para sua antiga vida, estagnada e apodrecida em seu âmago. — E então você ficou no convento até se formar? — perguntou ela.

Eva assentiu.

— Até eu completar dezoito anos e começar na Cal.

O vento soprava forte da baía, ficando mais intenso à medida que se afunilava entre os prédios altos, e Eva abraçou o outro braço com força, pensando na família que quase teria tido, se tivesse sido uma pessoa diferente. Uma pessoa melhor. Mas essa possibilidade já havia se desfeito muito antes de Carmen e Mark aparecerem. Quebrada bem em seu centro, com os pedaços ásperos e irregulares. Ela havia se isolado dos fragmentos mais afiados, mas Liz se aproximou e os desembrulhou com delicadeza, mostrando que ela não precisava ter medo de pensar em seu passado. Que ela podia segurar os pedaços nas mãos sem se machucar. Que ela poderia fazer algo com eles se quisesse.

Elas permaneceram em silêncio enquanto desciam as escadas, passavam pela catraca e chegavam à plataforma. O som fraco de um trem distante ecoava pelo túnel escuro, e Eva imaginou as pessoas na rua acima delas, dirigindo,

caminhando, trabalhando nos arranha-céus do distrito financeiro. Era um milagre que tudo não tivesse desabado em cima delas.

— Você já pensou em procurar sua família biológica?

Eva balançou a cabeça.

— Depois que as coisas deram errado com Carmen e Mark, as freiras fizeram outra tentativa de me reunir com eles. — Ela olhou para o túnel, procurando o trem, mas tudo estava silencioso. — Eles disseram que não.

— É possível que tenham feito o melhor que podiam por você.

Eva sabia que isso provavelmente era verdade, que ela não teria tido qualquer tipo de vida crescendo com uma viciada, mas saber disso coexistia com a rejeição, não a anulava.

— Não sei se algum dia vou realmente perdoá-los — disse ela.

Liz balançou a cabeça.

— Você não sabe o que eles estavam enfrentando na época. Os problemas da sua mãe provavelmente ocupavam cada centímetro do espaço dentro deles. Só consigo imaginar que tipo de inferno deve ter sido. — Ela olhou para a plataforma e depois de volta para Eva. — Você não pode culpá-los por conhecerem seus limites. Mesmo que esses limites incluíssem você.

O letreiro acima delas exibia o número do trem, e, sob seus pés, Eva podia sentir o forte barulho da sua chegada. Liz colocou a mão em seu braço e disse:

— Olha. Obviamente, você sabe o que é melhor para você. Mas eu sinto uma infelicidade, um vazio que faz você se isolar do resto do mundo. E detesto ver você sofrendo. Procurá-los não significa esperar um final feliz. Não acho que seja por isso que você deva fazer isso. Mas informação é poder. E uma vez que você a possua, você pode decidir o que fazer com ela. É tudo o que eu desejo para você.

Elas aguardaram em silêncio enquanto Eva considerava as palavras de Liz, ponderando-as em sua mente. Ela se perguntou como seria conhecer pessoas que fossem parentes dela. Que se parecessem com ela. Que carregassem memórias de família e soubessem de onde tiraram seus narizes pontudos ou seus cabelos loiros. Ela nunca teve esse tipo de conexão com ninguém.

Liz continuou, em voz baixa:

— Você não é a única criança adotada que deseja respostas de sua família biológica.

— Eu nunca fui adotada.

Liz fechou os olhos brevemente, depois os abriu, virando-se para encarar Eva.

— Sinto muito. Você tem razão, e isso não é da minha conta.

— Olha, eu entendo o que você está dizendo. De verdade. Mas esse tipo de rejeição afeta a pessoa. Ela te destrói, até o fundo do seu ser. E torna impossível ser vulnerável. Abrir-se para qualquer pessoa.

Liz olhou para Eva, com um olhar firme e consciente, o que obrigou Eva a desviar os olhos. Nesse momento, o trem chegou à estação, as pessoas as pressionavam por trás e as empurravam para a frente e através das portas que se abriam.

* * *

No caminho de volta para Berkeley, ela observou Liz ao seu lado, com seus cabelos brancos e curtos e ombros majestosos, e pensou no que Liz estava sugerindo. Eva imaginou sua família biológica em algum lugar lá fora, tentando esquecer o que haviam deixado para trás — a dor de uma filha viciada, a neta que sacrificaram para salvá-la. E o que eles ganhariam se ela aparecesse? Mais sofrimento. Mais dor. Uma lembrança de que tinham feito a coisa certa ao abandoná-la quando o fizeram.

O que Eva fez foi pior do que qualquer coisa que sua mãe já havia feito. Sua mãe tinha uma doença. Eva era apenas uma traficante de drogas que mal piscou diante da ideia de permitir que um jovem de dezenove anos fosse espancado até sangrar por causa de algumas centenas de dólares. Eva imaginou seu celular em casa, esperando para puxá-la de volta. Afastando-a de Liz, que não fazia ideia de que tipo de pessoa Eva realmente era.

O trem balançava e fazia barulho, seus ouvidos estalavam enquanto elas desciam na parte de baixo da baía, as luzes piscavam e criavam sombras difusas ao

redor, enquanto ela pensava no dia seguinte, quando teria que empurrar a prateleira da cozinha para o lado e voltar ao trabalho, e sentiu os primeiros sinais de tensão se instalarem e começarem a se espalhar. Ela desejou poder voltar no tempo, voltar àquela manhã em que Liz estava parada à porta, cheia de uma agitação que quase a preenchia. Ou talvez antes disso. Àquela tarde no Tilden, quando estava esperando por Brittany. Ter dado ouvidos aos seus instintos e ido para casa. Ter se preparado para trabalhar em seu turno no DuPree's, bem distante da colaboração entre o agente Castro e Brittany. Ou talvez ainda mais longe, para a calçada em frente ao seu dormitório, dizendo *Não, obrigada* a Dex. Ter dito *Não, obrigada* a Wade. Esse era o problema dos desejos. Eles sempre levavam a outros.

A desejos maiores. Voltando no tempo, nó após nó precisando ser desfeito, sem nunca perceber como eles foram se enrolando em você até te puxarem para baixo.

Mas enquanto ela observava seu reflexo indistinto na janela escura do trem, Eva foi tomada por um pensamento tão claro, tão puro, que a fez estremecer. *Não vou mais fazer isso.*

Um desejo impossível. Fish e Dex jamais a deixariam ir embora. Não apenas pelo que ela podia fazer, mas também pelo que ela sabia. Mesmo trabalhando de modo isolado, ela, ainda assim, sabia demais.

Será que eu poderia descobrir mais?

A presença de Castro parecia uma ameaça. Mas agora ela via como também poderia ser uma oportunidade. A chance de se tornar a pessoa que Liz via quando olhava para Eva. Ela tocou a foto das duas na entrada do estádio, que já parecia uma relíquia de outro tempo. Conforme o trem ia subindo novamente no lado leste da baía, e a luz externa voltava a preencher o vagão, Eva sentiu a luz penetrar nela, criando espaço onde antes havia escuridão, esperança onde antes havia desespero.

Eva faria o que se esperava dela — voltaria ao trabalho, entregaria as drogas —, mas, no fundo, faria o que fazia de melhor: observaria. E esperaria. E se

aproveitaria da complacência de todos. Porque sabia, sem sombra de dúvida, que Castro voltaria. E, desta vez, Eva estaria preparada para ele.

CLAIRE

Sexta-feira, 25 de fevereiro

Na cafeteria, na sexta-feira de manhã, vou até o quadro de anúncios enquanto aguardo meu café. Meu plano provisório é pegar o cartão do seguro social de Eva, sua certidão de nascimento e quaisquer outros documentos relevantes e me mudar para outro lugar. O que vai exigir mais dinheiro do que os trezentos e cinquenta dólares que me restam.

Há muitos empregos com salário mínimo para os quais sou qualificada — trabalho administrativo, garçonete ou até mesmo atendente em uma cafeteria —, mas sinto-me paralisada de medo, constantemente avaliando os riscos em relação aos benefícios de me candidatar. Isso significaria me comprometer a ser Eva de uma forma muito real e pública. Há uma diferença entre usar o nome dela para pedir um café e escrever seu nome e número do seguro social em um formulário W-2.

E o que quer que seja do que Eva estivesse fugindo fica girando na minha mente, uma onda de perguntas que me levam para direções imprevisíveis. Jamais poderei trabalhar em um emprego que exija verificação de antecedentes. Terei que estar sempre me mudando, jamais me acomodando, sempre me perguntando quando o passado de Eva finalmente irá bater de frente comigo.

Pela janela, vejo que os alunos começam a se dirigir para a aula. Um grupo deles sai de um ônibus, alguns carregando copos de café e usando fones de ouvido, enquanto outros parecem cansados e exaustos, tendo levantado cedo demais em uma manhã de sexta-feira.

Quando eles se dispersam, eu o vejo de novo. O homem de ontem, parado na esquina, esperando para atravessar a rua. Ele usa o mesmo casaco longo de lã, com

um jornal debaixo do braço, como se estivesse indo para o trabalho. Fico olhando para ele, tentando descobrir o que há nele que me incomoda. Ele é apenas um homem a caminho de algum lugar. Quanto mais eu ficar na casa de Eva, mais familiares se tornarão as pessoas da vizinhança.

Mas, quando o semáforo muda, ele olha por cima do ombro, diretamente para mim, como se soubesse que eu estaria ali, observando-o. Nossos olhares se encontram, e eu sinto o peso do seu olhar, curioso e perscrutador. Ele levanta a mão em uma saudação silenciosa, destinada apenas a mim, antes de atravessar a rua e desaparecer no campus.

— Eva? — diz a barista.

Eu me viro, ainda surpresa por ter tido a coragem de lhe dar o nome dela. Parecia pouco arriscado usá-lo com uma barista de café que parecia mais ligada às bandas locais do que às notícias nacionais.

— Procurando emprego? — Ela me entrega meu café coado, o item mais barato do cardápio.

— Mais ou menos — respondo, entregando-lhe dois dólares.

Ela ergue as sobrancelhas enquanto me dá o troco.

— Ou você está ou não está.

— Estou, sim. — Afasto-me dela, adicionando ao meu café creme e açúcar suficientes para me manter saciada por algumas horas. Não sei como dizer a ela que estou desesperada por trabalho, que tenho medo de ficar sem dinheiro e permanecer presa aqui para sempre.

— Trabalho meio período para um bufê — diz ela, enquanto limpa o balcão ao lado da máquina de café. — Estão sempre procurando pessoas extras para servir. Você tem interesse?

Hesito, tentando decidir se tenho coragem de dizer sim ou não.

Ela olha para mim e continua limpando.

— Pagam vinte dólares por hora. E — ela me dá um sorriso malicioso — ele paga por baixo dos panos.

Tomo um gole de café, sentindo o líquido quente queimar a parte de trás da minha garganta.

— Contratariam alguém desconhecido?

— Na verdade, o dono está desesperado por pessoal. Tem uma festa enorme neste fim de semana e duas das garçonetes dele foram embora porque têm uma reunião de irmandade. — Ela revira os olhos e joga o pano na pia atrás de si. — Se der certo, pode se tornar uma coisa regular.

Já organizei centenas de eventos com buffet — tanto grandes quanto pequenos — e me pergunto como seria trabalhar nos bastidores. Ser uma das pessoas anônimas que eu mal notava quando estava organizando um evento.

— O que eu teria que fazer?

— Arrumar as mesas. Carregar bandejas de comida. Sorrir para piadas ruins. E limpar tudo. O evento é às sete, mas começamos às quatro. Me encontre aqui no sábado às três e meia. Use calça preta e blusa branca.

Faço as contas rapidamente. Vinte dólares por hora, por baixo dos panos, irão me render quase duzentos dólares por uma noite de trabalho.

— Está bem — digo.

— Meu nome é Kelly — ela diz, estendendo a mão para apertar a minha. Seu aperto é firme e frio.

— Prazer em conhecê-la, Kelly. E obrigada.

Ela sorri.

— Não precisa agradecer. Você parece alguém que precisa de uma pausa. Eu entendo um pouco sobre isso.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, ela passa pelas portas vaivém e vai para os fundos, enquanto fico ali, surpresa com a minha boa sorte.

* * *

São apenas sete da manhã, e a ideia de voltar diretamente para a casa de Eva e de me esconder o resto do dia me deixa inquieta. Então, em vez disso, atravesso o campus e vou até a Telegraph Avenue. Paro do lado de fora do centro estudantil, e

fico observando as pessoas atravessarem o cruzamento e seguirem para onde quer que estejam indo, sem perceberem a sorte que têm de poderem conversar facilmente com outras pessoas. Debaterem ou de rirem juntas de uma piada. Compartilharem uma refeição e, talvez mais tarde, um travesseiro. E sinto o desejo de ser uma delas, apenas por um momento.

Atravesso a rua, mantendo a cabeça baixa e as mãos enfiadas nos bolsos do casaco de Eva. Ao meu redor, mendigos pedem dinheiro, pessoas tentam me entregar panfletos anunciando bandas, mas eu balanço a cabeça e sigo andando.

Enquanto caminho, vejo flashes do meu reflexo nas vitrines, paro em frente a uma loja de roupas e me observo. Com meu cabelo loiro curto saindo da parte de baixo do boné e do casaco da Eva, faz parecer que estou olhando para um fantasma. Pessoas circulam na calçada atrás de mim — estudantes rindo, moradores de rua, hippies envelhecidos —, mas tudo o que vejo são estranhos que jamais poderei conhecer. Jamais terei a liberdade de me sentar e me abrir para outra pessoa, jamais poderei falar livremente sobre minha mãe e Violet, sobre quem eu sou e de onde venho. Esta é a vida que tenho pela frente. Sempre alerta. Consciente. Mantendo as partes mais importantes de mim mesma.

Aguardo um grande grupo de estudantes que está voltando para o campus e me junto a eles, caminhando perto o suficiente para ter a ilusão de que sou parte deles. Que não estou abandonada e sozinha nesta nova vida. Acompanho-os pela rua movimentada que margeia o campus, afastando-me quando eles entram no centro estudantil. Posso caminhar entre eles, mas nunca mais serei um deles de novo.

* * *

No caminho de volta para casa, paro em um supermercado para comprar alguns itens básicos. Pego uma cesta de mão e encontro os produtos baratos que minha mãe costumava comprar: pão com manteiga de amendoim de marca desconhecida e um pote grande de geleia de uva. Ignorei os outros favoritos dela:

arroz, feijão cozido em água com cebola e alho. Não quero ficar por aqui tempo suficiente para sobras.

Na fila do caixa, meus olhos se voltam para a prateleira de revistas, e lá está, na capa da revista *Stars Like Us*, um tabloide sensacionalista que fica entre a *People* e a *Us Weekly*. "A Queda do Voo 477: o sofrimento das famílias enquanto tentam reconstruir suas vidas." E no canto superior direito, cercada por outras pessoas que estavam no voo, está minha foto. A legenda diz: *Esposa do filantropo Rory Cook entre as vítimas*.

A foto foi tirada em um baile de gala no Met alguns anos atrás. Eu estava rindo de algo que alguém havia dito fora do alcance das câmeras. Mas, mesmo com um sorriso no rosto, meus olhos parecem vazios. Eu entendo melhor do que a maioria como os segredos podem sobreviver na pele e como são difíceis de esconder, porque a verdade sempre é visível de alguma forma.

Coloco a revista com a capa virada para baixo na esteira rolante e leio as capas dos tabloides mais sensacionalistas. Rory não recebia tanta atenção da mídia assim desde Maggie Moretti. "Rory devastado pela dor busca consolo em mulher misteriosa", diz um deles, com uma foto de Rory e de uma mulher que eu nunca vi. Em um sobressalto, percebo que um dia Rory se apaixonará de novo, e uma parte de mim se sente culpada por ter ido embora e deixado aquela armadilha aberta para outra pessoa.

— Como você está hoje? — pergunta a caixa enquanto começa a passar minhas compras.

— Ótima, obrigada — digo, com a voz baixa e tensa, na esperança de pagar rápido antes que ela preste muita atenção em mim. Prendo a respiração enquanto ela termina e começa a empacotar tudo, jogando a revista dentro sem olhar duas vezes. Lembro a mim mesma que não me pareço mais com aquela mulher. Alguém teria que estudar minhas feições de perto, o formato dos meus olhos, as sardas nas minhas bochechas, para percebê-lo. Eu pareço com Eva. Uso as roupas dela. Carrego a bolsa dela. Moro na casa dela. A mulher da capa daquela revista não existe mais.

* * *

De volta a casa, coloco as compras na mesa e mergulho na revista. Uma inquietação contínua me percorre enquanto observo os rostos sorridentes de pessoas que não tiveram tanta sorte quanto eu. Esforço-me para imaginar uma imagem de Eva, olhando para mim da página, tal como ela aparece na minha memória, congelada no tempo, determinada, esperançosa. E dissimulada.

É uma matéria de quatro páginas, com fotografias coloridas do local do acidente. O artigo é quase todo de interesse humano, dissecando as vidas das vítimas, entrevistando seus entes queridos enlutados. Um casal recém-casado embarcando em lua de mel. Uma família de seis pessoas — a mais nova com apenas quatro anos — fazendo uma viagem tão esperada para casa. Dois professores a caminho de um lugar mais quente para suas férias anuais de fevereiro. Todos eles almas adoráveis e cheias de vida, extintas no que provavelmente foi uma longa e aterrorizante descida ao oceano.

Deixo a matéria sobre mim e Rory para o final. Ele enviou a eles uma foto do nosso casamento, na qual estamos um olhando nos olhos do outro, com um fundo de luzes cintilantes e sombras. *Entre as vítimas estava a esposa do filantropo nova-iorquino Rory Cook, filho da falecida senadora Marjorie Cook. Sua esposa, Claire, estava viajando para Porto Rico para ajudar nos esforços de socorro às vítimas do furacão. "Claire foi uma luz brilhante na minha vida", disse Cook. "Ela era generosa, engraçada e gentil. Ela me tornou um homem melhor, e terei mudado para sempre por tê-la amado."*

Sento-me, tentando conciliar as palavras com o homem que conheci. Identidade é algo estranho. Somos quem dizemos ser ou nos tornamos a pessoa que os outros veem? Eles nos definem pelo que escolhemos mostrar a eles ou pelo que eles veem, apesar de nossas melhores tentativas para ocultar? As palavras de Rory, ao lado de uma fotografia de casamento feliz, pintam um quadro, mas as pessoas que leem essa revista não conseguem ver como ele era antes ou depois de a fotografia ter sido tirada. E há pistas, se você souber onde procurar. Elas estão lá,

na maneira como ele agarra meu cotovelo, no ângulo da sua cabeça, na maneira como ele se inclina para a frente e eu me inclino para trás.

Lembro-me daquele momento, não porque tenha sido maravilhoso, mas pelo que havia acontecido pouco antes. Eu tinha ido até o outro lado da sala para conversar com Jim, um dos meus ex-colegas da Christie's. Eu estava rindo, com a mão no braço de Jim, quando Rory se juntou a nós, interrompendo a história de Jim com um olhar severo.

— Sorria — eu repreendi Rory. — É para ser um dia feliz.

Em vez disso, Rory apertou meu pulso com tanta força que quase gritei.

— Se nos der licença — ele disse a Jim —, precisam de nós do outro lado da sala para algumas fotos. — Sua voz era suave, não dando a Jim nenhuma pista de que algo estava errado, mas eu sabia, pela maneira como ele segurava meu pulso, pela rigidez de seu maxilar, pelo estreitamento de seus olhos, que meu comentário irreverente seria algo pelo qual eu pagaria mais tarde.

Vi minha colega de quarto da faculdade nos observando do outro lado da sala, onde ela e algumas outras amigas estavam sentadas perto da mesa do DJ, e dei um grande sorriso para ela, na esperança de convencê-la de que estava tudo maravilhoso. De que eu não havia acabado de me casar com um homem que estava começando a me aterrorizar.

Rory exigiu que eu permanecesse ao seu lado pelo resto da recepção. Ele circulou pela sala, encantando os convidados, contando piadas, mas sem me dirigir diretamente uma única palavra. Só quando estávamos no elevador, a caminho da nossa luxuosa suíte, ele se virou para mim com um olhar frio e disse:
— Nunca mais me humilhe assim.

Olho para a minha foto, mal reconhecendo a mulher, e meu dedo traça os contornos do seu rosto. Eu gostaria de poder dizer a ela que tudo ficaria bem. Que ela sairia da situação da maneira mais extraordinária possível, e que tudo o que ela precisava fazer era aguentar firme.

* * *

Depois de comer um sanduíche de pasta de amendoim e geleia, sento-me novamente em frente ao computador e clico para verificar o *Doc*. Está em branco, mas percebo que Rory esteve trabalhando no meu discurso fúnebre. Abro o documento e começo a lê-lo.

> Minha esposa, Claire, foi uma mulher incrível que viveu uma vida extraordinária de serviço e sacrifício.

Estremeço. A citação da revista transmitia mais emoção. Isso me faz parecer uma octogenária que morreu em paz durante o sono, após uma vida longa e produtiva. Não a pessoa vibrante que eu era… e ainda sou. E me pergunto: o que eu gostaria que Rory dissesse em vez disso?

Fui incrivelmente severo com Claire; muito mais do que ela merecia. Sei que a assustei. Às vezes, eu a magoei. Eu a amei de uma forma imperfeita e distorcida que tornou impossível sermos verdadeiramente felizes. Mas Claire era uma boa pessoa. Uma pessoa forte. Balanço a cabeça. Mesmo na minha imaginação, não consigo fazer Rory dizer o que preciso que ele diga.

Sinto muito, Claire. O que eu fiz com você foi errado.

Mas o elogio fúnebre na tela à minha frente não diz nada disso. Fala sobre minha infância na Pensilvânia e continua fazendo uma descrição do meu trabalho de caridade, das muitas vidas que toquei, das pessoas que deixei para trás. Mesmo aqui, sinto a ausência de qualquer tristeza ou arrependimento real. Mas talvez isso seja tudo o que eu era para ele. A esposa de origem humilde. A esposa que perdeu tragicamente a sua família. A esposa que foi bem-sucedida no mundo das artes até desistir de tudo para se juntar à fundação de caridade do marido. E agora, a esposa que morreu jovem demais. Parece o enredo de um personagem secundário de um romance, não a minha vida.

Imagino meus ex-colegas da Christie's, sentados em um canto ao fundo da igreja no meu funeral. Pessoas com quem não falo há anos, graças ao isolamento imposto por Rory. Quantos realmente comparecerão? Quatro? Dois? De muitas

maneiras, sinto como se tivesse morrido há muito tempo. Nada da minha antiga identidade permanece. A pessoa nesse elogio fúnebre é uma estranha.

Nesse exato momento, o e-mail de Rory emite um sinal sonoro indicando uma nova mensagem, e eu vou para a caixa de entrada dele. É do diretor do NTSB, e a pré-visualização me dá um arrepio na espinha.

> Prezado sr. Cook, gostaria de dar seguimento à nossa conversa anterior a respeito da seção do avião onde sua esposa...

Fico tentada a abrir, ler e depois marcar como *Não Lida*. Preciso saber como termina essa frase. Mas me forço a esperar.

Levanto-me e começo a andar pela sala, sem tirar os olhos da tela, silenciosamente pedindo a Rory que verifique seu e-mail. Finalmente, depois de quinze minutos, a mensagem muda para *Lida*, e eu imediatamente corro de volta para a mesa para clicar nela.

> Prezado sr. Cook, gostaria de dar seguimento à nossa conversa anterior a respeito da seção do avião onde sua esposa estava sentada. Acabei de ser informado de que, apesar do estado relativamente intacto da fuselagem, os socorristas relatam que o assento de sua esposa estava vazio. Continuaremos priorizando a recuperação dos restos mortais dela e o manterei informado sobre quaisquer novidades.

Todo o ar sai dos meus pulmões em uma rajada escaldante, tudo em que eu acreditava estava mudando e se transformando em algo completamente diferente.

A resposta de Rory aparece de imediato abaixo desse e-mail.

> O que isso significa? Onde ela está?

Recosto-me na cadeira, com as perguntas de Rory sobre o que poderia ter acontecido com meu corpo girando na minha cabeça, evoluindo para perguntas sobre como Eva conseguiu fazer aquilo. Quem mais ela manipulou e para onde ela poderia ter ido. Uma parte de mim não está nem um pouco surpresa. Uma mulher que mente sobre ter matado o marido, um homem que nem existe, é certamente capaz disso.

Depois de alguns minutos, chega uma resposta.

> Até recuperarmos a caixa-preta e obtermos mais detalhes sobre o acidente, é impossível para mim fazer qualquer especulação. Pode haver uma série de razões pelas quais sua esposa não estava onde esperávamos que estivesse. Peço desculpas e solicito sua paciência. Reconstruir os eventos de um acidente leva tempo. Levará algum tempo até termos respostas.

Vejo tudo novamente, aquele lampejo rosa na coletiva de imprensa. Pela primeira vez, me permito considerar seriamente a possibilidade de que, de alguma forma, apesar de ter tido a passagem escaneada, Eva não tenha embarcado naquele avião.

EVA

Berkeley, Califórnia
Setembro
Cinco meses antes do Acidente

Vamos mudar e nos encontrar no Chávez Park.

Eva esperava que a sua mensagem para Dex desse a impressão de que ela estava nervosa. Assustada.

O César Chávez Park era uma enorme área coberta de grama localizada às margens da Baía de São Francisco, com uma trilha que circundava todo o perímetro. Nos fins de semana, ficava lotado de famílias empinando pipas, corredores e muitos cães. Mas às duas da tarde de uma terça-feira no final de setembro, ficava deserto. Eva encontrou Dex sentado em um banco, de costas para a vista deslumbrante da baía, com as mãos enfiadas nos bolsos. Quando ele a viu, levantou-se.

— Vamos caminhar — sugeriu ela ao se aproximar dele.

Eva segurou a bolsa com firmeza junto ao corpo e lembrou a si mesma de que Dex era apenas uma pessoa comum. Ele não podia ler a mente das pessoas nem enxergar através da lateral da sua bolsa e ver o gravador de voz que ela havia colocado ali antes de sair do carro, com o botão vermelho de gravar aceso. Tudo o que ele via à sua frente era uma mulher assustada. Essa seria a vantagem dela. Sempre havia sido.

Eva estava se preparando, do mesmo modo que outros se prepariam para um desastre natural, armazenando comida e água, mapeando suas rotas de fuga, arrumando seus kits de emergência. Castro retornaria, e Eva lançaria sua própria

rede, trocando as informações que já sabia e as que logo descobriria por uma nova identidade. Uma nova vida em uma nova cidade. Castro poderia lhe dar uma história que não incluísse mães viciadas em drogas, lares adotivos e expulsões. Ela poderia começar do zero. Mas, primeiro, teria que andar na corda bamba e torcer para não escorregar.

Juntos, eles começaram uma volta ao redor do parque pela trilha de cimento. Uma colina alta e gramada se erguia no centro, bloqueando a vista de Berkeley Hills e da marina.

— Então, o que você tem para mim? — ele perguntou.

Eva cruzou os braços contra o vento que soprava da baía e disse:

— Diga-me a verdade. Acabou mesmo?

— Eu já lhe disse, Fish cuidou de tudo.

Eva olhou para ele, incrédula.

— Como você pode imaginar que isso seria suficiente para mim? Eu virei alvo deles. Eles me seguiram até minha casa. — Sua voz se elevou, trêmula de emoção. — Não venha me dizer que Fish tomou conta da porra toda e esperar que eu simplesmente aceite.

Há muito tempo, quando era uma menina no orfanato, Eva descobriu que sentimentos intensos deixavam a maioria das pessoas desconfortáveis e aprendeu a usar a raiva ou a tristeza para aumentar a pressão, para manobrar as pessoas até uma posição em que seu único desejo era fazer a emoção desaparecer. Parar as lágrimas. Acalmar o medo. Aplacar a raiva. Dex não era diferente. E Eva não precisou se esforçar muito para encontrar o medo, para apresentar um argumento convincente sobre por que ela poderia precisar de detalhes para se tranquilizar.

Ao longe, duas mulheres caminhavam pela trilha vindo na direção deles, imersas em uma conversa, e Eva continuou:

— Aonde quer que eu vá, fico imaginando se estou sendo seguida. O homem na fila atrás de mim, a mulher ao telefone... — Eva gesticulou em direção às duas mulheres, agora mais próximas. — Até mesmo elas. Como posso saber se não trabalham para o Castro?

Dex pegou o braço dela e a puxou para mais perto, sussurrando:

— Calma, Eva. Porra.

Eles se afastaram para deixar as mulheres passarem e, quando estavam fora do alcance da voz, novamente, Eva perguntou:

— Então me diga. O que significa "Fish cuidou disso"? Como? Porque há uma diferença entre um policial de plantão perder uma papelada e um sargento ou tenente cancelar uma investigação federal.

As informações sobre como o pessoal de Fish operava dentro do departamento não eram o objetivo final de Eva. Seriam úteis, mas Eva estava usando isso para esquentar Dex. Para fazê-lo começar a falar. Como uma rachadura na parede, ela iria se alargar com o tempo e a pressão.

Dex desviou o olhar dela, falando em voz baixa, e Eva se aproximou dele.

— A mulher que você conheceu no parque era freelancer — disse ele. — Seu instinto não estava errado. Ela era uma viciada, tentando obter favores em troca de uma pena mais leve. O pessoal do Fish dentro do departamento conseguiu neutralizá-la como fonte. Como você não vendeu nada para ela e não houve troca de dinheiro, eles não têm nada para investigar. Eles são passado agora.

Eles retomaram sua lenta caminhada, lado a lado, o vento agora soprava nas costas, as colinas verdes de Berkeley erguendo-se ao longe. Eva avistou o Campanile, o estádio e a silhueta branca do Hotel Claremont, e deixou Dex pensar que ela estava pensando a respeito das coisas que ele lhe contava.

— Então, o que aconteceu com ela?

— Não faço ideia — disse Dex. — Provavelmente prisão ou reabilitação.

Eva virou-se para ele, colocando a mão em seu antebraço.

— Olha, você me conhece. Não sou propensa à histeria. Mas de jeito nenhum vou entregar drogas assim, à vista de todos. Não até que as coisas se acalmem.

Os olhos de Dex se estreitaram.

— Você tem uma obrigação. Não cabe a você ditar as regras.

— Acho que sim — disse Eva. — Sou eu quem tem as habilidades.

Dex a encarou, com raiva irradiando do rosto dele.

— Isso não é a porra de um jogo. O lance da Brittany pode ter sido resolvido, mas o problema ainda não acabou. Agora começa a limpeza, a desconstrução do que aconteceu. Quem mais estava envolvido, o que sabiam e quando. O fato de você estar sendo difícil agora também me coloca em risco.

Eles caminharam em silêncio por alguns minutos, o vento soprava e agitava as bordas do casaco de Eva, antes de ela fazer a próxima pergunta.

— O que aconteceu com o químico que Fish teve antes de mim? — Dex olhou para ela, surpreso. — Você me disse que ele estava saindo do negócio. Mas isso não era totalmente verdade, era?

— Ele se recusou a fazer o que lhe foi pedido — falou Dex finalmente. — Não quero que o mesmo aconteça com você.

Mais uma vez, Eva deixou o pânico que sentia mostrar-se na superfície, onde Dex podia ver, e apertou os lábios, como se estivesse lutando para manter a calma.

— Aquele corpo que você me mostrou no motel? Era ele?

Dex balançou a cabeça.

— Não, era outra pessoa. O químico já tinha ido embora antes mesmo de você chegar. — Ele baixou a voz, e Eva se aproximou para entender o que ele diria em seguida. — Você precisa se recompor. Por mim e por você. É assim que se cometem erros.

Eva assentiu, como se estivesse se conformando com o rumo que as coisas tomariam. Ela já tinha o suficiente por enquanto. Eles haviam chegado ao limite externo do parque, com nada além de asfalto preto coberto de lixo entre eles e o carro de Eva; ela, então, enfiou a mão no bolso e tirou um envelope.

— Ingressos para o jogo de futebol americano neste sábado — explicou. — Por enquanto, vamos fazer e deixar as coisas em casa.

Em casa era uma expressão que ela e Dex usavam quando achavam que era muito arriscado para Eva entregar a ele o fornecimento semanal em um parque ou restaurante. Há muitos anos, Eva havia começado a comprar ingressos para a temporada de futebol americano e basquete, embora raramente os usasse. Mas a compra também incluía acesso a locais exclusivos para membros de clubes de elite

que proporcionavam a eles uma sensação de privilégio e segurança. Acesso a locais onde um policial disfarçado não conseguiria segui-los facilmente.

A essa altura, ela não conseguia mais parar de fabricar drogas para Fish. Mas, se Castro ainda estivesse de olho, ela não faria nada que pudesse incriminá-la até ter algo a oferecer a ele.

Dex guardou os ingressos no bolso do casaco e passou o braço em volta dos ombros dela, puxando-a para perto.

— O que for preciso para concluir o trabalho.

CLAIRE

Sexta-feira, 25 de fevereiro

As equipes de resgate informaram que o assento de sua esposa estava vazio.

Fico olhando aquela frase do NTSB, tentando entendê-la, e minha cabeça oscila entre duas perguntas conflitantes: será que Eva, de alguma forma, conseguiu sair do avião, e o que Rory fará quando as equipes de resgate lhe informarem que não há nenhum vestígio meu?

Abro uma nova aba no meu navegador e pesquiso no Google *Recuperação de restos mortais em acidente aéreo, oceano*. Pelo menos vinte artigos aparecem sobre a queda do Voo 477, todos escritos nos últimos quatro dias. "Últimas notícias: Equipes de resgate recuperam restos mortais e destroços." Outro traz o título "Acidente da Vista Airlines: Voo 477 cai na costa da Flórida". Tento outra coisa. *Como restos mortais são recuperados após um acidente de avião?* Novamente, recebo uma longa sequência de artigos atualizando os esforços de busca e recuperação, destacando a baixa classificação de segurança da Vista, especulações sobre a causa do acidente, mas nada que me diga o que preciso saber: se eles serão capazes de afirmar com certeza que eu não estava lá ou se é possível que não consigam recuperar todos.

E a pergunta mais importante: como Eva conseguiu sair daquele avião? Tento imaginá-la por aí em algum lugar, utilizando o meu nome como eu utilizo o dela, exibindo minha carteira de motorista para fazer check-in em hotéis. Ou talvez ela a tenha vendido no minuto em que pousou em outro lugar. Paguei a Nico dez mil dólares pelos meus documentos como Amanda Burns. Não tenho ideia de quanto

valeria uma carteira de motorista verdadeira. Talvez roubo de identidade fosse o negócio paralelo de Eva, o modo como ela pagou à vista por um duplex em Berkeley.

Volto ao Google. *É possível fazer o check-in em um voo, mas não embarcar?* Encontro um tópico em um fórum de discussão onde alguém está se perguntando se é possível fazer isso para acumular milhas suficientes a fim de passar para o próximo nível do programa de fidelidade. Mas as respostas não são animadoras:

> Não há como contornar a contagem final de pessoas. Se não corresponder, todos devem desembarcar e passar pela segurança novamente. Não há como conseguir fazer isso sem prejudicar a si mesmo e a todos os outros passageiros do avião.

Outra resposta diz:

> É impossível que seu cartão de embarque seja escaneado e você não embarque no voo. Veja só: a passagem é escaneada a uns dois metros da ponte de embarque. Você acha que alguma comissária de bordo vai escanear seu cartão e depois ver você ir embora? Essa discussão toda é absurda e um desperdício de energia mental.

Certo. A contagem de passageiros. Eva certamente embarcou naquele voo.

Sou surpreendida pelo zumbido do telefone de Eva na mesa ao meu lado. Uma chamada de *Número Privado*. Olho para a tela brilhante enquanto ele toca duas vezes. Três. Quatro. Imagino-me atendendo. Fingindo ser Eva. Fazendo perguntas que poderiam levar a respostas sobre quem ela realmente era. O que ela fez. Por que ela abordaria uma estranha em um bar de aeroporto com uma história absurda sobre um marido moribundo. O zumbido para, e o silêncio volta a

preencher a sala. Depois de um minuto, a tela acende com uma nova mensagem de voz. Digito o novo código que configurei outro dia e ouço.

É uma voz de mulher do outro lado da linha. *Oi, sou eu. Ligando para saber como foi. Se você está bem. Achei que já teria notícias suas, então me ligue*.

E é isso. Sem nome. Sem número de retorno. Ouço a mensagem novamente, tentando captar algum detalhe — a idade da mulher, qualquer ruído de fundo que possa me dizer de onde ela está ligando —, mas não há nada.

Certa vez, minha mãe levou Violet e eu para uma viagem à praia, em Montauk. Ela deu a cada uma de nós uma caixa de ovos vazia, dizendo para preenchermos os espaços com tesouros. Violet e eu caminhamos por quilômetros, procurando por vidro marinho e conchas intactas que eram pretas por fora, mas, quando viradas, revelavam o rosa perolado do algodão-doce e das sapatilhas de balé, ou o azul-púrpura das caixas de música e dos cobertores de bebê. Separamos nossos tesouros por tipo e cor, e, quando terminamos de encher nossas caixas, voltamos à casa alugada para mostrar à nossa mãe.

Tentar entender a vida de Eva é como tentar preencher uma daquelas caixas. Alguns espaços estão cheios de coisas que não fazem sentido — um celular pré-pago deixado para trás. A ausência de itens pessoais. Uma casa paga à vista. Uma mulher, aguardando um telefonema de Eva, perguntando *como as coisas foram*. E outros ainda vazios, esperando para conectar tudo. Para dar sentido a tudo.

Um peso desce sobre mim. Não é assim que eu imaginei que seria. Talvez fosse ingenuidade, mas nunca considerei o estresse de tentar viver uma mentira. Só pensava em como seria me livrar de Rory.

E aqui estou. Livre, mas longe de me sentir liberada.

* * *

Sábado de manhã, acordei cedo, tomei um iogurte de baunilha e assisti a Rory e Bruce debaterem se deveriam publicar, após o funeral, uma versão impressa do elogio fúnebre que Rory escreveu para mim. Bruce: sim. Rory: não.

E então:

> **Rory Cook:**
> O que Charlie disse quando vocês se encontraram?

Sento-me e cuidadosamente coloco meu iogurte de lado enquanto espero Bruce responder.

> **Bruce Corcoran:**
> Fiz como você pediu. Expliquei que você estava arrasado demais com a morte de Claire para comparecer pessoalmente, que seria extremamente inoportuno se manifestar agora, violando os termos de um rigoroso acordo de confidencialidade. Fazer isso nos obrigaria a entrar com uma ação judicial, o que ninguém deseja. Em especial num momento como este.

> **Rory Cook:**
> E?

> **Bruce Corcoran:**
> Não fez diferença. Continuaram dizendo que, se você pretende concorrer a um cargo público, os eleitores precisam saber em que tipo de criminoso estão votando. Que o que aconteceu com Maggie Moretti precisa ser revelado. As pessoas que a amavam merecem saber a verdade.

E assim, de repente, todas as minhas suposições se reorganizam em algo novo. Sinto uma descarga de adrenalina percorrer meu corpo ao ouvir o nome de Maggie e prendo a respiração, aguardando.

> **Bruce Corcoran:**
> O que você quer que eu faça agora?

Posso praticamente ouvir Rory gritando enquanto palavras aparecem ao lado de seu nome.

> **Rory Cook:**
> Quero que você faça a porra do seu trabalho e acabe com isso.

> **Bruce Corcoran:**
> Vou organizar alguma coisa para ver se consigo silenciar isso tudo. Tente ser paciente.

> **Rory Cook:**
> Eu não te pago para me dizer para ter porra de paciência nenhuma.

E então eles se foram, deixando minha mente girando, tentando descobrir como Charlie Flanagan, Rory e Maggie Moretti se cruzam.

Quando eu era jovem, costumava atravessar a cidade de bicicleta e entrar em uma pequena área arborizada. Eu adorava a forma como a calçada simplesmente terminava, dando lugar ao início de uma trilha de terra esburacada que serpenteava por trechos ora sombreados, ora salpicados de luz do sol, enquanto eu ia pedalando sob árvores altas que guardavam meus segredos.

Mas minha parte favorita era quando eu saía dali, com meu corpo inteiro vibrando depois de tanto tempo no terreno acidentado, e a sensação de deslizar de volta para o asfalto — com todos os solavancos novamente suavizados.

Sinto essa adrenalina agora, depois de tantos dias difíceis. Saí novamente e consigo enxergar um caminho a seguir.

Retorno, mais uma vez, ao pen drive e encontro um arquivo escondido na pasta M, nomeado simplesmente como *Mags*. No entanto, ao abri-lo, não há muita coisa. Rory e Maggie namoraram antes da internet e do e-mail. Assim, há apenas cerca de vinte imagens digitalizadas — fotografias, anotações em papel pautado, cartões, um guardanapo do bar de um hotel. Cada uma das imagens está identificada com um número IMG sem significado. Ao clicar nelas, um arrepio estranho me percorre, a caligrafia de Maggie tão pessoal quanto uma impressão digital, tão silenciosa quanto um sussurro em meu ouvido.

Não me surpreende que Rory tenha guardado essas imagens, muito tempo depois de ter destruído as cópias impressas. Sei que ele a amava, da única maneira que ele sabia. Como um roteiro, elas traçam o caminho do relacionamento deles, da paixão brilhante e reluzente de um novo amor até algo mais complexo, e lê-las é como ouvir um eco do meu próprio casamento, notas musicais que são, ao mesmo tempo, familiares e vazias.

Perto da parte inferior da pasta, abro uma imagem digitalizada mostrando as linhas azuis e as bordas irregulares de uma página arrancada de um caderno

espiral. A data é de apenas alguns dias antes de ela morrer.

Rory,

Pensei muito na sua sugestão de passarmos o fim de semana fora da cidade para resolvermos as coisas. Não acho que seja uma boa ideia. Preciso de espaço para decidir se quero continuar a vê-lo. A última discussão que tivemos me deixou assustada. Foi muito pesada e, neste momento, não sei se é possível continuar como estamos. Por favor, respeite minha vontade; e, em breve, entrarei em contado. Não importa o que aconteça, eu sempre vou te amar.

Maggie

Li novamente o bilhete, sentindo como se uma roda tivesse saído do eixo, levando-me em uma nova direção ao me lembrar daquele jantar de tanto tempo atrás. *Maggie queria que tivéssemos um fim de semana tranquilo, para nos reconectarmos e conversarmos de verdade, sem as distrações da cidade.*

Mas Maggie não queria um fim de semana fora para se reconciliar. Ela queria terminar. E eu sei muitíssimo bem como Rory reage quando uma mulher tenta deixá-lo.

É uma ironia horrível que Maggie Moretti e eu tivéssemos que morrer para enfim ficarmos livres dele.

EVA

Berkeley, Califórnia
Outubro
Quatro meses antes do Acidente

Não demorou muito para que Liz começasse a fazer perguntas. Primeiro, foi um comentário sobre um cheiro no quintal que ela não conseguia identificar, o que obrigou Eva a trabalhar à noite, depois de ter certeza de que Liz estava dormindo.

— Você está doente? — Liz perguntou-lhe em um outro dia, depois de ela ter passado três noites seguidas em claro, com olheiras marcadas sob os olhos. Eva tentou desviar das perguntas da melhor forma possível, culpando os vizinhos do outro lado da travessa pelo cheiro e uma sinusite pelo seu rosto abatido.

Nas poucas semanas em que esteve afastada, o cenário da vida de Eva mudou, e ela estava tendo dificuldades para voltar ao normal. Ela começou a pensar em sua vida como duas linhas paralelas: a que vivia, com o trabalho noturno no laboratório e as demandas de Dex e Fish ocupando seu tempo, e a vida que havia tido apenas algumas semanas antes. Jantares com Liz. Um período simples que pareceu mais leve e brilhante do que ela jamais havia imaginado.

E agora, enquanto ela abria caminho entre a multidão vestida de azul e dourado, subindo a colina que levava ao Memorial Stadium, sua mente estava confusa, seus olhos como que cheios de areia. Ela esperou na fila do portão, com os olhos fixos nos seguranças que pediam a todos que abrissem suas bolsas e sacolas para inspeção. E pressionou o braço contra o próprio corpo, sentindo o contorno do pacote de comprimidos, guardado com segurança no bolso interno do seu casaco.

Eva não havia entrado em contato com nenhum de seus clientes a fim de informá-los que havia voltado ao trabalho. Ela produziria as drogas para Fish, mas, no que dizia respeito aos seus clientes, ainda estava afastada e assim permaneceria por tempo indeterminado. Seu único objetivo era reunir o máximo de informações possível sobre Fish e a estrutura da organização dele, e não ganhar dinheiro que realmente não precisava.

Quando chegou à frente da fila, abriu a bolsa e observou os olhos do guarda examinarem o conteúdo — uma carteira, óculos escuros e um pequeno gravador de voz — e prendeu a respiração como sempre fazia, esperando que alguém finalmente percebesse sua farsa, finalmente a visse como ela realmente era.

Mas isso não iria acontecer hoje.

Ao passar pela entrada e entrar no estádio, o campo se estendia abaixo dela, cada linha de fundo do campo pintada com um amarelo *California* sobre um fundo azul-escuro, a marca registrada da *Cal* centralizada na linha de cinquenta jardas. Eva ignorou as pessoas sentadas ao seu redor, em vez disso, olhou para o campo enquanto a banda marcial tocava, e os estudantes enchiam a seção ao lado, sentindo-se mais isolada e sozinha do que se sentia há anos.

Quando era estudante universitária, Eva só havia ido a um jogo, e a lembrança disso a assombrava toda vez que voltava. *Encontre-me no túnel norte depois*, disse Wade. Ela ficou chocada ao ver a quantidade de pessoas que ficavam ali, esperando pelos jogadores. Admiradores, seguidores, garotas de irmandade mexendo nos cabelos e conferindo o brilho labial. Ela ficou para trás do perímetro, observando, como sempre fazia. Quando ele saiu, seus olhos percorreram a multidão e pousaram nela. Como se ela brilhasse. Ele passou pela multidão e a tomou, passando o braço em volta dela e a levando para longe, o cheiro do sabonete dele se misturava com o das sequoias que cercavam o estádio. Ela soube, naquele momento, que estava perdida, que Wade Roberts a havia escolhido, e que ela estava fadada a segui-lo, quisesse ou não.

Ela o havia conhecido no laboratório de química no qual era professora assistente. No começo, ela presumiu que ele era apenas mais um atleta, tentando

flertar para conseguir uma nota melhor. No entanto, toda vez que Wade a olhava, ela sentia uma descarga elétrica percorrer seu corpo.

No início do semestre, ela estava explicando sobre algumas reações químicas básicas quando Wade perguntou:

— Por que estamos estudando isso? Quando é que vamos precisar saber quais substâncias reagem com o cloreto de cálcio?

Ela deveria tê-lo redirecionado de volta à tarefa que estavam realizando. Mas Eva sabia que precisava ser alguém imprevisível se desejasse prender a atenção dele.

— Você gosta de doces? — ela perguntou. Então, em seguida, mostrou a todos como fazer cristais com sabor de morango, um procedimento simples que qualquer um poderia encontrar na internet se desejasse.

Foi assim que tudo começou. Um alfinete no mapa que marcou o início de uma jornada na qual ela jamais quis embarcar. Wade começou a pressioná-la a experimentar fabricar drogas logo depois que começaram a namorar. No início, ela não queria. Mas o que ele estava pedindo era tão simples que ela decidiu que faria uma vez e assim ele a deixaria em paz. A ciência sempre foi o local onde ela se sentia mais segura — entre as leis da física e da química. Ao contrário da vida, que pode te jogar num orfanato aos dois anos de idade, sem aviso ou segundas chances, a química era previsível, suas ações, absolutas. Wade era a pessoa de quem todos queriam estar perto, e ele queria estar perto dela. Então, quando ele pediu que ela fizesse de novo, ela fez. E depois disso, mais uma vez.

O estádio estava ficando lotado. Eva olhou para o relógio e enfiou a mão na bolsa para ativar o gravador. Do outro lado do campo, os tambores da banda marcial tocavam um ritmo, o mesmo daquele dia, há tantos anos. As pessoas ao seu redor aproximavam-se cada vez mais, fazendo-a se sentir sufocada, e ela tentou se recolher dentro de si mesma, procurando com isso, ao menos, resistir. Esperar. Fazer seu trabalho e estar pronta.

— Você está aqui há muito tempo? — perguntou Dex, sentando-se no assento ao lado dela.

— Talvez cinco minutos. — Seus olhos percorreram a colina onde o canhão que disparava após cada touchdown podia ser visto entre as árvores em sua plataforma, com uma bandeira branca da Califórnia tremulando ao vento. Tratava-se da Tightwad Hill, aberta a qualquer um que quisesse subir até lá e sentar-se na terra. Berkeley é uma merda. — Meu Deus, eu odeio este lugar — disse.

— Então me dê o que você tem e vamos dar o fora daqui. — Ele se virou, olhando para a multidão atrás deles, depois olhou para a frente de novo, seu joelho balançava em um ritmo trêmulo.

Eva balançou a cabeça.

— Sem chance. Faremos do meu jeito. — Ela sabia que só porque Dex disse que Castro tinha ido embora, não significava que ele não estivesse mais por aí, observando-a. Esperando que ela cometesse um erro.

— Você realmente não precisa se preocupar.

— Sua falta de detalhes não inspira confiança — disse Eva. Ela tirou a bolsa de debaixo do assento e inspecionou o fundo, limpando folhas secas e um invólucro antigo de chiclete antes de colocá-la ao lado do apoio de braço. — Você precisa me dar detalhes. Quem estava me seguindo. Por quê. E como agora eles desapareceram.

Dex se recostou no assento, seu olhar saltava de uma coisa para outra, sem nunca se fixar em nada, sem nunca ficar parado.

— Tudo bem — disse ele. — Era uma força-tarefa conjunta, da DEA e das autoridades locais, procurando capturar Fish. O que eles vêm tentando fazer há anos. Tudo acabou desmantelado há duas semanas.

— Como é possível que Fish tenha conseguido desmobilizar uma força-tarefa conjunta? — perguntou ela.

Dex olhou para o outro lado para o campo onde a banda começou a tocar uma versão de "Funky Cold Medina". Por fim, disse:

— Manter a vigilância custa muito dinheiro, e com você eles não estavam conseguindo nada. Eles não podem ficar observando você para sempre. Os superiores retiraram o financiamento e, sem nenhuma evidência que apontasse

para algum lugar, os amigos de Fish dentro do departamento começaram a fazer barulho por *um melhor uso dos recursos* e a reclamar do orçamento. Eles não tiveram outra escolha a não ser desistir.

— Ouça o que você mesmo está falando — disse ela. — Agentes federais. Força-tarefa conjunta. E você está dizendo para eu não me preocupar?

— Estou lhe dizendo que este assunto está encerrado. Você precisa esquecer isso.

Ela analisou o perfil dele, mais suave ao redor do queixo, com rugas de expressão emoldurando os olhos e a boca. Ela conhecia Dex há doze anos. E havia algo estranho nele hoje.

Nesse momento, o canhão disparou quando o time da Cal saiu do túnel norte, e ao lado dela, Dex quase pulou da cadeira. Ele disfarçou, levantando-se junto com o resto da multidão enquanto a banda começou a tocar o hino de guerra da torcida, mas Eva não se deixou enganar.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Sim — disse ele, enfiando as mãos nos bolsos enquanto se sentavam novamente e o primeiro quarto começava. — Só um pouco agitado.

— Você acabou de me dizer que estava tudo bem. Que diabos, Dex?

Ele balançou a cabeça.

— Tudo bem. Só que Fish está investigando aquele cara de quem lhe falei. Aquele meu amigo que indicou a Brittany.

— Você está em perigo?

Dex deu uma risada vazia e olhou para ela com os olhos tristes.

— Quando eu não estou?

No intervalo, eles voltaram para o mezanino. Enquanto as pessoas se dirigiam aos banheiros ou aos quiosques de alimentação, Eva conduziu Dex até às portas com a placa *Stadium Club*. Ela entregou seu crachá ao segurança na porta, que o examinou e acenou para que passassem. O barulho do estádio diminuiu quando ela conduziu Dex por uma escada até uma sala grande com vista para o campus,

que se estendia até a Baía de São Francisco alcançando a Ponte Golden Gate ao longe.

— Vou buscar as bebidas — disse Dex, deixando Eva olhando pela janela e pensando em outra época, um escritório com uma vista quase idêntica, o fantasma de Wade Roberts ainda a perseguia.

* * *

Era o escritório mais bonito que Eva já havia visto em todos os seus anos em Berkeley. Situado no alto da colina, no topo do campus, sua janela oferecia uma vista panorâmica até a Golden Gate e além. Em um canto, um relógio marcava o tempo, medindo o destino de Eva em segundos. O reitor folheava seu arquivo e ela novamente olhou para a porta, imaginando quando Wade apareceria e para entregar o perdão que ele havia prometido.

— Vejo que você estuda aqui com bolsa. — O reitor ergueu os olhos, esperando que ela confirmasse. Ela olhou para o nariz dele, um bico afilado que sustentava um par de óculos bifocais, e não disse nada. Ele retomou a leitura. — Você veio do St. Joe's, na cidade?

O primeiro sinal de compaixão. Ela quase conseguia prever quando esse sinal surgiria. Quando as pessoas descobriam que ela havia crescido em um orfanato, se afastavam ou se aproximavam. Mas isso quase sempre mudava a forma como a viam. Ela deu de ombros e olhou novamente para a porta.

— Está tudo no arquivo. — Seu tom foi mais abrupto do que pretendia, e ela desejou poder retirar as palavras e começar tudo de novo. Contar a ele o quanto ela havia se apegado à vida de estudante, que Berkeley era um lugar onde o seu potencial parecia estar livre para aflorar. Mas Eva jamais conseguiu oferecer uma honestidade assim. Então, ela não disse nada e esperou o resto acontecer.

— Parece insensato jogar tudo fora fabricando remédios no laboratório de química — ele havia dito.

Eva foi poupada de responder, pois a porta se abriu e o assistente do reitor fez Wade entrar. Eva soltou a respiração que estivava prendendo. Wade havia

prometido a ela que contaria ao reitor que havia sido ideia dele fabricar os remédios e que assumiria toda a culpa. Como quarterback do time de futebol americano, ele levaria uma bronca, talvez uma suspensão de um jogo, mas nada que arruinasse sua carreira.

Mas seu alívio desapareceu rapidamente quando Wade foi seguido pelo treinador Garrison. Eva só havia visto a foto dele no jornal, ou uma vez como uma formiguinha andando de um lado para o outro na lateral do único jogo de futebol americano ao qual ela tinha assistido, a pedido de Wade. *Quero que minha namorada me veja jogar.* Foi a palavra *namorada* que a impressionou. Eva nunca foi nada para ninguém — nem filha. Nem amiga. Certamente nunca namorada. Ela se sentiu uma tola por ter se sentido tão profundamente afetada pela traição, por ter se permitido acreditar que Wade poderia ser diferente.

* * *

— Eles só tinham vinho branco — disse Dex, entregando-lhe um pequeno copo de plástico com vinho. Eva desviou o olhar da vista e voltou a se concentrar no presente. Ela acreditava que havia renascido das cinzas, construindo uma vida para si mesma. Mas tudo não passara de uma ilusão. Uma fantasia. Nada havia mudado. Dex tinha assumido o lugar que Wade havia deixado, e as coisas continuaram como antes, só que em uma escala muito maior.

Dex bebeu do seu copo e fez uma careta.

— Quanto você paga por ano para ter o privilégio de beber vinho ruim? — perguntou ele.

A última coisa da qual Eva precisava era de uma gravação cheia de reflexões sobre vinho ruim.

— Às vezes me pergunto se já encontrei Fish sem saber. Tipo, talvez ele seja um daqueles doadores importantes ali. — Ela apontou para um grupo de homens mais velhos, todos vestidos de azul-escuro e dourado, reunidos perto de uma estante de troféus. — Isso faz mesmo sentido. Que ele se esconda assim, à vista de

todos. — Dex a encarou por cima do copo de plástico e ela continuou: — Você o conhece. Como ele é?

Dex deu de ombros.

— Um cara normal, eu acho. Nada de especial. Assustador pra caralho se você o irritar. — Um arrepio o percorreu, e ele, com uma expressão triste, se virou para olhar para Eva. — Não comece a fazer perguntas agora.

Eva tomou um gole de vinho, sentindo o gosto forte queimar a parte posterior da sua garganta.

— Não se preocupe. Sei que você não pode me dizer nada. Mas tenho pensado no que acontecerá depois que eu te entregar os comprimidos. Até agora, nunca considerei se isso, de alguma maneira, poderia ser rastreado até mim. Eles podem fazer as coisas mais malucas com a perícia forense.

— Isso não fica local, se é isso que te preocupa.

— Acho que minha preocupação depende do que você considera local. Sacramento? Los Angeles? Mais longe?

Dex tomou outro gole de vinho antes de jogar o restante em uma lata de lixo próxima.

— Vamos encerrar isso e sair daqui.

Eles seguiram por um pequeno corredor lateral em direção a um banheiro com um ícone de gênero neutro na porta e ali entraram na fila atrás de uma mãe com uma criança pequena. Um homem mais velho saiu e a mãe e a criança entraram, trancando a porta atrás delas. Um garçom passou por eles no corredor e disse:

— Se vocês quiserem, tem banheiros maiores ali na esquina. Sem espera.

Dex e Eva sorriram e garantiram que estavam bem. Depois de mais cinco minutos e um choro abafado atrás da porta fechada, finalmente chegou a vez dela. Ela trancou a porta e verificou o gravador na bolsa, frustrada por Dex não ter lhe contado mais. Eva se encostou na parede, sentindo o frio do azulejo pela manga da camisa, tentando imaginar o que poderia perguntar, o que poderia fazer para que Dex lhe dissesse algo mais específico. Para onde enviam as drogas e quem as compra. Detalhes sobre Fish que ela poderia negociar. Por fim, ela deu descarga,

retirando o pacote de comprimidos elegantemente embrulhado somente depois de lavar e secar as mãos.

Ela o colocou em cima do dispensador de toalhas e saiu, deixando Dex entrar atrás dela. Quando ele saiu, deu um tapinha no casaco e disse:

— Espero que não se importe, mas prefiro não ficar para o segundo tempo.

— Eu entendo — disse ela. Eles, então, saíram do clube, desceram as escadas e saíram do estádio.

Eles pararam do lado de fora.

— Olha — disse ele. — Nós dois estamos um pouco nervosos, e você tem razão em querer ser cautelosa. — Ele apontou na direção do estádio atrás deles, onde o jogo havia recomeçado. — Faremos do seu jeito até que ambos nos sintamos confortáveis novamente.

Ela olhou para ele, sua expressão estava mais suave agora que ele havia conseguido o que queria dela. Ele era tanto companheiro quanto captor. Protetor e guarda prisional. Independentemente de como ele se comportasse, Dex não era seu amigo. Ela precisava se lembrar de que ele não estava preocupado com o bem-estar dela; ele estava preocupado consigo mesmo.

Ela lhe deu um sorriso agradecido e disse:

— Obrigada, Dex.

Enquanto ele acreditasse que a controlava, não perceberia como ela o estava controlando.

Mais tarde, naquela noite, em vez de trabalhar, Eva se sentou em frente ao computador, olhando para um campo de busca em branco. Estar no estádio hoje, lembrando-se de como se sentiu sentada lá sozinha, sem ninguém para lutar por ela, para dizer *Eva é uma boa pessoa. Ela merece uma segunda chance*, a fez se perguntar se uma segunda chance teria sido possível. As palavras de Liz voltaram à sua mente. *Informação é poder.* Liz havia ultrapassado os limites que Eva havia estabelecido para si mesma e não tinha certeza se isso ajudaria a reconstruí-los ou destruí-los completamente.

Eva tentou se preparar para o desfecho mais doloroso — sua mãe, recuperada, vivendo uma vida feliz com uma família e amigos — e digitou o nome completo da mãe no campo de busca, a única luz no ambiente era o brilho da tela, que iluminava o seu rosto. Lá fora, um carro passou, pneus silenciosos zumbiram na calçada, então o silêncio foi preenchido pelo canto incessante dos grilos.

Ela apertou *Enter*.

Uma longa lista de resultados apareceu. Rachel Ann James no Facebook. Imagens. Twitter. Uma Rachel Ann James em uma faculdade em Nebraska. Ela rolou a tela para baixo e clicou em um link gratuito para localizar pessoas, o qual apresentou dezoito correspondências possíveis. No entanto, nenhuma das idades correspondia. Sua mãe estaria na casa dos cinquenta e poucos anos, e essas pessoas eram muito jovens ou muito mais velhas.

Seu corpo vibrava de ansiedade, mais do que em suas transações mais estressantes com as drogas, e ela ficou tentada a parar. Fechar o computador, voltar ao trabalho e esquecer tudo aquilo. Mas voltou a uma nova busca e inseriu *obituário de Rachel Ann James, Califórnia*.

Desta vez, foi o primeiro link em seus resultados. Era um pequeno parágrafo de um jornal local de Richmond, a poucos quilômetros ao norte de Berkeley. Não havia detalhes sobre como ela havia morrido, apenas o ano e sua idade, 27 anos. *Rachel deixa seus pais, Nancy e Ervin James, de Richmond, Califórnia, e seu irmão, Maxwell (35)*. Nenhuma menção a ela, a neta que eles não quiseram.

Eva olhou fixamente para a tela, ouvindo o sangue pulsar em seus ouvidos. Eva tinha oito anos. Ela tentou estabelecer uma relação da infância da qual se lembrava com essa nova informação. Seu tempo com Carmen e Mark. O retorno ao convento, que foi quando as freiras voltaram a entrar em contato com sua família. Em algum momento nesse ínterim, sua mãe faleceu. No entanto, seus avós, Nancy e Ervin, finalmente libertos do pesadelo de ter uma filha viciada, ainda assim disseram não.

Ela pensou em imprimir o obituário, levá-lo até o andar de baixo e bater à porta de Liz. Perguntar a ela como tudo aquilo lhe dava poder. Para ela, era como

se mil pequenos cortes estivessem lhe perfurando a pele, era uma dor sem centro, apenas um fogo irradiando que a consumia.

Em vez disso, ela limpou a página de busca e fechou o computador, acomodou-se na escuridão e começou a trabalhar para encaixar essa nova rejeição, essa nova decepção, junto com todas as demais.

CLAIRE

Sábado, 26 de fevereiro

O fato de Rory ter mentido sobre seu último fim de semana com Maggie é interessante, mas não incriminatório no sentido jurídico. É claro que ele tentaria parecer simpático ao contar a história para mim, sua nova namorada, e não consigo começar a imaginar por que Maggie teria mudado de ideia e ido para lá mesmo assim. Mas a referência de Maggie a uma discussão assustadora me dá arrepios, porque conheço o temperamento de Rory e sei como ela facilmente poderia ter acabado no pé daquela escada.

O bilhete, no entanto, não prova nada além do fato de que eles brigaram, algo que foi amplamente noticiado na época. O que me incomoda é como Charlie Flanagan está conectado àquele fim de semana de 1992. Essa é a chave para decifrar tudo. Talvez tenha sido ele quem organizou os pagamentos que tia Mary mencionou, desviando-os ilegalmente da conta da fundação.

Uma rápida olhada no relógio me diz que tenho apenas meia hora até me encontrar com Kelly, então vou até a cozinha, pego uma Coca-Cola Zero na geladeira, tomo um gole e fico olhando pela janela dos fundos. Enquanto aguardo a cafeína atingir minha corrente sanguínea, imagino Charlie revelando tudo o que sabe para a mídia. Enormes revelações no *New Yorker*, *Vanity Fair*, *New York Times*, despojando Rory de todo o seu poder. Sei que é um exagero, mas a fantasia ainda me energiza.

Coloco a lata no balcão e subo as escadas em busca de uma calça preta e uma blusa branca.

* * *

Quando chego à cafeteria, Kelly já está lá, aguardando em seu carro, eu abro a porta e entro.

— Pronta? — pergunta Kelly.

— Vamos lá.

O telefone de Kelly toca assim que chegamos ao fim do quarteirão.

— Jacinta — diz ela ao telefone. — Estou a caminho do trabalho. — Ela escuta por um momento e depois xinga. — Tudo bem, chego aí em cinco minutos.

Ela desliga e dá a volta com o carro.

— Desculpe — diz ela. — Minha filha, Jacinta, está trabalhando num projeto para a aula de história da arte e deixou os materiais para o cartaz no meu porta-malas.

— Eu não me importo — digo a ela.

— Normalmente, eu a deixaria se virar, mas ela está trabalhando com uma colega, e eu não quero punir a garota pelo descuido da Jacinta. — Ela suspira. — Esse projeto tem sido um pé no saco desde o primeiro dia.

— O que é?

— Comparar e contrastar dois artistas do século XX. Fazer uma apresentação oral com recursos visuais. — Ela revira os olhos. — Berkeley leva a educação artística muito a sério.

— Quantos anos tem sua filha? — Kelly não deve ter muito mais do que vinte e tantos anos.

— Doze.

Ela me olha, percebendo minha expressão de surpresa.

— Eu a tive quando tinha apenas dezessete anos.

— Deve ter sido difícil.

Kelly dá de ombros.

— Minha mãe quase me matou quando descobriu que eu estava grávida. Mas aí o negócio foi colocar a mão na massa. — Paramos em um sinal vermelho e ela olhou para mim. — Minha mãe é minha rocha. Eu não conseguiria trabalhar nem

estudar sem ela. E ela e Jacinta são muito próximas. Enquanto sobra para mim o revirar de olhos, minha mãe fica com as risadas e segredos.

— Você deve ser ocupada, trabalhando em dois empregos e estudando — eu digo.

Kelly sorri quando o sinal abre.

— Acho que sim. Mas eu sempre trabalhei, então estou acostumada. Faço o turno da manhã na cafeteria, tenho aulas durante o dia e faço eventos para o Tom à noite e nos fins de semana. Estou juntando dinheiro para que Jacinta e eu possamos ter nossa própria casa. No momento, moramos com a minha mãe e está muito apertado.

Mordo o lábio, desejando poder dizer a ela para não ter tanta pressa em ir embora.

* * *

A casa de Kelly fica em um bairro de casas pequenas e térreas, tão parecidas com a da minha mãe na Pensilvânia que eu podia apertar os olhos e acreditar que estava de volta em casa. Quando entramos na garagem, ela se vira para mim e diz:

— Entre e conheça minha família.

Hesito, sabendo que deveria permanecer no carro. Há uma diferença entre ser um dos muitos garçons vestidos de preto e branco em um evento e me aproximar da família de Kelly com um nome e um aperto de mão. Mas seria estranho se eu recusasse.

E fico impressionada com a vontade que tenho de entrar. Depois de tantos dias sozinha, quero sentar na cozinha de alguém e conversar sobre arte.

— Sei um pouco de história da arte — digo finalmente. — Talvez eu possa ajudar.

— Toda a ajuda que vier será bem-vinda — diz Kelly.

É tudo exatamente como imaginei que seria. A sala de estar é simples, com apenas um sofá, uma poltrona reclinável e uma televisão. Através de uma porta aberta, há uma pequena cozinha e uma área para refeições onde duas meninas

estão sentadas, curvadas sobre a mesa. Além da sala de estar, há um pequeno corredor que provavelmente leva a dois quartos pequenos e a um banheiro. A casa da minha mãe tinha a mesma atmosfera, desgastada e arranhada nos cantos, mas limpa a ponto de brilhar. Consigo imaginar as três aqui à noite, cada uma em seu lugar favorito. A mãe de Kelly na poltrona, Kelly e Jacinta, cada uma em uma extremidade do sofá, com as pernas entrelaçadas, da mesma forma como Violet e eu costumávamos assistir à TV.

Uma mulher mais velha está de pé na bancada, cortando legumes, enquanto, no fogão, panelas fervem e o ar vai ficando denso com o aroma de alecrim e sálvia.

Uma das meninas ergue os olhos quando entramos.

— Desculpe, mamãe — diz ela.

Kelly me leva para a cozinha e diz:

— Vamos praticar boas maneiras, Jacinta. Esta é Eva.

— Prazer em conhecê-la — digo.

Jacinta sorri, e consigo ver Kelly nos seus olhos castanhos e na estrutura marcante das suas maçãs do rosto.

— Prazer em conhecê-la também.

— E a amiga dela, Mel.

A outra garota levanta a mão em um meio aceno, depois se vira para Kelly e diz:

— Obrigada por voltar, Kelly.

Kelly aperta seu ombro e diz:

— Só por você, Mel.

A mulher mais velha interrompe lá da bancada.

— Desculpe por não ter conferido as coisas com ela antes de você sair. — Ela lança um olhar para Jacinta. — Ela me disse que tinha tudo o que precisava.

Kelly se vira para mim e diz:

— Eva, esta é minha mãe, Marilyn.

Eu me preparo, esperando por um lampejo de algo em seus olhos, um lampejo de pergunta, sabendo que é assim que sempre será quando conheço alguém novo.

Mas ela sorri e enxuga as mãos em uma toalha antes de apertar a minha mão.

— Prazer em conhecê-la.

Fico impressionada com o poder da crença. Como ela se transfere de uma pessoa para outra. Kelly acredita que sou Eva, e agora a mãe dela também, sem questionar. Olho para as duas, a união delas é tão familiar quanto um casaco velho favorito. Ele me envolve, me fazendo querer sentar à mesa e nunca mais sair.

— Contem-me o que vocês escolheram para o projeto — digo às meninas.

Jacinta desliza seu laptop para que eu possa ver duas pinturas lado a lado na tela. "Falso Começo", de Jasper Johns, e "Menino e Cachorro em uma Johnnypump", de Jean-Michel Basquiat.

— Ótimas escolhas — digo. — Basquiat começou nas ruas de Nova York como grafiteiro, expressando-se sobre as injustiças sociais que viu e vivenciou. Ele é responsável pelo grafite ser a forma de arte legítima que conhecemos hoje.

— Acho que lemos algo sobre isso. Mas tudo meio que se mistura — diz Jacinta. — Este é um projeto do inferno.

— Jacinta — adverte Marilyn.

— Desculpe, vovó. É que... olha como eles são diferentes. É fácil mostrar a diferença entre eles. Mas em que são parecidos? Não são. De jeito nenhum.

Sento-me na cadeira ao lado delas e apoio os cotovelos na mesa, que balança do mesmo jeito que a da minha mãe costumava balançar.

— Aqui vai uma dica. Não se prendam às imagens. A arte tem tudo a ver com emoção. Os professores querem saber o que você retira da obra e como aplica isso à sua própria vida. É totalmente subjetivo, então divirtam-se com isso. — Com a luz entrando pelas janelas, o cheiro forte de comida sendo preparada no ambiente e os sons reconfortantes de Marilyn atrás de nós, abrindo a geladeira, se movendo entre a pia e o fogão, sinto como se tivesse viajado no tempo. Todos os meus contornos se encaixam com o espaço ao meu redor.

Passo mais cinco minutos preenchendo as lacunas da pesquisa delas. Histórico sobre cada artista, suas infâncias e primeiras influências, antes de Kelly me dizer que precisamos ir embora.

— Gostei da sua família — digo enquanto saímos da garagem.

Kelly sorri.

— Obrigada. Nem sempre é fácil criar uma criança sob o domínio da minha mãe. Como tive a Jacinta muito jovem, minha mãe, às vezes, se esquece de que eu sou a mãe da Jacinta, e não ela. Agradeço a ajuda que ela me dá, mas aquela casa está pequena demais para nós três.

Eu gostaria de dizer a ela que a complexidade da vida corrida que elas levam deveria ser um conforto, não um fardo. Eu estava com tanta pressa para me redefinir, sem saber que estaria arrancando um pedaço do meu coração. Presumi que minha família sempre estaria lá, me esperando. Às vezes, consigo me iludir e acreditar que minha mãe e Violet ainda estão em nossa casa, circulando para lá e para cá, esperando que eu finalmente volte para casa.

* * *

— Como você sabe todas aquelas coisas? — pergunta Kelly enquanto entramos na alça de acesso da rodovia.

Fiquei em silêncio durante a maior parte do trajeto, com a mente ainda na casa da Kelly, sentada àquela mesa, sentindo como se, quanto mais nos afastamos dela, mais me afasto de mim mesma. De quem eu deveria ser.

— Eu me formei em história da arte na faculdade. — Não sinto que esteja me arriscando muito ao contar-lhe isso, e é bom dizer algo verdadeiro.

Kelly me olha, impressionada.

— Você deveria estar procurando emprego em museus ou casas de leilão.

— É complicado — digo; subitamente com medo de que, se eu continuar falando, acabe contando tudo a ela.

Kelly sorri.

— Mostre-me alguém cuja vida não seja complicada. — Quando não respondo, ela diz: — Sem pressão. Eu entendo.

— Estou saindo de um casamento ruim — finalmente admito, antes de acrescentar uma mentira. — Estou me escondendo na casa de uma amiga de

infância enquanto ela viaja. É temporário, até eu decidir o que fazer a seguir. Meu marido, no entanto, vai me procurar, então não posso mais trabalhar na minha área.

O carro parece uma camada protetora, segura e acolhedora enquanto aceleramos pela rodovia em direção a Oakland. Olho pela janela, para as pessoas nos carros ao nosso redor. Tantos segredos se passando em suas mentes. Ninguém vai olhar o meu com muita atenção. E, para Kelly, minha história já foi vivida centenas de vezes.

— É preciso muita coragem para recomeçar — ela diz.

Não respondo. Nada do que fiz parece corajoso ou destemido. Kelly estende a mão sobre o painel central e aperta a minha.

— Estou feliz que você esteja aqui.

* * *

Kelly não estava brincando quando disse que a festa de hoje à noite seria grande. Somos doze pessoas contratadas para organizar e trabalhar no evento, que está sendo realizado em um armazém gigante no centro de Oakland. Quase quarenta mesas ocupam o enorme salão, cada uma com oito lugares. Quando ela me apresenta ao seu chefe, Tom, prendo sua atenção apenas por uma fração de segundo antes que alguém o chame da cozinha.

— Obrigada por me dar o emprego — digo enquanto ele se afasta apressado.

— Obrigado por ajudar num momento de aperto — ele responde, pouco antes de desaparecer de volta na cozinha. — Kelly vai lhe mostrar o que fazer.

Logo estamos ocupadas com toalhas e arranjos de mesa e flores.

— Estou esperando por este evento há meses — diz Kelly.

— Por quê?

Seus olhos brilham.

— É um banquete para o Oakland A's. — Ela olha ao redor da sala. — Em algumas horas, este lugar estará lotado de atletas profissionais. Espero conseguir,

pelo menos, um autógrafo. — Então ela pisca para mim. — Talvez um número de telefone.

Ela se afasta novamente, deixando-me com minha tarefa de dobrar os guardanapos, mas, de repente, não consigo mais mover meus dedos. Meu olhar salta para a saída e depois volta para minha pilha de toalhas. Já organizei eventos como este antes, com grandes nomes em locais importantes. E uma das primeiras ligações que eu fazia era sempre para a imprensa. Quanto mais fotógrafos, melhor.

Termino os guardanapos com as mãos trêmulas e começo a arrumar as mesas, tentando me lembrar de que estou diferente agora. E com minhas calças pretas e camisa branca, serei apenas mais um entre muitos funcionários anônimos se movendo entre a multidão, pagos para permanecerem invisíveis.

* * *

Uma hora após o início da festa, sinto-me mais relaxada. Os fotógrafos estavam reunidos perto da entrada, tirando fotos das pessoas que chegavam. Há apenas dois deles lá dentro, e é fácil evitá-los. Sinto meu peito relaxar novamente e ando pelo amplo espaço, oferecendo aperitivos e guardanapos. Algumas pessoas sorriem e me agradecem, enquanto outras aceitam o que ofereço sem sequer fazer contato visual ou interromper a conversa.

Estou surpresa com o quão físico é o trabalho.

— Você tem jeito para a coisa — diz Kelly ao passar por mim, carregando uma bandeja com copos sujos em direção à cozinha.

Massageio um nó no meu ombro.

— Parece bem simples. Manter a comida circulando, ficar em segundo plano. — Penso em Marcy, a fornecedora de buffet que sempre usei em Nova York. Uma mulher pequena que tinha a graça de Jackie Kennedy, mas o semblante de um buldogue. Ela inspirava respeito de todos que trabalhavam para ela e tinha o dom de fazer qualquer evento brilhar. Sua equipe era sempre impecável, embora, até esta noite, eu não tivesse ideia do quanto eles trabalhavam duro. Gostaria de saber

o que Marcy pensa da minha morte. Se será ela quem irá fornecer o buffet do meu funeral.

* * *

Enquanto circulo entre os convidados, oferecendo vieiras envoltas em bacon, passo por uma bela mulher de vestido azul justo, discutindo em voz baixa com um homem constituído que deve ser um dos jogadores.

— Pare, Donny — sussurra a mulher.

— Não me diga o que fazer, porra.

Como que por reflexo, meus nervos ficam tensos, mesmo sabendo que ele não está falando comigo. Mas a maneira como ele cospe as palavras para ela, com sua voz carregada de veneno, faz com que eu passe rapidamente por eles, com os olhos baixos, com o medo dominando todas as minhas terminações nervosas e fazendo minha pele formigar. Sei como é ser o alvo desse tipo de raiva. E eu queria poder voltar lá e ajudar aquela mulher de alguma forma. Eu me pergunto quantas pessoas aqui sabem que é assim que ele a trata. Os outros jogadores. Suas esposas e namoradas. Será que eles veem isso e desviam o olhar, como tantas pessoas fizeram comigo? Será que cochicham a respeito entre si, mas não fazem nada para ajudar? Sinto-me impotente de raiva pela maneira indiferente como as pessoas descartam os problemas dos outros e de como eu não sou melhor do que os demais. Vendo tudo acontecer e não fazendo nada.

Meus olhos os acompanham enquanto se afastam de mim e são engolidos pela multidão, a maneira como a mão dele permanece na parte inferior das costas dela e como isso pode facilmente passar de um gesto solícito a um empurrão.

* * *

No meio do jantar, um homem se aproxima do microfone instalado na frente do salão, e a multidão aplaude. Pego minha bandeja e me encosto na parede do fundo para ouvir. Ele tem a voz de um locutor de rádio e fala sobre seus anos de trabalho na cabine do estádio. Mas minha atenção logo se volta para o mesmo casal, agora bem na minha frente. A princípio, ele tenta silenciá-la com o que parecem ser

clichês e promessas, mas ela não aceita nada daquilo. A raiva dela aumenta em espiral, e eu fico tensa, esperando que ele reaja. *Não o irrite*, imploro a ela silenciosamente. *Você ainda tem tempo para reverter a situação.* As palmas das minhas mãos começam a suar e minha respiração fica curta e difícil, tento alongá-la, lembrando a mim mesma que todos os casais discutem. Só porque meu marido costumava me bater não significa que este homem vá bater nela. No entanto, meu corpo está reagindo. Ficando tenso. Preparando-se.

O homem ao microfone provoca outra risada, que, por um momento, abafa o som da discussão, mas, quando o barulho das risadas cessa novamente, as palavras deles se perdem no silêncio.

Todos se viram para eles. A mulher começa a se afastar, mas Donny agarra seu braço, puxando-a em sua direção, enquanto as pessoas mais próximas ficam boquiabertas.

Estou perto o suficiente para ver o medo passar pelos olhos da mulher. É apenas uma fração de segundo, mas é tempo suficiente para me dizer que isso já aconteceu antes. Que ela sabe o que virá a seguir.

Sem pensar, jogo minha bandeja vazia no chão, tomo embalo empurrando-me contra a parede, e dou dois passos gigantescos até estar entre eles, fazendo o que ninguém jamais fez por mim. Pressiono minha mão contra o ombro do homem e digo:

— Você precisa soltá-la.

Surpreso, ele afrouxa o aperto e a mulher puxa o braço. Ela o esfrega, lançando um olhar furioso para ele por cima do meu ombro e diz:

— Você é um mentiroso de merda, Donny.

Mais pessoas desviam o olhar do discurso ao ouvirem a voz dela e olham para nós três.

— Cressida — diz ele. — Não era minha intenção.

— Não me siga. Não me ligue. Para mim já chega. — Ela passa por mim em direção à entrada, e eu finalmente dou um passo para trás.

E é então que eu os vejo. Três celulares diferentes apontados para nós, gravando tudo.

EVA

Berkeley, Califórnia
Dezembro
Dois meses antes do Acidente

Eva rebobinou a fita e ouviu novamente a voz de Dex. *Ele se recusou a fazer o que lhe disseram para fazer. Não quero que o mesmo aconteça com você.*

Ainda não era o suficiente. Ela, então, começou a manter um registro, anotando o número de comprimidos produzidos e as datas em que os passava para Dex. Ela nem sempre podia arriscar fazer gravações, nem sabia se Castro poderia usá-las. Era como tentar dirigir às cegas. Teria que intuir o caminho para o que precisava por meio de instinto e suposições.

E durante todo esse tempo, ela se esforçou para não pensar no que poderia acontecer se fosse descoberta. Apesar de suas tentativas para manter o foco, imagens passavam como um filme quando ela fechava os olhos, acordando-a bruscamente à noite, suada e em pânico, certa de que nunca daria certo. Ela estava convencida de que eles já sabiam. Mas usou esse medo a seu favor, o que lhe permitiu trabalhar ainda mais. Suas noites sem dormir iam se tornando cada vez mais frequentes enquanto esperava para ver se Castro voltaria. Ela podia senti-lo lá fora, uma presença pesada que ficava à espreita nos cantos escuros, aguardando o momento certo, e a única coisa que lhe restava era a esperança de estar pronta quando ele aparecesse novamente.

No andar de baixo, alguém bateu à porta. Ela e Liz tinham planejado comprar uma árvore de Natal em uma fazenda especialista em árvores que Liz havia encontrado online. Eva recusou — não uma, mas duas vezes — alegando motivos que Liz ia ignorando. Ela insistiu até Eva ceder, racionalizando que era mais fácil

fazer o que Liz queria do que continuar a evitá-la. Liz ficaria ali apenas por mais um mês e então retornaria a Princeton para o semestre da primavera. Eva se esforçou para ignorar a pontada aguda de tristeza que sentia toda vez que imaginava o apartamento de Liz silencioso e vazio. Mas, se tudo corresse bem, ela mesma partiria logo depois e isso, então, não teria mais importância.

Ela desceu apressadamente as escadas, pegando o casaco enquanto abria a porta. Mas não era Liz. Era Dex.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou.

Ele não perdeu tempo com cumprimentos. Em vez disso, entrou na casa dela, fechando a porta com um chute e com uma expressão severa.

— O que você está fazendo?

O pânico tomou conta dela ao pensar que, de alguma forma, alguém havia descoberto o que ela estava fazendo.

— Eu não estou te entendendo — sussurrou ela.

— O pacote da semana passada estava com cem comprimidos a menos.

— O quê? Não. Isso está errado.

— Claro que está errado — disse Dex. — Que porra é essa, Eva? Você está tentando se matar?

Ela balançou a cabeça, desesperada para fazer Dex entender, desesperada para tirá-lo de sua casa antes que Liz aparecesse.

— Estou cansada — disse ela. — Não tenho dormido. Devo ter contado mal. — Ela não conseguia explicar a exaustão profunda que acompanhava a tentativa de ser duas pessoas completamente diferentes ao mesmo tempo.

— Você precisa resolver isso.

— Eu vou resolver.

— Hoje — ele insistiu.

Na casa ao lado, ela podia ouvir os passos de Liz descendo as escadas, e Eva fechou os olhos momentaneamente.

— Hoje eu não posso.

Dex parecia incrédulo.

— Você tem algo mais importante para fazer?

Ela olhou para o casaco, que ela ainda segurava em sua mão.

— Minha vizinha e eu estamos indo comprar uma árvore de Natal.

Dex olhou para o teto, como se não conseguisse acreditar no que ela estava dizendo, e passou a mão pelo queixo.

— Meu Deus — disse ele. Então, olhou para ela, perfurando-a com seus olhos cinzentos. — Você tem noção de quanto eu tive que me esforçar para convencer Fish a me deixar cuidar disso? O quão perto ele chegou de mandar alguém que não faria perguntas nem daria a mínima para uma porra de árvore de Natal? — Sua voz estava ficando mais alta, e Eva ficou preocupada que o som pudesse atravessar a parede. Ou chegar à varanda da frente, onde Liz estaria a qualquer momento.

Como se tivesse sido combinado, ela ouviu Liz fechar e trancar a porta da frente.

— Você precisa ir, Dex. Vou cuidar disso. Prometo.

Ele olhou para ela, como se estivesse tentando enxergar além da superfície, para perceber se algo maior estava acontecendo.

— Amanhã — disse ele.

— Amanhã — ela concordou.

Ele abriu bruscamente a porta e deu de cara com Liz, assustada, com a mão levantada para bater.

— Olá — disse ela, curiosa, com seu olhar viajando entre Dex e Eva.

A expressão de Dex se transformou em um sorriso fácil.

— Fiquei sabendo que vocês duas vão comprar uma árvore. Divirtam-se. — Ele piscou para elas, sempre o artista interpretando seu papel, antes de apressadamente descer as escadas e ir embora.

— Quem era aquele? — perguntou Liz. — Ele é bonito.

Eva tentou se recompor, suavizar a expressão para combinar com o tom amigável de Dex. A última coisa que queria fazer agora era comprar uma árvore, mas, se desistisse, Liz teria uma centena de perguntas.

— Era o Dex — disse ela.

— Vocês dois são...? — disse ela, sem terminar a frase.

Eva fechou a porta e a trancou.

— É complicado — disse ela. — Vamos.

Enquanto dirigiam para o norte, em direção a Santa Rosa, Eva deixou os quilômetros colocarem uma distância entre ela e o que havia acontecido, compartimentando o que ocorreu em uma pequena bola, onde ficou, como uma pedrinha em seu sapato. Ela estava furiosa consigo mesma por ter sido tão descuidada. Por ter se esforçado tanto a ponto de ter cometido um erro como aquele. Ela não podia arriscar nenhum tipo de atenção direcionada, e, ainda assim, foi exatamente isso o que ela acabou trazendo para sua vida.

Quando chegaram à fazenda de árvores, ela já tinha elaborado um plano. Depois que voltassem para Berkeley, trabalharia a noite toda. De novo. Ela, então, redobrou os esforços para se concentrar em Liz, que descrevia a árvore que comprariam, uma árvore especial que plantariam em frente a casa, em vez de colocá-la em um suporte com água por algumas semanas.

— Você não vai acreditar como vai ficar linda — disse Liz enquanto caminhavam entre fileiras e mais fileiras de pinheiros altos e majestosos. Ela examinava cada árvore, verificando se estava cheia em toda a volta, antes de passar para a próxima. Falava baixinho, transportada para outro lugar pela memória. — Meu pai e eu costumávamos fazer isso quando eu era menina. Em todos os lugares em que morávamos — e foram muitos —, nós dois procurávamos uma nova árvore para se juntar à nossa família. — Ela estendeu a mão enquanto caminhavam, tocando as agulhas dos pinheiros com a ponta dos dedos. — Ele tornava o Natal mágico.

Quando Eva era pequena, quando ainda acreditava que havia alguma chance de eles voltarem para buscá-la, costumava fantasiar como seria o Natal se tivesse crescido com sua família biológica. Se sua mãe não fosse viciada, mas sim o tipo de mãe que insistia que o Papai Noel era real, ficando acordada até tarde montando brinquedos e enchendo meias. E quando Eva acordasse, ela correria até

a árvore e rasgaria o papel de presente, cada presente maior e melhor que o anterior, sempre exatamente como ela queria. Talvez seus avós e parentes aparecessem. Talvez houvesse primos, outras crianças para completar a imagem de sua família perfeita. Mas agora essa imagem havia mudado, trazendo consigo a consciência de que aqueles Natais teriam sido pesados pela ausência de sua mãe.

— Sua filha vem para as festas de fim de ano? — perguntou Eva, sem saber como se sentiria ao conhecer Ellie, ao ser substituída pela filha do coração de Liz.

— Ela está trabalhando — disse. O tom definitivo de sua voz deixou claro que ela não queria mais discutir o assunto.

Liz se esgueirou entre duas árvores e entrou em outra fileira.

— Esta aqui — disse ela, com suas palavras abafadas pelas grossas agulhas de pinheiro que as cercavam e estavam sob seus pés.

Eva seguiu o som da sua voz e encontrou Liz em frente a uma árvore de quase dois metros e meio de altura e formato perfeito.

— Como vamos levá-la para casa? — Eva imaginou as duas dirigindo pela rodovia com aquela árvore enorme presa ao teto do carro e as raízes balançando atrás delas.

— Eles entregam — disse Liz, caminhando lentamente ao redor da árvore, observando-a de todos os ângulos. — Vamos enfeitá-la com luzes brilhantes. Podemos nos agasalhar, fazer um chocolate quente e nos sentarmos na varanda e ficar admirando-a. A melhor parte é que a árvore estará aqui, ano após ano. Chega de árvores mortas perto da calçada no Ano Novo — disse ela.

Como se Eva já tivesse arrastado alguma árvore de Natal morta para a calçada.

— E se chover?

Liz deu de ombros.

— Luzes externas. Enfeites de vidro e cerâmica. Tenho caixas deles em casa, em Nova Jersey. Mas eu não suportava a ideia de um Natal sem árvore, então empacotei algumas das minhas favoritas e as trouxe comigo.

Liz pegou a etiqueta que lhes foi entregue ao entrar e pendurou-a na árvore, reivindicando-a como sua, e retirou outra que levariam consigo para a frente da

fazenda de árvores para pagar.

A luz do dia estava se transformando em noite quando saíram do estacionamento e seguiram para o sul, em direção a casa. Eva recostou-se no banco e olhou pela janela enquanto o brilho quente da tarde começava a desaparecer, pensando na longa noite que tinha pela frente.

* * *

A árvore foi entregue dois dias depois, com as raízes embrulhadas em um saco de estopa. Ela chegou em um caminhão enorme que também carregava equipamentos para cavar um buraco fundo o suficiente para plantá-la. Liz supervisionou tudo, escolhendo um local em frente a casa, mas do lado da varanda de Eva. Depois que a árvore foi plantada e os trabalhadores foram pagos e receberam suas gorjetas, Liz abriu a porta da frente e trouxe uma caixa com a inscrição *Natal*.

Com o aparelho de som de Liz tocando canções de Natal no volume mais alto, as duas começaram a trabalhar. Primeiro, penduraram as luzes brancas cintilantes; em seguida, os enfeites. Liz tinha uma história para quase cada um deles. Peças que foram presentes de colegas e de ex-alunos de pós-graduação, de quem ela se lembrava com detalhes vívidos e carinho. As peças de cerâmica feitas à mão eram de quando sua filha, Ellie, era pequena.

— Provavelmente sou a única professora visitante que já embalou uma caixa de enfeites de Natal para um período de seis meses — disse ela. — Mas nunca tive um único Natal sem uma árvore. — Ela colocou de lado uma guirlanda desengonçada feita de massa, com o nome *Ellie* escrito no verso, e uma tristeza silenciosa tomou o seu rosto, o que Eva fingiu não notar.

Enquanto trabalhavam, Eva se percebeu querendo desacelerar aquele momento, a fim de prolongar a noite. Ela pensou em como seria aquela época no ano seguinte, quando tudo estaria resolvido, de uma forma ou de outra. Ela estaria em algum lugar distante ou morta. E Liz já teria ido embora há muito tempo, seu

curto período em Berkeley seria uma lembrança distante, e Eva apenas mais um nome em uma lista de cartões de Natal.

Quando o último enfeite foi pendurado, Liz desapareceu dentro de casa e voltou carregando algo embrulhado em papel de seda. Ao entregá-lo a Eva, disse:

— Eu queria ser a pessoa a lhe dar seu primeiro enfeite de Natal. Espero que, de agora em diante, onde quer que você esteja, aonde quer que vá, você se lembre de mim quando olhar para ele.

Eva desembrulhou as camadas de papel de seda, revelando um pássaro azul de vidro soprado à mão.

— O pássaro azul é o arauto da felicidade — disse Liz. — Esse é meu desejo de Natal para você.

Eva passou o dedo pelo vidro liso. Os detalhes eram impressionantes, com profundos tons azuis e roxos e espiralados que se desvaneciam em um branco quase glacial em alguns pontos.

— Liz — ela sussurrou. — É incrível. Obrigada. — Ela se abaixou e abraçou Liz.

Liz a puxou com força, abraçando Eva da maneira que sempre imaginou que sua mãe faria, e ela quase desabou, tão forte era seu desejo de ser conhecida. De ser vista, em vez de se proteger constantemente, medindo suas palavras e ações para não ser descoberta. Tudo parecia ser pesado demais para carregar sozinha, e Liz era o tipo de pessoa que poderia ajudar Eva a superar isso. As palavras ficaram presas em seus lábios, trêmulas, esperando para serem ditas, mas Eva as engoliu.

— Eu não comprei nada para você.

— Sua amizade já é um presente suficiente — disse Liz. — Vamos acender as luzes e tomar uma xícara de chocolate quente.

Elas carregaram cadeiras da sala de jantar de Liz para a varanda e se sentaram com os pés apoiados na grade. A árvore iluminava a noite escura, suas luzes brilhavam como se viessem de dentro, envolvendo tudo o mais em sombras.

— Descobri que minha mãe morreu — disse Eva, sua voz não passava de um sussurro no escuro. Ela não podia contar a Liz a verdade sobre sua vida, mas isso

podia contar. — Ela morreu quando eu tinha oito anos.

Liz se virou de lado na cadeira e olhou para Eva.

— Sinto muito — ela disse.

Eva deu de ombros, tentando se recompor da dor que ainda sentia com a descoberta.

— Estou tentando me convencer de que é melhor assim. Mais simples. Pelo menos ela tinha um bom motivo para não me procurar.

— É uma maneira de ver as coisas — disse Liz, virando-se para a árvore. — Você vai tentar encontrar seus avós?

Eva refletiu sobre como a descoberta da morte da mãe a havia devastado e não tinha certeza se teria forças para passar por outra decepção.

— Acho que não — disse ela. — É mais fácil não saber.

— É mais fácil até deixar de sê-lo — disse Liz. — Que é mais ou menos como a vida funciona. Quando você se sentir pronta, talvez procure de novo.

A cada conversa, a cada confidência que Eva compartilhava, ela atraía Liz para mais perto de si, para a verdade de quem ela era. Ela queria afastar Liz e, ao mesmo tempo, absorvê-la. Esse revelar um pouco de si acalmava algo dentro dela. Saber que, mesmo depois de desaparecer em uma nova vida, alguém guardaria os pedaços da antiga e se lembraria de quem ela havia sido.

Ao longe, os sinos do Campanile tocavam, anunciado as horas. Quando pararam, Liz disse:

— Sobre aquele homem do outro dia, conte-me mais.

Eva hesitou, estava cansada de mentir.

— Não é nada — disse ela finalmente. — É só um amigo.

Liz pensou na explicação por alguns instantes antes de perguntar:

— Você está segura?

Eva lançou um olhar a ela.

— Claro. Por quê?

Liz deu de ombros.

— Achei ter ouvido gritos. E o rosto dele, por um segundo... — Sua voz cessou. — Meu ex-marido costumava fazer isso. Enfurecia-se num segundo e, no outro, era como se uma máscara tivesse caído sobre quem ele era de verdade. — Ela balançou a cabeça. — Isso despertou algo em mim, só isso.

Eva considerou contar a Liz uma versão da verdade. Que Dex era um colega. Que ela havia cometido um erro no trabalho e o colocado em uma posição ruim com o chefe. Mas esse era o problema das meias-verdades. Elas levavam muito rapidamente a revelações maiores, era como deslizar ladeira abaixo, ganhando impulso a cada uma delas.

Liz virou-se novamente na cadeira para ficar de frente para Eva, observando-a, esperando que ela se explicasse.

— Tínhamos combinado de almoçar juntos — ela disse finalmente. — Eu esqueci. Ele ficou bravo. Mas está tudo bem. Eu estou bem.

Liz ficou olhando para ela, como se estivesse avaliando a história de Eva, esperando pelo resto. Mas Eva permaneceu em silêncio e, ao lado dela, sentiu a curiosidade e a preocupação de Liz se transformarem em mágoa. Decepção por Eva não confiar nela com a verdade.

— Fico feliz em ouvir isso — Liz disse finalmente.

Enquanto Eva olhava para a árvore, algo se moveu dentro dela, algo brilhante, vulnerável e perigoso veio muito próximo à superfície, rompendo seu exterior duro. E Eva sabia, sem a menor dúvida, que ser amada por Liz era mais aterrorizante do que qualquer coisa que ela já tivesse feito, porque sabia que não a teria para sempre.

* * *

Muito tempo depois de Liz ter ido para a cama, Eva ficou sentada ali, observando as casas ao longo da rua escurecerem, uma a uma, sem vontade de apagar as luzes da árvore e entrar. *Ainda não*, sussurrou uma vozinha dentro dela. Ela se sentia invisível, como se fosse o fantasma de quem ela costumava ser, vindo visitar esta vida e levá-la para um lugar melhor.

Para além da iluminação da árvore, Eva ouviu o som de passos silenciosos. Sentou-se, seus sentidos se aguçaram, os pensamentos imediatamente saltaram para Dex, ou para Fish, e para o fato de que ela nem saberia que era ele até que fosse tarde demais.

Um homem apareceu na calçada da frente, projetado em uma sombra escura pelas luzes brilhantes da árvore, e ela semicerrou os olhos na escuridão da noite enquanto ele se aproximava e caminhava em sua direção. O agente Castro entrou no círculo de luz criado pela árvore e encostou-se na grade da varanda.

Eva permaneceu sentada e aguardou. Todas aquelas semanas se preparando. Organizando. Planejando. E agora o momento havia chegado.

Ela olhou para as janelas escuras de Liz e disse:

— Há quanto tempo você está esperando?

— Muito tempo — ele respondeu. — Anos.

Eva observou o rosto dele, o cansaço projetava sombras sob as maçãs do seu rosto, e percebeu que eles dois não eram tão diferentes. Ambos estavam cansados de tentar manter uma fachada que havia se tornado difícil de sustentar.

Em voz baixa, ele perguntou:

— O que você pode me dizer sobre um homem chamado Felix Argyros?

Eva manteve os olhos fixos na árvore.

— Nunca ouvi falar dele. — Isso era verdade.

— Talvez você o conheça como Fish.

Ela não respondeu. Contanto que não dissesse nada, ela poderia permanecer naquele espaço neutro, onde não trairia Fish nem teria que mentir para um agente federal.

Ele continuou:

— Você não é meu alvo, Eva. Se me ajudar, posso protegê-la.

Eva deu uma risada curta e sem graça. Se Fish soubesse que Castro estava ali naquele momento, Eva não veria o fim da semana.

— Você vai ter que fazer uma escolha — ele disse.

— Achei que a força-tarefa tivesse sido dissolvida. — Se Castro ficou surpreso por ela saber disso, ele não deixou transparecer.

— Digamos que diminuímos o ritmo. Você se tornou uma grande fã de esportes.

Eva manteve os olhos na árvore, embora toda a sua atenção estivesse em Castro, observando sua postura, sua linguagem corporal. Ela sabia que ele não tinha nada contra ela, ou já a teria prendido, em vez de ter subido até sua varanda tarde da noite, fazendo perguntas.

— Sou apenas uma garçonete que gosta de futebol americano e basquete — disse ela.

— Você quer saber a minha opinião a respeito? — perguntou ele.

— De fato, não.

— Acho que você quer sair. — A voz dele era suave, mas suas palavras, mesmo assim, atingiram-na, tendo em vista a clareza com que ele a via. O quanto de sua mente ele já conhecia.

Ela lançou-lhe um olhar rápido, e ele sorriu, como se algo tivesse acabado de ser confirmado.

— O tempo está se esgotando — disse ele, afastando-se da grade e ficando em pé. — Posso manter essa conversa em segredo ou contar para alguém do departamento que conversamos. Como você acha que Fish reagiria? — Ele balançou a cabeça levemente e disse: — Mesmo que você contasse a ele primeiro, ele teria dúvidas. E, pela minha experiência, dúvidas sempre causam problemas.

Eva o encarou, suas opções se reduziram a apenas uma.

— Por que eu? — ela perguntou.

Castro fixou os olhos nos dela e disse:

— Porque é você quem eu quero ajudar.

Ele deslizou seu cartão pela grade e desceu pelo caminho da frente, desaparecendo tão silenciosamente quanto havia aparecido.

CLAIRE

Sábado, 26 de fevereiro

No caminho de volta para casa após o evento do A's, Kelly e eu ficamos em silêncio, minha mente dando voltas e mais voltas, tentando reescrever o que eu havia acabado de fazer. Sei o que essas pessoas farão com os vídeos e com as fotos que tiraram. Tudo isso aparecerá online primeiro e depois acabarão migrando para a televisão. A questão é: quanto tempo levará até isso acontecer e alguém irá me reconhecer?

Aproveito o silêncio do carro e olho pela janela, observando os apartamentos escuros que ficam atrás da rodovia. Enquanto subimos a alça de acesso, Kelly pergunta:

— O que aconteceu lá?

Mantenho o rosto virado, imaginando o que ela diria se eu despejasse sobre ela tudo o que havia ocorrido nos últimos dias. Imagino seus olhos se arregalando enquanto falo, o horror do que fiz para me salvar ofuscando qualquer simpatia que antes existia ali.

— O que você quer dizer? — pergunto.

— A maneira como você se colocou entre Donny e a namorada dele quando ele se descontrolou. O que você deixou para trás na sua vida?

A estrada está quase vazia a esta hora da noite, e o carro desliza por várias faixas, ficando na do meio.

— É melhor você não saber.

Kelly mantém os olhos na estrada, faróis ocasionais que vêm da direção oposta iluminam brevemente seu rosto, mas logo ele fica coberto pela escuridão novamente.

— Seu marido te agrediu?

Deixei a pergunta pairar no ar, perguntando-me se teria coragem de respondê-la. Finalmente, sussurro:

— Muitas vezes.

— E agora você está preocupada que ele possa ver o vídeo e que a encontre.

— Não sei como pude ter sido tão idiota — digo.

Saímos da rodovia e entramos no centro de Berkeley, e, em pouco tempo, estamos chegando à casa de Eva. Quando ela para na frente, Kelly se vira para mim.

— Deixe-me ajudar — diz ela.

Sei melhor do que ninguém como os segredos podem se agravar, isolando você do resto do mundo. Nunca tive amigos de verdade em Nova York, além de Petra, porque eu tinha muito a esconder. Muito mesmo. E agora que escapei, nada mudou. Preciso manter Kelly à mesma distância para proteger meus segredos. Só que são segredos diferentes.

Ofereço um sorriso fraco, desejando mais do que tudo que Kelly e eu pudéssemos ser amigas.

— Obrigada — digo. — Mas pode ser tarde demais para isso.

* * *

No andar de cima, no meu computador, digito o endereço do site *TMZ*. Logo no topo, há um link mostrando a discussão entre Donny e Cressida, postada há apenas quarenta e cinco minutos. A manchete diz "Discussão entre o astro do beisebol Donny Rodriguez e a namorada acaba em agressão física". Clico nela e o vídeo aparece. Não há som, apenas a filmagem, mas a resolução é incrível. Mostra Donny e Cressida brigando, a maneira como ele agarrou o braço dela e a puxou em sua direção, e eu, me metendo no meio de tudo.

Já há mais de duzentos comentários e, mais ou menos na metade, eu vejo.

> Comentarista do NY: Ei, alguém acha que aquela mulher ao fundo se parece um pouco com a falecida

esposa de Rory Cook?

— Não. — Respiro fundo na sala vazia e penso no alerta do Google que essa menção ativou. Para o e-mail de Danielle. Para o próprio Rory.

Navego rapidamente até a caixa de entrada dele e abro a pasta de alertas. O e-mail está no topo de uma longa lista de notificações não lidas, e meu primeiro instinto é excluí-lo. Mas isso só vai adiar o inevitável. Danielle ainda verá o alerta, vai lê-lo e clicar no link. Ela irá assistir ao vídeo, talvez várias vezes, antes de enviá-lo a Bruce. Juntos, eles irão descobrir a melhor maneira de abordar Rory, para mostrar a ele que a esposa que estava prestes a deixá-lo, aquela que supostamente havia morrido, está viva e bem, trabalhando para um bufê em Oakland.

Marco a caixa ao lado da mensagem, juntamente com várias outras por precaução, clico em Excluir e, em seguida, vou para a lixeira e a esvazio. De qualquer maneira, estou ferrada.

* * *

No domingo de manhã, mais de cem mil pessoas já haviam assistido ao vídeo, e eu li pelo menos cem respostas ao comentário da noite anterior. A maioria delas critica o comentarista do NY por ser cego, estúpido ou simplesmente um teórico da conspiração insensível.

Pessoas como você são o que há de errado com este país. Você se esconde atrás do seu computador e lança teorias infundadas na esperança de se tornar famoso.

Mas o comentarista do NY não desiste. Ele postou uma captura de tela do meu rosto no vídeo e, ao lado, a mesma imagem do artigo da revista *Stars Like Us*.

— Diga-me você — declara ele.

Elas realmente se parecem, admite outro comentarista. Se você trocar o cabelo, talvez.

Eu sei que, apesar do meu cabelo loiro curto, Rory vai me reconhecer imediatamente. A maneira como eu me movo, a expressão no meu rosto enquanto me posiciono entre Donny e Cressida é inconfundível. É só uma questão de tempo até que Rory veja o vídeo e me encontre — por meio de Tom ou Kelly — e eu preciso estar bem longe de Berkeley quando isso acontecer.

Mas até agora, nesta manhã, o *Doc.* continua sem as palavras que espero que se materializem ali a qualquer momento.

> Você assistiu ao vídeo? Acha que é mesmo ela?

* * *

Mas, quando o texto finalmente aparece, não é sobre o vídeo.

> **Bruce Corcoran:**
> Charlie me enviou por e-mail um rascunho de um comunicado à imprensa e um depoimento juramentado.

> **Rory Cook:**
> O que há nele?

> **Bruce Corcoran:**
> Tudo.

A palavra permanece ali, e posso sentir o peso dela, seja lá o que *ela for*.

Bruce continua digitando, e eu praticamente consigo ouvir seu tom apaziguador.

> **Bruce Corcoran:**
> Obviamente, não vamos permitir que isso aconteça. Temos pessoas investigando o histórico de Charlie. E desde a faculdade. Encontraremos algo que colocará fim a isso.

> **Rory Cook:**
> Há muitas informações. Mantenha-me informado.

> **Bruce Corcoran:**
> Certamente.

Uma batida na porta lá embaixo me assusta. Desço devagar, espio pela janela e vejo Kelly parada na varanda, segurando dois copos de café da cafeteria. Tenho vontade de não responder, de voltar lá para cima para descobrir o que esse *tudo* significa e o que exatamente um contador sênior da fundação sabe sobre o último fim de semana de Maggie Moretti com Rory.

Mas ela me viu.

— Achei que você poderia estar precisando de um pouco de cafeína esta manhã — ela grita através da porta fechada. — Eu queria agradecer por você ter ajudado as meninas ontem. Elas terminaram o trabalho ontem à noite e ficou muito bom.

Nós nos acomodamos no sofá, com a mesa baixa entre nós. Kelly toma um gole de seu copo e eu seguro o meu, sentindo o calor irradiar pelas minhas mãos.

— Tem um vídeo meu no *TMZ* — digo a ela.

— Eu vi — ela responde. — Mas está apenas online, não há nada na TV. Então, a menos que seu ex goste de seguir e visitar sites de fofocas de celebridades, você provavelmente ficará bem.

Se ela chegou a ler os comentários, é improvável que tenha lido o suficiente para encontrar os do comentarista do NY. Giro o copo nas mãos, desejando poder explicar que não é tão simples. Que isso não vai acabar tão facilmente.

— Obrigada por vir ver se estou bem em meio a isso tudo. — Levanto meu café. — Mas preciso fazer as malas. Estou partindo esta tarde. — Olho ao redor do espaço que tem sido meu refúgio nos últimos dias. Meu casaco, jogado no encosto da cadeira, a pilha de jornais no chão ao lado do sofá, a rapidez com que esta casa começou a parecer um lar.

— Ainda há uma chance de ele não ver o vídeo.

Coloco meu café na mesa entre nós, sem ter tocado nele.

— É mais complicado do que você imagina.

— Então me explique — diz ela. — Se você precisa de dinheiro, posso te emprestar. Se precisa de um lugar diferente para morar, tenho uma amiga que pode encontrar um para você.

Neste momento, lembro-me da minha mãe, que jamais hesitou em estender a mão a alguém necessitado e oferecer ajuda, mesmo quando não tinha condições financeiras para fazer isso. Quero mais do que tudo deixar Kelly me ajudar. Mas não posso arriscar envolvê-la — ou a família dela — em algo maior do que qualquer pessoa sensata estaria disposta a suportar.

— Obrigada — digo. — Agradeço tudo o que você fez, mais do que você jamais poderá imaginar.

— Permita-me ao menos ajudá-la a ganhar um pouco mais de dinheiro antes de você ir. O Tom tem uma festa esta tarde. Sem imprensa, prometo. É só um evento em uma casa nas colinas com uma vista incrível. Posso buscá-la às duas e deixá-la em casa às nove. — Ela me dá um sorriso triste. — Cedo o suficiente para que você possa ir embora, tecnicamente, ainda hoje.

Do outro lado da parede da sala, escondido na garagem escura, está o carro de Eva, e agora sinto uma urgência em partir. Não perder mais um minuto. Jogar meu café fora, limpar o lixo dos últimos dias, jogar minhas coisas no carro dela e dar o fora.

Mas a cautela me detém. Não posso me dar ao luxo de ser impulsiva, de cometer outro erro. Preciso ter um plano. Resolver para onde vou, reunir, no escritório de Eva, os documentos relevantes dos quais posso precisar e fazer as malas. Mesmo que Rory veja o vídeo agora mesmo, o mais cedo que ele pode aparecer nesta cidade é amanhã. Ainda posso partir hoje à noite, com mais duzentos dólares no bolso. Não posso me dar ao luxo de dizer não.

— Vejo você às duas.

Depois que Kelly sai, volto para o meu computador, na esperança de acompanhar mais da discussão sobre Charlie. No entanto, o *Doc* está vazio novamente, e sinto o silêncio como uma ameaça sussurrada que só eu consigo ouvir.

* * *

Começo pela mesa de Eva, localizando o extrato bancário mais recente e o coloco de lado. Da caixa no canto, tiro o documento de registro do carro dela, o cartão do seguro social e a certidão de nascimento, e novamente procuro, mas sem sucesso, pelo passaporte. Vejo-me em algum lugar distante, uma grande cidade como Sacramento ou Portland. Talvez Seattle. Depois, encontrando um motel ou albergue barato e, em seguida, um emprego, preenchendo as informações de Eva no formulário W-2, o ímpeto da possibilidade vai crescendo dentro de mim.

Pego um contracheque do DuPree's, o restaurante onde Eva trabalhava, e o adiciono à minha pilha. Talvez eu possa usá-lo como referência. Levanto a mão e toco meu cabelo loiro curto. Para qualquer pessoa fora de Berkeley, eu *sou* Eva James. Posso provar isso com uma carteira de motorista. Uma conta bancária. Um cartão do seguro social e declarações de imposto de renda. Como em um espelho distorcido, não tenho mais certeza de onde termino e ela começa. Imagino um gerente de restaurante em algum lugar, ligando para o DuPree's e perguntando sobre mim. *Eva James? Sim, ela trabalhava aqui.*

Volto para o meu computador. Para onde devo ir? As possibilidades borbulham dentro de mim. Rumar para o norte parece ser a melhor opção, com tantas cidades grandes e quilômetros entre aqui e o Canadá. Talvez eu possa voltar e me estabelecer em Chicago ou Indianápolis. Começo minha busca, usando o *Craigslist* para procurar empregos e lugares baratos para morar, calculando quanto tempo meu dinheiro vai durar.

Após uma hora, voltou ao *Doc.*, que ainda está vazio, um quadrado em branco que não oferece nada além de estresse e medo. É a única coisa que me mantém ligada à minha antiga vida, e me sinto tentada a cortar minhas perdas, sair do *Doc.* e deixar tudo para trás. Preciso encontrar meu próprio caminho, pensar nos meus próximos passos, não em algum escândalo hipotético envolvendo Maggie Moretti que pode nem ser verdade. Maggie está morta. E se eu não me mantiver alerta, posso acabar do mesmo modo.

Porque assim que Rory assistir ao vídeo, tenho certeza de que ele virá. Ele voará para Oakland e procurará por Tom, exigindo respostas. Tudo o que Tom conseguirá dizer é o primeiro nome de Eva. Ele não tem um formulário W-2. Nenhum registro de funcionário que sequer indique onde Eva morava.

Mas Kelly sabe.

Posso ver Rory, dando a ela aquele sorriso, aquele que leva até os doadores mais insensíveis a assinarem um cheque. Sei o que ele dirá sobre mim — que sou perturbada. Desequilibrada. Propensa a exageros e mentiras. Eu gostaria de acreditar que Kelly conseguiria resistir a isso, mas a verdade é que não a conheço bem o suficiente para ter certeza de nada. É por isso que, esta noite, preciso ir embora.

* * *

A festa acontece em uma estrada sinuosa, no alto das colinas de Berkeley. Kelly e eu chegamos pouco depois das duas. Após uma rápida palavra com Tom, começamos com toalhas de linho branco impecável que se abrem e flutuam sobre cada mesa em um amplo salão com vista de 360 graus da baía.

— Para onde você acha que irá? — pergunta Kelly em voz baixa. O barman que Tom contratou, um estudante de pós-graduação na casa dos vinte anos, movimenta-se atrás do balcão, com fones de ouvido, servindo garrafas e polindo copos.

Aliso a toalha com as mãos e olho pelas janelas de vidro, o sol forte da tarde fazendo a vista parecer desbotada e suja.

— Talvez Phoenix — minto. — Ou Las Vegas. Leste, eu acho.

Decidi seguir para o norte, ignorando Sacramento e preferindo Portland. Economizar o máximo possível do meu dinheiro usando o cartão de débito e o código postal de Eva para abastecer, indo o mais longe que puder até que o dinheiro dela acabe. Arrumei uma pequena mala, com itens básicos, apenas o suficiente para aguentar pelo menos uma semana na estrada até conseguir me estabelecer em algum lugar mais permanente.

Kelly se inclina, aproximando-se.

— Você não vai querer trabalhar em cassinos. Eles tiram impressões digitais.

Dou um passo para trás, imaginando o que ela sabe, o que eu devo ter inadvertidamente revelado.

Ela percebe a expressão de pânico no meu rosto e diz:

— Ei. Não estou insinuando nada, a não ser que talvez seja melhor evitar isso caso seu marido esteja trabalhando com a polícia para encontrá-la.

Tom sai da cozinha vestindo um jaleco branco de chef e nos chama para uma breve reunião a fim de nos dizer como tudo deve funcionar. Kelly e eu paramos o que estamos fazendo para ouvir as instruções finais antes da festa começar. Quando ele termina, a recepcionista se junta a nós. Ela é jovem — tem mais ou menos a minha idade — e não nos dá muita atenção enquanto ficamos de lado, deixando Tom explicar como o serviço deverá funcionar. Os olhos dela passam sobre nós, como se fôssemos mobília, antes de dizer:

— Parece perfeito. Por favor, certifiquem-se de manter os aperitivos circulando.

* * *

Logo, Kelly e eu estamos nos movendo entre a multidão com nossas pesadas bandejas. As janelas de vidro foram abertas para que os convidados pudessem passar entre o interior e um pequeno pátio gramado com vista para Berkeley e para a baía ao fundo. O sol se moveu pelo céu, e a vista que antes parecia hostil agora está coberta por ricos tons de verde e dourado. Há um frio que poderia me fazer tremer se eu não estivesse trabalhando tanto. Como prometido, é uma festa privada, sem sinal de ninguém interessado em fotografar os convidados.

Em uma mesa próxima à beira do pátio, coloco minha bandeja para recolher copos sujos e pratos vazios e deixo meus olhos se demorarem no horizonte. São Francisco está sombreada em tons profundos de azul e roxo enquanto o sol começa a se pôr, as luzes da Bay Bridge vão se tornando mais vibrantes contra o céu que escurece, um fluxo de carros entra na cidade, suas luzes traseiras

vermelhas formam um colar brilhante. Atrás de mim, a festa continua, vozes se misturam com risadas, com o tilintar de copos e talheres e, por baixo de tudo, uma música clássica suave ameniza o ambiente.

Ergo a bandeja de volta à altura do meu ombro e sigo com cuidado em direção a casa. Ao cruzar a soleira, uma voz se eleva acima das outras. É a voz de uma mulher, radiante de surpresa e alegria.

— Meu Deus, Claire! É você mesmo?

Um calor percorre minha espinha, espalhando-se para fora, transformando-se em um pânico incandescente enquanto a festa gira ao meu redor. Meus olhos disparam em direção às saídas — da frente e dos fundos —, avaliando qual delas estaria mais próxima, mas as pessoas me pressionam, deixando-me sem nenhum caminho claro para fuga.

Eu deveria ter ido embora quando tive a chance. E agora é tarde demais.

EVA

Berkeley, Califórnia
Janeiro
Sete semanas antes do Acidente

O vento frio de janeiro e uma resolução — de um jeito ou de outro, ela estava farta. Ou o agente Castro a ajudaria a escapar, ou ela faria isso sozinha. Eles se encontrariam no estacionamento de uma praia deserta em Santa Cruz, que fica a uma hora e meia ao sul de São Francisco. Eva esperava que o alcance de Fish não chegasse tão longe. Ela dirigia devagar, observando pelo espelho retrovisor se alguém a seguia. A estrada que serpenteava pelas colinas baixas que separavam a Rodovia 101 da costa tinha apenas duas faixas. Várias vezes, ela parou e deixou passar os carros que vinham atrás dela. Ninguém pareceu notá-la. Nenhum carro retornou. Quando parou ao lado do carro do agente Castro, sentiu-se confiante de que estavam sozinhos.

Eles desceram as escadas que levavam à praia sem dizer uma palavra. O vento soprava seus cabelos em volta do rosto, e as ondas que quebravam pareciam vibrar através dela. Ela se perguntou como eles pareceriam para os que os observavam, caminhando na praia no meio do inverno. Será que as pessoas pensariam que eles eram um casal discutindo? Ou talvez irmãos, vindos para espalhar os restos mortais de um familiar? Ela tinha quase certeza de que jamais adivinhariam que se tratava de uma traficante de drogas e de um agente da DEA.

— Você está tomando a decisão certa — disse ele.

Eva contemplava o oceano, com a névoa salgada borrifando seu rosto. Ela se ressentia da palavra "decisão", como se estivesse escolhendo entre um sofá e uma cadeira, deliberando entre as opções, pesando os prós e os contras.

Ela sentiu o tempo desacelerar, forçando-a a perceber o momento que separava o antes do depois. Da última vez que algo havia dividido sua vida de forma tão clara, as consequências haviam se espalhado para o futuro, manchando tudo.

— Não decidi nada, mas estou disposta a ouvir o que você tem a dizer — disse ela por fim.

O agente Castro enfiou as mãos no bolso, semicerrando os olhos por causa do vento.

— Felix Argyros é alguém que estamos rastreando há muito tempo. Como você deve saber, o alcance dele na área da Baía de São Francisco é extenso e profundo. E ele é perigoso. Temos pelo menos três investigações ativas de homicídio que acreditamos estarem ligadas a ele.

Eva lançou um olhar cortante.

— Você está perdendo seu tempo tentando me assustar. Eu sei o que ele pode fazer comigo, e é por isso que não vou concordar com nada até que você possa me oferecer proteção.

Os olhos castanhos do agente Castro estudaram seu rosto, e ela sustentou o olhar dele, penetrando fundo para mantê-lo, para mostrar que estava determinada a fazer aquilo do seu jeito. Ela tinha o que ele queria, e, se ele quisesse muito, concordaria com os termos dela.

— Claro que iremos lhe oferecer proteção. Estaremos com você vinte e quatro horas por dia até depois do seu depoimento, e eu fui autorizado a oferecer imunidade total.

Eva riu e olhou para a praia, onde, ao longe, uma mulher solitária jogava um graveto no oceano para um golden retriever.

— "Imunidade" é uma palavra sem sentido. Estou falando de proteção a testemunhas. De me dar uma nova identidade, de me instalar em outro lugar.

O agente Castro suspirou profundamente, pensativo.

— Posso pedir — ele disse finalmente. — Mas não posso prometer nada. Não é tão comum quanto você imagina, e geralmente não fazemos isso com pessoas do

calibre do Fish.

Eva sabia que ele precisava dizer aquilo, para tentar direcioná-la ao que era mais simples e barato para seus chefes. Mas ela não se deixaria dissuadir.

— Sei como é difícil condenar um cara como o Fish. Sei a probabilidade de ele se safar por um detalhe técnico. E se ele se safar, o que você acha que vai acontecer comigo? Sua imunidade não vai me ajudar caso isso aconteça.

— Eu entendo — disse o agente Castro. — Tudo o que posso fazer é garantir que sabemos o que estamos fazendo.

Como se vocês soubessem o que estavam fazendo ao envolverem a Brittany?

— Brittany foi um erro — ele admitiu. — Mas não foi um desastre completo, já que ela nos levou até você. — Ele virou as costas para o oceano a fim de encarar Eva, e seu casaco se abriu como um paraquedas. — Você tem que confiar em nós.

Eva quase riu em voz alta. Confiar nos outros nunca tinha sido bom para ela, e desta vez não seria diferente.

— Se você não pode oferecer proteção a testemunhas, não creio que possa ajudá-lo.

Os olhos de Castro se suavizaram, e ela notou as rugas de expressão que os emolduravam. Alguém, em algum lugar, devia saber como ele era quando estava feliz, e ela se pegou imaginando quem seria essa pessoa, como seria amar um homem que passava os dias perseguindo sombras.

— Olha — ele disse. — Eu faço isso há muito tempo e já vi muita coisa. De todas as pessoas que conheço neste ramo, você é a única que não se encaixa.

Eva olhou para além dele, através das ondas agitadas e das cristas brancas até a linha do horizonte, sabendo que era apenas uma ilusão, que sempre estaria fora de alcance, não importa o quão longe você viajasse, o quanto você tentasse chegar lá.

— Você não sabe nada sobre mim — disse ela.

— Eu sei que você cresceu em um orfanato. Eu sei o que aconteceu com você em Berkeley e sei que você não deveria ter sido a única a ser punida.

Ela segurou uma resposta, irritada com ele por saber seus segredos. Ela precisava que alguém lhe tivesse dito isso anos atrás, quando, de fato, poderia tê-la

ajudado. Agora? Não passavam de palavras vazias.

Ele continuou:

— Acho que você é uma boa pessoa, que foi forçada a fazer uma escolha impossível. Ajude-me a ajudá-la.

Eva ficou olhando fixamente para ele, tentando fazê-lo acreditar que ela ainda estava considerando a proposta, deixando o silêncio se instalar entre eles. Ela conhecia a vida o suficiente para saber que, no minuto em que você concordasse com algo — fosse fabricar drogas para um jogador de futebol americano ou um traficante, ou entregar provas aos federais —, eles parariam de tentar cuidar de você assim que você dissesse sim.

O agente Castro continuou:

— Se você não cooperar, nós iremos processá-la. A imunidade será revogada e, uma vez que isso aconteça, não poderei fazer nada por você. Você ficará na cadeia por muito tempo.

Eva acreditava ter o suficiente para Castro, mas, no momento em que entregasse, ele não precisaria prometer nada a ela.

— Se você puder me dar o que estou pedindo, talvez possamos chegar a um acordo — ela disse.

— Vou fazer o meu melhor.

Eva cruzou os braços com força contra o corpo e disse:

— Presumo que você continuará me seguindo. Peço que não dificulte as coisas. Você parece pensar que Fish é um traficante de médio porte, mas, se ele descobrir que conversamos, ele vai me matar, e então você não terá nada.

* * *

Ela mal percebeu a viagem de volta para Berkeley, sua mente havia assumido o controle, analisando suas opções e próximos passos. Independentemente do que Castro pudesse fazer por ela, ela precisava estar pronta para abandonar tudo aquilo — Berkeley, sua casa, seu emprego. E Liz.

Eva chegou em casa depois de escurecer, as luzes do apartamento de Liz estavam acesas, eram quentes e convidativas. Ela parou para tocar os galhos macios da árvore, agora sem enfeites, à espera de outro Natal que nunca chegaria. Será que Liz imaginaria Eva ali, decorando a árvore sozinha? Tentaria ligar para Eva e se perguntaria por que ela nunca atendia o telefone? Voltaria para visitar amigos e descobriria que Eva tinha ido embora, que seu apartamento estava abandonado? Eva sabia como era isso, como era sentir os fios irregulares de perguntas sem resposta, fazendo cócegas na mente, atormentando seus momentos mais silenciosos com os *por quês*.

Como se a tivesse conjurado, Liz apareceu, abrindo a porta e olhando para Eva, ainda parada ao lado da árvore.

— O que você está fazendo aí fora? — Eva olhou para ela, emoldurada pelo retângulo de luz brilhante, e não respondeu.

Liz deu um passo para a varanda, e seu sorriso foi desaparecendo ao ver a expressão de Eva.

— Você está bem? — perguntou ela. — Você parece perturbada.

— Não, só estou cansada.

Liz parecia querer dizer alguma coisa, mas hesitou. Por fim, disse:

— Quando você vai me contar o que realmente está acontecendo com você? Sempre que pergunto, você me dá respostas vazias. Ou me diz que está cansada. Mas não é isso. Por que não fala comigo?

— Eu falo com você. O tempo todo.

Liz balançou a cabeça.

— Não. Você me conta coisas que já aconteceram. Que já acabaram. Mas eu não sei quase nada sobre o seu dia a dia. Nada sobre suas dificuldades. O que a preocupa. Por que você não tem dormido. Do nada, um homem aparece, brigando com você. Aí eu nunca mais ouço falar dele nem o vejo. — Ela respirou fundo. — Não, Eva. Você não fala comigo. Você sequer confia em mim.

— Você está atribuindo sentido demais às coisas — disse Eva, detestando o modo como estava falando. Condescendente. Desdenhoso. Quando o que ela

queria, mais do que tudo, era se jogar aos pés de Liz e implorar para que ela resolvesse a situação. Que ela a ajudasse.

A voz de Liz estava baixa quando ela entrou pela varanda e cruzou os braços sobre o peito.

— Pensei que éramos amigas, mas você mente para mim o tempo todo. Sobre aonde vai. O que faz. Com quem passa o tempo. Eu não sou boba. Eu presto atenção. Eu ouço você à noite, às vezes no telefone. Discutindo. Com aquele indivíduo? — Liz deu uma risada sem graça e disse: — Não se incomode em responder. Já sei que você não vai me dizer a verdade.

Eva sentiu-se tentada a jogar toda a verdade na cara dela. A cuspir as palavras nela, como balas, perfurando a crença de Liz de que ela poderia suportar o que Eva estava escondendo. Ela se imaginou afastando as prateleiras da cozinha e levando Liz até o laboratório no porão. *É aqui que eu fabrico as drogas,* ela diria. *Eu as preparo naquele fogão de acampamento ali e dou metade para um homem incrivelmente assustador que pode me matar se eu parar de produzi-las*.

Eva pensou nas palavras que Castro havia dito mais cedo. *De todas as pessoas que conheço nesse ramo, você é a que não se encaixa*.

— Eu vivo num mundo ao qual não pertenço — ela disse finalmente.

Liz deu um passo em sua direção, mas Eva recuou, precisando manter a distância entre elas.

— Por que você diria uma coisa dessas? — perguntou Liz. — Veja o que você fez. O que você conquistou, apesar de todas as probabilidades contra você.

— E aí está — Eva murmurou. Aquilo de que ela vinha fugindo a vida toda. No final, todos — até mesmo Liz — passaram a enxergar seus sucessos e fracassos através da lente da pena que sentiam por ela.

Uma pressão começou a se acumular dentro de Eva, todas as coisas que ela queria dizer, mas não conseguia. Ela pressionou os dedos nas têmporas e caminhou em direção à porta, precisando sair do alcance do olhar de Liz, precisando escapar para dentro, onde pudesse pensar com clareza, onde não precisasse se esconder e se sentir confusa.

— Eu não consigo fazer isso. Sinto muito.

Liz estendeu a mão, diminuindo a distância entre elas, e pousou-a no braço de Eva.

— Você não pode fugir do que está te machucando. Você não pode enterrar e esperar que desapareça. Você tem que enfrentar. Olhar para isso. Falar sobre isso.

Eva puxou o braço.

— Por favor, pare. Você não pode resolver isso com uma porra de um discurso motivacional sobre honestidade e autorreflexão.

Liz recuou, mas seu olhar se intensificou, sua voz se elevou para se igualar à de Eva.

— Então me diga. Seja lá o que for. Só joga pra fora.

Mais uma vez, Eva ficou em silêncio, as palavras ficaram simplesmente grandes demais para serem ditas. Ela olhou pela janela de Liz e para dentro da sala de estar, lembrando-se da primeira vez que se sentou ali, apavorada de que seu mundo inteiro estivesse prestes a ruir por causa de Castro. Sem entender que seria Liz quem iria destruir tudo. Quem iria derrubar as barreiras de Eva o suficiente para iluminar seus cantos mais escuros. Quem iria fazê-la ansiar novamente por algo mais. Quem iria forçá-la a querer ser alguém melhor.

Quando ficou claro que Eva não iria dizer mais nada, Liz se afastou, permitindo que Eva destrancasse a porta e entrasse. Mas, ao fechá-la e trancá-la, a voz de Liz soou da varanda.

— Quando você estiver pronta para conversar, estarei aqui.

Eva foi até o sofá, onde se encolheu, desejando já ter ido embora. Que aquela parte já tivesse acabado.

CLAIRE

Domingo, 27 de fevereiro

Estou paralisada, aguardando que a dona daquela voz me encontre, agarre meu braço e olhe no meu rosto. Que venha falar comigo e roube o pouco de liberdade que me resta.

Do outro lado da sala, Kelly me observa e murmura as palavras *Você está bem?* Concordo com a cabeça e me forço a continuar andando. Deslizo entre os convidados até sair do centro da sala, mantendo a bandeja elevada perto do queixo, alta o suficiente para cobrir parcialmente meu rosto ou para incliná-la para a frente na direção de outra pessoa, se necessário.

Nossa anfitriã entra, de braços dados com uma mulher que não reconheço. As duas conversam, com as cabeças inclinadas uma na direção da outra, quando alguém do outro lado da sala chama:

— Claire, aqui. Paula quer te contar sobre nossa viagem a Belize.

Então me dou conta de que o nome da nossa anfitriã é Claire. Minhas mãos começam a tremer — de fato, a sacudir — meus braços e pernas, de repente, ficam moles, incapazes de me sustentar. Vou até Kelly e lhe entrego minha bandeja.

— Preciso usar o banheiro — sussurro.

— Você está com uma cara péssima — diz ela. — O que aconteceu?

Balanço a cabeça, ignorando sua preocupação.

— Estou bem. Não comi o suficiente antes do trabalho e estou um pouco tonta. Só preciso de um minuto.

— Vai logo — diz ela, embora eu perceba que não acredita em mim.

Em um pequeno lavabo no andar de baixo, jogo água fria no rosto e me olho no espelho. Posso mudar minha aparência. Usar o nome de outra pessoa. Ir para

outra cidade. Mas a verdade sempre me seguirá. Não importa o quão cuidadosa eu seja, o quão cautelosa, sempre estarei a um passo de ser descoberta.

Seco as mãos e volto para a festa, pegando uma nova bandeja no caminho. Faço um aceno para Kelly e coloco um sorriso no rosto. Ao meu redor, a conversa gira, e eu volto a ser invisível. Mas meus ouvidos captam o nome Claire várias vezes durante a noite, e, mesmo sabendo que não estão falando comigo, eu ainda me assusto. No final da noite, estou exausta e tensa, pronta para entrar no carro de Eva e ir embora.

* * *

No caminho de volta para a casa da Eva, eu cedo à exaustão, com a descarga de adrenalina ainda correndo nas minhas veias. O maço de notas que Tom me deu cutuca meu bolso com uma ponta afiada. Duzentos dólares, o que eleva minhas economias para quase oitocentos dólares. Com a ajuda do carro da Eva e do seu cartão de débito, isso pode me levar para longe daqui.

— Pronta para ir? — pergunta Kelly, quebrando o silêncio. Estamos a apenas alguns quarteirões da casa de Eva, um semáforo e alguns sinais de parada entre agora e o adeus.

— Sim — respondo.

Ela me entrega um pedaço de papel.

— Meu número. Ligue-me se precisar de alguma coisa. Se se sentir confortável, me avise onde vai ficar.

— Aviso, sim — digo enquanto ela estaciona em frente a casa.

Ela me dá um sorriso triste.

— Você não vai me avisar. Mas tudo bem.

Hesito antes de me inclinar para lhe dar um abraço apertado.

— Obrigada por ser minha amiga. Por me ajudar.

Ela olha nos meus olhos e mantém o olhar fixo, seus olhos castanhos firmes nos meus.

— De nada.

* * *

Lá dentro, subo as escadas, precisando de um banho para me despertar para a longa viagem que tenho pela frente. Deixo o vapor me envolver, lembrando-me da última vez que me preparei para deixar um lugar, preparando-me para um tipo de partida muito diferente. Saio e me visto rapidamente, arrumando o quarto da melhor maneira possível, garantindo que o que quer que seja ou quem quer que seja de quem Eva estivesse fugindo não encontre nenhum vestígio meu quando, por fim, aparecer. Hesito em frente à cômoda de Eva, com o bilhete que encontrei ainda escondido no espelho. *Tudo o que você sempre quis está do outro lado do medo*. Não tenho como saber o que isso significou para Eva, ou por que ela jogou fora. Mas sinto a necessidade de levar algo dela comigo. Não os documentos legais que definem o espaço que ela ocupou no mundo, não as roupas que ela vestiu, mas algo do seu coração. Tiro-o do espelho e o guardo no bolso.

Entro no escritório dela, pego a pilha de papéis que eu havia reunido e os guardo na minha bolsa. Verifico o *Doc.*, o indicador de data e hora no topo mostra que não houve atividade desde a conversa daquela manhã. Que perda de tempo isso tem sido, uma distração inútil. Rory e Bruce quase nunca se separam. Tudo o que eles têm a dizer um ao outro pode ser sussurrado em uma sala silenciosa. O que quer que Charlie Flanagan saiba sobre o fim de semana em que Maggie morreu... não tem nada a ver comigo.

Quero deixar tudo para lá. Desligar-me disso. Mas uma vozinha dentro da minha cabeça me alerta que isso não acabou. Que com o vídeo por aí e a busca e resgate ainda em andamento, preciso me valer de todos os recursos que tenho disponíveis até ter certeza de que o perigo passou.

— E quando será isso?— pergunto para a sala vazia. Aguardo, como se pudesse obter uma resposta. Com um suspiro, fecho meu computador e o guardo na bolsa, depois apago a luz, mergulhando o quarto na escuridão, tentando não pensar em como meu plano parece frágil. Fino como papel e já rasgando nas bordas.

No andar de baixo, coloco minha bolsa ao lado do sofá e vou até a cozinha guardar os últimos pratos que lavei naquela tarde. Na geladeira, uma lata solitária de Coca-Cola Zero está na prateleira de cima, e eu a pego e abro, ansiosa para ingerir o máximo de cafeína que eu puder.

A janela sobre a pia é um quadrado preto, que reflete o ambiente de volta para mim, então fecho as cortinas e tomo um longo gole, as bolhas vão reacendendo minha energia. Atrás de mim, o telefone de Eva vibra com uma chamada.

Pego o aparelho e, na tela, está piscando *Número Privado*. Aquela mulher de novo. Ainda preocupada. Ainda esperando que Eva ligue para ela. Imagino quantas vezes mais ela irá tentar antes de desistir e perceber que Eva não quer conversar, que a amizade não deve ter sido o que ela pensava que fosse. Sinto pena dela, seja ela quem for. Jogando sua preocupação no vazio, sem nunca saber que está caindo no lugar errado.

Depois de alguns segundos, a tela acende com uma nova mensagem. Fico tentada a ignorá-la, a apagá-la sem ouvir, mas a curiosidade me faz seguir em frente. Uma parte de mim quer ouvir a voz dela novamente, fingir que a preocupação que ela sente é por mim. Que há alguém lá fora torcendo para que eu esteja segura. Feliz. Aperto o *Play*.

Mas não é a mulher procurando por Eva. É uma voz que reconheço, que já ouvi centenas de vezes, falando diretamente no meu ouvido.

Sra. Cook. É Danielle. Sei que a senhora não pegou aquele voo. Precisa me ligar.

Um ruído alto enche minha cabeça, meu coração bate forte contra o peito em um ritmo que parece dizer: *Eles sabem. Eles sabem. Eles sabem.* A lata de Coca-Cola Zero escorrega dos meus dedos e cai no chão.

Fico olhando para o telefone, sem conseguir respirar. Quantas mensagens eu já ouvi que começaram exatamente assim? Elas me lançam de volta no tempo, a tensão e o medo me torcem em um nó cego.

É Danielle.

Com perguntas sobre meus fracassos ou coisas que esqueci de fazer.

É Danielle.

Sempre me pressionando, me observando.

É Danielle.

E ela me encontrou. O que significa que não vai demorar muito para que Rory esteja a caminho. Abaixo de mim, a lata está caída de lado, com o líquido marrom-escuro escorrendo, formando uma poça crescente que lembra sangue.

EVA

Berkeley, Califórnia
Janeiro
Cinco semanas antes do Acidente

No dia em que Liz se mudou, Eva ficou escondida dentro de casa, observando do seu escritório no andar superior enquanto os móveis que Liz havia alugado eram carregados no caminhão da empresa. Liz havia deixado um bilhete na caixa de correio alguns dias depois da discussão, apenas um pedaço de papel, com a letra caprichada e inclinada, como se fosse de outra época. *Tudo o que você sempre quis está do outro lado do medo.* Eva o amassou e o jogou na lixeira ao lado da mesa.

Ela sabia que, quando o apartamento de Liz estivesse vazio e o caminhão pronto para partir, Liz iria querer se despedir. Eva tentou imaginar como seria encontrar Liz na varanda após duas semanas de quase silêncio, procurando as palavras para se desculpar, para dizer a Liz que a amizade delas tinha sido importante para ela, apesar do modo como ela havia se comportado.

Ela se distraiu colocando seus próprios assuntos em ordem. Verificou sua conta bancária em Singapura. Organizou as evidências sobre Fish que havia conseguido reunir até então. Tinha autenticado tudo no outro dia, só por precaução. A entediada tabeliã pública mascava o chiclete — impressão digital aqui, assinatura ali — sem sequer olhar para o que Eva havia digitado.

No entanto, agora havia algo no seu subconsciente que a incomodava, um assunto inacabado que não a deixaria em paz até que ela o considerasse uma última vez. Em breve, ela partiria, com um novo nome e uma nova vida. E, quando isso acontecesse, ela jamais poderia retornar. A oportunidade de ver sua família biológica, talvez até mesmo falar com eles, estaria perdida para sempre.

Ela digitou os nomes dos avós no Google e clicou em um dos sites de busca de pessoas, inserindo rapidamente as informações do seu cartão de crédito para acessar as opções premium que lhe dariam um número de telefone e um endereço.

Não foi difícil. Todo esse tempo, e as informações estavam lá, esperando que ela as encontrasse. Nancy e Ervin James, e um endereço a poucos quilômetros de distância, em Richmond.

Quando Liz foi comprar sanduíches para a equipe da mudança, Eva escapuliu. Ela não era do tipo de despedidas prolongadas. E havia muita coisa que ela não tinha dito para fingir o contrário.

* * *

Ela dirigiu para o norte, maravilhada com o quão próximos eles estiveram durante todo esse tempo, e se perguntou se, alguma vez, eles pensaram nela. Se alguma vez procuraram por ela. Talvez não tenham pagado para acessar o endereço dela como Eva fez, mas talvez tenham feito sua própria busca na internet. Eva James. E lá estaria ela, em uma lista de pessoas que compartilhavam seu nome. *Idade: 32 anos, Berkeley, Califórnia*.

Ela saiu da rodovia, percorreu os últimos quarteirões e finalmente entrou em uma rua larga e deserta, cheia de casas em ruínas. Os quintais estavam cheios de entulho, grama morta e ervas daninhas, tirando a cor do ambiente. Aquilo não se parecia em nada com o que ela havia imaginado, e ela ficou tentada a continuar dirigindo, a se apegar à ilusão que havia construído para si mesma ao longo dos anos.

Ela parou em frente a uma casa verde desbotada com uma janela quebrada na porta da garagem. Alguém havia colado um pedaço de papelão sobre ela, a fita parecia velha e quebradiça, e o papelão estava deformado pela água e com as bordas mofadas. Do outro lado da rua, um cachorro acorrentado no quintal quebrava o silêncio com seus latidos.

Enquanto subia pelo caminho de cimento rachado, seus olhos examinaram o gramado marrom e os arbustos esfarrapados e tentaram se imaginar brincando ali,

mas nada correspondia ao que ela havia passado tantos anos imaginando. Onde estavam os canteiros de flores dos quais, na sua imaginação, sua avó cuidava? O carro bem conservado na entrada da garagem? Onde estavam as cortinas passadas nas janelas, a entrada da garagem que seu avô lavava com jato de água uma vez por ano? O que ela viu era tão inesperado, como um piano desafinado tocando todas as notas erradas, alto e estridente.

Eva parou na varanda sombreada, tentando respirar pela boca devido ao mau cheiro de fumaça de cigarro que passava pela porta fechada. Ela bateu e, lá dentro, o som de passos se aproximou, fazendo-a querer se virar e ir embora. Ela não queria mais ver o que havia atrás daquela porta.

Mas antes que ela pudesse se mover, a porta se abriu. Um homem mais velho estava de pé, vestindo jeans largos e uma camiseta velha, com os braços musculosos cobertos de tatuagens.

— Posso ajudar? — perguntou ele, olhando para além dela, em direção ao carro estacionado na calçada. Ela foi imediatamente atingida pelos olhos dele. Eram os dela. Mesma forma, mesma tonalidade e, por um momento, sentiu um reconhecimento ofegante, como a peça central de um quebra-cabeça se encaixando, completando a imagem.

— Quem é? — perguntou uma voz que vinha lá de dentro.

Por cima do ombro do homem, Eva conseguiu distinguir uma figura grande e desajeitada em uma cadeira. O cheiro de fumaça de cigarro era insuportável, e sob esse cheiro havia algo mais — corpos sujos e comida cozida demais.

— Desculpe — disse Eva, descendo os degraus de costas. — Eu me enganei de casa.

O homem olhou para ela fixamente, e ela prendeu a respiração, esperando por um lampejo de reconhecimento em seus olhos, por algo que a libertasse — talvez ele visse o fantasma da mãe dela, da falecida irmã dele, parada diante de si. Mas ele apenas deu de ombros, disse — Como quiser — e fechou a porta.

Ela se virou e desceu pelo mesmo caminho, com as pernas e os braços descoordenados e trêmulos, cambaleando da entrada da frente para a calçada e

para dentro do carro. Ao ligar o motor, repreendeu-se por ter pensado que poderiam ser mais do que aquilo, irritada por ter acreditado em qualquer coisa além do mínimo possível.

No entanto, enquanto dirigia pelas ruas de volta à rodovia e seguia para o sul em direção a Berkeley, ela percebeu que havia passado a vida inteira desejando algo que jamais teria. Todos esses anos, Eva acreditou que, se eles a tivessem amado o suficiente para criá-la, de alguma forma ela poderia ter evitado o que aconteceu em Berkeley. Poderia ter concluído sua graduação e construído uma vida legítima para si mesma. Mas agora ela sabia que, se tivesse crescido lá, sequer teria chegado a Berkeley.

Informação é poder.

Eva poderia seguir em frente sem arrependimentos, sabendo com certeza que o passado não tinha nada de valor para ela. Que, às vezes, a morte de um sonho pode finalmente libertar você.

* * *

Quando ela chegou em casa, o caminhão de mudança já havia partido, e o apartamento de Liz estava vazio. As janelas estavam descobertas, revelando cômodos vazios, a parede vermelha quase brilhando, e uma tristeza fria e pesada a invadiu.

Ela chegou à varanda e destrancou a porta, mantendo o olhar fixo para a frente, tentando não notar que Liz havia deixado os vasos de flores dos quais ela tinha cuidado com tanto carinho. Ela olhou para a direita, para a árvore que haviam plantado juntas, a única coisa que restava da amizade delas, a qual continuaria de pé, uma sentinela silenciosa, guardando seus segredos.

EVA

Berkeley, Califórnia
Fevereiro
Uma semana antes do Acidente

A mensagem de Jeremy chegou quinze minutos antes de Eva sair para encontrar Dex em um jogo de basquete.

> Estou reprovando nas disciplinas. Tenho um trabalho para entregar na terça-feira e preciso de algo que me ajude a tirar um A. Por favor.

De todos os seus clientes, Jeremy tinha sido o mais persistente, insistindo com ela durante semanas para lhe vender algo. Ela conseguiu ganhar tempo com ele, ofereceu-se para colocá-lo em contato com outra pessoa, mas ele recusou. Ele a queria. Ele confiava nela. No passado, Eva teria revirado os olhos diante da lealdade dele, mas agora sabia que ele estava sendo esperto em ser cauteloso.

Ela respondeu à mensagem.

> Vou ao jogo de basquete masculino em Haas. Encontre-me na entrada da seção dez no intervalo.

Ela se encontraria com Dex na sala do clube e, em seguida, procuraria Jeremy. Ela tirou quatro comprimidos dos seus descartes — aqueles com formato estranho ou quebrados — e os colocou em um envelope branco simples. Não eram bonitos, mas dariam conta do recado.

Dois dias antes, Castro havia se aproximado dela no corredor de congelados do supermercado. Ele ficou ali só por um segundo, apenas tempo suficiente para

informar um local e um horário, e para dizer que ela logo teria a sua resposta. Eva sentiu as horas, os minutos, se esvaindo, levando-a para um desfecho desconhecido. Olhou ao redor da casa e se perguntou se sentiria falta dela. Seu olhar percorreu as paredes familiares da sala de estar — sua cadeira favorita, onde havia se sentado milhões de vezes, para assistir à TV ou ler. As gravuras da parede, escolhidas porque ela desejava infundir sua vida sombria e solitária com toques de cor. Seus velhos livros didáticos, a única lembrança de quem ela esperava se tornar. No entanto, as peças não formavam uma vida. Eva sentiu uma clareza enquanto estava ali, como se já tivesse partido, e percebeu que nada daquilo importava. Nada faria falta. A única pessoa com quem ela alguma vez se importou já havia partido.

Ela pegou o casaco, guardou o pacote de comprimidos em um bolso interno — o envelope para Jeremy em outro — e o gravador de voz na bolsa, para mais uma noite do que provavelmente seria uma conversa fiada inútil. Então saiu pela porta, tentando ignorar as janelas vazias de Liz, o som mais alto de seus passos na varanda, ecoando aquele vazio de volta para ela.

Ela caminhou os poucos quarteirões até o campus, cortando caminho pelo amplo gramado que levava à biblioteca e seguiu por um caminho escuro e sinuoso que dava para o Sather Gate. Uma multidão de estudantes e fãs se dirigia ao Pavilhão Haas, e ela abriu caminho entre eles, entrando na arena e indo direto para seu assento.

Ela deu um sorriso forçado para as pessoas sentadas ao seu redor, rostos familiares agora que ela estava assistindo a todos os jogos na casa do time. Mas não falou com ninguém. Em vez disso, olhou para a quadra onde os jogadores estavam se aquecendo e deixou os sons da arena a envolverem enquanto ia se dando conta do quanto havia se desviado do curso, como um barco puxado pela maré. Ela estava a um mundo de distância de onde havia começado. Perdida no mar, sem esperança de navegar de volta para alguma terra conhecida.

* * *

Dex só apareceu na metade do primeiro tempo.

— Desculpe o atraso — disse ele enquanto se acomodava em seu lugar. — Perdi alguma coisa interessante?

Eva ignorou a piada e olhou para a seção de estudantes, onde só havia espaço para ficar em pé, onde todos se moviam e pulavam em uníssono, vaiando o time adversário.

— Nunca fui a um único jogo de basquete quando era estudante de graduação — disse ela. — Tudo o que eu fazia era estudar e ir às aulas. Exceto no final. Com o Wade.

Dex assentiu, mas não disse nada.

— Sempre pensei que ficaria em Berkeley. Talvez para dar aulas ou trabalhar em um dos laboratórios. Este foi o único local que pareceu um lar para mim.

Abaixo deles, um jogador pegou um rebote e executou um contra-ataque em direção à cesta do outro lado, e a torcida ao redor foi à loucura. Mas Eva continuou.

— Estou vivendo uma versão invertida e às avessas da vida que eu queria. Estou aqui em Berkeley. Tenho dinheiro e uma casa. Tenho tudo o que pensei que queria, e ainda assim está tudo errado.

Dex se virou na cadeira a fim de olhar para ela.

— Você acha que mais alguém está em uma situação melhor? — Dex apontou para um homem mais velho no final da fileira, cujo moletom parecia desgastado nos punhos e cujos olhos estavam marcados por olheiras. — Olha aquele cara. Aposto que ele é algum tipo de contador na cidade. Pegando o BART de madrugada, se enfiando no menor espaço do trem. Tomando café da manhã na mesa. Puxando o saco do chefe e tirando as duas semanas de férias de verão, mal ganhando o suficiente para pagar os ingressos para a temporada de basquete. Você quer essa vida em vez disso? O que temos é melhor.

Ela queria estrangulá-lo. *Melhor*? Tendo que viver se escondendo, tramando esquemas, sem contar ter que ficar constantemente em estado de alerta? Quantas

pessoas nas cadeiras ao nosso redor tinham o medo permanente de serem presas ou mortas por seus erros?

Ela estava nervosa, agitada em uma vida que se esvaziava lentamente. Mas quanto mais tudo demorava, menos certeza ela tinha de que Castro conseguiria tirá-la dali. Ela queria ter um plano B, uma maneira de desaparecer sozinha caso precisasse.

À medida que o barulho na arena aumentava, Eva se inclinou para mais perto de Dex e baixou a voz para que o gravador não a captasse.

— Tenho uma cliente de graduação que quer comprar uma identidade falsa — ela disse, esperando que Dex não percebesse a hesitação em sua voz. — Ela tem dezenove anos. Quer entrar nas casas noturnas de São Francisco. Você conhece alguém que possa fazer uma para ela?

Se Dex achou que ela estava mentindo, não demonstrou. Apoiou os cotovelos nos joelhos e inclinou o rosto para encará-la.

— Eu conhecia alguém em Oakland que fazia esse tipo de coisa. Mas já faz anos, quando ainda era possível trocar uma foto por outra. — Ele balançou a cabeça. — Agora? A melhor opção para ela seria encontrar alguém parecido com ela disposto a lhe dar a identidade. Pagar pela carteira de motorista verdadeira e pedir para a pessoa denunciar o roubo. Acontece o tempo todo.

Ela olhou para a quadra, fingindo estar interessada no jogo para que ele não visse a derrota em seus olhos.

— Foi o que eu disse a ela — respondeu. — Mas você sabe como são os universitários. Dois anos parecem uma eternidade aos dezenove.

Um apito soou, sinalizando um intervalo, e uma música alta começou a tocar no sistema de som.

A voz dela ficou mais alta novamente.

— O que aconteceu com aquele seu amigo, aquele que indicou a Brittany?

Dex ficou olhando para as líderes de torcida dançando na quadra abaixo deles e disse:

— Já deram um jeito nele. Não foi minha decisão, mas não posso dizer que lamento.

— Você tem certeza de que ele fez parte da investigação?

Dex balançou a cabeça.

— Não importa.

— Parece um pouco perigoso livrar-se do cara que era o contato da Brittany — disse ela. — Isso não vai chamar a atenção da polícia de novo?

Dex deu um sorriso forçado que não alcançou seus olhos.

— Eles nunca vão encontrá-lo.

Eva sentiu um vazio diretamente abaixo das costelas e esperou que ele continuasse.

— Fish tem um armazém em Oakland. Alguma coisa com importação/exportação. Tem um incinerador no porão.

Ela engoliu em seco, lutando para manter o olhar fixo no dele, e assentiu, esperando que seu gravador estivesse captando aquilo, e não apenas a música animada do Daft Punk. Abaixo deles, as líderes de torcida giravam e rodopiavam, com os cabelos voando, os braços e as pernas se movimentando cada vez mais rápido conforme a música acelerava.

Uma claustrofobia começou a dominá-la, o calor da arena, as pessoas amontoadas em assentos estreitos que se erguiam em direção ao teto, dando-lhe a sensação de que todos a estavam pressionando. Eva verificou a hora no placar.

— Vamos sair antes — disse ela. — Antes que a multidão chegue. Estou começando a ficar com dor de cabeça e acho que quero ir para casa.

— Não precisa me pedir duas vezes. — Dex se levantou da cadeira e passou pelas pessoas na fileira na qual estavam, Eva seguiu atrás dele.

* * *

Eles foram os primeiros da fila para o banheiro, e a entrega levou menos de trinta segundos.

— Vejo você na próxima semana? — perguntou Dex, apertando o casaco ao redor do corpo.

Eva olhou pela janela da sede do clube, para o campo de beisebol abaixo deles, pensando nos meses de primavera que viriam, quando os jogadores estariam lá, correndo as bases e cuspindo sementes de girassol na grama. Com sorte, de uma forma ou de outra, ela já teria ido embora até lá.

Ela olhou para ele, observando o perfil que havia se tornado tão familiar quanto o seu próprio. Era uma vida difícil, e ele havia feito o possível para lhe ensinar tudo o que sabia. E ela havia aprendido bem. Por muito tempo, foi feliz o suficiente. Mas aqueles dias pareciam muito distantes, como fotos desbotadas de uma pessoa que ela havia conhecido.

— Claro — disse ela. — Se cuida.

— Sempre — disse ele, dando-lhe uma piscadela.

De volta ao saguão lotado, ela olhou para o relógio. Tinha mais cinco minutos para atravessar a arena e encontrar Jeremy. Ela não estava mentindo sobre a dor de cabeça, que estava se espalhando por suas têmporas, e sabia que seria uma enxaqueca forte até o final da noite. Ela tirou o celular do bolso e mandou uma mensagem para Jeremy de novo.

Me encontre na entrada da seção dois.

Empurrou as portas da sede do clube e abriu caminho de volta para a multidão.

As pessoas se espremiam ao passar por ela no caminho de volta para seus lugares, e ela procurou um cantinho para ficar enquanto esperava. Olhou para o outro lado da quadra, para a seção dez, tentando ver se Jeremy estava lá esperando por ela, quando alguém chamou sua atenção.

A princípio, ela viu apenas as costas dele; cabelo castanho curto. Um casaco esportivo grande o suficiente para esconder um coldre. Como em câmera lenta, ela o observou olhar para o celular, ler algo e se afastar da parede, vindo em sua direção.

Ela olhou para o próprio celular, como se o visse pela primeira vez, e, ao fazê-lo, uma compreensão tomou conta dela, turvando sua visão. Ela se lembrou de todas as mensagens que havia enviado nas últimas semanas. Para Dex. E para Jeremy, informando-o exatamente onde e quando encontrá-la. E lá estava Castro, onde Jeremy deveria estar.

Em um piscar de olhos, ela viu tudo acontecendo de novo. Um pedaço de papel branco sendo entregue pela janela aberta de um carro. *Brittany*. Quem tinha o número dela e conseguiu passá-lo adiante. O aplicativo *Whispr* era inútil se alguém estivesse lendo suas mensagens ao mesmo tempo que ela.

Ela abriu caminho pela multidão, uma figura solitária contra a corrente de pessoas que voltavam para seus assentos, mantendo a cabeça baixa. Temia olhar alguém nos olhos, certa de que a mão de Castro a agarraria a qualquer momento, puxando-a para trás, pedindo-lhe para esvaziar os bolsos. Para explicar por que ela ainda estava vendendo drogas. Dizendo a ela que o acordo estava cancelado.

Ela saiu correndo por uma saída lateral e entrou no ar frio da noite, descendo as escadas correndo, com o telefone comprometido ainda preso na mão. Ao passar por uma lata de lixo transbordando, lutou contra a vontade de enterrá-lo sob embalagens velhas de comida e copos vazios. Livrando-se, assim, dele o mais rápido possível. Mas ela o segurou firme, sabendo que precisava continuar usando-o, que Castro precisava acreditar que nada havia mudado.

Ela caminhou rapidamente em direção ao Sproul Plaza, abriu sua última mensagem para Jeremy e apertou em *Responder*.

A propósito, encontrei sua mãe hoje. Ela está ótima!

Esse era o código que ela havia combinado com todos os seus clientes, aquele que os alertava de que não era seguro se encontrarem. Com sorte, Jeremy voltaria para o seu lugar na seção estudantil e a esqueceria.

Eva caminhou até Bancroft, jogou o envelope simples contendo os comprimidos de Jeremy em uma lata de lixo em frente ao centro estudantil e

seguiu de volta para casa.

CLAIRE

Domingo, 27 de fevereiro

Sra. Cook, aqui é a Danielle. Sei que a senhora não entrou naquele avião. A senhora precisa me ligar.

Um medo profundo e intenso me percorre enquanto coloco o telefone sobre a mesa e me afasto, como se Danielle pudesse passar por ele e me agarrar, puxando-me de volta para Nova York, onde Rory me espera.

Minha mente gira, confusa com o pânico. Como ela me encontrou tão rápido? O vídeo está no ar há menos de vinte e quatro horas. E então, uma terrível constatação. Será que tudo isso foi uma armação? De que outra forma Danielle saberia como me contatar; em um telefone descartável pertencente a uma estranha do outro lado do país? Minha respiração fica ofegante e difícil, e luto contra a vontade de vomitar.

E se Rory e Eva estivessem ligados... Tento me agarrar à segunda metade dessa ideia. Como eles poderiam ter se conhecido, como poderiam ter arquitetado um plano para me enviar para Porto Rico, trocando passagens de última hora e me levando para algum lugar onde não tenho amigos. Sem recursos, isolada e sozinha. Um alvo perfeito. Porque se algo acontecesse comigo aqui, ninguém saberia.

Mas não consigo encaixar as peças. O avião não deveria ter caído. E eu jamais tive a intenção de acabar na casa da Eva. Eu ligaria para Petra. Entraria e sairia da vida da Eva em poucas horas. Rory não tinha como saber que eu acabaria aqui. Ele certamente não poderia ter orquestrado isso.

Deixei o silêncio da casa me envolver, forçando-me a me acalmar e encarar os acontecimentos como realmente aconteceram, não através da lente de uma mulher abusada, paranoica e que vê ameaças onde não há nenhuma. Minha mente

funciona ao contrário. Em algum lugar, de alguma forma, há uma ligação. Pego o telefone novamente, contornando-o com os dedos, olhando para a tela preta, com minha sombra fraca refletida de volta para mim.

Eu. Bruce disse a Rory que estava investigando o número para o qual eu havia ligado no dia do acidente. Lembro-me da noite em que desbloqueei o telefone de Eva e disquei o número da Petra novamente, na esperança de que, de alguma forma, a ligação se completasse. Se eles podem acessar os registros do número da Petra, é possível que também possam ver quem mais tentou ligar para ela.

Fui eu quem trouxe Danielle até aqui. Se eles sabem o número, o que mais sabem? Será que poderiam, de alguma forma, usar o telefone para me rastrear? Olho para a janela da cozinha, para a porta dos fundos, tentada a abri-la e a jogar o telefone nos arbustos.

— Pense, Claire. — Minha voz soa rouca na sala vazia. Isto não é televisão, nem um filme ruim. Rory tem muito dinheiro, e Bruce tem contatos que podem lhe dar algumas informações, mas não acredito que eles teriam condições de rastrear um telefone… não como fariam as autoridades policiais.

Inspiro fundo e solto o ar lentamente. Faço isso de novo, e depois mais uma vez, até que a pergunta mais importante venha à tona.

Por que é Danielle quem está ligando, e não Rory? Isso não condiz com a forma como Rory gosta de agir. E se soubessem onde eu estava, nem sequer teriam ligado. Rory simplesmente teria aparecido, surgindo diante de mim quando eu menos esperasse. *Olá, Claire*.

Com os dedos trêmulos, ouço a mensagem de novo. A voz de Danielle ainda me causa um choque de medo, mesmo que eu já estivesse esperando por isso. *Sei que a senhora não entrou naquele avião. A senhora precisa me ligar*. Desta vez, percebo sua voz, baixa e urgente, como se estivesse me dando um aviso, e não fazendo uma ameaça.

Uma coisa é certa: preciso ir. O relógio do forno marca pouco mais de dez horas. Tarde o suficiente para que eu possa sair da cidade sem que ninguém perceba, mas cedo o bastante para que eu não seja a única na estrada. Deixo

minhas malas perto da porta, pego o chaveiro de Eva e vou em direção à garagem. Hora de ver se o carro de Eva funciona.

* * *

A garagem está trancada com um cadeado. Forço os olhos no escuro, procurando as chaves até encontrar a certa e abro a fechadura, rezando para que o carro dê partida. Para que tenha gasolina. Para que esteja em condições de funcionar o suficiente para me tirar dali.

A porta se abre facilmente com molas bem lubrificadas, e eu entro num espaço ainda mais escuro, vou deixando meus olhos se ajustarem, distinguindo as bordas de prateleiras empoeiradas com latas de tinta e uma escada cheia de teias de aranha encostada na parede. Mas nenhum carro. Apenas a sombra de marcas de pneu para mostrar onde deveria estar, uma grande bandeja no centro, respingada com óleo seco. Sinto a perda como um golpe, destruindo a pouca esperança que eu tinha. Não importa para onde eu me vire, oportunidades e aberturas novamente se fecham, forçando-me a um canto cada vez mais apertado.

Caminho até o fundo, meu olhar examina as paredes nuas, como se eu pudesse encontrar uma pista se apenas olhasse com atenção suficiente. Quando me viro para encarar a rua escura lá fora, minha mente luta para reorganizar meus planos em uma nova configuração. Mais uma noite na casa de Eva. Um trem BART de manhã cedo para São Francisco. Dinheiro precioso gasto em uma passagem de ônibus para o norte. Terei ido embora antes de o sol nascer.

Tranco a garagem de novo e começo a voltar para dentro. Mas, quando contorno a árvore e avisto a varanda da frente, paro de repente, quase deixando cair as chaves de Eva. Espiando pelas janelas descobertas do apartamento ao lado está o homem que esbarrou em mim outro dia. Aquele que parecia estar me observando pela janela da cafeteria.

Recuo para as sombras, olhando por cima do ombro e para a rua e me perguntando se devo sair daqui. Acontece que deixei a porta da casa de Eva destrancada, com minha bolsa, computador e carteira lá dentro.

Respiro fundo e me aproximo.

— Posso te ajudar?

Ele se vira e me dá um sorriso caloroso, como se fôssemos velhos amigos.

— Olá de novo. — A luz que vem da janela da minha sala ilumina seu rosto o suficiente para que eu veja seus olhos; um cinza impressionante que lembra um oceano tempestuoso. — Você pode me dizer para quem eu posso ligar para perguntar sobre o aluguel deste imóvel?

Dou mais alguns passos na varanda e me coloco entre ele e a porta destrancada de Eva, dizendo:

— Parece um pouco tarde para estar procurar um apartamento.

Ele abre bem as mãos.

— Eu estava só de passagem e fiquei curioso sobre o apartamento vazio.

— Eu não saberia dizer. Estou apenas hospedada aqui enquanto minha amiga viaja.

— Ah. Quando ela retorna? — Ele permanece totalmente imóvel, seu rosto é como uma máscara impassível que não revela nada. Mas sinto uma mudança enquanto ele espera minha resposta, como se tudo o que eu viesse a dizer fosse da maior importância.

Quando ela vai voltar.

— Ela está fora do país — digo finalmente, querendo colocar o máximo de distância possível entre Eva e este homem.

Ele assente com a cabeça, como se isso explicasse alguma coisa, com um sorriso irônico formando-se nos cantos da sua boca. Ele se aproxima de mim, estendendo a mão como se para retirar algo do meu ombro.

— Teia de aranha — diz ele. Mas ele mantém a proximidade, e sinto seu calor, o cheiro de cigarro e colônia me envolvendo, e recuo em direção à porta de Eva, perguntando-me de repente se ele poderia me seguir para dentro.

Ele aponta para a porta da frente da casa de Eva e diz:

— Sei que este parece um bairro tranquilo, mas você realmente não deveria deixá-la destrancada por muito tempo, especialmente a esta hora da noite.

Berkeley não é tão segura quanto parece.

Sinto como se ele tivesse me dado um soco, meu peito se contraindo em uma bola apertada que dificulta a respiração. Sem responder, agarro a maçaneta e a giro, entrando e trancando a porta atrás de mim.

Eu o ouço dizer:

— Obrigado pela ajuda. — Antes de descer as escadas novamente.

Vasculho todo o cômodo, procurando por qualquer indício de que ele esteve lá dentro.

Mas tudo está como eu deixei. Minhas malas continuam intactas, encostadas na parede. Nada de errado. Cheiro o ar, mas não há nenhum vestígio do perfume dele. Ele não poderia ter estado lá dentro. Fiquei na garagem por menos de cinco minutos. Pressiono os dedos contra os olhos, tentando me controlar, tentando pensar racionalmente em meio ao pânico que vai tomando conta de mim.

Entro na cozinha e quase piso na poça de Coca-Cola Zero, que se espalhou da lata virada, que agora está indo em direção às prateleiras e passando por baixo delas. Meus olhos seguem o caminho, parando nas rodas da estante. Inclino-me mais, tomando cuidado para não me ajoelhar no líquido marrom, e espio por baixo, onde a Coca-Cola se acumulou na borda inferior de um batente da porta.

Circulo até a extremidade da estante, empurrando-a para a frente até encontrar uma porta com um cadeado preso a uma dobradiça de aço.

— Que diabos, Eva — murmuro.

Pego as chaves dela de novo e encontro a que destranca a fechadura. Quando a porta se abre, tateio a parede em busca de um interruptor e acendo a luz. Um ventilador abaixo de mim começa a girar, e desço lentamente um pequeno lance de escada que leva a um porão minúsculo o qual, em algum momento, já deve ter sido uma lavanderia.

No entanto, não é mais uma lavanderia. Bancadas e prateleiras revestem as paredes, com uma pequena pia e uma máquina de lava-louças portátil no canto. Ingredientes estão dispostos nas prateleiras — grandes recipientes de cloreto de cálcio, pelo menos trinta frascos de vários remédios para resfriado e tosse. Um

fogão de acampamento fica no canto, vários moldes de silicone para comprimidos virados para cima ao lado da pia, como se estivessem deixados para secar. Bem acima de mim, na parede, há uma janela fechada com tábuas, com um ventilador no centro dela, girando.

À esquerda da escada, há um balcão coberto de papéis e um gravador de voz ao lado deles. Inclino-me, relutante em tocar em qualquer coisa, e começo a ler o que parece ser uma carta autenticada para alguém chamado agente Castro.

Meu nome é Eva James e esta é uma declaração juramentada de eventos que começaram há doze anos e vão até o presente, 15 de janeiro deste ano. Li rapidamente, as páginas virando mais rapidamente ainda, a história de uma universitária que só queria se encaixar. Que escolheu a única opção que acreditava estar disponível na época, ligando-se a um homem chamado Dex, que lhe prometeu coisas que jamais teve a intenção de lhe dar. Uma vida. Felicidade. Liberdade. É a história de uma mulher cansada da situação na qual foi encurralada, uma mulher pronta para destruir tudo ao sair de cena.

Eva não era uma vigarista nem uma ladra de identidade. Ela era uma mulher como eu, tentando endireitar o próprio caminho, alguém por quem o mundo jamais se dobraria.

Pego o gravador e aperto o *Play*. O som de uma arena esportiva preenche o pequeno espaço, gritos e aplausos, a voz de um locutor, uma banda marcial de algum tipo.

"Parece meio perigoso se livrar do cara que era o contato da Brittany". A voz de Eva, exatamente como eu me lembro. "Isso não irá atrair a atenção da polícia de novo?"

Uma voz familiar, uma voz que ouvi há menos de dez minutos na varanda, avisando-me para não deixar a porta da frente destrancada, responde. "Eles nunca irão encontrá-lo. Fish tem um armazém em Oakland. Alguma coisa com importação/exportação. Tem um incinerador no porão."

Interrompo a gravação, incapaz de ouvir mais. Como cenas se alternando, cada vez mais rápido, imagens surgem na minha mente. A compra da casa dela à vista.

O desespero de Eva no aeroporto. A maneira como ela empurrou a bolsa nos meus braços, sem nem olhar para ver se havia algo que ela quisesse guardar. O telefone que ela tinha consigo e o outro preto que ela deixou para trás. Não é de admirar que Eva não tenha me contado a verdade. É por isso que ela não podia voltar para Berkeley.

E é por isso que preciso sair daqui. Agora.

Saio do laboratório sem tocar em nada, mas pego os papéis e o gravador de voz, pressionando-os contra o peito enquanto subo correndo as escadas.

EVA

Berkeley, Califórnia
Fevereiro
Dois dias antes do Acidente

Eva iria se encontrar com o agente Castro no Round House, um restaurante localizado na entrada da Ponte Golden Gate, no lado de São Francisco. Ela estacionou perto do Crissy Field e subiu a pé, olhando para trás várias vezes enquanto seguia pelos caminhos sombreados do *Presidio,* um parque da cidade que pertencera ao exército no passado. Ela havia pegado o caminho mais longo para a cidade, passando por San Rafael e Mill Valley, em vez de atravessar pela Bay Bridge, na esperança de não ter sido seguida.

Uma carta de Liz havia chegado no dia anterior. Eva tocou as bordas dobradas, como um talismã, tirando-a novamente do bolso para ler.

Eva,

Lamento muito não termos tido a chance de nos despedirmos. Eu realmente esperava que pudéssemos conversar uma vez mais antes de eu ir embora. Sinto que lhe devo um pedido de desculpas. Fiz algumas suposições que não deveria, então vou explicar-lhe tudo, apenas para que tudo fique bem esclarecido. Não há condições para a minha amizade. Não espero que você seja outra pessoa além de quem você é. Seja qual for o seu passado, eu o aceito. Seja quem você quiser ser, eu ainda vou amá-la.

Quando você compartilha seus problemas com outra pessoa, sua carga fica mais leve. Sendo assim, estou aqui, sempre que você estiver disposta a compartilhar o que a está inquietando. Só

porque não sou mais sua vizinha de porta não significa que não estarei à sua disposição quando você precisar de mim. Entre em contato a qualquer momento.

Ela, então, anotou um número de telefone na parte inferior. Eva guardou a carta de volta no bolso, onde o carregava desde que o havia recebido, desejando ter conhecido Liz tantos anos atrás em vez de Dex, imaginando como sua vida teria sido diferente se tudo o que tivesse a confessar fosse um erro grave no laboratório de química. Ela conseguia ver como isso poderia ser algo que Liz perdoaria. Eva era jovem e tola. Certamente não era a primeira pessoa a fazer algo idiota por um homem.

Mas era tarde demais. Liz havia ido embora, e em breve, Eva também iria. Talvez fosse melhor assim.

* * *

Ela encontrou Castro sentado no fundo, perto da cozinha, longe das janelas gigantes com vista para a ponte.

— Pedi um hambúrguer com batatas fritas para você — disse ele, como uma forma de cumprimento.

Ela largou a bolsa no assento e se sentou à frente dele. As cabines de vinil vermelho estavam cheias de turistas tirando selfies com seus celulares. No estacionamento, um ônibus de turismo despejava passageiros, e uma multidão de pessoas seguia para a parte da ponte destinada a pedestres.

Os nervos dela pareciam se agitar, como longas fitas rodopiando e se entrelaçando em um emaranhado enquanto ela imaginava sair dali. Sair do restaurante, entrar em um sedã anônimo e desaparecer. Seus dedos tamborilavam na mesa, sua perna tremia.

— Obrigada — disse ela. — Mas realmente não estou interessada em comer nem em conversa fiada, se você não se importar.

O agente Castro assentiu.

— Meu supervisor negou o pedido de proteção a testemunhas — ele disse.

Eva sentiu o ar simplesmente se esvair de seus pulmões, os sons ao redor foram ficando mais agudos. O tilintar de pratos e talheres, o zumbido constante das conversas. Todos os seus planos se dissolveram e desapareceram, como se nunca tivessem existido.

— Por quê? — ela mal conseguiu perguntar. — Você mesmo me disse que tem estado atrás de Fish há anos.

O agente Castro pegou um sachê de açúcar da pequena xícara na borda da mesa e traçou as bordas com os dedos, sem conseguir olhar nos olhos dela.

— Concordo com você. Mas, como eu disse, proteção a testemunhas é cara e não fazemos isso com muita frequência.

— Quando vocês *fazem* isso, então?

Ele olhou para ela, e ela viu um lamento genuíno em seus olhos.

— Usamos principalmente para alvos grandes. Crime organizado. Grandes facções. Sei que Fish parece um alvo grande para você. E ele certamente é para mim. Já estive perto dele mais vezes do que gostaria de admitir. E ele sempre escapa. Meu contato desaparece e eu volto à estaca zero.

— Mais um motivo para fazer isso acontecer — disse ela, esforçando-se para manter a voz baixa. Para não deixar vir à tona o desespero que sentia.

— Posso oferecer proteção vinte e quatro horas em um local não revelado. Durante todo o julgamento. Prometo que você estará segura. Se você tem um advogado, agora seria a hora de ligar para ele.

Eva ficou sentada, refletindo sobre as palavras dele. Deixou que elas se reunissem em uma imagem. Ela, sozinha em um quarto de hotel, dois guardas na porta. Uma escolta armada de ida e volta para o julgamento que certamente resultaria em um veredito de absolvição. Ou em um julgamento nulo. E depois? Ela estaria livre para voltar para casa? Para destrancar a porta da frente e fazer o quê? Aonde quer que fosse, o pessoal de Fish a encontraria. Dex provavelmente faria o trabalho ele mesmo. Depois de uma traição como essa, ele não descansaria até encontrá-la.

Quando ela era criança, as meninas do orfanato procuravam a irmã Bernadette para pedir conselhos a respeito de um problema — uma amizade que havia acabado, uma professora injusta, um lar adotivo que não tinha dado certo. Eva nunca precisou fazer isso, mas, mesmo assim, dava um jeito de ouvir as conversas, absorvendo toda a sabedoria que a irmã Bernadette tinha a oferecer. Ela costumava dizer a elas que *A única saída é seguir em frente* e, que não importava a situação, um passo levaria ao próximo, e o próximo ao seguinte. E foi assim que Eva se voltou para esse novo desenrolar. Concentrou sua mente nisso e começou a pensar no outro lado. Ela achou irônico que tanto a irmã Bernadette quanto Dex lhe dessem conselhos tão parecidos. *Siga em frente*.

— Então, acho que vamos seguir em frente e torcer pelo melhor — disse ela. — Do que você precisa?

Castro guardou o açúcar de volta na xícara enquanto o garçom trazia a comida, e o cheiro do hambúrguer e das batatas fritas a deixou nauseada.

— Para nós, o ideal seria colocarmos uma escuta em você e fazer com que se encontrasse com Fish.

— Isso é impossível — disse ela. — Eu nunca me encontrei com ele. Seria muito suspeito se eu pedisse algo assim agora.

Castro lançou um olhar cortante para ela.

— O acordo todo acaba se você começar a mentir para mim. — O tom de desculpas desapareceu, assim como o lamento que ele sentia por não poder fazer mais por ela.

— Não estou mentindo para você — ela disse. — Não é assim que as coisas funcionam. Tenho tentado descobrir mais, como as drogas são transportadas, sobre o próprio Fish. Mas não sei muito além do meu pequeno papel nisso tudo.

Castro recostou-se na cadeira, com as duas mãos espalmadas sobre a mesa. Por fim, ele disse:

— Temos provas, Eva. Fotos de vocês dois juntos.

Eva balançou a cabeça, confusa.

— Isso não é possível — disse ela. — Juro que nunca me encontrei com ele.

Castro procurou seu celular no bolso do casaco e passou pelas fotos até encontrar o que procurava. Em seguida, ergueu o aparelho para que ela pudesse ver a tela.

A foto havia sido tirada no Haas, na noite em que ela deveria se encontrar com Jeremy. Ela reconheceu as pessoas ao redor, o contador triste com seu moletom puído no final da fileira. E lá, no meio do quadro, estavam Eva e Dex, com as cabeças inclinadas uma em direção à outra, conversando intensamente. A qualidade era incrível — a foto devia ter sido tirada com uma lente de alta potência.

Ela balançou a cabeça novamente, incapaz de processar o que estava vendo.

— Esse não é o Fish, é o Dex.

Castro puxou o celular de volta e a encarou, semicerrando os olhos como se não acreditasse muito nela.

— Não sei quem é Dex. Mas esse homem é Felix Argyros. Fish.

CLAIRE

Domingo, 27 de fevereiro

Subo as escadas correndo e atravesso a cozinha, deixando marcas de Coca Zero pela sala de estar, enquanto coloco o depoimento juramentado de Eva e o gravador de voz na minha bolsa. Não sei o que me levou a trazê-los comigo, que instinto me avisou que deixá-los para trás seria um erro. Minha mente volta para o homem na varanda, o quão perto ele chegou, o cheiro de fumaça de cigarro ainda irritando a minha garganta, e eu sei, sem dúvida, que esses papéis, esse gravador, são o que ele está procurando. Então penso no celular de Eva, em cima da mesa da cozinha, com a mensagem de Danielle ainda nele. Corro de volta para pegá-lo, desligando-o antes de guardá-lo no bolso.

Lá fora, um carro passa, o rádio emite um som fraco ao passar, e eu espio pelas cortinas, pensando em quem poderia estar lá, observando das sombras. Tenho que me forçar a abrir a porta e a sair para a varanda, com meus instintos em desordem, sem saber se corro mais risco partindo ou ficando. Mas, na minha cabeça, vejo o laboratório de drogas no porão, uma carta autenticada para um investigador federal e um homem que certamente não é um agente da DEA, chegando próximo demais, uma promessa silenciosa de que voltará.

Atravesso rapidamente o gramado, mantendo a cabeça baixa enquanto caminho em direção ao campus, preparando-me para uma voz ou uma mão no meu ombro me impedindo. Ao longe, um gato mia, longo e baixo, em seguida se transforma em um grito quase humano.

* * *

Encontro um pequeno hotel com estacionamento em uma rua movimentada, a cerca de pouco mais de um quilômetro do campus. Meus ombros e pés estão doloridos, e estou com muito frio. Uma luz acesa na pequena recepção revela uma mulher mais velha fumando um cigarro e olhando para uma televisão pendurada na parede. Quando entro, ela se vira para mim com os olhos semicerrados tentando enxergar através de uma nuvem de fumaça.

— Eu gostaria de um quarto, por favor.

— São oitenta e cinco dólares por noite mais impostos — ela me diz.

— Tudo bem — respondo, embora hesite um pouco enquanto faço as contas.

Ela me olha de cima a baixo e diz:

— Vou precisar do seu nome, da sua carteira de motorista e de um cartão de crédito.

— Eu gostaria de pagar em dinheiro.

— Não importa. Temos que inserir o cartão em nosso sistema. Não vamos cobrar até você fazer o checkout e, se quiser pagar em dinheiro, não realizamos a operação.

Considero argumentar com ela, mas não quero ficar gravada na sua memória. Entrego a carteira de motorista e o cartão de crédito de Eva, ansiosa enquanto a observo digitar os dados no computador, aguardando a menor hesitação — talvez apenas em seus olhos, um leve arregalar e então novamente olhar para o meu rosto. Mas ela digita o número, com uma expressão entediada, antes de me devolver tudo.

— Quantas noites? — pergunta ela.

Não consigo pensar além deste momento, os dias se estendem à minha frente, em branco, sem ideia do que farei em seguida.

— Não sei. Uma? Duas? — A oitenta e cinco dólares por noite, meu dinheiro vai acabar rápido.

— Vou registrá-la para duas noites — diz a mulher, entregando-me a chave. — Quarto número cinco, logo após a porta, à sua esquerda. O checkout é às onze. Se você ficar aqui depois disso, cobraremos por mais uma noite.

O quarto é pequeno, com um carpete barato e uma colcha de poliéster na cama de casal, que fica de frente para uma televisão em uma pequena cômoda. Uma mesa minúscula e um abajur ficam no canto ao lado do banheiro. Sento-me na cama e tento deixar as últimas horas se esvaírem de mim.

O relógio na mesinha de cabeceira marca onze e meia, e minha cabeça está pesada de cansaço. A festa em Berkeley Hills parece ter acontecido há um mês, em vez de apenas algumas horas. Inclino-me para a frente, cobrindo o rosto com as mãos, e contenho uma crise de choro. Não tenho nome, nem plano, e nem de longe tenho dinheiro o bastante.

Meus olhos parecem estar cheios de areia por causa da exaustão. Faz dois dias que não durmo de verdade, e eu me jogo na cama, completamente vestida, na esperança de que o dia seguinte me traga uma solução.

* * *

Acordo cedo, tendo dormido tão profundamente que nem sequer sonhei. Enquanto olho ao redor do quarto sob a luz do amanhecer, deixo minha mente se adaptar a essa nova realidade. Minha vida inteira existe dentro dessas paredes. Lá fora, sou uma mulher morta ou uma traficante de drogas em fuga.

Sento-me, com os músculos gritando de dor após duas noites seguidas de trabalho intenso no bufê, e penso em Kelly, já cumprindo seu turno na cafeteria, imaginando-me dirigindo em direção ao calor do deserto. Eu gostaria de estar lá com ela, sentada em uma das poltronas confortáveis enquanto ela conversa amenidades atrás do balcão. Anseio pela simplicidade disso, por ter um lugar no mundo ao qual eu pertença.

Meu estômago começa a roncar, então pego meu boné da NYU e algum dinheiro e corro até o mercado da esquina com dez dólares que não posso gastar, e volto com um copo enorme de café e um pacote de pãezinhos de canela amanhecidos. Minha única opção — por mais fraca que seja — é encontrar algo no pen drive que eu possa usar contra Rory a fim de trocar pela minha liberdade. Um segredo que ele se importa mais em guardar do que lhe interessa me punir.

Ligo a TV para ter companhia e lentamente abro meu computador, conectando o pen drive e procurando as instruções do Wi-Fi na mesa. Quando consigo fazer o login, uma rápida olhada no e-mail de Rory não mostra nada de novo, mas, quando clico no *Doc.*, uma descarga me atravessa como um raio.

Eles estão falando sobre mim.

> **Rory Cook:**
> Como diabos ela fez isso?

> **Bruce Corcoran:**
> Não sei. A companhia aérea disse que ela passou pela verificação no embarque. Ninguém contestou isso.

> **Rory Cook:**
> Eles disseram que o assento dela estava vazio. Você acha que eles sabem?

> **Bruce Corcoran:**
> Acho que eles teriam entrado imediatamente em contato com você se achassem que havia alguma chance de ela não estar no avião. Quer que eu fale com eles?

As palavras de Rory saem rápidas, sua raiva quase saltando da tela.

> **Rory Cook:**
> De jeito nenhum. Vou tratar disso discretamente. Deixe o NTSB continuar achando que ela está morta. Agendei para esta noite o avião para Oakland.

Tão rapidamente quanto as palavras apareceram, elas voltaram a desaparecer, linha por linha, até que eu me vi olhando para um documento em branco, com a inscrição no topo: *Última edição feita por Bruce Corcoran*. O ícone de Bruce desaparece, deixando apenas o de Rory. Eu sei o que Rory quer dizer quando afirma: *Vou tratar disso discretamente*. Significa que ele vai fazer o problema desaparecer, longe dos olhos do público. E acabei dando a Rory a cobertura perfeita para fazer o que quiser comigo, porque o mundo inteiro já pensa que estou morta.

Sinto as paredes se fechando, Danielle, Rory e Bruce rastreando cada movimento meu, forçando-me a uma caixa cada vez menor até que eu fique presa com apenas uma saída.

Uma batida na porta do outro lado do pátio me assusta, fazendo meu cotovelo escorregar para a frente, derrubando meu café em direção ao teclado. Dou um pulo, tentando pegá-lo antes que ele caia, derramando uma pequena quantidade sobre a mesa. Mas, na pressa de salvar o café, sem querer pressiono algumas teclas. *Merda*, digo, apressando-me para apagar o que digitei, meus olhos correndo novamente para o canto superior direito, torcendo para que Rory tenha se desconectado junto com Bruce.

Fico olhando fixamente para a tela pelo que parece uma hora, mas deve ter sido apenas alguns minutos. Nenhum texto novo aparece. Mas, no topo da página, agora está escrito *Última edição feita por Rory Cook há dois minutos*, e rezo para que nenhum deles se lembre de quem limpou o *Doc.*

No banheiro, jogo água fria no rosto, a iluminação fluorescente barata deixa minha pele com uma aparência abatida e desbotada. Apoio os braços no balcão e tento me recompor. Inspiro fundo, expiro, cinco, oito, dez vezes. Volto minha atenção para o modo como a torneira pinga em um ralo com bordas enferrujadas, formando um redemoinho repetitivo no granito falso, antes de me forçar a voltar ao trabalho.

Sentada novamente em frente ao meu computador, o peso da futilidade recai sobre meus ombros. Não tenho certeza do que procurar ou por onde começar. Deveria procurar saber mais sobre Charlie? Ou talvez eu pudesse encontrar algum tipo de fraude financeira ou fiscal. O problema é que não entendo o suficiente de finanças para reconhecer algo que possa ser útil. Estou prestes a clicar duas vezes no pen drive quando meus olhos se deparam novamente com o alerta no topo do documento. *Última edição feita por Rory Cook há dois minutos*. Uma rápida olhada no horário me diz que já se passaram pelo menos dez minutos.

Clico em atualizar, esperando ver a atualização do horário, mas, em vez disso, sou redirecionada de volta para a página de login do Gmail.

— Não — sussurro para dentro da sala.

Pego o post-it amassado com a senha de Rory na carteira de Eva e a digito novamente, mas não funciona. Tento mais uma vez, mais devagar desta vez, mas, de novo, recebo a mensagem de que a senha está incorreta.

Imagino Rory, sentado à sua mesa, tendo acabado de assistir ao vídeo em que me meti entre Donny e Cressida, com meu corte e tingimento malfeitos, que mal podiam servir como disfarce. E então, sem ser convidado, uma mensagem aparece na tela com seu próprio nome anexado. Consigo vê-lo ligando para Bruce, exigindo saber como alguém poderia ter acessado sua conta. E então vejo seu horror quando ele percebe que a única pessoa que teria a oportunidade de roubar a senha — e interesse em vigiá-lo — sou eu.

Coloco-me em pé e aperto os punhos contra os olhos, com lágrimas escorrendo pelos lados.

— Não consigo — sussurro para a sala vazia. — Não consigo. Não consigo. — Abro os olhos e pego a carteira, a coisa mais próxima de mim, e a jogo contra a parede. O porta-moedas se abre, uma cascata de moedas de um e de dez centavos cai e se espalha em algum lugar atrás da cômoda, enquanto a carteira cai fazendo um baque sobre a superfície.

No entanto, algo dentro de mim se solta, a ação repentina libera ansiedade suficiente, como uma válvula de pressão, puxando-me de volta ao centro, e o quarto sombrio volta a ficar em foco. Não posso me dar o luxo de desmoronar. Rory sabe que eu o tenho observado. Que ouvi conversas que ele acreditava serem privadas, que observei seu pânico sobre o que Charlie sabe a respeito de Maggie Moretti. Deve haver alguma maneira de eu poder usar isso.

Atrás de mim, a voz de Kate Lane chama minha atenção.

— Há pouco menos de uma semana, o Voo 477 caiu nas águas da Flórida. Noventa e seis pessoas morreram no acidente, e os investigadores estão um passo mais perto de descobrir o que aconteceu com a recuperação da caixa-preta. — A tela corta para imagens antigas, os mesmos barcos da guarda costeira balançando, os mesmos destroços flutuantes que mostraram na semana passada. —

Funcionários da Vista Airlines se recusaram a comentar os rumores de que os comissários de bordo não confirmaram o número total de passageiros com uma contagem. Mas fontes anônimas dentro da Vista Airlines relatam que isso não é incomum quando voos sofrem atrasos. Os funcionários da companhia aérea dizem ter certeza de que a lista estava correta, que o número de passageiros correspondia a todos os registros de voo.

Eu congelo, absorvendo essa informação, pensando na *thread* que li, na pessoa que comentou que tinha tanta certeza de que uma pessoa não poderia ser escaneada para um voo sem realmente embarcar, por causa da contagem de passageiros.

Mas agora, vejo que Eva pode ter feito isso. Uma risada incrédula e provocante me invade, e eu me recosto na cadeira, tentando imaginá-la lá fora, em algum quarto de hotel anônimo, assistindo a essa mesma reportagem, tendo, de alguma forma, escapado do avião e desaparecido.

Penso nos riscos que Eva correu para reunir as anotações e as gravações; coisas que a implicavam junto com quem quer que fosse aquele homem em sua varanda. E eu me pergunto o que deu errado, por que ela não entregou tudo. Seja lá o que tenha sido, isso a fez fugir, impossibilitando-a de voltar para casa.

E eu me pergunto o que ela gostaria que eu fizesse com aquilo.

Fixo os olhos na parede, embora esteja olhando além do que está à minha frente, para a imagem de Eva, sorrindo e correndo para longe de mim, iluminada e diminuindo à medida que se afasta. Observo-a até que ela se torna apenas um ponto. Apenas um nada. Quase desaparecida.

Corro a borda do pen drive com o dedo, certa de que ali há segredos que Rory quer manter escondidos. Só não sei quais.

Mas Rory não precisa saber disso.

Como se Eva estivesse sussurrando em meu ouvido, uma ideia começa a se formar, extravagante e ousada. Mas isso exigirá que eu saia do meu esconderijo e o confronte. Pegar um telefone e discar o número dele, contando o que tenho, exagerando e preenchendo os espaços em branco, tecendo uma história suficiente

o bastante para fazê-lo acreditar que sei mais. Não apenas sobre Charlie, mas sobre o conteúdo do disco rígido, embrulhado e pronto para ser entregue para a mídia e para as autoridades. A menos que ele me dê o que eu quero.

No entanto, a ideia de ligar para ele, de ouvir sua voz do outro lado da linha, como um gancho que o atrai para mim, me faz estremecer. Porque se eu estiver errada e isso não funcionar, vai piorar tudo.

Pego o celular de Eva, feliz por tê-lo trazido comigo, uma maneira de contatá-lo sem revelar minha localização exata. Mas hesito antes de ligá-lo, meus instintos ainda me prendem a como Danielle conseguiu rastrear o número e o que mais eles já poderiam saber. Se ela está por aí esperando que eu cometa outro erro. Respiro fundo e solto o ar lentamente, então ligo o aparelho.

Imediatamente, outra mensagem de voz aparece, junto com uma mensagem de texto. Meu dedo hesita, sem saber em qual clicar primeiro, antes de decidir pela mensagem de voz.

Sra. Cook, é a Danielle de novo. Não a culpo por não confiar em mim, mas precisa acreditar que estou tentando ajudá-la. O sr. Cook está a caminho da Califórnia, e tenho quase certeza de que é porque ele sabe que a senhora está lá. Estou enviando uma mensagem de texto com uma gravação de ontem. Use-a. Eu irei ajudá-la.

Olho para o telefone, minha mente viaja em vinte direções diferentes, analisando suas palavras, tentando ver o truque. O que ela realmente quer que eu faça. Porque depois de todas as vezes que ela desviou o olhar, ficou em silêncio quando poderia ter falado, tenho dificuldade em acreditar que ela quer me ajudar agora.

Abro o texto, que é um arquivo de memorando de voz intitulado *Gravação 1*. Pego o controle remoto, silencio a TV e aperto o *Play*.

Vozes abafadas, discutindo, preenchem o quarto do hotel barato e percebo que são Rory e Bruce, embora eu não consiga entender o que dizem. Então, ouço uma batida na porta e a voz de Rory dizendo:

— Entre.

A voz de Danielle, mais próxima, diz:

— Desculpem o incômodo, mas preciso das suas assinaturas nestes formulários.

— Claro — diz Rory. — Obrigado, Danielle, por cuidar de todos os detalhes com a NTSB. Sei o quanto você amava e respeitava a sra. Cook.

— Há muitas coisas que eu gostaria de ter feito diferente — diz Danielle.

Ouço o barulho de papéis e, em seguida, novamente a voz de Rory.

— Isso deve resolver. Por favor, feche a porta ao sair.

A voz de Danielle soa mais distante quando ela diz:

— Sem problemas, sr. Cook. Obrigada. — Então, ouço uma porta se abrindo e fechando.

Acho que a gravação vai terminar ali, mas não termina. Ouço a voz de Rory de novo, um pouco mais fria.

— O que você descobriu?

Bruce finalmente fala.

— Em 1996 — diz ele, como se estivesse lendo um arquivo —, Charlie Price, ou melhor, Charlotte, como ela prefere ser chamada agora, foi presa por posse com intenção de vender. Não conseguiram provar nada, e as acusações foram retiradas. Ouço uma página sendo virada. — Ela se mudou para Chicago, onde trabalhou como garçonete. Parecia se manter longe de problemas. Ela ainda mora lá.

— Charlotte? *Ela*? Charlie é uma mulher?

— Mais alguma coisa? — pergunta Rory.

— Na verdade, não. Sem marido, namorado ou namorada. Sem filhos. A família parece estar morta ou afastada. Nada que possamos usar como motivação. — A voz de Bruce fica mais suave. — Nada do que dissemos até agora a convenceu. Nem dinheiro, nem ameaças. Ela insiste em dizer a verdade.

A voz de Rory fica baixa e ameaçadora, causando um arrepio em mim.

— E o que ela alega ser a verdade?

— Que você e Charlie estavam tendo um caso pelas costas de Maggie. Que você estava lá quando Maggie morreu e programou o incêndio para começar

depois que você saiu. Que você apareceu no apartamento de Charlie, frenético e tremendo como uma folha. — Uma pausa. Quando Bruce continua, mal consigo ouvi-lo. — Ela não se importa com o acordo de confidencialidade que assinou. Ela não se importa com nada que oferecemos.

— Isso é inaceitável! — Rory grita, e eu recuo, como se ele estivesse na sala gritando comigo. — Isso vai atrapalhar tudo. Você tem dois dias para fazer esse problema desaparecer.

Ouço Bruce recolhendo coisas, juntando papéis, e o clique de uma maleta.

— Entendido — diz ele.

Passos, o som de uma porta abrindo e fechando. Em seguida, silêncio. Estou prestes a parar a gravação quando ouço outra batida na porta.

— Entre — diz Rory.

Danielle novamente.

— Desculpe incomodá-lo. Acho que deixei meu celular cair em algum lugar. Posso entrar e dar uma olhada?

Rory dá um grunhido.

— Aqui está. Deve ter caído...

E a gravação termina.

Sento-me na cama, atordoada. *Há muitas coisas que eu gostaria de ter feito diferente*, disse Danielle, com as palavras adquirindo um significado diverso, agora que sei que ela as estava dizendo para mim. Oferecendo um reconhecimento e talvez também um pedido de desculpas.

Que Danielle tenha arriscado tanto para conseguir isso para mim é impressionante. Todos aqueles anos me seguindo, mantendo-me meticulosamente dentro do cronograma. Pensei que ela fosse apenas mais um braço de Rory, controlando-me. Talvez, se eu tivesse me dado ao trabalho de me virar e realmente olhar para ela, eu teria visto algo diferente. Não alguém determinada a me derrubar, mas uma mulher desesperadamente tentando me apoiar.

Ouço a mensagem de Danielle de novo, a urgência em sua voz, o tom trêmulo, os sussurros de medo. *Use-a. Eu irei ajudá-la.*

Na tela silenciosa da televisão, dois comentaristas políticos conversam, seus lábios se movem, mas não há som. À frente deles, Kate Lane diz algo para a câmera e sorri. Aumento o volume a tempo de escutar a melodia familiar do *Politics Today* dando lugar aos comerciais.

É surreal que, apenas uma semana antes, eu estivesse fazendo os preparativos finais para minha viagem a Detroit, imaginando uma vida como Amanda Burns, vivendo tranquilamente no Canadá. E como as coisas deram errado de modo tão rápido, trazendo-me para cá, espremida entre os segredos que Eva guardava, forçada a dançar entre minas terrestres que eu sequer consigo ver.

Não vou ligar para Rory. Ameaças nunca funcionam com ele. Se funcionassem, eu já as teria usado há muito tempo. O que Danielle me enviou é muito melhor. A voz de Rory, a raiva de Rory, ambas embaladas em uma frase de efeito perfeita.

Pesquiso o endereço de e-mail de Kate Lane no Google, vou para a página inicial do Gmail, crio uma nova conta de e-mail e rascunho minha mensagem, com as palavras fluindo sem esforço. Quando termino, hesito. No momento em que eu enviar, tudo será colocado em movimento. Não terei como voltar atrás. Mas este é o único trunfo que me resta.

Releio a mensagem uma última vez.

> Prezada sra. Lane, meu nome é Claire Cook e sou esposa de Rory Cook. Não morri no Voo 477, como foi noticiado. Estou na Califórnia e recentemente recebi provas que implicam meu marido na morte de Maggie Moretti e no encobrimento do caso. Gostaria de falar com você sobre isso o mais breve possível.

E então clico em Enviar.

EVA

Berkeley, Califórnia
Fevereiro
Dois dias antes do Acidente

Dex era Fish.

Fish era Dex.

Eva sentiu sua realidade mudar, as peças se encaixando em uma ordem diferente, uma imagem diferente, enquanto o pânico e a confusão a dominavam. O que ela havia deixado passar?

— Você não se perguntou por que nunca conheceu Fish? Por que Dex era seu único contato? — perguntou Castro.

— Eles me disseram que era assim que funcionava. Eu não questionei. — Eva balançou a cabeça. — Mas por que Dex mentiria? — ela sussurrou.

— Ao permitir que as pessoas que trabalhavam para ele acreditassem que ele estava apenas cumprindo ordens que vinham de cima, isso lhe dava uma certa margem de negação. Isso permitiu que você confiasse nele de uma forma que não confiaria se soubesse que ele era o chefe.

— Isso é comum? — perguntou ela. — As pessoas não se esforçam muito justamente para conquistar essa posição? Elas não querem que todos saibam o tipo de poder que possuem?

O agente Castro deu de ombros.

— Às vezes — disse ele. — Mas, para ser sincero, esse tipo de traficante é bem fácil de pegar. Eles estão nisso pelo ego. Querem que todos saibam o quão importantes são e que tenham medo deles. Mas Fish — Castro virou a cabeça em sua direção —, ou melhor, Dex, é o que chamamos de um operador de longo

prazo. Alguém que se importa mais com a longevidade do que com qualquer outra coisa. Mais do que com poder, mais do que com medo. Eles são mais espertos e mais difíceis de prender. — Castro tomou um gole de café e continuou. — Eu mesmo só vi isso uma vez. Uma mulher em El Cerrito que fingia ter um marido que era quem tomava as decisões. Ela estava envolvida em muitas coisas, principalmente porque as pessoas confiavam nela para mantê-las a salvo de um homem que nunca existiu.

Eva pensou em como Dex se colocou entre ela e Fish. Como ele a protegeu e a alertou. Levou-a a acreditar que estava do lado dela, que estavam trabalhando juntos. Ela se lembrou de como ele estava nervoso no jogo de futebol americano no outono passado. Como ele tinha ficado com medo de irritar Fish. Tudo isso apenas uma encenação elaborada.

Então sua mente voltou para aquela manhã quando ele lhe mostrou o corpo, e os eventos se reorganizaram em sua imaginação quando ela viu Dex executando o homem e, em seguida, caminhando calmamente até a porta de Eva, batendo e levando-a de volta, para lhe mostrar o que ele havia feito.

Ela se sentiu mal por ter sido tão ingênua.

— E agora? — perguntou ela.

— Está na hora de você contratar um advogado e fazer um acordo. Vamos colocar uma escuta em você e ver o que conseguimos.

Eva pensou em tudo o que havia reunido e guardou essa informação para si, sua última carta na manga. Não havia a mínima chance de ela usar uma escuta.

— E o que eu ganho em troca? — perguntou ela. — Já que proteção a testemunhas não é uma opção.

— Você não vai para a cadeia quando tudo isso acabar.

Em cima da mesa, o telefone de Eva vibrou com uma mensagem, e seu olhar voou para o de Castro, imaginando se o dele também acenderia. Mas permaneceu apagado.

— É melhor você responder — disse ele.

Era Dex.

Estamos combinados para às seis? Onde você quer se encontrar?

Ela mostrou o telefone para o agente Castro.

— Fique em lugares públicos onde meu pessoal possa se misturar — aconselhou ele. — De agora em diante, não quero que você fique sozinha com ele, ou em qualquer lugar onde não possamos chegar até você rapidamente. Chega de estádios, chega de parques desertos. Minha equipe ficará de olho em você até conseguirmos colocar a escuta. Um, dois dias, no máximo.

Eva pegou o telefone de volta e, com os dedos trêmulos, digitou: O'Brien's? Estou morrendo de fome.

Ela se imaginou dirigindo de volta para Berkeley e sentando-se à mesa com Dex, forçando-se a agir normalmente enquanto esperava Castro arranjar seu maldito cara da escuta.

Castro deve ter percebido o pânico crescente dela, pois disse:

— Você vai ficar bem. Apenas siga sua rotina e faça tudo o que faria normalmente. Prepare as drogas, encontre-se com Dex. Não dê a ele nenhum motivo para ficar alarmado.

Pela janela, Eva podia ver a névoa se aproximando, o laranja brilhante da ponte desaparecendo diante de seus olhos, e ela ficou com medo que isso pudesse acontecer com ela. Ela ficaria tão fraca que desapareceria do mapa, e ninguém saberia que ela esteve ali.

O restaurante fervilhava com conversas, o som dos talheres batendo nos pratos enchia seus ouvidos, o mundo inteiro se movia ao seu redor enquanto ela permanecia imóvel.

— Eu não tenho escolha, tenho?

Os olhos de Castro se suavizaram com empatia.

— Você realmente não tem.

* * *

Eva estava na metade da Bay Bridge quando começou a hiperventilar, com carros por todos os lados, avançando lentamente, afunilando-a em direção a um desfecho inevitável. Não havia como ela conseguir fazer isso.

Ela se imaginou dirigindo para o norte, passando pela alça de saída para Berkeley, por Sacramento, Portland e Seattle. Olhou pelo retrovisor e observou as pessoas nos carros atrás dela. Quais eram os de Castro? Quem quer que estivesse de olho nela jamais a deixaria chegar tão longe.

* * *

Em casa, ela arrumou as suas coisas rapidamente, levando apenas o essencial, deixando a casa como estava. Se alguém viesse procurá-la, ela queria dar a impressão de que havia acabado de sair. Que voltaria a qualquer momento. Pensou em seu laboratório no andar de baixo, nos instrumentos e ingredientes, nas evidências que havia reunido para Castro, e decidiu deixar tudo para trás. Por fim ele apareceria procurando por ela, e seria saudado por tudo aquilo. Ela não iria mais jogar pelas regras de ninguém.

O plano de Eva era estacionar perto do O'Brien's. Fingir que estava a caminho de encontrar Dex e, em seguida, descer até a estação BART e pegar o primeiro trem que chegasse. Voltar para São Francisco, pagar em dinheiro uma passagem de ônibus para Sacramento e, então, descobrir um jeito de como continuar. Para o norte, e depois mais para o norte ainda, até chegar à fronteira.

Mas a visão do enfeite de vidro em forma de pássaro azul de Liz em sua cômoda a fez parar de repente. Ela o pegou, passando o dedo pelos redemoinhos azuis, pelo bico delicado, pelas bordas das asas. A única coisa que lhe foi dada por amor. Pela única pessoa que realmente se importou com ela.

Eva pensou em Wade, que havia prometido assumir a culpa. Dex, que fingia ser alguém que não era para poder manipulá-la melhor. E Castro, que esperava que ela fizesse o impossível, mas que, em troca, não lhe oferecia nada do que ela precisava. Homens que faziam promessas que jamais pretenderam cumprir. Pessoas como Eva sempre seriam dano colateral.

E então havia Liz, que via a melhor versão dela mesma. Ela sentiu o contorno da carta de Liz ainda em seu bolso. *Quando você compartilha seus problemas com outra pessoa, sua carga fica mais leve*. Como um rato em um labirinto, o caminho de Eva estava se estreitando, levando-a na direção da única pessoa em quem ela podia confiar.

Eva pegou seu dinheiro de emergência — cinco mil dólares — e guardou seu computador, deixando seu celular comprometido sobre a bancada. Em seguida, saiu de casa, ainda segurando o pássaro azul de vidro na mão.

* * *

O primeiro trem que chegou estava muito cheio. Ela esperou até que as portas se fechassem antes de embarcar, olhando para a plataforma em busca de qualquer sinal de que alguém a estivesse seguindo. Imaginou os agentes de Castro acima dela, movendo-se em um círculo cada vez maior com seu carro no centro, estacionado em um parquímetro na Shattuck, perguntando-se para onde ela teria ido. O que teria acontecido com ela.

Eva observou os rostos das pessoas ao seu redor, silenciosamente descartando um homem que dormia em um canto e um casal encolhido diante de um iPad, absorto em uma conversa. Havia, no entanto, uma mulher bem à sua frente que Eva percebeu olhando para ela enquanto o trem seguia para o sul, em direção a Oakland. Ela tinha uma revista aberta, mas enquanto Eva examinava os anúncios acima da cabeça da mulher, esperando que ela virasse a página da revista, a mulher permanecia imóvel.

Na parada seguinte, Eva esperou até o último segundo para sair do trem e observou a mulher, ainda lendo, passar por ela e entrar no túnel escuro. Ela se encolheu em um canto da estação, com a bolsa pendurada no ombro, observando os passageiros entrarem e saírem dos trens antes de escolher outro, desta vez com destino a São Francisco. Durante a hora seguinte, ela fez baldeações e retornou até ter certeza de que estava sozinha.

No aeroporto, ela pagou em dinheiro por uma passagem aérea no voo da madrugada para Newark.

— Só ida ou ida e volta? — perguntou o agente de passagens.

Eva hesitou. Castro a teria colocado em algum tipo de lista? Mais uma vez, as palavras dele — *alvo de nível médio* — vieram-lhe à mente.

— Só ida — respondeu ela. A decisão definitiva a fez estremecer. Se estivesse errada, uma passagem só de ida chamaria a atenção.

* * *

Ela só relaxou bem depois da decolagem. Enquanto os passageiros ao seu redor dormiam ou liam, Eva olhava pela janela, lembrando-se de uma noite logo após o Halloween, quando encontrou Liz sentada nos degraus dos fundos, olhando para o quintal delas no crepúsculo que se aprofundava.

— O que você está fazendo aqui atrás? — ela perguntou.

Liz ergueu os olhos de onde estava sentada e sorriu.

— Adoro o cheiro da noite, quando o sol desaparece e tudo começa a esfriar. Não importa o quanto a vida mude, isso nunca muda. — Ela fechou os olhos. — Meu ex-marido e eu costumávamos fazer isso quando nos casamos. Sentar do lado de fora e observar o céu mudar do dia para a noite.

Eva se sentou em seu próprio degrau, olhando para Liz através das barras de ferro da grade.

— Onde ele está agora?

Liz deu de ombros e passou os dedos pela borda do degrau de concreto.

— A última vez que ouvi falar dele, ele havia se mudado para Nashville. Mas isso foi há vinte anos. Não faço ideia se ele ainda está lá.

Eva se perguntou como ela conseguia estar tão calma em relação ao homem que a havia abandonado com uma criança pequena e nunca mais olhou para trás.

— Ellie tem notícias dele?

— Não sei... nós realmente não falamos sobre ele. Mas acho que não. Ele mandou cartões de aniversário para ela por alguns anos, mas depois parou quando

ela ainda era pequena. — Liz olhou para o outro lado do quintal, para a cerca dos fundos e as árvores para além dela. Em voz baixa, disse: — Por um tempo, Ellie me culpou por isso. Como se eu pudesse fazer aquele homem se importar com ela. Mas agora que cresceu, ela consegue vê-lo como ele realmente é e entender que sua infância provavelmente foi melhor sem ele.

Eva ficou impressionada com o tom calmo dela.

— Como você consegue não o odiar?

Liz deu uma risadinha suave.

— O ódio pode consumir você. Eu poderia dedicar horas do dia detestando-o. Mas não faria diferença. Ele está por aí, em algum lugar, vivendo a vida dele e, se pensa em nós, provavelmente é apenas de passagem. Decidi há muito tempo perdoá-lo, o que é muito mais fácil do que odiá-lo.

Eva pensou na força que isso deve ter exigido para criar a filha sozinha, sem deixar de seguir seus próprios sonhos. Para deixar a traição de lado e escolher ser feliz.

— Você sempre foi assim? Capaz de enxergar além do pior nas pessoas?

Liz riu.

— Leva muito tempo para aprender a ver o mundo como um lugar onde as pessoas não fazem coisas *contra* você. Meu marido não pretendia partir o meu coração, nem o de Ellie. Ele estava apenas agindo de acordo com os próprios desejos, vivendo a própria história. Espero ter me tornado alguém que não fica com raiva quando os outros estão apenas tentando sobreviver. Espero poder ser o tipo de pessoa que busca primeiro o perdão.

Eva olhou para o outro lado do quintal, em direção aos arbustos perto do portão dos fundos, cujas sombras rapidamente desapareciam à luz do entardecer.

— Não sou muito boa em perdoar.

Liz assentiu.

— Poucas pessoas são, mas o que aprendi na vida é que, para que o verdadeiro perdão aconteça, algo precisa morrer primeiro. Suas expectativas ou suas

circunstâncias. Talvez seu coração. E isso pode ser doloroso, mas também é incrivelmente libertador.

— É essa a sua maneira indireta de me dizer que preciso perdoar minha família biológica?

Liz olhou para ela, surpresa.

— Acho que você precisa descobrir como perdoar a si mesma. Pelo que quer que seja que ainda a persiga.

Enquanto Eva voava para o leste, com a janela ao lado como um quadrado preto, ela se perguntou se aquela era a morte à qual Liz se referia. Sua vida inteira, abandonada em Berkeley, apenas uma casca vazia que não se encaixava mais na pessoa na qual ela estava se tornando. Não fazia sentido, nem mesmo para ela, por que precisava ver Liz mais uma vez. Mas, de alguma forma, ela entendeu que era assim que iria perdoar a si mesma.

CLAIRE

Segunda-feira, 28 de fevereiro

Enquanto aguardo uma resposta de Kate Lane, examino as anotações que peguei no laboratório de Eva, mergulhando de novo na história de um prodígio da química, uma pária e uma traficante de drogas. Quando termino, olho para a janela com cortinas, o som do tráfego distante logo atrás da porta, e a imagino lá fora, movendo-se silenciosamente por entre a multidão de estudantes, ombros curvados, mãos enfiadas nos bolsos do casaco verde, cabeça enfiada no peito. Invisível. Sua vida solitária sempre a mantendo à parte. Nunca segura, nunca conhecida.

E eu sei por que ela decidiu fazer o que fez.

Bebo o restante do meu café frio e como o último pãozinho de canela, desejando poder consultar o *Doc.* Imagino Rory fazendo uma mala e reunindo uma pequena equipe. Ajustando tudo com Bruce. Uma curta viagem à Califórnia para assuntos pessoais, Danielle quieta e atenta, tomando notas; aguardando outra oportunidade para me contar o que sabe.

Nesse momento, recebo uma resposta por e-mail da assistente de produção de Kate Lane.

> A sra. Lane está definitivamente interessada nesta história. Precisamos verificar suas alegações antes de prosseguir. Por favor, envie um número onde possamos contatá-la a fim de que possamos confirmar que você é quem diz ser.

Acesso as configurações do telefone de Eva, localizo o número dela e o digito diretamente na minha resposta ao e-mail. Dez minutos depois, o celular toca e corro para atendê-lo.

— Alô?

— Sra. Cook, é Kate Lane.

O som do meu próprio nome soa estranho aos meus ouvidos, fazendo-me sentir exposta.

— Agradeço-lhe por conversar comigo — digo.

— Bem, a história que você conta é interessante. Mas primeiro preciso que você explique como é que você não está morta, se o NTSB diz que você entrou naquele avião.

Os anos de silêncio que se acumulam em mim, os segredos que guardei por tanto tempo, a crença de que ninguém iria querer saber a verdade. Começo lentamente, descrevendo os abusos de Rory e o quão desesperada eu estava para deixá-lo, como meus planos de desaparecer em Detroit fracassaram e como Rory os descobriu.

— E então conheci uma mulher no JFK. O nome dela era Eva James, e ela concordou em trocar de voo comigo — digo. — Quando pousei, descobri que o voo para Porto Rico havia caído. Fiquei presa aqui, sem dinheiro e sem chance de desaparecer, então aceitei um emprego em uma empresa de buffet. — Conto a ela sobre o vídeo no *TMZ* e sobre como Rory estava agora a caminho da Califórnia por causa dele.

— Então Eva James morreu no acidente?

Fecho os olhos, sabendo que preciso ter cuidado. A melhor maneira de proteger Eva é deixar as pessoas que a perseguem acreditarem que ela está morta.

— Morreu.

— Jesus. — Kate suspira. Em seguida, ela parece se recompor. — Acho que é melhor passarmos para Maggie Moretti.

— Tenho uma gravação do meu marido e do assistente dele, Bruce Corcoran. Nela, eles falam sobre uma mulher chamada Charlotte Price, que tem

conhecimento direto do envolvimento do meu marido na morte de Maggie Moretti.

Há uma pausa enquanto Kate Lane absorve a informação.

— Quando essa gravação foi feita?

— Não tenho certeza — admito. — Nos últimos dias. Minha assistente a fez e me enviou ontem à noite. Ela está disposta a certificar a legitimidade.

Kate parece pensar a respeito.

— Antes de fazermos qualquer coisa, preciso ouvir. Você pode enviá-la por mensagem para o meu produtor? — Ela me passa um número e eu envio.

Logo, eu ouço a gravação do outro lado da linha. A batida, a voz de Danielle, depois a de Rory e a de Bruce. Quando termina, Kate solta um suspiro, com a voz suave.

— Sra. Cook, me desculpe. Mas acho que não podemos colocar isso no ar.

— Como assim? — Esta era a minha última chance. Eu expus tudo, revelei onde estava e o que fiz, e o resultado continuava o mesmo. — Ele praticamente admite a responsabilidade.

— Não é o suficiente — diz Kate. — A assistente dele descreve a acusação e, embora seu marido não negue, não é uma admissão.

— Ele está a caminho da Califórnia — digo a ela. — Ele sabe o que eu fiz. Essa é a única coisa que pode detê-lo.

— Eu quero ajudá-la — diz ela. — O que você me contou é muito por si só. Uma esposa abusada, um homem prestes a concorrer ao Senado, duas mulheres se encontrando em um aeroporto e trocando as passagens. Deixe-me colocá-la no ar para contar essa história.

Passo a mão nos olhos e digo:

— E como todas as outras mulheres que se manifestaram contra homens poderosos, serei eu quem ficará condenada ao ostracismo, enquanto ele segue para o Congresso.

— Sua preocupação é válida — diz ela. — Mas isso pode fazê-la ganhar tempo. Enquanto você conta sua história, outros podem estar investigando a ligação entre

seu marido e Maggie Moretti. Peça para sua assistente enviar a gravação para o promotor público de Nova York. Vamos procurar Charlotte Price e ver se ela deseja se manifestar publicamente. Se houver algo, nós encontraremos. — Ouço-a mexendo em mais papéis ao fundo, e o som da voz abafada de alguém. — Vamos levá-la ao nosso estúdio em São Francisco enquanto tratamos das ligações por aqui. Diga-me onde você está e eu mandarei um carro.

Digo a ela o nome do hotel, sentindo-me inquieta e agitada. Aparecer em público para falar sobre o que Rory fez comigo era exatamente o que eu queria evitar.

— Entrarei em contato se surgir alguma novidade — diz Kate. — O carro deve chegar em cerca de uma hora. Esteja pronta.

— Estarei. Obrigada.

Começo a arrumar minhas coisas, enfiando-as de qualquer jeito na bolsa de viagem. Amanhã, a essa hora, serei Claire Cook novamente, carregando toda a bagagem que isso implica, enfrentando o circo que minhas acusações irão criar. Penso em Eva, em algum lugar por aí, e espero que pelo menos isso possa libertá-la.

Uma batida na porta me assusta, e fico preocupada que Rory possa ter antecipado a sua viagem, saído de Nova York sem que Danielle soubesse e, de alguma forma, me localizado aqui. Que, quando o carro da CNN chegar, não haja nada além de um quarto vazio.

Espio pelas cortinas e vejo um homem, com os braços cruzados sobre o peito, revelando um breve vislumbre de um coldre de arma sob o casaco.

Digo pela porta.

— Posso ajudar?

Ele sorri e mostra um distintivo.

— Meu nome é agente Castro — diz ele. — E eu gostaria de falar com você sobre Eva James.

EVA

Nova Jersey
Fevereiro
Um dia antes do Acidente

O avião pousou às duas horas em Newark, depois de voar a noite toda e fazer uma escala interminável em Chicago. Após taxiar até o portão de embarque, Eva correu pela ponte de embarque, parando apenas para comprar um novo telefone pré-pago em uma banca, jogando a embalagem no lixo e discando o número que Liz havia escrito no final da carta.

— É Eva — disse ela, aliviada por encontrar Liz em casa. — Na verdade, estou em Nova Jersey. Posso passar aí?

— Você está aqui? Como? Por quê? — a voz surpresa de Liz ecoou pela linha.

— É uma longa história — falou Eva, passando pela esteira de bagagens e saindo para o ar gélido de fevereiro. — Posso lhe contar pessoalmente?

* * *

A pouco mais de oitenta quilômetros de Manhattan, a rua de Liz em Nova Jersey parecia pertencer à região Centro-Oeste, com casas pequenas e bem cuidadas, uma mistura de tijolos e estuque pintado. Quando Liz abriu a porta, ela puxou Eva para um abraço apertado.

— Que surpresa — disse. — Entre.

Ela seguiu Liz pela casa até uma sala grande, ao lado da cozinha, com vista para um quintal coberto de neve. Um programa de entrevistas da tarde estava passando na TV que fica no canto, e Liz o desligou, gesticulando para que Eva se sentasse no sofá. Liz se sentou ao lado dela e disse:

— Senti sua falta. Conte-me tudo.

Eva congelou. Durante todo o voo, ela havia ensaiado no escuro enquanto as pessoas dormiam ao seu redor. Tentou encontrar o ponto certo para começar a revelar tudo. Mas agora que olhava nos olhos interrogativos de Liz, esperando que Eva dissesse alguma coisa, ela não conseguia fazer sua boca se mexer.

Seu olhar percorreu a sala, passando pelas estantes abarrotadas de livros, uma escrivaninha bagunçada coberta de papéis e algumas caixas de mudança pela metade no canto.

Ela respirou fundo e deu um sorriso trêmulo para Liz.

— Não sei por onde começar — disse ela.

Liz segurou as mãos de Eva, as suas quentes e secas contra as suadas de Eva, e ela se sentiu um pouco mais calma, a energia de Liz a percorreu, fazendo seu coração desacelerar.

— Só escolha um ponto e comece.

— Estou encrencada — disse Eva, com a voz baixa e hesitante. E então ela começou. Contou a Liz sobre Wade. Como ele a fazia se sentir especial. Eva olhou para o próprio colo e deu de ombros.

— Foi a primeira vez que alguém me fez sentir assim. Interessante. Atraente. Como uma pessoa normal vivendo uma vida normal.

Ela descreveu a reunião na sala do reitor, como ninguém apareceu para defendê-la e como sentiu que precisava aceitar os termos.

— Eles tinham todo o poder. Toda a influência. Eu era apenas uma criança. Foi fácil para eles me expulsarem e fingirem que nada havia acontecido.

— A universidade não nomeou um advogado para você?

Eva nunca havia pensado nisso. Ela balançou a cabeça, e Liz pareceu indignada.

— Você poderia ter recorrido. Há procedimentos que deveriam ter sido seguidos. — Mas então Liz pareceu se recompor, porque disse: — Você não tinha como saber disso, e isso não ajuda em nada agora. Continue.

Eva pensou no que viria a seguir, uma decisão tão significativa que dividiria sua vida inteira em duas partes. Ela soltou um suspiro lento, prolongando o momento, sabendo que teria que se apresentar e contar o resto, mas não queria. Temia que Liz não entendesse. Que o que ela havia dito na carta, sobre aceitar Eva como ela era, não se aplicasse ao que ela estava prestes a confessar.

Eva sentiu-se tentada a encerrar a história por aí. Dizer a Liz que estava a caminho da Europa, que tinha uma escala e queria passar por lá para dizer oi. Mas sabia que Liz não acreditaria. E, por fim, Castro acabaria aparecendo na porta de Liz e lhe contaria a verdade. Eva precisava ser a pessoa que contaria tudo a Liz. Para garantir que Liz entendesse por que ela havia feito o que fez. Ela rezou para que Liz a perdoasse, nem que fosse um pouco.

— Aquele indivíduo com quem você me viu discutindo se chama Dex. Ou, pelo menos, esse é o nome pelo qual eu o conheço. Aparentemente, ele tem outros. — Eva contou a ela sobre a oferta de Dex, sobre como não tinha dinheiro, nem mesmo um lugar para ir, e como isso pareceu uma tábua de salvação na época.

Enquanto ela falava, os olhos de Liz ficavam cada vez mais arregalados, sua expressão cada vez mais chocada. Eva sabia o que Liz esperava ouvir. Problemas típicos, como a perda do emprego. Uma gravidez indesejada. Talvez dinheiro ou propriedade roubados. Mas Eva percebeu que Liz não esperava por aquilo. Ela não suportou o peso do olhar de Liz e se inclinou para a frente, apoiando a cabeça nas mãos, cobrindo o rosto, pousando os cotovelos nos joelhos.

Ao seu lado, ela sentiu Liz se levantar do sofá e se afastar. Eva prendeu a respiração, esperando o som de Liz abrindo a porta da frente, e pedindo, com uma voz baixa, para Eva sair. Ou o som dela pegando o telefone para chamar a polícia. Mas, em vez disso, ouviu Liz indo até a cozinha e abrindo a geladeira, depois, o som de gelo, e ela voltando com uma garrafa de vodca e dois copos. Ela se serviu generosamente e tomou um gole.

— Continue — disse ela.

Eva tomou um gole de sua vodca e lhe contou o resto. Brittany. Agente Castro. As provas que ela havia reunido, a notícia de Castro de que ela não se qualificava para o programa de proteção a testemunhas. E, finalmente, que Dex era Fish.

— Tenho certeza de que ele já sabe que algo está acontecendo. Era para eu me encontrar com ele ontem, mas não apareci.

— Você tem que cooperar — disse Liz quando Eva terminou de lhe contar tudo. — É a única coisa que você *pode* fazer. — Ela terminou sua vodca e serviu outra dose, completando o de Eva também. — Meu Deus, Eva.

— Eu não consigo.

— Você precisa — insistiu Liz. — É assim que você vai recuperar sua vida.

Eva tentou não perder a calma.

— Não funciona como na TV. Mesmo que Dex vá para a cadeia, eu ainda estou em risco. Não importa aonde eu vá, o pessoal dele vai me encontrar. Tentei fazer o agente Castro entender isso, mas ele disse que estava de mãos atadas. — Eva começa a chorar, soluçando profunda e intensamente, Liz, então, abraçou-a, segurando-a com força.

— Você precisa parar de fugir — disse ela, encostando sua cabeça na de Eva. — Pare de encobrir mentiras com mais mentiras.

— Não é tão simples assim — disse Eva, afastando-se e enxugando os olhos. — Castro acha que posso testemunhar e, de alguma forma, voltar à minha vida normal. Como se Dex fosse me deixar chegar tão longe. A única coisa que posso fazer é partir. Desaparecer e deixar Castro resolver tudo sem mim.

Ela esperou que Liz discutisse com ela, que ameaçasse denunciá-la. Mas Liz apenas disse:

— Ok. Vamos seguir esse seu raciocínio. Para onde você vai?

Eva deu de ombros.

— Vou ficar em Nova York por um tempo. Encontrar um jeito de conseguir um passaporte falso. Eu tenho dinheiro.

Liz assentiu.

— Um passaporte falso. E então você vai deixar o país?

Eva sabia o que Liz estava fazendo. Ela teve um professor em Berkeley que usava esse tipo de método socrático para ajudar os alunos a raciocinarem. Mas ela concordou.

— Sim.

Liz girou o copo entre as mãos, enquanto o gelo se depositava no fundo.

— Você será uma nova pessoa. Alguém sem passado. O que irá fazer com seu tempo? Trabalhar? Comprar um imóvel? Alugar? Como irá se explicar para os outros?

— Eu vejo isso depois. Vou inventar alguma coisa.

— E viver com medo para sempre, olhando por cima do ombro, esperando que alguém descubra a verdade. — A voz tranquila de Liz soou forte nos ouvidos de Eva. — Você precisa fazer um acordo, e precisa fazê-lo agora. — Liz pousou o copo e colocou o dedo sob o queixo de Eva, forçando-a a olhar para ela. — O que aconteceu com você foi horrível e injusto. Mas você tem que voltar e assumir a sua parte. Ou Dex vai para a cadeia por um longo tempo, ou você vai. Quem vai ser?

— E se o pessoal do Dex chegar até mim primeiro? Ele já deve estar ciente de tudo. — O pânico começou a tomar conta de Eva, e ela voltou a chorar.

Liz lhe entregou um lenço de papel e disse:

— Você precisa voltar antes que Castro saiba que você partiu. Ligue para ele assim que pousar e aguarde por ele no aeroporto. Não vá embora até que ele vá buscá-la. Entendeu?

— Por que não posso simplesmente desaparecer? — Eva sussurrou. — Fingir que nunca estive aqui?

Os olhos de Liz se suavizaram.

— Você sabe que eles acabarão vindo aqui e me farão perguntas. Não posso mentir por você.

Talvez Eva tivesse vindo justamente por isso. Para ser forçada a fazer a coisa certa. Para ser responsabilizada por alguém que a amava o suficiente para não a deixar cometer mais erros. Para Liz ser a mãe que ela nunca teve.

Um alívio a invadiu, por poder largar tudo e permitir que outra pessoa — alguém que se importasse com ela — lhe dissesse o que fazer.

— Está bem — disse ela.

Elas se sentaram juntas, com apenas o leve tique-taque de um relógio em algum lugar no fundo da casa, o silêncio entre elas pesado com tudo o que Eva ainda queria dizer.

A vida toda, ela ansiou por conexão. Família. Amizade. Então Liz apareceu e lhe deu tudo isso, sem pedir nada em troca. Eva queria perguntar "*Por que eu?*". Mas não o fez, porque nunca haveria palavras suficientes para preencher o vazio que tinha dentro de si, a parte mais profunda do coração, onde o amor mais precioso e as amizades mais verdadeiras ficam guardados.

Ela sabia que sair pela porta no dia seguinte exigiria um ato de coragem que Eva não tinha certeza se possuía. Virar as costas e deixar esta vida, com todas as suas arestas e nós difíceis, e confiar que haveria algo do outro lado para ela.

— Você se lembra do dia em que nos conhecemos? — A voz de Liz era a mesma voz grave que Eva se lembrava do primeiro encontro delas, voz essa que a atravessou como mel quente. — Eu estava encolhida no chão, e você se aproximou e me levantou. — Eva começou a falar, mas Liz a silenciou com a mão erguida. — Nunca se esqueça de quem você é e do que você significa para mim. Em um mundo cheio de barulho e egoísmo, você é um brilhante lampejo de bondade. — Liz virou Eva de frente para ela e a segurou pelos ombros. — Não importa aonde você vá, não importa o que aconteça, saiba que estarei aqui, amando você.

Eva deixou as lágrimas caírem, a última de suas barreiras ruindo sob as palavras de Liz. Todo arrependimento, toda decepção, toda dor que Eva já havia suportado saíram dela, um lento vazamento de tristeza. Até que ficou vazia.

* * *

Depois de reservar seu voo de volta para Oakland, elas se sentaram juntas no sofá. Eva tentava aproveitar cada momento com Liz, sabendo que nunca seria o

suficiente. Da frente da casa, veio o som de uma chave na fechadura, depois a porta abrindo e fechando.

— Mãe? — chamou uma voz. — Você está em casa?

— Aqui atrás, querida.

Uma jovem entrou pela cozinha, jogando as chaves na bancada e deixando cair sua bolsa pesada no chão. Ela parou, de repente, ao ver Eva e Liz no sofá.

— Desculpe — disse ela. — Não sabia que você estava com visita.

— Eva, esta é minha filha, Ellie.

Ellie revirou os olhos e deu um passo à frente para apertar a mão de Eva.

— Agora respondo por Danielle. É um prazer finalmente conhecê-la.

CLAIRE

Segunda-feira, 28 de fevereiro.

Olho fixamente para o agente Castro, sentindo como se os pontos cuidadosos que seguram meus segredos tivessem sido desfeitos.

— Não sei quem é.

Ele eleva os óculos escuros para o alto da cabeça e diz:

— Acho que sim. Você acabou de encerrar uma ligação no telefone dela. — Meus olhos se voltam para o celular de Eva, em cima da cômoda, imaginando como ele saberia disso. Ele continua: — Então, vamos tentar de um jeito diferente. Boa tarde, sra. Cook. É maravilhoso vê-la tão bem. Meu nome é agente Castro e sou um agente federal da DEA. Tenho algumas perguntas que gostaria de lhe fazer. — Atrás dele, no estacionamento, está um sedã anônimo com placas do governo. — Talvez devêssemos entrar e conversar — ele sugere. Seu tom é amigável, mas firme, e eu aceno com a cabeça, abrindo mais a porta para que ele entre.

Sentamo-nos à pequena mesa perto da janela, onde estão duas cadeiras, uma de frente para a outra. Ele abre as cortinas, inundando o pequeno cômodo com luz.

— Eu gostaria que a senhora me dissesse como conheceu Eva James.

— Na verdade, eu não a conheço.

— No entanto, até ontem a senhora estava hospedada na casa dela. — Ele aponta na direção do casaco verde de Eva, jogado sobre uma cadeira. — E usando as roupas dela. — Em seguida, ele ergue o próprio telefone. — Sra. Cook, temos a sra. James sob vigilância há vários meses. Isso inclui termos clonado o telefone dela.

— Clonado? — pergunto. — O que isso significa?

Ele se inclina para trás e me observa, o peso do seu olhar vai me deixando desconfortável. Finalmente, ele diz:

— Significa que tudo o que a senhora faz com esse telefone, nós sabemos. Recebemos cópias de todas as mensagens de texto e e-mails. Quando o telefone toca, nós sabemos. Tudo o que é dito nele, nós ouvimos.

Minha mente volta para a conversa que acabei de ter com Kate Lane. Para as mensagens de Danielle e a gravação de voz. E agora sei por que Eva abandonou o telefone.

— Ela sabia?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Ela estava trabalhando conosco em uma investigação ainda em andamento, e não podíamos arriscar que ela mudasse seus padrões com as pessoas com quem trabalhava. Mas começamos a nos preocupar quando Eva não apareceu em uma reunião pré-agendada na semana passada. E então você chegou.

Olho para as minhas mãos, apoiadas no meu colo. Penso no carro que Kate Lane está enviando para me buscar e se o agente Castro me deixará entrar nele, ou se vou ficar presa aqui, respondendo às suas perguntas até o momento em que Rory chegar.

— Por que não começamos com como a senhora conheceu Eva? — ele repete.

— Se você tem ouvido minhas conversas telefônicas, então já sabe.

— Tudo bem. Então me conte mais sobre o que aconteceu no aeroporto. De quem foi a ideia de trocar de lugar?

Não sei bem como descrever meu papel. Sou uma vítima? Uma cúmplice? Eu não era nenhuma das duas coisas, apenas uma mulher desesperada por uma solução. Qualquer solução.

— Eva me abordou — digo finalmente.

Castro assente.

— Como ela lhe pareceu?

— Essa é uma pergunta impossível de responder, já que nada do que ela me disse era verdade. — Recordo-me do jeito como ela olhava para a bebida, como se o peso do mundo repousasse sobre seus ombros, e sei que, por baixo das mentiras, o medo era real. — Ela estava assustada — digo por fim.

— Ela tinha um bom motivo para estar. Alguém foi a casa procurá-la?

Conto a ele sobre o homem que apareceu na varanda, sobre o que ele disse e o que não disse.

— Descreva-o — solicita o agente Castro.

— Mais ou menos da minha idade. Talvez um pouco mais velho. Cabelo escuro. Pele morena. Casaco longo e olhos de um cinza intenso. Não exatamente azuis.

— Enquanto você estava hospedada na casa da Eva, viu alguma droga?

— Não. — Penso naquele laboratório no porão. Nas horas que Eva deve ter passado trabalhando no subsolo e no que isso lhe custou lá em cima. E penso na carta autenticada e nas gravações, cuidadosamente reunidas e documentadas, e pondero os benefícios de entregá-las agora. Se eu fizer isso, Castro terá o que precisa, ou pelo menos o que Eva conseguir lhe dar, o que pode ser suficiente para cumprir quaisquer promessas que ela tenha feito.

Pego o envelope e o gravador e os deslizo sobre a mesa para ele.

— Encontrei isso ontem quando descobri o porão dela.

Ele deixa o gravador de lado e folheia as páginas do depoimento de Eva, depois anota as informações do cartório em um pequeno caderno.

— Eu não tinha ideia do que ela estava fugindo. Ela me disse que tinha acabado de perder o marido para o câncer. Que o ajudou a morrer e que poderia estar em apuros por causa disso. — Enquanto conto a história, ela soa ainda mais maluca do que na época. — Você tem que entender, eu estava desesperada o suficiente para querer acreditar em praticamente qualquer coisa. E acho que ela sabia disso.

— Eva tem anos de experiência em enganar as pessoas. É muito boa no que faz. Ela tinha que ser, para ter feito isso por tanto tempo. — Ele se inclina para a

frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Preciso que a senhora entenda que meu trabalho é investigar crimes relacionados a drogas — diz ele. — Fraudes e roubo de identidade não estão incluídos. A senhora não está sendo investigada por mim. — Sua voz suaviza, agora que suas perguntas foram respondidas e eu consigo vislumbrar o homem por trás das aparências, alguém que realmente quer me ajudar. — Eu entendo que a senhora está se escondendo do seu marido?

— Estou.

— Não estou aqui para lhe causar problemas, sra. Cook. Mas Eva estava me ajudando, e preciso saber o que aconteceu com ela. O que ela lhe contou.

— Nada que fosse verdade — eu digo. — Nada daquilo era real.

Ele olha pela janela enquanto um carro preto se aproxima do lugar ao lado do seu sedã.

— Acho que sua carona chegou.

Nós nos levantamos, e eu abro a porta.

— Claire Cook? — pergunta o motorista. Ele é corpulento, na casa dos vinte e poucos anos, espremido em um terno escuro com mangas que mal cobrem uma tatuagem que circunda seu pulso direito. Em suas orelhas há aqueles círculos gigantes, abrindo buracos enormes em seus lóbulos.

Berkeley. Onde todos são um pouco mais estranhos do que você.

Enquanto ele coloca minha bolsa no porta-malas, noto seu olhar pousar na arma do agente Castro sob o casaco. Ele desvia o olhar e fecha o porta-malas com força, afastando-se do resto da nossa conversa.

O agente Castro se vira para mim.

— Boa sorte — diz ele, apertando minha mão. — Se possível, gostaria de entrar em contato novamente antes de a senhora sair da cidade. Supondo que a senhora volte para Nova York.

— Claro — respondo, olhando para a rua movimentada, com carros e ônibus passando em alta velocidade pelo motel. — Muito embora o que vá acontecer dependa das próximas horas. Quantos problemas terei pelo que fiz e se alguém irá acreditar no que tenho a dizer.

— Se seu marido esteve envolvido no que aconteceu com Maggie Moretti, não importa se acreditam na senhora ou não. As evidências irão apoiá-la.

Desvio o olhar da rua e olho para ele.

— Você não conhece a família Cook muito bem se acha que eles não vão brigar. As regras são diferentes para pessoas como eles.

Fico aguardando que o agente Castro me diga que estou errada, mas ele não o faz. Até ele sabe que o poder do dinheiro pode fazer com que todos os tipos de problemas desapareçam.

Por fim, ele diz:

— Um pequeno conselho? Vá ao ar o mais rápido possível. Seu marido não poderá tocar na senhora se o mundo inteiro souber que a senhora está viva.

* * *

O trânsito em direção à cidade está horrível. Passamos lentamente pelo pedágio e subimos até a Bay Bridge, cercados por carros por todos os lados. Sozinha no banco de trás, olho pela janela, meu olhar percorre a água e pousa em Alcatraz, pequena e atarracada no meio da baía, cercada pela água cinza-ardósia.

O motorista ajusta o retrovisor para me ver melhor, sua manga sobe ainda mais, e eu vejo novamente seu braço tatuado.

— Tudo bem se eu ligar o rádio? — ele pergunta.

— Claro — respondo a ele.

Ele muda de estação até encontrar um jazz tranquilo. Retiro o celular de Eva da minha bolsa para verificar as horas e vejo que tenho uma mensagem perdida de Danielle.

> Acabei de ficar sabendo que o sr. Cook já conseguiu um indivíduo em Berkeley para procurá-la. É um morador local, alguém que consegue se misturar melhor com as pessoas de lá. Mas me disseram que ele é grande, com uma tatuagem que cobre todo o braço direito. Tenha cuidado.

EVA

Nova Jersey
Fevereiro
Um dia antes do Acidente

Ellie — ou melhor, Danielle — não tinha a aparência que Eva esperava que a filha de Liz tivesse. Em vez da mulher eclética que ela havia imaginado, uma mulher que usava saias longas e esvoaçantes e trabalhava para uma ONG, Danielle tinha o cabelo escuro preso na nuca em um coque conservador. Usava pérolas e um terno sob medida com sapatos de salto baixo. Mas a semelhança entre mãe e filha era imediata. Danielle tinha a estatura pequena da mãe, os traços do rosto eram quase uma imagem espelhada da amiga que Eva aprendera a amar. Mas enquanto Liz era calma e centrada, Danielle parecia agitada.

Liz se levantou para dar um beijo na filha.

— Você está chegando do trabalho? Está tarde.

Ignorando a pergunta da mãe, Danielle disse a Eva:

— Eu não sabia que você viria para a cidade.

A maneira como Danielle disse isso, como uma acusação, ressoou dentro de Eva, alertando-a para ter cuidado.

— Uma viagem de última hora — disse ela. — Coisa rápida.

— Por que seria? — O olhar de Danielle encontrou o de Eva.

— Porque ela quis — interrompeu Liz, lançando um olhar de advertência para a filha.

— Uma visita rápida para ver alguns amigos — disse Eva, na esperança de aliviar um pouco a tensão. — Tenho que voltar amanhã.

Danielle esperou um momento, como se quisesse ver se Eva daria mais detalhes. Quando ela não o fez, Danielle disse:

— Mãe, posso falar com você na outra sala?

Desculpando-se, Liz se virou para Eva:

— Fique à vontade. Volto em um minuto.

As duas mulheres se reuniram na sala de estar, o som de sua conversa sussurrada chegava fragmentado até Eva. Ela se levantou do sofá e foi até a cozinha, como pretexto de olhar as fotos na geladeira.

— O que há com você? — sussurrou Liz em tom de reprovação.

— Desculpe. Estou exausta e estressada, e ainda preciso fazer as malas para uma viagem a Detroit amanhã — disse Danielle. — Eu não estava esperando uma visita.

— O que está acontecendo em Detroit?

— A fundação tem um evento lá amanhã. Eu deveria acompanhar a sra. Cook, mas acabei de descobrir que o sr. Cook vai enviá-la para Porto Rico. Ele quer fazer a viagem para Detroit sozinho. — Danielle suspirou. — Desculpe-me pela grosseria. Mas essa mudança de última hora no itinerário está me deixando nervosa. Tem algo estranho.

— De que maneira?

— A sra. Cook está focada nesta viagem há meses, de um jeito que é incomum para ela.

— Acho que você está trabalhando demais. Preocupando-se com coisas que não existem. — A voz de Liz soou reconfortante, e Eva a imaginou pegando a mão de Danielle e apertando-a.

— Acho que não, mãe. Aconteceram outras coisas estranhas. O motorista dela me informou que, no mês passado, ela dirigiu o carro sozinha para Long Island. O GPS a rastreou até a ponta leste. Ela não conhece ninguém que more lá. Algumas vezes, eu tive que acobertar discrepâncias financeiras. Saques. Recibos que não batem. — Eva podia ouvir a preocupação na voz de Danielle, a tensão de observar e esperar que algo acontecesse. — Acho que ela vai deixá-lo.

— Ótimo. Finalmente.

— É, mas não acho que a viagem a Porto Rico seja parte disso. Estou preocupada que a viagem a Detroit, sim.

— Você acha que o sr. Cook sabe?

— Não, mas se isso a atrapalhar de alguma forma... — Ela, então, não concluiu a frase. — Não gosto da ideia de ela viajar sozinha, ou com pessoas leais apenas ao *incrível Rory Cook*. E agora tenho que ir para Detroit e agir como se fosse uma delas, mal conseguindo olhar para o homem, sabendo como ele a aterroriza.

— Se ela for esperta, vai para Porto Rico e não volta nunca mais.

Eva havia parado de fingir que olhava as fotos e agora estava totalmente concentrada em ouvir o desenrolar da história, juntando as peças básicas de uma ideia.

Em dois passos, ela atravessou a cozinha e foi até o sofá, pegou seu laptop e o colocou na bancada para que pudesse continuar ouvindo. Enquanto as duas mulheres continuavam conversando, Eva pesquisou no Google *Rory Cook, esposa* e estudou a imagem que apareceu. Uma bela mulher, com cabelos escuros emoldurando o rosto, vestindo roupas elegantes e modernas, caminhando por uma calçada de Nova York. A legenda dizia: *Claire, esposa de Rory Cook, visita o novo restaurante Entourage, localizado no Upper West Side*.

Na sala ao lado, Danielle comentou:

— De alguma forma, não acho que ficar em Porto Rico seja uma opção para ela. Sinto-me péssima por ela ter que ir, por ela acordar e ser Bruce quem vai lhe contar sobre a mudança, por ser ele quem vai levá-la para o JFK. — Com um suspiro de impaciência, ela continuou. — De qualquer forma, me desculpe por ter sido rude com Eva. Tenho certeza de que ela é adorável. Qual é a verdadeira história? Por que ela está mesmo na cidade?

Eva prendeu a respiração, olhando para os detalhes do rosto de Claire Cook, mas sem mais, de fato, enxergá-los. Em vez disso, ela esperou para ver se Liz guardaria seus segredos ou se revelaria todos, servindo-os à filha como um lanche de madrugada.

— Eva está passando por um momento difícil — disse Liz. — Mas ela vai ficar bem. É uma sobrevivente.

Eva soltou um suspiro silencioso de alívio.

— Olha — Danielle estava dizendo. — Preciso fazer as malas, já que partiremos de madrugada. Você sabe onde está meu casaco de lã preto?

— Acho que está lá em cima, no armário do quarto de hóspedes. Deixe-me ver se consigo encontrá-lo.

— Obrigada, mãe.

Uma frase tão simples, provavelmente dita centenas de milhares de vezes. No entanto, o poder dela quase levou Eva às lágrimas. Como deve ser ter alguém sempre ao seu lado. Ela achava que já tinha tido isso com Liz, mas, ao vê-la com a filha, ao ver a maneira como confiavam uma na outra e se confidenciavam, Eva percebeu que o que ela e Liz compartilhavam não passava de uma amizade próxima. Ela se sentiu estúpida por sequer pensar que fosse mais do que isso. O que Liz aconselharia a filha a fazer se ela se encontrasse na situação de Eva? Ela também incentivaria Danielle a se entregar às autoridades? Ou ajudaria a filha a escapar?

Na tela à sua frente, ela imaginou o que Claire Cook pensaria amanhã ao acordar e descobrir que o marido havia mudado seu itinerário. Que ela estaria voando do JFK para um paraíso tropical em vez das temperaturas congelantes de Detroit. Talvez ela não se importasse. Talvez os instintos de Danielle sobre a importância daquela viagem estivessem errados. Mas, se estivessem certos, se Claire estivesse planejando fugir, ela se veria desesperada por uma solução. Outra saída.

E Eva poderia ter a solução exata em mente.

— O que você está fazendo?

Eva se virou rapidamente e encontrou Danielle à porta, segurando a bolsa que havia deixado ali mais cedo. Eva fechou o computador, torcendo para que Danielle não tivesse visto muita coisa, e lhe deu um sorriso vazio.

— Nada.

Ela ficou olhando firme para Danielle, até que Danielle finalmente se virou e subiu as escadas para fazer a mala para a viagem.

Eva abriu o laptop de novo e saiu da foto de Claire Cook para o site da companhia aérea. Clicou em *Alterar minha reserva* e, no menu, trocou *Newark* por *JFK*, com as palavras de Liz ecoando em sua mente. *Ela é uma sobrevivente*.

Eva estava determinada a tornar isso realidade.

CLAIRE

Segunda-feira, 28 de fevereiro.

Pressiono as costas contra o banco, meu olhar salta da mensagem de Danielle para a mão direita do motorista, casualmente apoiada no volante. Uma tatuagem cobre seu braço direito.

Minha mente voa para o estacionamento do hotel e percebo que ele não havia dito nada sobre a CNN. Ele disse Claire Cook e, como uma idiota, eu entrei no carro.

Os veículos nos pressionam até a beira da ponte. Cabos de aço se erguem para o céu acima de uma pequena faixa de calçada e, em seguida, uma queda de sessenta metros até a água fria abaixo.

O conselho de Castro, para chegar ao estúdio o mais rápido possível, agora me atormenta. Este homem vai me levar para outro lugar; uma praia deserta talvez, ou para o norte, para algum lugar ainda mais remoto, e dar um fim nisso.

Um Jetta verde desliza ao nosso lado, com uma mulher ao volante, seus lábios se movem em uma conversa silenciosa com alguém que não consigo ver. Estou a menos de um metro dela, tão perto que consigo ver seu esmalte rosa e os delicados brincos de argola prateados em suas orelhas. Luto para conter as lágrimas, tentando pensar. Se eu gritasse, ela me ouviria?

Nosso carro avança alguns metros antes de parar novamente, e agora estou observando uma van branca sem janelas. Meus olhos percorrem as pequenas aberturas entre os carros, um labirinto em constante mudança conforme os veículos avançam lentamente. Vou ter que saltar do carro e correr.

A faixa ao nosso lado começa a se mover, e eu, novamente, estou olhando para a mulher no Jetta verde. Ela joga a cabeça para trás e ri, sem perceber que a estou

observando por trás do vidro escuro.

Cerca de pouco menos de trinta metros à frente, um túnel escuro se aproxima com placas indicando Treasure Island. Os olhos do motorista encontram os meus novamente pelo retrovisor.

— O trânsito vai melhorar assim que passarmos pelo túnel — diz ele.

Se eu for sair, um túnel escuro pode ser um bom lugar para isso.

Apoio o braço no parapeito da janela, com as palmas das mãos suadas e escorregadias contra a porta, e levanto a fechadura com cuidado, observando-o pelo retrovisor, certificando-me de que seus olhos permaneçam na estrada.

Só terei uma chance.

O som do jazz ecoa no banco de trás, com um ritmo rápido e irregular, acompanhando os batimentos do meu coração, e eu abraço minha bolsa com força, certificando-me de que está bem presa ao meu ombro. Tenho uma das mãos apoiada na trava do cinto de segurança e a outra descendo em direção à maçaneta da porta, pronta para abri-la e saltar para fora. Se eu gritar por socorro, certamente alguém virá me ajudar.

Regulo minha respiração, contando os metros até o carro mergulhar na escuridão do túnel.

Seis metros.

Quatro.

Três.

O motorista me olha novamente pelo retrovisor.

— A senhora está bem? — ele pergunta. — A senhora parece um pouco pálida. Tenho um pouco de água aqui em cima, se precisar. O estúdio da CNN fica a poucos quarteirões depois que sairmos da ponte. Não falta muito agora.

Sinto o ar sair de mim e desabo no assento, apertando minhas mãos trêmulas no colo. *CNN*. *Não é Rory*. Um alívio vertiginoso me invade e fecho os olhos com força, tentando não desmoronar.

Esse é o preço do abuso. Distorceu meu pensamento de tal forma que não consigo distinguir o que é real do que não é. Logicamente, consigo ver como seria

impossível para eles me encontrarem tão facilmente. E, ainda assim, os anos sob a influência de Rory fizeram com que eu lhe desse um poder quase sobre-humano. Para ver onde estou me escondendo, para conhecer todos os meus pensamentos e medos e, então, explorá-los.

Finalmente, o carro ganha velocidade e entramos no túnel. A escuridão dura apenas um piscar de olhos, e então já saímos do outro lado. Como num passe de mágica, a cidade inteira se ergue diante de nós, prédios muito brancos brilhando ao sol do início da tarde.

— Sra. Cook? — ele pergunta de novo, segurando uma pequena garrafa d'água.

— Estou bem — digo, tanto para mim mesma quanto para ele.

* * *

Plantão de notícias: Interrompemos nossa programação para trazer Kate Lane, ao vivo de Washington DC, com uma história que acaba de sair da Califórnia. Kate?

Vozes falam no meu ouvido, embora eu esteja sentada sozinha em um banquinho em frente a uma tela verde. Vários produtores e assistentes estão reunidos em volta da única câmera, com zoom focado em mim, mas a luz vermelha que indica que estou no ar permanece apagada. Ao lado, uma tela de televisão exibe Kate Lane em seu estúdio em Washington DC, com a transmissão diretamente no meu fone de ouvido. Minha cabeça ainda está confusa devido à adrenalina, mas a temperatura congelante do estúdio a acalma um pouco. Na parede do fundo do estúdio, há um grande relógio digital com fundo azul brilhante que marca 1:22, e observo os segundos passando, tentando alinhar minha frequência cardíaca com eles.

Pouco depois de eu ter chegado ao estúdio da CNN, fraca e trêmula, um produtor me entregou um iPad com Kate Lane ligando por videochamada. Eles conseguiram falar com Danielle, que concordou em enviar a gravação ao procurador-geral do estado de Nova York. As fontes de Kate dentro do departamento informaram-lhe que, em breve, teriam novidades sobre os próximos

passos. Charlotte Price também havia sido localizada e estava disposta a se manifestar publicamente assim que seu advogado pudesse anular o acordo de confidencialidade que ela havia assinado há muito tempo.

— Então, agora cabe a você contar sua história — disse Kate. — Descreva para nós o seu casamento. Conte-nos como era seu marido e do que você estava fugindo. — Sua expressão suavizou-se. — Preciso prepará-la para o que provavelmente acontecerá quando você se manifestar. As pessoas vão vasculhar sua vida. Seu passado. Dizer coisas odiosas sobre você e para você, e de forma muito pública. Não importará de que lado as pessoas estejam, do seu ou do seu marido, seja como for, sua vida será colocada sob um microscópio. Cada escolha que você já fez. Cada pessoa com quem você já conversou. Sua família. Seus amigos. Tenho a obrigação de garantir que você está ciente antes de prosseguirmos.

Ouvir Kate explicar exatamente o que eu temia há tantos anos me fez hesitar, e considerei recuar. Deixar que as evidências de Danielle e Charlie fizessem todo o trabalho. Ninguém precisava ouvir os detalhes do abusos pelos quais passei a fim de atribuir a morte de Maggie Moretti a Rory.

E, no entanto, eu sabia que, se não o fizesse, estaria destinada a viver e reviver momentos como aquele na ponte. Eu jamais seria verdadeiramente livre se fugisse para me esconder debaixo de outra pedra. Eu seria cúmplice do abuso de Rory enquanto continuasse a protegê-lo. O mundo não precisava ouvir a minha história, mas eu precisava contá-la.

— Eu entendo — respondo a ela.

— Ao vivo em cinco segundos — alguém diz.

— Boa noite. — A voz de Kate preenche meu fone de ouvido, como se ela estivesse sentada bem ao meu lado. — Na última hora, os advogados de Rory Cook, chefe da Cook Family Foundation e filho da falecida senadora Marjorie Cook, têm recebido pedidos de interrogatório relacionados à morte de Maggie Moretti, que faleceu há vinte e sete anos em uma propriedade da família Cook. Mas ainda mais extraordinário é o fato de as autoridades terem recebido essa

informação por meio da esposa do sr. Cook, que se acreditava ter morrido no Voo 477. A CNN descobriu que ela está viva e mora na Califórnia. E ela está aqui conosco agora, via satélite, para discutir as acusações contra o marido e por que sentiu que precisava se esconder. Sra. Cook, é um prazer vê-la.

A luz da câmera à minha frente se acende e o diretor aponta para mim. Luto contra a vontade de estender a mão e tocar meu cabelo, ciente de como estou diferente.

— Obrigada, Kate. É bom estar aqui. — Minha voz soa solitária no espaço vazio, e tento me concentrar no monitor de televisão que mostra o horizonte de São Francisco ao fundo, atrás de mim.

— Sra. Cook, conte-nos o que aconteceu e como a senhora veio parar aqui hoje.

Agora que estou aqui, percebo que seria inevitável não chegar a esse ponto. Por muito tempo, acreditei que minha voz sozinha não seria suficiente, que ninguém iria querer ouvir a verdade e intervir para ajudar. Mas, quando eu mais precisei, três mulheres apareceram. Primeiro, Eva; depois, Danielle e, finalmente, Charlie. Se não contarmos nossas próprias histórias, nunca assumiremos o controle da narrativa.

Endireito os ombros e olho diretamente para a câmera, sentindo o terror da última hora, o estresse da semana passada e o medo dos últimos dez anos desaparecerem, agora nada mais que um leve sussurro de uma sombra.

— Como você sabe, meu marido vem de uma família muito poderosa, com recursos ilimitados. No entanto, o que você não sabe é que nosso casamento era difícil. Para as câmeras, ele era charmoso e dinâmico, mas, com as portas fechadas, ele se tornava violento, agindo inesperadamente. O mundo nos via como um casal feliz e comprometido, mas, por baixo da fachada, eu estava em crise. Guardando meus segredos. Tentando fazer melhor, ser melhor. Desesperada para corresponder aos padrões impossíveis que meu marido estabeleceu para mim, apavorada quando não conseguia.

“Como muitas mulheres nessa situação, fiquei presa em um ciclo de abuso durante anos. Tinha medo de irritá-lo, tinha medo de falar, tinha medo de que, se o fizesse, ninguém acreditaria em mim. Viver assim destrói uma pessoa, um pedacinho por vez, até que você não consiga mais enxergar a verdade em nada nem em ninguém. Ele me isolou de qualquer pessoa a quem eu pudesse recorrer para pedir ajuda. Eu já havia tentado deixá-lo antes. Contar a verdade sobre o meu casamento. Mas homens poderosos criam inimigos poderosos, e ninguém queria Rory Cook como inimigo. A única saída que eu conseguia encontrar, que não envolvesse escândalo público ou uma longa batalha judicial, era simplesmente desaparecer.”

— Mas durante um acidente de avião?

— Isso foi uma coincidência trágica. Eu não deveria estar naquele avião para Porto Rico. Eu planejava desaparecer no Canadá. Uma mudança de última hora na minha agenda atrapalhou tudo. Mas então conheci uma mulher no aeroporto disposta a trocar de passagem comigo. — Penso nas pessoas que ainda procuram Eva e digo: — Infelizmente, ela morreu no meu lugar, e serei eternamente grata a ela por ter me dado a chance de escapar.

— Conte-nos do que você estava fugindo.

Imagino Rory em algum lugar, chamado para assistir à televisão para ver a ressurreição de sua falecida esposa, a raiva tomando conta dele enquanto ele fica parado, impotente, enquanto eu arrebato sua preciosa reputação e a destruo.

— Praticamente desde o início — digo —, ele me repreendia por rir muito alto, por comer demais ou de menos. Por não atender às suas ligações. Por passar muito tempo conversando com uma pessoa em um evento, ou pouco tempo conversando com outra. Se eu tivesse sorte, seria só isso. Gritos e insultos, seguidos por dias de silêncio e olhares gélidos. Mas, cerca de dois anos depois de casados, os gritos evoluíram para empurrões. E, logo depois disso, para agressões físicas.

Uma fotografia ocupa toda a tela atrás de mim, uma imagem de Rory e eu caminhando na praia nos Hamptons. Ela foi publicada pela primeira vez na revista

People e rapidamente se tornou uma das várias imagens de arquivo que os veículos de comunicação utilizavam para cobrir a vida privada de Rory.

— Esta foto foi tirada no verão passado. Você só consegue ver o que está no enquadramento: um casal caminhando na praia, de mãos dadas. O que você não consegue ver é tudo o que está por trás dela. O quanto o meu marido estava zangado comigo, a força com que apertava minha mão, era tão forte que meu anel cortou a parte interna do dedo ao lado. Minhas mangas compridas escondem hematomas da noite anterior, depois que esqueci o primeiro nome de um velho amigo de Rory. Você não consegue ver o inchaço na parte de trás da minha cabeça, onde a bati na parede, nem a forte dor de cabeça que eu sentia. Você não consegue ver o quão perdida eu me sentia. O quão sozinha.

Olho para as minhas mãos, o medo e o desespero que senti naquele momento capturado me invadiram uma vez mais. E o quanto eu não queria fazer isso, ter que relatar cada golpe, cada humilhação, como forma de me justificar.

A voz de Kate é suave em meu ouvido.

— Por que vir a público agora? Você havia escapado. Você estava estabelecida na Califórnia. Estava livre.

— Eu nunca estive livre. Para começar, eu não tinha identidade nem como conseguir uma. Não tinha dinheiro. Não tinha emprego. Consegui um trabalho temporário em uma empresa de buffet, o que levou minha imagem a ser publicada no *TMZ*, forçando-me a vir a público.

Olho para a câmera, mantendo o olhar firme, e imagino que estou falando diretamente com Eva. Por um breve momento, habitamos a mesma pele. A mesma vida. Sei coisas sobre ela que ninguém jamais saberá, e isso liga você a uma pessoa, um fio tênue como uma teia que atravessa o tempo e o espaço. Onde quer que eu esteja, ela também estará. E onde quer que ela esteja... espero que seja longe daqui.

— Mas também senti que eu precisava honrar a mulher que morreu no meu lugar — digo. — Existem pessoas que a amavam. Que talvez queiram saber o que aconteceu com ela. Elas também merecem um desfecho. — Faço uma breve pausa, pensando no pedaço de papel que encontrei na casa da Eva, ainda enfiado

no meu bolso. — Estou pronta para superar o medo — digo a Kate. — Quero minha vida de volta. A minha. A que me pertence. Meu marido roubou muito de mim. Ele roubou minha confiança. Roubou minha autoestima. E acho que ele não merece roubar mais nada. De ninguém.

Do outro lado do estúdio, o relógio digital muda de 1:59 para 2:00.

Restam zero horas.

Estou livre.

CLAIRE

Cidade de Nova York
Um mês depois do Acidente

Nunca estive no sobrado da Quinta Avenida quando estava tão vazio. Sempre havia alguém ali, cozinhando ou limpando, agendando compromissos, vigiando do lado de fora do escritório de Rory. Mas, após minha entrevista na CNN e a subsequente investigação do júri sobre o envolvimento de Rory na morte de Maggie, todos foram dispensados. Os cômodos estão silenciosos, e eu me sinto como um fantasma, percorrendo o mesmo caminho que costumava fazer em minhas caminhadas noturnas. Talvez eu seja um, retornando para assombrar a vida que deixei para trás e descobrindo que tudo mudou.

No início, a história demorou a tomar forma, enquanto os advogados de Rory lutavam para manter o acordo de confidencialidade. Mas, depois que ele perdeu, uma enxurrada de informações inundou a mídia, com algo novo sendo divulgado quase todos os dias — a briga que Rory e Maggie tiveram na noite em que ela morreu, como terminou com ela inconsciente no pé da escada e Rory lutando para se salvar do que acreditava ter feito. Como Rory tinha ido direto para o apartamento de Charlie, a apenas alguns quarteirões do seu, no West Side. Na época, ela tentou ajudá-lo. Ela havia acreditado na história que ele contou: um cervo na estrada a caminho da cidade, o carro prestes a cair em uma vala, um grande susto que o deixou profundamente abalado. Até que notícias sobre a morte de Maggie começaram a surgir. Charlie, que era jovem e apaixonada por Rory, e que havia esperado que Rory deixasse Maggie por ela, começou a ficar alarmada. Quando ela começou a fazer perguntas, o pai de Rory a pagou para ela ficar em

silêncio e depois a obrigou a assinar um acordo de confidencialidade tão rigoroso que garantia que ela permaneceria assim.

Durante anos, ela tentou deixar isso para trás, até que surgiram os rumores da candidatura de Rory ao Senado. Charlie não era mais uma jovem de vinte anos assustada. Como muitos, ela havia se cansado de ver homens poderosos nunca serem responsabilizados, com o ditado *garotos são assim* evoluindo para uma armadura impenetrável, protegendo-os de qualquer culpa.

A mídia teve um dia e tanto. Revisitando o verão em que Maggie Moretti morreu, republicando artigos antigos com informações atualizadas, entrevistando novamente os amigos de Maggie, desta vez acrescentando Charlie e seu relacionamento com Rory, que se sobrepôs ao que ele teve com Maggie por vários meses. Todos queriam saber mais sobre o triângulo amoroso, investigar cada detalhe e descobrir algo novo. Ser o veículo que trazia a última novidade para compartilhar via Twitter.

Tentei me manter longe dos holofotes, mas Kate Lane estava certa. Na minha primeira semana de volta, eu estava na capa da *People*, com meu rosto em perfil de três quartos, meu cabelo de volta ao tom original e a manchete "Ressuscitada".

Embora a maioria das pessoas tenha se solidarizado, tendo alimentado dúvidas sobre o envolvimento de Rory na morte de Maggie por anos, houve outras que me atacaram violentamente, questionando meu caráter, chamando-me de oportunista, esposa vingativa, determinada a destruir tudo o que a família Cook havia construído. Culparam-me pelo fato de que a Cook Family Foundation estava agora sob investigação do procurador-geral de Nova York por alegações de uso indevido de ativos de caridade e de transações impróprias.

Por meio dos documentos da LLC, meus advogados conseguiram me proteger de riscos legais e estou livre para deixar o estado. Nova York não é mais meu lar. Mal posso esperar para voltar para a Califórnia e me afastar deste circo todo.

Entro no meu escritório, onde pilhas de caixas se enfileiram nas paredes. Munida de uma lista muito específica e de um prazo limitado, negociado com rigor pelos meus advogados, estou aqui para pegar o que me pertence. Minhas

roupas. Minhas joias. Meus itens pessoais. Meu olhar recai sobre a fotografia da minha mãe e Violet na parede, e, desta vez, eu a retiro do gancho e a coloco junto com as outras coisas que estou levando comigo. Deixo meus olhos se demorarem no sorriso da minha irmã, na forma como a covinha marca sua bochecha esquerda, na forma como o sol brilha através de seus cabelos enquanto eles balançam ao vento, fazendo-os parecer fios de ouro. As lembranças são doces quando vêm, em vez da dor aguda da qual tenho fugido por tantos anos.

Pego uma pequena estátua de quinze centímetros de altura, um Rodin original que Rory comprou ano passado, e penso em quanto dinheiro eu poderia conseguir se a vendesse. Ela, no entanto, não está na minha lista. A parte das minhas coisas, todos os nossos bens em conjunto estão bloqueados, embora, na verdade, haja muito pouco que eu queira ou precise na minha nova vida em Berkeley.

Kelly me ajudou a encontrar um apartamento. Liguei para ela alguns dias depois da minha entrevista na CNN, depois de me reunir com meus advogados e de dar início ao longo processo de esclarecer tudo o que eu havia feito.

Naquela época, eu era a principal atração do noticiário em todos os canais de notícias e programas de TV a cabo.

— Puta merda, Eva — ela disse, e então se conteve. — Desculpe. Acho que devo chamá-la de Claire.

Sorri e me sentei na cama do quarto de hotel que meus advogados estavam pagando, exausta após horas de depoimentos. Ficaríamos lá apenas mais alguns dias, e então eu teria que voltar para Nova York a fim de concluir o processo. Eu a imaginei em algum lugar do campus, com a mochila carregada de livros, parando em um dos caminhos sombreados que cruzavam o campus para atender minha ligação.

— Sinto muito por tê-la enganado.

— Não, eu é que sinto muito pelo emprego que eu consegui pra você ter começado essa confusão.

— Isso acabaria acontecendo, de um jeito ou de outro. A vida que eu estava tentando viver seria insustentável. — Limpei a garganta. — Escute, você mencionou que poderia me ajudar a encontrar um lugar para morar? Depois que tudo isso acabar, eu adoraria ficar em Berkeley.

— Deixe-me dar alguns telefonemas e depois ligo para você — disse ela.

O apartamento ficava em uma rua estreita que subia a colina atrás do estádio de futebol, no último andar de uma estrutura estreita de madeira situada entre as árvores imponentes do Strawberry Canyon. A proprietária, a sra. Crespi, era amiga da mãe de Kelly e ficou mais do que feliz em alugá-lo para mim. Ela nos avisou que estacionar poderia ser problemático em dias de jogo e que o som do canhão que disparavam após os touchdowns poderia ser assustador no início. Havia cerca de quarenta degraus de madeira e, quando chegamos ao topo, a sra. Crespi abriu a porta e deu um passo para o lado para que eu pudesse entrar primeiro. Com pouco menos de setenta e cinco metros quadrados, parecia uma casa na árvore. Kelly, ao meu lado, ofegante, disse:

— Você talvez devesse pensar em solicitar a entrega de compras. Não consigo me imaginar carregando algo mais pesado do que uma carteira até aqui.

— Tenho três inquilinas, profissionais liberais como você — disse a sra. Crespi. — Cobro mil e quinhentos dólares por mês, mas isso inclui todas as despesas. Se você decidir ficar com o imóvel, vou precisar do primeiro e do último mês como caução. E os móveis podem ficar, já que é difícil transportar coisas para dentro e para fora daqui. Posso providenciar uma limpeza profissional, se quiser.

Meus advogados haviam negociado uma pensão mensal, embora não fosse muito alta. Eu teria que vender todas as minhas joias e encontrar um emprego, mas estava ansiosa pela oportunidade de ser independente. De ganhar meu próprio sustento.

— Isso deve funcionar — eu disse, entrando na sala de estar e na cozinha.

Mesmo sabendo que seria pequeno, o fato de quase todo o lado oeste do cômodo ser envidraçado fazia o apartamento parecer maior. Um sofá verde-sálvia ficava de frente para a janela, com uma pequena TV montada em um suporte ao

lado da porta da frente. Atrás de nós, uma pequena cozinha com uma bancada para preparar comida, um fogão e uma geladeira ocupava o fundo do cômodo. Além disso, havia um pequeno corredor que levava a um banheiro e a um quarto minúsculo.

Caminhei até a janela. Um manto de copas verdes de árvores descia pela colina, com os prédios da universidade escondidos entre eles, brilhando como tesouros parcialmente enterrados à luz do fim da tarde. Além disso, a Baía de São Francisco cintilava, com o sol projetando o horizonte da cidade e a ponte ao longe como uma silhueta.

— Adorei — eu disse, virando-me para Kelly e para a sra. Crespi.

Um sorriso iluminou o rosto enrugado da sra. Crespi.

— Fico muito feliz. — Ela abriu a pasta que segurava e me entregou um contrato de locação. — Você pode se mudar quando estiver pronta.

Peguei a papelada e sorri.

— Já estou pronta — disse, e me virei novamente para a vista.

* * *

— Você quer que eu embale tudo que está no banheiro ou prefere esvaziar as gavetas você mesma? — Petra está parada na porta do meu escritório, e eu me viro da caixa que eu estava organizando para olhar para ela. Quando retornei a Nova York, foi ela quem me pegou no aeroporto. Ela esperou até estarmos em segurança no banco de trás do carro que havia alugado antes de desmoronar.

— Isso parece um sonho — disse ela em meio às lágrimas. — Quando vi que o avião havia caído... — Ela parou de falar e pressionou os dedos contra os olhos, respirando fundo. — E aí você aparece na CNN e destrói aquele filho da puta.

No final das contas, eu não havia anotado o número de telefone dela errado.

— Eu o desliguei — explicou Petra quando perguntei por que não funcionava. — Depois que conversei com você no aeroporto, fiquei preocupada que Rory pudesse fazer algum tipo de pesquisa reversa de serviço de informações telefônicas e descobrir a quem pertencia. Então, comprei um novo. Mas aí a

notícia... — Ela deu de ombros, incapaz de continuar, com lágrimas escorrendo pelo rosto novamente.

Fecho a tampa de uma caixa e puxo outra em minha direção.

— Embale tudo — digo a ela agora. — Os cremes e as maquiagens são caros. Seria burrice deixá-los fora.

— Ainda acho que você deveria ficar aqui — diz Petra. — Esta é a sua casa, e você tem direito a ela. Talvez não a todas as coisas. — Ela olha para a estátua de Rodin. — Mas deveria lutar pelo que é seu.

— Não é isso o que eu quero — respondo, voltando-me para a caixa e fechando-a. — Não preciso de todo esse espaço.

— Não se trata do espaço — argumenta Petra. — É sobre o que lhe pertence.

— Então, vamos vendê-la e eu fico com metade.

— Quero que você fique em Nova York.

Caminho até ela e a abraço.

— Eu sei — digo, afastando-me. — Mas você sabe por que não posso. Preciso recomeçar em algum lugar novo. Você é que deveria vir para a Califórnia. A luz, o ar lá... são diferentes. Você iria adorar.

Petra parece cética.

— É melhor eu terminar aquele banheiro. Estamos quase sem tempo.

Ela sai e eu abro a última caixa, vasculhando-a rapidamente, descartando a maior parte das coisas. O dinheiro das minhas joias me dará tempo para explorar minhas opções na Califórnia. Talvez eu continue trabalhando em eventos com a Kelly, ou volte a estudar. Imagino-me pegando o BART para São Francisco, talvez trabalhando no museu lá, saindo para jantar com os amigos que espero finalmente fazer.

Depois que terminei a entrevista para a CNN, o agente Castro me levou de volta à casa de Eva para que eu contasse a ele como foi a minha estadia lá. Eu não tinha certeza do que mais poderia dizer que ele já não soubesse. Eles haviam enviado o DNA de Eva para o NTSB e estavam aguardando para ver se correspondia a algum dos restos mortais recuperados até o momento.

— É possível que jamais saibamos — afirmou ele. — Eles me disseram que há uma série de razões pelas quais ela pode não ter estado no seu lugar. Talvez ela tenha trocado de lugar com alguém, ou talvez o impacto da queda a tenha projetado para fora dos destroços e a correnteza a tenha levado. Se for esse o caso, pode ser que jamais recuperemos o corpo dela. — Ele deu de ombros e olhou pela janela, como se a resposta para o que aconteceu com Eva pudesse estar em algum lugar, visível apenas para ele.

— E quanto ao traficante?

— Dex — disse o Agente Castro. — Também conhecido como Felix Argyros, ou Fish. Temos uma pista sobre ele em Sacramento.

Um agente passou pela sala de estar carregando o fogão de acampamento de Eva dentro de um daqueles sacos plásticos transparentes utilizados para evidências.

— Ela devia estar muito desesperada para ter escolhido uma vida como essa.

— Acho que Eva diria que foi esta vida que a escolheu. — O agente Castro suspirou. — Ela era uma pessoa difícil de entender. Não tenho certeza se algum dia lidei bem com ela. Mas, mesmo tendo fugido, ela ainda tentou fazer a coisa certa. O que ela deixou para trás será fundamental para indiciar Fish.

— Ela parece complicada — eu disse.

— Ela era, mas eu gostava dela. Gostaria de ter feito mais por ela.

Eu não disse o que estava pensando, que Eva não precisava de ninguém. Ela havia se saído muito bem sozinha.

* * *

Pego uma pilha de roupas e a levo para a sala, colocando-a ao lado do resto das coisas que levarei comigo. Verifico as horas. Temos apenas mais trinta minutos. Ouço Petra fechando as gavetas do banheiro no andar de cima, resmungando algo para si mesma, e sorrio.

Com meu trabalho praticamente concluído, caminho pelo corredor que leva ao escritório de Rory e espio lá dentro. Foi completamente esvaziado. A mesa

dele, a de Bruce, até os livros nas prateleiras sumiram, tudo confiscado pelo procurador-geral. Vou até as estantes vazias, estendo a mão e aperto o botão, e a gaveta de baixo se abre. Como eu suspeitava, está vazia.

Ouço alguém destrancando a porta da frente e me endireito, sentindo-me culpada, pois não devo estar aqui. Mas é apenas Danielle. Ela para na porta quando me vê.

— Procurando fantasmas? — pergunta.

Sorrio.

— Algo assim.

Danielle estava me esperando quando voltei para a casa. Ela me levou até a cozinha e me preparou uma xícara de chá. Quando nos acomodamos frente a frente na ilha central, finalmente fiz a pergunta que me incomodava desde a primeira mensagem dela.

— Como você sabia onde me encontrar?

Ela deu um pequeno sorriso triste.

— Eva era amiga da minha mãe. — Ela tomou um gole hesitante de seu chá e me contou a história de uma amizade improvável entre duas mulheres: uma que acreditava que não merecia ser amada e a outra que havia se esforçado muito para amá-la mesmo assim. — Embora eu a tenha conhecido brevemente, havia algo furtivo nela. Ela tinha um lado que parecia perigoso. — Danielle colocou a xícara na ilha e traçou um redemoinho no mármore com o dedo. — Mas minha mãe era dedicada a ela. Jurava que Eva era uma boa pessoa que precisava saber que alguém acreditava nela. — Danielle deu de ombros.

— Mas isso ainda não explica como você soube me ligar no telefone dela.

— Ela estava na casa da minha mãe em Nova Jersey na noite anterior à viagem para Detroit. Ela deve ter ouvido uma conversa que tive com a minha mãe, porque depois a peguei pesquisando fotos suas no Google. Fiquei preocupada que ela tentasse prejudicar você de alguma forma. — Danielle balançou a cabeça, como se o pensamento a envergonhasse.

— Como está sua mãe?

Danielle olhou para a sala de estar, onde o sol entrava pelas janelas altas, lançando raios de luz no piso de madeira.

— Não está bem — disse ela. — Tem sido difícil para ela aceitar que Eva realmente morreu. Que se Eva tivesse simplesmente seguido o plano que combinaram e voltado para Berkeley, ela ainda estaria viva.

Tomei um gole de chá quente de camomila, deixando o sabor se espalhar na minha boca, sabendo que nunca poderia contar a Danielle ou à mãe dela o que eu acreditava que realmente havia acontecido com Eva. Eu deixaria que Eva entrasse em contato, se e quando quisesse.

— Eva fazer uma pesquisa a meu respeito no Google não deve ter sido suficiente para você saber onde procurar.

— Foi o vídeo — disse ela. — Lá estava você, na cidade natal de Eva, com um cabelo parecido com o de Eva... — Ela ficou em silêncio. — Então, eu arrisquei. Procurei o número dela no celular da minha mãe e torci para que você atendesse quando eu ligasse. — Danielle abaixou a cabeça, girando a xícara lentamente nas mãos. Quando olhou para cima novamente, seus olhos estavam marejados de lágrimas. — Eu precisava fazer alguma coisa, depois de todos esses anos em silêncio. Sinto muito, muito mesmo, por não ter feito mais para te ajudar. — Ela soltou um suspiro trêmulo. — Eu pensei que, mantendo você focada, dentro do cronograma, eu poderia protegê-la. Se eu me esforçasse o suficiente, talvez ele não tivesse motivos para se enfurecer.

Estendi a mão sobre a ilha e coloquei-a sobre a mão dela.

— Você me ajudou quando mais importava. Mais do que eu jamais poderia ter esperado.

Ela apertou minha mão, um pedido de desculpas silencioso. Tarde, mas não tarde demais.

* * *

O som fraco de uma sirene atravessa o vidro espesso da janela do escritório de Rory. Olho ao redor da sala, tentando imaginar a tarde da gravação de Danielle e

onde ela poderia ter deixado o celular para conseguir capturá-la.

— Uma última pergunta — digo. — Como você sabia que era para gravar aquela conversa em particular? Você sabia sobre o que eles estariam conversando?

Danielle entra na sala e passa os dedos no encosto de uma das cadeiras.

— Eu havia acabado de assistir ao seu vídeo no evento do A's e, embora o sr. Cook nunca tenha me dito nada sobre isso, a viagem repentina dele para Oakland me fez acreditar que ele também havia visto. Eu esperava gravar uma conversa sobre os planos deles de encontrá-la, para lhe dar uma ideia de onde e como eles iriam procurá-la. Eu não fazia ideia de que acabaria conseguindo algo muito melhor.

— Foi uma coisa incrivelmente corajosa e estúpida de se fazer.

Danielle sorri.

— Foi exatamente o que minha mãe disse. — Ela olha o relógio. — É melhor terminarmos. O tempo está quase acabando.

Fecho a gaveta com um clique discreto e sigo Danielle até a sala, onde arrumamos o restante das minhas coisas.

Petra entra no quarto no momento em que estou fechando o zíper da minha mala.

— Prontas? — ela nos pergunta.

Dou uma última olhada na sala. Os tapetes grossos, os móveis caros, tudo isso sem sentido para mim agora, e sorrio para as duas.

— Pronta — respondo.

EPÍLOGO

Aeroporto John F. Kennedy, Nova York
Terça-feira, 22 de fevereiro
O dia do Acidente

Abaixo-me no chão ao lado da ponte de embarque, recolho os itens da bolsa de Claire que se espalharam, minha única visão são os sapatos das pessoas na fila ao meu redor, e jogo tudo de volta na bolsa, exceto meu telefone pré-pago. Que levo ao meu ouvido.

Meu plano é simples. Primeiro, vou me afastar para o lado, como se precisasse me encostar na parede para me equilibrar. Depois, vou me afastar da fila de viajantes, os quais andam obedientemente e voltados para a frente. Depois disso, será só uma questão de caminhar com determinação em uma nova direção.

Estou prestes a falar ao telefone silencioso, para iniciar outra conversa falsa; talvez algo urgente, que exija um pouco de espaço, um pouco de privacidade, quando alguém pergunta:

— Senhora, está tudo bem?

A voz vem de cima de mim, atrás da multidão de viajantes que bloqueia minha visão. Outro agente surge do nada e eu me levanto devagar, com os joelhos estalando.

— Deixei minha bolsa cair — explico, colocando-a de volta no ombro, sentindo o leve tremor de uma porta se fechando. Uma oportunidade perdida.

— Como você já teve sua passagem escaneada para o voo, preciso que fique na fila — diz o agente de portão.

Retomo meu lugar em frente às mulheres que reclamavam da espera, a inclinação da ponte de embarque me puxa para a frente. Em algum lugar, Claire já

está no ar, voando em direção à Califórnia, e sinto uma pontada de culpa. Não pelas mentiras que contei, mas talvez eu devesse, pelo menos, tê-la avisado para ter cuidado.

À medida que a fila para embarcar na aeronave vai lentamente avançando, eu me pergunto se, caso eu tivesse conhecido Claire em circunstâncias diferentes, poderíamos ter sido amigas. Parece-me errado ser a última pessoa a falar com ela antes de ela desaparecer, ser a única pessoa no mundo que sabe o que aconteceu com ela e ainda assim não saber nada significativo a respeito dela. Quem ela ama. O que é importante para ela, ou no que acredita quando precisa acreditar em algo. Os detalhes das circunstâncias que nos trouxeram a essa única e ultrajante opção.

Temos uma coisa em comum. Cada uma de nós está desesperada o suficiente para correr o risco. Para virar as costas para quem o mundo exige que sejamos. Não se trata apenas do que foi feito a cada uma de nós — por Dex, pelo marido de Claire — trata-se de um sistema que diz às mulheres que não somos confiáveis e que, portanto, somos dispensáveis. Que nossas verdades não importam quando confrontadas com as de um homem.

Tento me manter focada. Concentrar-me no que virá a seguir. Liz ficará preocupada quando eu não ligar como prometido, mas tem que ser assim. Quando Castro chegar à sua porta, Liz precisa poder dizer com confiança que voltei para fazer a coisa certa.

Talvez daqui a alguns meses, Liz receba um pequeno pacote pelo correio. Um enfeite de Natal — sem cartão, sem endereço de retorno — dos vinhedos maduros da Itália ou das ruas movimentadas de Mumbai. E ela saberá que estou arrependida. Que estou feliz. Que finalmente me perdoei.

Assim que eu embarcar, vou pedir para trocarem meu assento no corredor por um na janela. Quero uma vista do mundo — seu amplo panorama se expandindo em um arco gracioso abaixo de mim — e me imaginar nele. Meu verdadeiro eu, a pessoa que Liz me mostrou que eu posso ser.

Espero que, quando o avião decolar, voemos direto para o sol, com uma luz tão brilhante que queime os últimos vestígios de tudo e de todos que estou deixando

para trás. Que ele me leve para a frente, mais alto do que jamais estive, acima do medo e das mentiras, rasgando uma página cheia de erros, com os fragmentos se espalhando atrás de mim como confete.

E, em seu lugar, vou criar uma nova vida construída a partir de fragmentos de memória — alguns verdadeiros; outros imaginários, desejados por uma garotinha que nunca encontrou seu lugar —, construída com sorte e amplos feixes de gratidão que mantêm tudo unido.

Talvez um dia eu sonhe com minha vida em Berkeley. Não aquela que vivi, com seus cantos escuros e sombras enganosas, mas aquela que imaginei anos atrás, em uma cama estreita acima de uma igreja empoeirada em São Francisco. Visitarei novamente as trilhas salpicadas de luz do Strawberry Canyon, bem acima do antigo estádio, com sua vista para o horizonte da cidade que parece se erguer diretamente da baía. Em minha mente, vou caminhar pelas trilhas do campus que serpenteiam entre as sequoias, vou sentir o cheiro da casca úmida e o musgo macio sob meus pés, vou ouvir o riacho cair e saltar sobre as rochas.

À minha frente, a fila começa a se mover de novo, abrindo espaço entre as pessoas, permitindo-me respirar mais facilmente. O que quer que estivesse errado foi corrigido, e posso sentir todos ao meu redor relaxarem, antecipando as férias que os aguardam do outro lado do voo de quatro horas para o sul.

Enquanto desço pela ponte de embarque, sinto como se estivesse me desfazendo do meu antigo eu, pedaço por pedaço, ficando mais leve à medida que me aproximo do avião. Em breve, talvez eu não pese mais nada. Um riso se insinua, leve e nítido, sem nenhum dos resquícios que costuma carregar. Neste momento, tenho tudo o que sempre quis. E, pela primeira vez, pela única vez, é o suficiente. Aperto a bolsa de Claire com mais força no ombro e toco a parte externa do avião ao passar pela soleira, para dar sorte, e não olho para trás.

UMA CONVERSA COM A AUTORA

O que a inspirou a escrever *O Último Voo*?

Sempre me intrigou a ideia de que alguém pudesse desaparecer da própria vida por um longo período, e muitas vezes imaginei as várias maneiras pelas quais isso poderia acontecer. O que essa pessoa precisaria. Como conseguiria. Para onde iria e o que faria ao chegar lá. O que teria que deixar para trás. Eu sabia, desde o início, que queria que fosse uma mulher e que ela tivesse uma força interior, mesmo que sua situação atual não lhe permitisse usá-la. Quais seriam as pequenas maneiras que ela encontraria para reagir, para lutar por um espaço que fosse só seu?

Sobre qual das duas mulheres — Eva ou Claire — você gostou mais de escrever? Você achou alguma delas mais desafiadora?

Eu amo as minhas duas personagens por motivos diferentes. Adoro a obstinação de Claire, o modo como ela consegue olhar para uma situação e encontrar uma forma de tirar proveito dela. E adoro Eva porque ela é, ao mesmo tempo, muito imperfeita e também muito adorável. Gostei de escrever sobre as duas. Eu diria que narrar sobre a Claire foi mais desafiador, porque eu a estava impulsionando no tempo, fazendo-a agir e reagir a coisas que ela ainda não conhecia. Eva me pareceu mais natural, vivendo no passado, preenchendo os espaços em branco. Com Claire, a tensão tinha que ser imediata, o ritmo tinha que ser acelerado. Com Eva, pude mergulhar mais na emoção, detalhar seu passado e como ela chegou aonde chegou.

Estamos em um momento no qual as mulheres estão finalmente começando a se sentir seguras para compartilhar suas histórias. Como este livro se relaciona com o movimento #MeToo?

Eu queria que se reconhecesse como ainda é difícil para as mulheres virem a público com suas histórias. Mesmo nesta era do #MeToo, o preço a se pagar continua alto, tanto pessoal quanto profissionalmente. Só porque temos um nome para isso não significa que esteja resolvido.

Você poderia falar um pouco sobre as forças sistêmicas de opressão que tanto Claire quanto Eva enfrentam? O que a levou a escrever sobre esses temas?

Como educadora, sinto que é minha obrigação lançar luz sobre o que ainda não funciona em nossa sociedade. A maneira como a verdade de uma mulher é, às vezes, submetida a um nível de escrutínio mais elevado do que a de um homem. O benefício da dúvida que, com frequência, vai para o outro lado. Conheço pessoas como Claire e pessoas como Eva, para quem as coisas nem sempre dão certo. Nos Estados Unidos, gostamos de falar muito sobre progresso; no entanto, a mudança — não apenas para as mulheres, mas para todos os grupos marginalizados — é lenta. Muito lenta.

Como é o seu processo de escrita?

Acordo cedo de manhã para escrever. Durante a semana de trabalho, eu me levanto às 3h45 e escrevo até às 6h. Depois, leciono um turno completo, levo meus filhos para lá e para cá após a escola, preparo o jantar e supervisiono a lição de casa. As manhãs, com uma grande garrafa de café, são o meu momento mais produtivo para escrever. Meu processo é um pouco antiquado. Prefiro escrever rascunhos usando papel e caneta, especialmente se estou com dificuldades. Isso desacelera meu cérebro, permite-me anotar palavras que "não contam" e me permite aquecer antes de passar as palavras para o computador. Sou rápida para escrever rascunhos — acho que fiz o primeiro rascunho de *O Último Voo* em cerca de três ou quatro meses. Depois, gosto de passar um ano ou mais revisando e reescrevendo.

Como gênero, o suspense está atualmente em alta. Como você acredita que esta história se diferencia das outras obras do mesmo gênero?

Sinto que este livro possui o apelo comercial do gênero suspense, com a emoção frequentemente encontrada em ficção feminina de alta qualidade. No entanto, o que realmente diferencia este livro dos demais nas prateleiras é o fato de que eu queria que minhas duas protagonistas fossem mulheres fortes e experientes. Não há nada de excêntrico ou instável em Claire ou Eva. É importante que as histórias que contamos reflitam as mulheres fortes do mundo atual.

Como você traçou todas as reviravoltas que ocorrem ao longo da história?

Com muitas e muitas fichas de anotações! Foi realmente desafiador escrever uma história com duas linhas de tempo e depois entrelaçar tudo. Foi útil ter uma visão clara de como o livro terminaria, e eu sabia o final bem no início. A partir daí, planejei os arcos narrativos de Claire e Eva — o que eu queria que cada uma delas superasse, o que eu queria que cada uma delas aprendesse.

Qual é a importância da amizade feminina em uma narrativa como essa? Você considera a amizade com mulheres tão importante em sua vida quanto é na de Eva e Claire?

A amizade feminina é extremamente importante nesta história. Todas nós podemos pensar naquela amiga que apareceu exatamente quando precisávamos, dando-nos exatamente o que precisávamos para seguir em frente. Tive a sorte de ter algumas amizades femininas incríveis. E, como mãe solteira, é especialmente importante ter esses pontos de referência. Minhas amigas me mantêm sã. Elas me fazem rir. Elas ouvem minhas dificuldades e intervêm para ajudar de inúmeras maneiras. Os seres humanos são, por natureza, animais sociais. E, embora eu seja uma introvertida na prática, conto com minhas amigas todos os dias.

Por que você decidiu ambientar um *thriller* em Berkeley?

Após a faculdade, consegui um emprego no Departamento Atlético da Cal. Trabalhei na área de captação de recursos, então passei muito tempo no Memorial Stadium, bem como no Harmon Gym (que mais tarde se tornaria o Haas Pavilion). Era o melhor emprego para uma recém-formada que ainda não tinha certeza se estava pronta para um "emprego de verdade". Adorei meus anos em Berkeley, fiz muitos amigos incríveis por lá e com frequência sonho em, um dia,

voltar. Decidi ambientar *O Último Voo* em Berkeley para poder revisitá-la em minha imaginação. Vai, Bears!

O que você espera que os leitores aprendam com *O Último Voo*?

Quero que os leitores se inspirem na coragem de Claire e Eva, que fizeram o que parecia impossível para cada uma delas. Não importa as circunstâncias, sempre há uma saída. Como disse a mãe de Claire: "Se você prestar atenção, as soluções sempre aparecem. Mas você precisa ser corajosa o suficiente para vê-las".

AGRADECIMENTOS

Minha mais profunda gratidão vai, em primeiro lugar, para toda a família Sourcebooks: para a editora e principal defensora do livro, Dominique Raccah; para a minha brilhante e solidária editora, Shana Drehs; para as equipes de marketing e promoção (incluindo Tiffany Schultz e Heather Moore); para os talentosos departamentos de arte e produção (Heather Hall, Holli Roach, Ashley Holstrom, Kelly Lawler e Sarah Cardillo); e para a formidável equipe de vendas. Foi um prazer conhecer tantos de vocês: Cristina Arreola, Liz Kelsch, Kay Birkner, Todd Stocke, Margaret Coffee, Valerie Pierce e Michael Leali. Obrigada por tomarem *O Último Voo* nas suas competentes mãos e por criarem tanto entusiasmo em torno do livro. É verdade que os livros mudam vidas, mas vocês também.

Um sincero agradecimento à minha querida agente, Mollie Glick, que me apoiou enquanto eu lutava para criar este livro, que acreditou nele e em mim. E um agradecimento especial aos seus muitos assistentes (Sam, Emily, Julie, Lola...), que também leram e fizeram comentários e ofereceram apoio.

Agradeço à minha equipe de direitos autorais no exterior, que, com entusiasmo, apresentou *O Último Voo* ao mundo. E aos meus agentes de cinema, Jiah Shin e Berni Barta, obrigada por defenderem este projeto em Hollywood. Meus mais profundos agradecimentos também à minha assessora de imprensa, Gretchen Koss, da Tandem Literary, não apenas por seu brilhantismo em marketing e promoção, mas também por sua orientação especializada. Não há nada melhor do que receber um e-mail da Gretchen dizendo: "Não se preocupe com nada. Eu cuido disso".

O Último Voo não seria o que é hoje sem o apoio das minhas parceiras de escrita, Aimee e Liz. Vocês duas leram várias versões deste livro e perceberam

desde o início o que eu estava tentando realizar. Adoro vocês duas. E um agradecimento especial à brilhante editora freelancer Nancy Rawlinson, que ajudou a levar *O Último Voo* até a conclusão.

Agradeço aos meus leitores beta e amigos: Amy Mason Doan, Helen Hoang, Julie Carrick Dalton, Lara Lillibridge, Robinne Lee, Jennifer Caloyeras. Todos eles disseram: "Você tem algo aqui. Continue".

Agradeço ao meu amigo de longa data, Todd Kusserow, por me orientar em detalhes sobre investigações federais de drogas, telefones descartáveis e me explicar como uma pessoa pode obter um documento de identidade falsificado impecável. Amo nossas conversas, nossas trocas de mensagens, e amo você. Agradeço a John Ziegler, que me ajudou a pensar em todos os aspectos relacionados a aeroportos e a viagens aéreas. Este livro como um todo se baseia na possibilidade de duas pessoas trocarem passagens no portão de embarque, e John me ajudou a definir isso. E um agradecimento especial a Gloria Nevarez, comissária da Conferência da Costa Oeste e companheira de risadas de longa data, por me dar uma ajudinha de última hora com alguns detalhes importantíssimos sobre o basquete da NCAA. Isso me fez perceber dolorosamente como está longe a época em que estivemos juntas em Berkeley, a ponto de eu mesma não conseguir me lembrar desses detalhes.

Agradeço à talentosa e envolvente crítica literária do Instagram, Kate Lane, por me permitir usar seu nome no livro e pelo seu apoio contínuo a *O Último Voo*. Espero ter retratado alguém tão inteligente e encantadora quanto ela. Não deixem de segui-la em @katelynreadsbooks_, pois ela tem as melhores recomendações de livros. E minha sincera gratidão a todos os defensores dos livros online — os grupos do Facebook e os Bookstagrammers dedicados à leitura e ao apoio a autores. Vocês tornam nosso trabalho de divulgação dos nossos livros muito mais fácil e divertido.

Agradeço aos meus pais, cujo apoio e reorganização de agenda me deram tempo e espaço para escrever e publicar um segundo livro. E aos meus filhos, Alex e Ben, que continuam a me inspirar e surpreender. Amo vocês.

E, por fim, agradeço à Universidade da Califórnia, Berkeley, um lugar que guardo no coração, e aos amigos que fiz lá (estou olhando para vocês, Joan Herriges e Ben Turman). Adorei revisitar meu tempo na Califórnia e retratar o que mais amo nela naquela época. Vai, Bears!

COPYRIGHT © JULIE CLARK, 2020
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2026

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **RENATA ALVES**
Editora-assistente **LETÍCIA CANEVER**
Tradução **ROBERTA SARTORI**
Preparação **ANDRESA VIDAL**
Revisão **BÁRBARA PARENTE**
Diagramação, projeto gráfico e adaptação de capa **VANESSA S. MARINE**
Arte de capa **VERA ESPINHA**
Diagramação de e-book **CALIL MELLO SERVIÇOS EDITORIAIS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Clark, Julie
O último voo / Julie Clark ; tradução de Roberta Sartori. -— São Paulo : Faro Editorial, 2026.

ISBN 978-65-5957-910-5
Título original: The last flight

1. Ficção norte-americana 2. Suspense I. Título II. Sartori, Roberta

25-5452 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
Ficção norte-americana

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2026
Direitos desta versão em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL.

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Dedicatória

Epígrafe

Prólogo

Claire

Claire

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Eva

Claire

Claire

Epílogo

Uma conversa com a autora

Agradecimentos

Créditos